

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GIOVANNA BERTORELLI MANCINI

**A SOLIDÃO É UMA PÍLULA DIFÍCIL DE ENGOLIR: Sexualidade e discursos
emocionais entre as masculinidades *Redpill***

JUIZ DE FORA

2026

GIOVANNA BERTORELLI MANCINI

**A SOLIDÃO É UMA PÍLULA DIFÍCIL DE ENGOLIR: Sexualidade e discursos
emocionais entre as masculinidades *Redpill***

Dissertação apresentada ao programa
de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Universidade Federal de Juiz de
Fora em como requisito parcial para a
obtenção do título de mestra.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos

JUIZ DE FORA
2026

Giovanna Bertorelli Mancini

A solidão é uma pílula difícil de engolir: Sexualidade e discursos emocionais entre as masculinidades
Redpill

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de
Fora como requisito parcial à obtenção do título de
Mestra em Ciências Sociais. Área de concentração:
Antropologia

Aprovada em 16 de abril de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Oswaldo Zampiroli Cerqueira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra Cristina Dias da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra Maria Elvira Díaz-Benítez
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mancini, Giovanna.

A solidão é uma pílula difícil de engolir : Sexualidade e discursos emocionais entre as masculinidades redpill / Giovanna Mancini. -- 2026.

188 f. : il.

Orientador: Raphael Bispo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2026.

1. redpill. 2. solidão. 3. sexualidade. 4. raiva. 5. humilhação. I. Bispo, Raphael, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças ao apoio, incentivo e presença de diversas pessoas, às quais expresso aqui minha sincera gratidão. Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos, pela generosidade intelectual, pela leitura atenta e pelas sugestões sempre precisas ao longo de todo o processo de pesquisa e escrita. Sua orientação foi fundamental não apenas para o desenvolvimento deste trabalho, mas também para minha formação acadêmica. Agradeço também as contribuições dos membros participantes da banca examinadora de qualificação, Dr. Oswaldo Zampiroli e Profa. Dra. Claudia Rezende, sem as quais não teria sido possível complementar a pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora Célia Arribas, Marta Rocha, Jorge Chaloub, Christiane Jalles, Luzimar Pereira e João Dulci, que contribuíram para minha formação ao longo do curso, oferecendo reflexões, críticas e debates que foram essenciais para a construção deste trabalho. Agradeço também às membras da banca examinadora Profa. Dra. Maria Elvira Díaz-Benítez e Profa. Dra. Cristina Dias da Silva por aceitarem o convite para a avaliação desta dissertação e pelas contribuições que certamente auxiliarão em seu aprimoramento.

Agradeço à minha tia e madrinha Magda, à minha falecida avó Elizabeth e ao meu falecido avô Oswaldo por todo o suporte em meus estudos e ambições acadêmicas ao longo da vida. Agradeço a meu namorado Luan, à minha sogra Érika e ao meu cunhado Patrick por toda a compreensão, amparo e incentivo durante todos os muitos momentos conturbados no decorrer da pós-graduação. Agradeço a meus amigos Cassandra, Cybele, Gilberto, Fabrício, Leticia, Mario, Tayná, Thiago e Vitor seja pelos momentos de descontração, pela compreensão nos momentos de ausência e ou pelo incentivo para que eu seguisse adiante mesmo frente às dificuldades. Sem o apoio afetivo de pessoas que acompanharam esse processo com paciência, escuta e encorajamento a conclusão dessa dissertação não teria sido possível. Em meio a sentimentos de desespero, cansaço ou desânimo, foram essas presenças que lembraram da importância de continuar.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa de campo, seja pelas trocas intelectuais ou pela indicação de materiais e fontes relevantes. Compartilhar dúvidas, leituras e inquietações tornou o percurso acadêmico mais rico e menos solitário.

RESUMO

Este trabalho investiga como os grupos masculinistas que se identificam como “*redpill*” atribuem sentidos as dinâmicas relacionais entre homens e mulheres no Brasil contemporâneo. Parte-se dos conceitos de “masculinidade hegemônica”, “masculinidades subalternas” e “masculinidades de protesto” de Raewyn Connel para explorar as particularidades pelas quais as redes *redpill* constroem sentidos sobre o que significa “ser homem” como resposta a experiências como traição e rejeição. Assim, o trabalho contribui com uma pesquisa de campo digital qualitativa sobre o grupo do *facebook* “*Redpill Brasil*”, a página no *instagram* “*Movimento_Red_Pill*” e um grupo de *whatssap*. Essas interações em redes sociais serão comparadas com entrevistas concedidas por três figuras públicas que se consideram parte das redes *redpill*: Thiago Schutz, “Esqueleto” MGTOW e Silas Souza. Com isso, pretende-se mostrar como diferentes interpretações sobre o que significa “ser um homem solteiro” transformam-se nas subcategorias identitárias, *pickup artist*, MGTOW e incel. Através de uma abordagem contextualista da antropologia das emoções, a pesquisa combina a etnografia digital com a análise de discurso foucaultiana, procurando compreender as especificidades pelas quais as redes *redpill* produzem sentimentos de raiva, humilhação e frustração em contextos subalternos, como o brasileiro.

Palavras-chave: Redpill; solidão; sexualidade; raiva; humilhação

ABSTRACT

This study investigates how masculinist groups that identify as “redpill” attribute meanings to relational dynamics between men and women in contemporary Brazil. It draws on the concepts of “hegemonic masculinity,” “subordinate masculinities,” and “protest masculinities” developed by Raewyn Connell to explore the particular ways in which redpill networks construct meanings about what it means to “be a man” in response to experiences such as betrayal and rejection. Accordingly, the research contributes a qualitative digital field study of the Facebook group “Redpill Brasil,” the Instagram page “Movimento_Red_Pill,” and a WhatsApp group. These interactions on social media are compared with interviews given by three public figures who consider themselves part of redpill networks: Thiago Schutz, “Esqueleto” MGTOW, and Silas Souza. The aim is to show how different interpretations of what it means to “be a single man” are transformed into identity subcategories such as pickup artist, MGTOW, and incel. Through a contextualist approach within the anthropology of emotions, the research combines digital ethnography with Foucauldian discourse analysis in order to understand the specific ways in which redpill networks produce feelings of anger, humiliation, and frustration in subaltern contexts such as Brazil.

Keywords: Redpill; loneliness; sexuality; anger; humiliation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mensagem que expressa visão instrumental do sexo em relação às mulheres.....	26
Figura 2 - Postagem motivacional que associa masculinidade à competitividade, autocontrole e vitória	28
Figura 3 – Corte de vídeo em que Alessandro Loiola questiona as masculinidades contemporâneas	32
Figura 4 - Comentário de seguidor dizendo que homens devem aprender a ser recíprocos.....	32
Figura 5 - Corte de vídeo em que Alessandro Loiola fala sobre quais devem ser os propósitos de um homem.....	34
Figura 6 - Meme do super homem sobre homens de valor	42
Figura 7 - Meme expectativa versus realidade sobre baiano que vai pro sul	44
Figura 8 - Meme sobre pagar aluguel pra mãe solteira.....	47
Figura 9 - Postagem humorística que associa mãe solteira à irresponsabilidade	48
Figura 10 - Postagem humorística sobre mães solteiras em aplicativos de relacionamento	48
Figura 11 – Corte de vídeo em que Mércia Gomes culpabiliza mães solteiras	52
Figura 12 - Corte de vídeo em que senhor dá lição de moral sobre respeitar a mãe a um jovem no ônibus.....	61
Figura 13 - Compilado de cortes de sitcoms sobre paternidade	64
Figura 14 - Postagem que desmoraliza mulheres por suas experiências sexuais anteriores.....	66
Figura 15 - Entrevista em que Sarah Sheeva diz que mulheres não são confiáveis	71
Figura 16 – Corte de vídeo de <i>coach</i> de relacionamentos acompanhado de comentários que atribuem maior propensão feminina à traição	73
Figura 17 - Postagem humorística que associa homens que reatam relacionamentos com a ideia de corno	75
Figura 18 - Postagem que ridiculariza homens que escolhem perdoar traição.....	75
Figura 19 - Corte de vídeo de Marcos Lacerda sobre amor próprio	78
Figura 20 - Postagem motivacional sobre estar sozinho.....	82
Figura 21 - Corte de vídeo motivacional sobre términos de relacionamentos.....	83
Figura 22 - Cena do filme Cidade de Deus.....	85
Figura 23 - Comentários de usuários com apologia ao feminicídio	86
Figura 24 - Corte de vídeo em que mulher destrói pertences de seu parceiro após traí-lo	88
Figura 25 - Comentários em que usuários se vitimizam.....	89
Figura 26 - Corte de vídeo em que pai de homem que matou a namorada pede perdão à família da mulher assassinada.....	91

Figura 27 - Entrevista com Thiago Schutz	110
Figura 28 - Perfil do Instagram esqueleto mgtow.....	121
Figura 29 - Manual Antiotário	122
Figura 30 - Livro "Mulheres: o caminho para pobreza e desgraça"	122
Figura 31 - Entrevista com Anderson "Esqueleto" MGTOW	125
Figura 32 - Entrevista com Silas Souza	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – SEXUALIDADE, ÓDIO E PODER.....	26
1.1 “MULHER NÃO SE APAIXONA POR HOMEM, MULHER SE APAIXONA POR ESTILO DE VIDA”	26
1.2 O QUE É UM HOMEM “DE VALOR”?.....	27
1.2.1 Masculinidades hedonistas e masculinidades ascéticas	28
1.2.2 “Ser emocional, pra um homem, só vai levar ele à ruína”	36
1.2.3 O problema da libido.....	38
1.2.4 Homens de “baixo valor”	41
1.2.5 Tornar-se <i>redpill</i>	46
1.3 “CUIDADO COM A MSOL!”	46
1.3.1 A culpa é da mãe solteira	47
1.3.2 Divórcio: a origem do problema	53
1.3.3 Pode bancar a Msol?	56
1.3.4 Ideais de maternidade e paternidade	59
1.3.5 Necessidade de pais!	65
1.4 TRAIÇÃO E HIPERGAMIA FEMININA: O FANTASMA DA HUMILHAÇÃO	66
1.4.1 A mulher é a origem do mal.....	67
1.4.2 O estigma de corno	75
1.4.3 A decepção amorosa	80
1.4.4 A violência como resposta	85
1.4.5 Uma honra vulnerável.....	93
1.5 ENTRE O ÓDIO E A CONFISSÃO.....	93
CAPÍTULO 2: DISCURSOS EMOCIONAIS SOBRE A SOLIDÃO	99
2.1 VOLTAR-SE A SI MESMO COMO (RE) AÇÃO	99

2.2 “SEU MAIOR FOCO TEM QUE SER VOCÊ, MANO”	106
2.3 “O HOMEM TEM QUE PENSAR COM A CABEÇA DE CIMA”	121
2.4 “QUANDO BATE A NECESSIDADE FÍSICA O CARA VAI TER QUE FORÇAR O ESQUEMA”	135
2.5 SOLIDÕES RACIONALIZADAS, DESENGAJADAS E IMPOSITIVAS.....	149
CONCLUSÃO.....	156
REFERÊNCIAS	168

INTRODUÇÃO

A masculinidade pode ser entendida como um conjunto de práticas sociais atribuídas aos homens, construídas culturalmente em oposição ao feminino. Apesar da diversidade nas performances de gênero revelada por estudos empíricos (Connell, 1987, 2005; Kimmel, 1998), há um modelo dominante que se impõe com força simbólica: a masculinidade hegemônica. Proposto por Raewyn Connell (1987), esse conceito descreve um ideal cultural criado para manter a subordinação das mulheres e hierarquizar os próprios homens. Inspirada em Gramsci, Connell argumenta que essa hegemonia não se limita às instituições formais de poder, mas penetra o cotidiano, naturalizando-se em gestos, valores e expectativas sociais. Essa masculinidade exalta a força, a racionalidade e o autocontrole como virtudes masculinas, sustentadas pela rejeição do feminino e pela marginalização de outras formas de ser homem. Elementos como a heterossexualidade compulsória e o casamento operam como pilares estruturais desse modelo. No entanto, trata-se de um ideal inatingível, uma ficção normativa que exige o silenciamento das diferenças e o sufocamento das vulnerabilidades. Poucos homens conseguem encarnar plenamente esse padrão, mas ele continua a regular as formas legítimas de existir no masculino.

As masculinidades marginais — aquelas encarnadas por homens homossexuais, racializados e pobres — revelam os limites de uma aplicação direta do modelo dual gramsciano às relações de gênero, como destaca Connell (2005). A hegemonia masculina não opera apenas por coerção simbólica, mas por meio de uma rede complexa de consentimentos, aspirações e exclusões. Connell propõe uma ampliação desse olhar ao enfatizar que a masculinidade hegemônica é moldada na articulação com classe, raça, região e práticas cotidianas, criando zonas ambíguas em que sujeitos desviam parcialmente do ideal dominante, sem necessariamente subvertê-lo. É nesse terreno que emergem as masculinidades de protesto, identificadas por Connell e Michael Kimmel (1998, 2003), especialmente entre homens da classe trabalhadora e etnicamente marginalizados. Tais formas mimetizam os gestos de poder da hegemonia, mesmo carecendo de respaldo econômico e institucional. A masculinidade hegemônica, portanto, ainda que localmente enraizada, é forjada nas articulações entre o regional e o global, sendo constantemente redefinida por processos transnacionais (Connell, 1995). No contexto neoliberal, ela ressurge na figura do “*self made man*”, um ideal que, como argumenta Susan Faludi (1991), é absorvido pela reação

masculina contra os avanços do feminismo, mobilizando sentimentos de ressentimento e perda diante da ascensão feminina no espaço público.

O anonimato possibilitado pela comunicação virtual, unido às crises do novo milênio criaram um terreno fértil para toda uma heterogeneidade de discursos. Esses discursos vão assumindo diversas roupagens conforme vão se particularizando nos fóruns digitais, unidos, sobretudo, pelo ódio a minorias. Nesse contexto, a direita alternativa ou *alt-right* começou a se solidificar, sigularizada por sua retórica populista e uma visão política “antissistêmica” em que se busca criar uma alternativa à direita em relação às elites conservadoras (Nagle, 2017). Sendo assim, seus adeptos portam-se muitas vezes de maneira paranoica, concebendo o progressismo e o Estado como uma ameaça a seus direitos individuais. O liberal-conservadorismo é, assim, instrumentalizado no populismo de direita como uma base ideológica que justifica a defesa da ordem moral e econômica tradicional, ao mesmo tempo que serve para legitimar políticas autoritárias sob o pretexto da proteção da liberdade e da família. Logo, a direita alternativa pode ser compreendida como um desdobramento possível dentro do neoliberalismo por combinar a defesa do livre mercado com valores reacionários de hierarquia moral, racial e de gênero, instrumentalizando a retórica da liberdade individual contra os ideais igualitários (Slobodian, 2019; Cooper, 2017, 2021). Utilizando de uma argumentação populista para mobilizar o medo social e a nostalgia por uma ordem tradicional, as novas direitas promovem ideais autoritários sob a roupagem da defesa da liberdade e dos “valores verdadeiros”.

Na obra de Faludi, a década de 1980 emerge como um cenário marcado por uma contraofensiva em relação aos direitos das mulheres e os avanços conquistados pelo feminismo. A autora nomeia esse movimento de *backlash* — uma reação que se desdobra com a astúcia de uma maquinaria bem lubrificada, mesclando inovação científica à um moralismo anacrônico. Essa reação foi espalhada pela mídia, pelas novas modas da psicologia *pop* e pelo discurso estridente das direitas ascendentes. Logo, o espírito do tempo passou a moldar o debate público com uma engenhosa inversão: os anseios de liberdade das mulheres eram agora retratados como ameaça, como se a raiz de todos os males contemporâneos estivesse na própria emancipação feminina. Pouco depois, o *Men’s Rights Activist Movement* (MRA) – Movimento pelo direito dos homens – passa a se fortalecer nas comunidades digitais. Organizado nos Estados Unidos em torno de pautas relacionadas com as leis do divórcio vigentes no país no final da década de 1960 e 1970, o MRA defende que homens e mulheres são oprimidos igualmente, de modo que o feminismo é

concebido como “o grande problema dos Estados Unidos” (Kimmel, 2013). Desta forma, com a *internet*, as reivindicações do MRA foram se tornando cada vez mais dissolutas, dando origem ao fenômeno da “manosfera”.

A “manosfera” ou “machosfera” - termo criado por grupos masculinistas para designar a rede de comunicações que estabelecem entre si em fóruns da *internet* é um desdobramento cultural de um fenômeno político que já vinha se materializando em períodos anteriores. A virada do milênio trouxe consigo não apenas a popularização do ambiente digital, mas também um cenário de intensas guerras culturais. Os progressivos, ainda que tímidos, avanços na libertação sexual das mulheres que vêm sendo presenciados nas últimas décadas desencadearam uma reação cultural desses segmentos alternativos da direita radical. Por meio de um discurso conspiratório e antissistêmico, e, partindo do pressuposto de que mulheres controlam o mundo por meio da sexualidade, esses grupos vão gradualmente elaborando uma espécie de “racionalidade”, que eles chamam de *Redpill*.

A ideia de “*redpill*” é uma alusão à produção cinematográfica *Matrix* (1999) dirigida pelas irmãs Wachowski. Em uma cena do filme, Neo, o personagem principal, é obrigado por Morpheu - líder de um grupo de rebeldes que luta contra o sistema de dominação das máquinas que, posteriormente, torna-se seu mentor e guia na narrativa- a escolher entre a pílula azul e a pílula vermelha. Enquanto a pílula azul faria com que ele continuasse sua vida normalmente, ao tomar a pílula vermelha, ele teria acesso a “verdade”. No filme, essa “verdade” revela que o mundo, na realidade, é uma simulação criada por computadores. Embora as diretoras do filme, irmãs gêmeas transexuais, já tenham dito em entrevistas que o filme é uma alegoria para o processo de transição de gênero (Folha de São Paulo, 09/08/2020), grupos masculinistas se apropriaram da metáfora para expressar seu descontentamento com mulheres e minorias. Assim, eles partem da ideia de que o mundo é dominado por aquilo que categorizam como “o mito da opressão feminina” (Valkenburgh, 2018) – segundo eles, mulheres, na realidade, teriam muito mais poder do que homens, e “tomar a pílula vermelha”, consistiria em tomar consciência sobre esta realidade e não cair na manipulação feminina.

Nos espaços virtuais brasileiros, a machosfera começa a se desenhar a partir dos anos 2000, quando comunidades virtuais passaram a debater as obras de Nessahan Alita¹ e a difundir a noção

¹ Nessahan Alita é o pseudônimo de um autor brasileiro associado à chamada “filosofia *Redpill*”, conhecido por livros e textos que defendem estratégias de sedução baseadas no desprezo estratégico e em

de que o desprezo estratégico seria instrumento legítimo de gestão do desejo feminino. Esses espaços digitais, inicialmente apresentados como fóruns de aconselhamento afetivo, gradualmente consolidaram uma gramática de ressentimento que extrapolou o campo das relações íntimas. Ao longo do tempo, tais comunidades contribuíram para a formação de agrupamentos mais radicalizados, nos quais a misoginia assumiu contornos explícitos e politizados. No cenário contemporâneo, indivíduos brasileiros que se identificam como *redpilled* articulam os escritos de Alita a referenciais estrangeiros como Jordan Peterson², Neil Strauss³ e Jack Donovan⁴, compondo um repertório híbrido de masculinismo, tradicionalismo e conservadorismo cristão. Esse ecossistema discursivo conecta-se ainda a narrativas de extrema-direita amplamente difundidas em ambientes digitais. A cultura *nerd*, marcada por fóruns, plataformas e redes sociais, torna-se um dos vetores privilegiados dessa circulação. Nesse contexto, *memes*, ironias e piadas misóginas funcionam como estratégias de socialização e reconhecimento grupal. Tais recursos atenuam a aparência de violência explícita, ao mesmo tempo em que naturalizam hierarquias de gênero. Para adolescentes brasileiros, esse percurso pode operar como porta de entrada gradual para conteúdos mais radicalizados (Declercq, 28/02/2023).

A racionalidade *Redpill* emerge a partir da união de duas correntes de pensamento: a psicologia evolucionista e o pensamento neoliberal (Ging, 2017; Ging & Siapera, 2018; Valkenburgh, 2018; Vallerga, 2021). Enquanto a psicologia evolucionista parte do pressuposto de que as necessidades evolutivas seriam a origem das diferenças nos comportamentos “femininos” e “masculinos”, o pensamento neoliberal é apropriado por meio uma concepção de que a sexualidade seguiria a mesma lógica do mercado. Para eles, mulheres são “hipérgamas”, “irracionais”, “sexualmente incontroláveis” e “inferiores”. Desta forma, estariam sempre inconscientemente à procura de homens ricos e fisicamente atraentes para serem sustentadas e “procriar”, melhorando os “genes da espécie”. Para responder a esse problema, a *Redpill* sugere uma combinação entre o empreendimento pessoal, realizada por meio da prática da atividade

uma visão crítica e essencialista das relações entre homens e mulheres.

² Jordan Peterson é um psicólogo clínico e professor canadense que ganhou projeção internacional por suas críticas ao que chama de “políticas identitárias”, por suas palestras sobre responsabilidade individual e por seus livros de autoajuda com enfoque em ordem, disciplina e tradição.

³ Neil Strauss é um jornalista e escritor norte-americano conhecido por popularizar a cultura dos “*pickup artists*” com o livro *The Game*, no qual relata sua imersão em comunidades de sedução masculina.

⁴ Jack Donovan é um escritor norte-americano associado a correntes masculinistas e tradicionalistas, conhecido por obras que defendem uma ética de virilidade baseada em força, lealdade tribal e rejeição de valores igualitaristas contemporâneos.

física, investimentos financeiros e leitura de autores masculinistas, cujo intuito é melhorar aquilo que eles chamam de “valor sexual do mercado” – unido a uma série de estratégias minimamente calculadas para desprezar as mulheres por quem têm interesse sexual.

A chegada do neoliberalismo ao Brasil se deu como uma infiltração gradual de uma nova razão governamental que, nos anos 1990, redefiniu o Estado segundo critérios de eficiência, desempenho e controle gerencial, deslocando o horizonte da cidadania para a gramática da competitividade e da responsabilização individual. As reformas administrativas daquele período introduziram uma leitura do social junto as categorias do mercado, naturalizando a ideia de que a gestão pública deveria espelhar a empresa privada (Bresser-Pereira, 1998). Em paralelo, e por outra via, a psicologia evolucionista começou a se afirmar no Brasil nos anos 2000 como campo ainda em consolidação, articulando pesquisadores dispersos e buscando reconhecimento nos espaços formais da pós-graduação (Yamamoto & Seidl de Moura, 2010). No Brasil, a Psicologia Evolucionista enfrentou resistência inicial e expansão lenta, em parte por um contexto acadêmico marcado por desconfiança em relação a abordagens percebidas como biologizantes, o que fez com que sua produção se concentrasse, sobretudo, em revisões teóricas voltadas à divulgação e legitimação da área. Entre os temas mais recorrentes nas publicações brasileiras, destaca-se a sexualidade — especialmente questões reprodutivas, diferenças entre os sexos e seleção sexual — por seu caráter central na tradição evolucionista desde Darwin e por sua relevância para explicar padrões comportamentais humanos. O protagonismo desse eixo temático foi reforçado a partir de 2006 pelo projeto nacional do Grupo de Trabalho em Psicologia Evolucionista da ANPEPP, voltado à compreensão dos padrões reprodutivos e do investimento parental, o que impulsionou tanto estudos teóricos quanto investigações empíricas sobre sexualidade no país (Martins *et. al*, 2012).

Para se explicar as origens do pensamento *Redpill*, torna-se incontornável falar sobre a cultura *pickup artist* (PUA), emergente nos Estados Unidos na década de 1970. A cultura *pickup artist* (PUA) é um conjunto de práticas e discursos que ensina homens a desenvolverem estratégias para seduzir mulheres, muitas vezes baseadas em manipulação emocional, desvalorização e dominação simbólica. Surgida em fóruns e manuais de sedução, essa cultura está ligada a visões misóginas de gênero e frequentemente reforça estereótipos tóxicos sobre masculinidade e sexualidade. King (2017) demonstra que, embora historicamente a cultura *pickup artist* não se colocasse propriamente como “anti-feminista” - se aproximando dela, em certa medida, pela

contestação da moral sexual tradicional - é a partir da década de 1990 que a filosofia PUA passa a se interseccionar com a cultura masculinista, com um maior enfoque na experiência de homens sobre relacionamentos. Assim, os PUAs desenvolveram abordagens mais técnicas para a compreensão da sexualidade feminina, e, embora raramente críticos ao feminismo em si, expressavam frustração sobre relacionamentos em um mundo de mudanças.

Embora os masculinistas compartilhem da crença de que o mundo é controlado por uma “ditadura ginocêntrica” e que o feminismo é o culpado por suas dificuldades amorosas/sexuais, é possível perceber fragmentações identitárias em suas redes de comunicação. Entre aqueles que compartilham da metáfora da “pílula vermelha”, encontram-se os MGTOWs (*Men Going Their Own ways*) e os incels (celibatários involuntários). A distinção se dá, sobretudo, pelas estratégias elaboradas para responder aos modos de se relacionar contemporâneos, que presumem uma maior possibilidade de escolha das mulheres em dinâmicas afetivas heterossexuais: enquanto MGTOWs buscam se desvincular de mulheres em diferentes níveis, especialmente através de uma recusa ostensiva a relacionamentos amorosos, incels buscam transferir a humilhação que sentem por não serem sexualmente desejados em atos violentos. A maior parte dos *redpill*s, no entanto, adotam uma conduta mais próxima à literatura *pickup artist*, promovendo e consumindo mentorias sobre estratégias de dominação e sedução do feminino. Ainda que a *pickup artist* não se encontre contida no universo *Redpill*, suas inegáveis intersecções se expressam na medida em que as orientações para “o jogo” de sedução visam o controle emocional das mulheres através do desprezo e da manipulação.

Isso leva a diversas “rachas” e fragmentações dentro da “manosfera”, como, por exemplo, fóruns como o “*puahate.com*”. Majoritariamente frequentado por incels e MGTOWs, eles criticavam a influência da cultura *pickup artist* na *Redpill* pela responsabilidade excessiva que colocam em homens ao se adequarem ao que supostamente seria o desejo feminino. Ao mesmo tempo, a cultura PUA ainda teria um certo diálogo com segmentos do MGTOW que se relacionam sexualmente com mulheres. Na prática, essas fronteiras identitárias nem sempre são claramente estabelecidas, e tampouco são estáticas - um incel pode vir a se tornar um *redpill* com uma conduta *pickup artist* ou MGTOW, se consegue ter alguma relação sexual, por exemplo. Dada sua grande difusão no universo virtual, nem sempre seus seguidores compreendem todas as terminologias ou concordam plenamente entre si, muitas vezes identificando-se simplesmente como “*redpill*”.

Se, por um lado, a *Redpill* se consolida como uma racionalidade, é pela via do irracional

que seus membros se conectam entre si: são as emoções, as experiências de rejeição e traição que magnetizam homens comuns para a *Redpill*. Diante dessa avaliação, pretende-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como a produção de sentidos sobre a sexualidade pelo discurso *Redpill* tem ressoado na forma como as masculinidades são experienciadas em contextos brasileiros? Parte-se da compreensão de que os sentimentos de raiva, humilhação e solidão em relação às mulheres são produtos de particularidades socioculturais: haveriam marcações regionais, étnicas, etárias e de *status* econômico que influiriam nas formas pelas quais a solidão é interpretada e respondida por seus membros.

Essas emoções seriam produzidas em consonância com a progressiva radicalização do discurso liberal-conservador, repercutindo na visão sobre a sexualidade dos masculinistas. Logo, a estética da revolta, já antes apropriada pela direita alternativa, poderia vir a estar deslocando o sentimento de injustiça dos homens diante das impossibilidades materiais de ascender socialmente - localizando, assim, nas mulheres e no feminismo a causa de sua suposta perda de privilégios. Simultaneamente, esses grupos por vezes configuram uma rede de apoio, em que homens podem compartilhar entre si seus sentimentos em relação a suas parcerias amorosas e sexuais, revelando suas dificuldades em alcançar os ideais de poder e virilidade, característicos da masculinidade hegemônica. Com isso, o trabalho pretende explicitar como essa reação ultrapassa a questão da libertação sexual das mulheres, se estendendo aos sentimentos de humilhação e inadequação dos homens diante das demandas da cultura neoliberal em um país de industrialização tardia, inserido periféricamente no capitalismo. Como ser um “homem que se faz” em um país subordinado à cadeia produtiva global?

No Brasil, desde os anos de governo Bolsonaro, instituiu-se uma ofensiva institucional que, passo a passo, minou os direitos arduamente conquistados pelas mulheres. Entre decretos e silêncios orçamentários, erguem-se entraves que dificultam o avanço de pautas centrais como os direitos reprodutivos — a exemplo do decreto que proclama a defesa do nascituro — enquanto o combate à violência de gênero sofre cortes que silenciam políticas públicas essenciais. Ao mesmo tempo, medidas que visavam garantir a equidade salarial entre homens e mulheres foram tratadas com resistência, como se a igualdade fosse uma ameaça e não um princípio. No cenário internacional, o país passou a rejeitar expressões como “educação sexual” e “direitos reprodutivos”, alinhando-se a uma gramática conservadora que ecoa antigos fantasmas. Essa inflexão autoritária encontrou respaldo em vozes de autoridade que, sem pudor, reverberaram

discursos misóginos, renovando estigmas de gênero sob a capa da tradição.

O machismo, tecido nos alicerces da cultura brasileira — herança de uma moral católica disciplinadora, do patriarcado colonial, do patrimonialismo e da escravidão — reaparece agora sob a roupagem da “resistência”. Como resposta às políticas de igualdade encarnadas pela chamada “Onda Rosa”⁵ do Governo Dilma Rousseff, especialmente após o trauma político do *impeachment*, a extrema direita brasileira alicerçou sua ascensão em uma retórica que enaltece comportamentos de gênero tradicionais e papéis sexuais rigidamente definidos. Essa reação, que amalgama conservadorismo moral e liberalismo econômico, permite que, sob o disfarce da tradição, se aprofundem mecanismos de exploração: o recuo do Estado se converte em campo fértil para o empresariado ampliar a exploração sobre o trabalho feminino. Assim, não apenas se cultiva uma nostalgia normativa, mas se orquestra uma contraofensiva nacional — uma “resposta à brasileira” — que se ancora em atos jurídicos e campanhas políticas, mascarando retrocessos como se fossem retorno à ordem.

Diversas pesquisas têm apontado uma estreita relação entre o pensamento *Redpill* e a ocorrência de crimes sexuais contra mulheres. A pesquisa de Vallergera (2021) identificou entre vários fóruns incel a predominância de assuntos sobre a violência sexual como resposta à humilhação sentida por não atender aos padrões de masculinidade que acreditam que deveriam atingir. Em concomitância Ging (2017) reúne uma vasta revisão bibliográfica de pesquisadores de toda parte do mundo que suporta a conexão com a misoginia. No Brasil, o discurso *Redpill* ganha popularidade através de figuras como Thiago Schutz, o “calvo do Campari”⁶, o massacre à escola Raul Brasil no município de Suzano⁷, e às perseguições sofridas pela professora e feminista Lola Aronovich⁸. Portanto, a relevância desta pesquisa se justifica pela importância de se

⁵ A “onda rosa” foi um movimento político latino-americano de governos de esquerda ou centro-esquerda, e no caso do governo Dilma Rousseff, representou a continuidade das políticas progressistas iniciadas por Lula, com foco em inclusão social, redução da pobreza e fortalecimento do papel do Estado na economia.

⁶ Coach de sedução, é autor do livro “Pílulas da realidade – autoconhecimento, propósito, dinheiro & mulheres” (2022), livro *redpill* mais vendido no Brasil. Viralizou após declaração concedida ao Buteco Podcast em 2023, em que conta sobre uma situação em que estava em uma festa tomando um Campari e uma mulher teria o convidado a tomar uma cerveja, e, que ele teria recusado, como demonstração de poder. Ele usa a situação como ilustração para a ideia de que “homens devem saber impor suas vontades”. Foi ridicularizado na internet, e por isso, ganhou o apelido de “calvo do Campari”.

⁷ Massacre na escola estadual Raul Brasil, no município de Suzano (SP) em 2019, desencadeado por dois membros de fóruns incel e ex-estudantes da escola.

⁸ Feminista, professora da Universidade Federal do Ceará e autora do blog “escrevalolaescreva”, recebe ameaçadas de morte pelos masculinistas desde 2008, após uma postagem em seu blog em que

combater a violência contra mulheres incentivada no ambiente digital e por promover a compreensão por dentro de um universo reprodutor de discriminações e preconceitos. O objetivo geral do trabalho consiste em investigar as formas pelas quais grupos virtuais masculinistas significam as dinâmicas relacionais entre homens e mulheres, em seus aspectos micropolíticos, buscando evidenciar como as relações de poder se manifestam e são reificadas nas interações cotidianas. Que afetos se encontram em jogo nas estratégias elaboradas por esses homens para exercer poder sobre as mulheres? Como o ódio, a humilhação e o desprezo se articulam na construção dessas masculinidades?

A concepção de “trabalho emocional”, tal como formulada por Arlie Hochschild (2013), mescla-se aqui às lentes do interacionismo simbólico de Erving Goffman (2014), compondo uma moldura teórica sensível à cena onde se desenrola o ressentimento. Trata-se de perscrutar os esforços meticulosos e intencionais empreendidos por homens *redpill* para domar emoções julgadas impróprias — aquelas que, segundo os códigos afetivos de sua masculinidade, devem ser reprimidas, dissimuladas ou convertidas. A investigação se volta à gênese social das emoções primárias — sensações viscerais, conscientes ainda que irrefletidas — e seus desdobramentos automáticos, que se materializam em gestos, silêncios, violências sutis ou explícitas. O foco não está apenas no que eles sentem, mas em como nomeiam e administram essas turbulências internas. Partindo da premissa de que nenhuma emoção se ergue à margem da vida social, as contribuições de Goffman ajudam a iluminar o teatro das interações, onde se forja a “face” que esses homens oferecem ao mundo. Quais expectativas femininas projetam sobre si? Que estratégias acionam para não perder o controle da cena? E, sobretudo, como o luto afetivo — silencioso, às vezes ridicularizado — transmuta-se em fúria? É nesse vaivém entre emoção e performance que o ressentimento se adensa e ganha forma no real.

Ancorando-se nas contribuições de Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990), este trabalho se move em direção à uma abordagem em que as emoções são tratadas como objetos analíticos inscritos em contextos socioculturais específicos. Seguindo a vertente contextualista da antropologia das emoções, tal como defendida por Abu-Lughod, propõe-se aqui uma genealogia da emocionalidade — uma tentativa de escavar os modos pelos quais os afetos são socialmente produzidos, mobilizados e incorporados nas práticas cotidianas. Nesse percurso, o pensamento das autoras dialoga diretamente com a obra de Michel Foucault (1926–1984), especialmente no

ridicularizava postagens de fóruns de comunidades *redpill*.

que se refere à noção de que as emoções engendram “verdades” discursivamente constituídas, que se prolongam no domínio da ação do dia-a-dia. Assim, pretende-se aplicar esse olhar contextualista por meio de um mapeamento da discursividade encarnada na ação: sentimentos como solidão, raiva, humilhação e inadequação — e os caminhos sinuosos por onde se desdobram — serão interpretados como efeitos emergentes de um discurso liberal-conservador que atravessa, silencia e modela o Brasil contemporâneo.

Diante das transformações provocadas pelas tecnologias digitais, a antropologia é desafiada a repensar seus métodos e conceitos. A busca por explicações holísticas, característica do século XX, torna-se limitada frente à fluidez de tempo, espaço e identidades na era digital. A noção clássica de campo etnográfico, centrada na presença física prolongada em um território, é tensionada por interações mediadas por redes, que produzem sujeitos desterritorializados e híbridos. A distinção entre real e virtual se dilui, tornando difícil localizar onde reside a “autenticidade” dos indivíduos. A ideia de um contexto cultural fixo também se fragiliza, diante das recontextualizações contínuas que atravessam linguagens locais e globais. Se para Malinowski (1976) a autoridade etnográfica vinha do distanciamento, autores como Haraway (2015) e Latour (2000) questionam essa separação, propondo uma visão em que tecnologia e subjetividade estão intrinsecamente entrelaçadas. A Teoria Ator-Rede⁹, ao considerar a agência de humanos e não-humanos, nos leva a perguntar: o algoritmo molda ou reflete a identidade? A personalização algorítmica, ao influenciar desejos e opiniões, torna-se parte constitutiva do sujeito. No entanto, essa agência não é neutra: opera dentro de racionalidades desiguais, ligadas a interesses econômicos e políticos. Por isso, a antropologia contemporânea precisa equilibrar as heranças metodológicas clássicas com abordagens sensíveis à complexidade das redes tecnológicas e às relações de poder que as atravessam.

A pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa que entrelaça a antropologia das emoções à etnografia digital, lançando um olhar atento sobre os territórios voláteis da *internet* — não como simples reflexo do mundo “real”, mas como espaço de circulação afetiva, produção de sentidos e transformação de práticas sociais. Inspirada nos escritos de Hine (2000, 2005) e

⁹ A Teoria Ator-Rede, proposta por Bruno Latour, entende que humanos e não-humanos (como objetos, tecnologias e instituições) atuam como agentes igualmente importantes na formação das redes de sociabilidade, enfatizando a interdependência e o papel ativo de todos os elementos na construção da realidade.

Kozinets (2014), a investigação assume o campo virtual como um tecido de conexões móveis, onde o transculturalismo não é exceção, mas regra: ali, culturas se tocam, se remixam, se fraturam, gerando sentidos que escapam à geografia. É nesse fluxo que emergem os discursos da *Redpill*, cujas interações são observadas como manifestações emocionais e performáticas de masculinidades em crise. O método etnográfico se abre, então, ao discurso — ou, mais precisamente, à genealogia do discurso — convocando Michel Foucault (1987, 2014) para traçar as condições históricas e políticas que tornam essa fala possível. A metáfora da “pílula vermelha” será tomada como chave de inteligibilidade: uma ficção com efeitos de verdade, capaz de naturalizar o ódio como destino e a misoginia como lógica. A *Redpill* é lida, assim, como dobra discursiva onde neoliberalismo, cultura *pickup artist*, movimentos masculinistas e psicologia evolucionista se entrecruzam, operando não apenas como linguagem, mas como força material, como tecnologia de poder. Ao costurar o trabalho etnográfico à arqueologia das palavras, o estudo busca iluminar a *Redpill* como sintoma e sinal de uma nova problematização do masculino — ora como ruptura, ora como continuidade, na qual o gênero se articula como discurso e como prática política no contexto turbulento da radicalização da direita no Brasil.

O trabalho de campo se estrutura em duas etapas principais. Na primeira, serão analisadas postagens e interações de três espaços virtuais ligados à comunidade *Redpill*: o grupo público do *Facebook* “Redpill Brasil” (entre janeiro e maio de 2024), a página de *Instagram* “movimento_red_pill” (entre outubro de 2024 e janeiro de 2025) e um grupo de *WhatsApp* (acompanhado em maio de 2024, com registros enviados por um informante anônimo), que, por questões éticas, não será identificado. As interações foram observadas sem interferência da pesquisadora, com foco nos signos, divergências e marcas regionais presentes nas dinâmicas do grupo. Em um segundo momento, será realizada uma análise de discurso foucaultiana a partir de três entrevistas disponíveis no *YouTube* que discutem o universo *pickup artist*, MGTOW e incel. O trabalho busca compreender como essas subcategorias constroem sentidos sobre masculinidade e solidão, distinguindo-se pela recusa, voluntária ou não, das normas relacionais heterossexuais contemporâneas. Parte-se da premissa de que tais discursos não apenas expressam sentimentos individuais, mas operam como mecanismos de subjetivação moldados por relações de poder. Por se tratar de grupos que propagam discursos de ódio contra mulheres, o uso de dados públicos e o sigilo das identidades visam preservar a segurança da pesquisadora e a privacidade dos envolvidos. A escolha pelas redes sociais analisadas se justifica por serem as mais utilizadas no

Brasil, com destaque para o *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook* e *YouTube*, plataformas que concentram a maior parte dos usuários brasileiros, segundo dados recentes do *Digital 2024 Global Overview Report*.

Me enveredar por esse campo, como mulher, foi um tanto desafiador – eu, que sempre estudei gênero a partir dos estudos sobre mulheres, pouco conhecia da literatura sobre masculinidades. Em meio a percalços durante a pós-graduação, fui, aos poucos, sendo jogada ao tema em uma tentativa de conciliar um estudo que já vinha desenvolvendo antes sobre a direita radical na área da política com aquilo que realmente me interessa estudar: a antropologia de gênero, sexualidade e emoções. Fui assim, encorajada, por diversos acadêmicos a levar adiante minha ideia, dada a atualidade e relevância do tema para o combate da violência digital. Acredito que um dos elementos mais enriquecedores do fazer etnográfico seja justamente o movimento de “sair da própria bolha”, ainda que esse processo tenha me provocado afetos profundamente desconfortáveis. Estudar um grupo de homens violentos com valores diametralmente opostos aos meus, desafiou ainda mais a minha posição como antropóloga: foi preciso me desprender das pré-concepções para compreender como essa linguagem ganha o estatuto de verdade entre homens que cresceram sob influências culturais muito distantes das minhas – ainda que tivéssemos em comum o uso das redes sociais e a nacionalidade brasileira. Assim, pude constatar que o espaço virtual rompe com a dicotomia apontada por Da Matta (1978) entre “estranhar o familiar” e “familiarizar o exótico” – se, em algum nível eu já estivesse familiarizada com os elementos culturais que circulam nas redes, por outro, essa racionalidade se apresenta a mim como exótica, na medida que diverge drasticamente da minha leitura de mundo.

O capítulo 1, intitulado “Sexualidade, ódio e poder” dá enfoque às interações entre membros de espaços virtuais “redpillados”, explorando suas representações sobre a masculinidade, mulheres e relacionamentos. A primeira subseção, intitulada “mulher não se apaixona por homem, mulher se apaixona por estilo de vida”, busca introduzir o campo a partir da ideia, amplamente disseminada no universo *Redpill*, de que o desejo feminino operaria por interesses financeiros. Em seguida, serão investigadas as articulações entre as características envolvidas no ideal de masculinidade almejado por seus membros e a concepção de “valor sexual de mercado”, sintetizados na subseção “O que é um homem de valor?”. A terceira parte, “Cuidado com a MSOL!” volta-se a explorar os valores compartilhados sobre papéis de gênero em relação à família a partir da disseminação do ódio direcionado à figura da “mãe solteira”. A quarta parte, “Traição e

hipergamia feminina: o fantasma da humilhação” aprofunda-se na temática da traição como um fator mobilizador para a adesão de homens à *Redpill*. O capítulo será, enfim concluído, com a subsecção nomeada como “Entre o ódio e a confissão”, que busca demonstrar as maneiras pelas quais o ódio às mulheres se encontra com discursos confessionais, uma vez que espaços digitais *Redpill* configuram também um lugar em que homens compartilham suas dores, apoiando-se entre si.

Já o capítulo 2, “Discursos emocionais sobre a solidão”, se volta a compreender o modo como seus membros significam a ideia de ser um homem solteiro, em oposição às expectativas sociais em torno do casamento e da conjugalidade, assim como seus desdobramentos identitários. O capítulo é introduzido a partir da ideia de “Voltar-se a si mesmo como (re) ação” que objetiva contextualizar, a partir de uma revisão bibliográfica sobre a solidão, como são elaboradas solidões reativas à conjugalidade em circuitos de comunicação masculinistas. A subsecção inicial, “Seu maior foco tem que ser você mano” se propõe a analisar a entrevista concedida por Schutz, apontando as maneiras pelas quais a solidão emerge como uma prática de cuidado de si em *redpills pickup artists*; a subsecção seguinte, “O homem tem que pensar com a cabeça de cima” analisa o discurso de Anderson, pseudônimo “Esqueleto” MGTOW e os modos pelos quais ele procura pensar a solidão como um estilo de vida adotado deliberadamente; em seguida, a quarta subsecção, “Quando bate a necessidade física o cara vai ter que forçar o esquema” analisa a entrevista concedida pelo incel Silas Souza, explicitando os modos como a solidão é interpretada como uma sentença, involuntária e dolorosa. Finalmente, a última parte, “solidões racionalizadas, desengajadas e impositivas” mostra como diferentes significados em torno da exclusão – voluntária ou não – de relacionamentos amorosos assume características identitárias nas redes *Redpill*, demonstrando também em que medida as falas dos entrevistados converge ou não com os discursos *pickup artist*, MGTOW e incel tradicionais.

O trabalho persegue os indícios sobre as articulações entre solidão, gênero e emoções revelados por Raphael Bispo (2013, 2016) e Oswaldo Zampiroli (2016), cujos desenvolvimentos empíricos apontam para a emoção experienciada tanto como um marcador da diferença quanto um estilo de vida. Inspirando-se nos trabalhos de Maria Claudia Coelho & Claudia Barcellos Rezende (2010), defende-se aqui uma perspectiva micropolítica sobre o campo emocional situado no contexto das sociedades modernas ocidentais. No campo das emoções associadas ao gênero, as contribuições de Bispo (2009), Coelho (2012) e Maria Elvira Díaz-Benítez (2019) fornecem

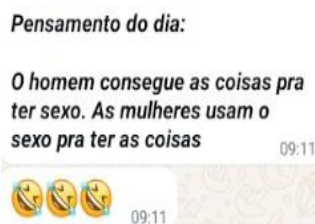
importantes pistas sobre como os discursos emocionais são produzidos em consonância com dinâmicas de poder generificadas. Se, no trabalho de Bispo, tais emoções aparecem como ruptura a modelos de masculinidade tradicionais, em Coelho e Díaz-Benítez elas emergem como sintomas da persistência da essencialização de comportamentos de gênero na contemporaneidade. Seja pelas associações entre a “irracionalidade” e o feminino (Coelho, 2021), ou pela humilhação (Díaz-Benítez, 2019), tais contribuições influenciam fortemente em um dos propósitos que movem a pesquisa, que é compreender como ideais de gênero são naturalizados para justificar a perpetuação da violência contra mulheres.

Um olhar para o fenômeno das masculinidades *redpill* partindo da antropologia das emoções contribui para a compreensão do papel dos afetos em como essas redes se formam em espaços desterritorializados, como o virtual. Para além dissecar as especificidades do contexto político em que o discurso emocional da misoginia se insere, se faz necessário observar as imbricações entre as trajetórias individuais dos participantes e a cultura digital – uma vez que ambas não se encontram deslocadas da realidade social. São pelas suas experiências pessoais que homens são movidos a entrarem na *Redpill*, é o conteúdo emocional que está em jogo na formulação e na potência dessa racionalidade. A cumplicidade se estabelece, portanto, pela via das emoções – e são justamente essas teias afetivas pelas quais os participantes se unem o objeto de estudo da presente dissertação.

CAPÍTULO 1 – SEXUALIDADE, ÓDIO E PODER

1.1 “MULHER NÃO SE APAIXONA POR HOMEM, MULHER SE APAIXONA POR ESTILO DE VIDA”

Figura 1 – Mensagem que expressa visão instrumental do sexo em relação às mulheres



Fonte: Captura de tela compartilhada em grupo do Whatssap analisado na pesquisa (2024)

As compreensões das dinâmicas de gênero e sexualidade, assim como os elementos que fundamentam a construção de masculinidades “redpilladas” serão destrinchados, tomando por base as contribuições de Arnaud Baubérot (2013), Marilyn Strathern (1995) e Unni Wikan (2008). A partir desses autores, valores como “virilidade”, “família” e “honra” serão tomados como eixos de análise constitutivos das emoções que emergem nos campos estudados. Nesse panorama, percebe-se a manifestação de um verdadeiro mercado de emoções, no qual o distanciamento é prescrito como condição de retomada de poder, seja em envolvimento amorosos ou sexuais. A performance dessas emoções, mediada por *influencers* e discursos motivacionais, evidencia um complexo de teias narrativas que se entrecruzam impulsionadas por associações algorítmicas calcadas em anseios contemporâneos. Serão, portanto, desveladas as emoções que compõem o semblante de uma “nova” velha masculinidade, cujo reacionarismo e a vitimização são tomados como legítimos dentro de especificidades das narrativas culturais brasileiras.

A máxima *redpill* de que “mulher não se apaixona por homem, mas por estilo de vida” sintetiza um princípio central dessa comunidade, ao afirmar que o desejo feminino seria movido por sinais de *status* e riqueza, e não pelo sujeito em si, retratando-as como naturalmente orientadas a buscar sustento masculino, independentemente de posição ideológica. Essa visão sugere que a realização material feminina dependeria exclusivamente do homem, reforçando uma lógica de dependência e inferiorização. A compreensão desse imaginário ganha profundidade quando

articulada a estudos sobre violência sexual digital no Brasil, como o de Lins (2019), que, por meio de etnografia virtual e entrevistas, demonstra como o vazamento de *nudes* se tornou prática de controle e dominação masculina. Em diálogo, Zanello (2020) evidencia, pela metáfora da “casa dos homens”, os pactos de cumplicidade em grupos masculinos de *Whatsapp*, onde circulam pornografia, conteúdos misóginos e imagens íntimas não consentidas, reforçando hierarquias de gênero. Em conjunto, esses trabalhos iluminam como a violência digital se inscreve em uma lógica de poder que instrumentaliza corpos e sexualidades, mostrando que práticas *redpill* não apenas reproduzem, mas intensificam e naturalizam relações assimétricas entre homens e mulheres.

A análise dos ambientes digitais investigados revela a forte circulação de conteúdos misóginos, frequentemente difundidos por meio de vídeos curtos provenientes de plataformas como *TikTok* e *YouTube*, associados tanto a influenciadores do empreendedorismo quanto a segmentos neopentecostais. Nesses espaços, observa-se a recorrente mobilização de temas relacionados a mulheres, masculinidade e relacionamentos, geralmente articulados a narrativas que buscam desqualificar mulheres e pessoas LGBTQIA+, combinando humor depreciativo e expressões de ódio. A análise é conduzida por meio de procedimentos de codificação seletiva, axial e analítica, permitindo identificar padrões discursivos e construir categorias emergentes de forma indutiva, conforme a abordagem de Kozinets (2014). Nos grupos e páginas observados, conteúdos de cultura *pop*, *memes*, notícias e referências bíblicas são frequentemente utilizados para sustentar a ideia de que os homens seriam vítimas do feminismo. Também destaca-se a circulação de influenciadores e perfis que oferecem conselhos sobre relacionamentos ou prometem ensinar homens a compreender o desejo feminino. Em alguns espaços, as interações assumem caráter confessional, com participantes compartilhando experiências afetivo-sexuais e buscando aconselhamento coletivo. Paralelamente, podem ser identificadas manifestações transfóbicas, homofóbicas e racistas, bem como o compartilhamento de conteúdos íntimos, discussões sobre sexualidade, traição e religião. Esses espaços, ainda que revelem dissonâncias, unem-se, sobretudo, pela ideia de que mulheres são materialistas, aproveitadoras e perigosas.

1.2 O QUE É UM HOMEM “DE VALOR”?

Figura 2 - Postagem motivacional que associa masculinidade a competitividade, autocontrole e vitória



Fonte: Captura de tela de postagem compartilhada no *Instagram* movimento_red_pill atribuída ao perfil @FilosofiaSpecter (03/12/2024)

(...) o processo de maturação que naturalmente leva o menino ao estado de homem adulto desempenha um papel ínfimo diante do lento e profundo trabalho de inculcação pelo qual a sociedade o conduz a se conformar às características físicas e morais específicas do estado viril. (Baubérot, 2013, P. 189)

1.2.1 Masculinidades hedonistas e masculinidades ascéticas

Em uma conversa no grupo do *Whatsapp*, um membro se mostra confuso sobre o que significa “ser redpill”:

Participante 1: Pessoal cês sabem de mais grupos com conteúdo red pra entrar? Só essa semana entrei em uns três...To fazendo um curso pelo discord que é R\$157,00 por mês que tem me ajudado muito... Queria entender mais da parada da “psicologia reversa” com mulheres. To estudando muito o conceito redpill do homem deixar de ser trouxa por mulher... pegar mulher... conseguir um beijo... mas acho que isso vai contra o conceito da redpill, né?

Participante 2: Po, cara... tem prós e contras ... A partir do momento quando um cara vai amadurecendo ele vai vendo que não vale muito a pena assim...Mas é claro... tem que manter a postura pra que elas continuem afim da gente... A mulher não gosta de um homem fracassado... Ela quer se sentir segura, as mulheres sempre quer ouvir o que agrada mais ela. Então se você quiser algo da mulher fale o que ela gosta de ouvir e não manda a pílula de cara. Mas claro, depois que você conseguiu o que você quis, aí você vai seguir a sua vida e largar ela.

Participante 1: Eu fico meio perdido porque na psicologia reversa porque é pra vc manipular alguém pra fazer o que você quer... a maioria dos homens faz isso pra conseguir mulheres... mas acho que aqui na redpill a gente faz totalmente diferente, é construir uma família, virar um homem de “honra”... mas cada caso é um caso. Daí as vezes eu to estudando uma coisa... as vezes to estudando outra...as vzs eles fala sobre ser pegador... as vzs pra formar família...

No entanto, o participante 2 ressalva que seguir um relacionamento não é problemático: “Pô, cara... não tem problema seguir relacionamento com uma mulher de valor... O que a *red* prega de verdade é pra ter cuidado com essas golpistas”.

O diálogo mostra que o Participante 1 busca compreender qual seria o ideal *Redpill* de masculinidade, expressando incerteza sobre como agir diante das mulheres e da própria sexualidade, especialmente ao opor “manipular alguém” a “ser um homem de honra” e ao contrastar “pegar mulher” com “ser trouxa”, indicando que a virilidade só se consolida pela conquista sexual. Essa lógica ecoa o que Daudt, Valiati & Conte (2025) identificam ao analisar como, nas décadas de 1930 e 1940, o cinema hollywoodiano difundiu modelos de masculinidade viril e sedutora que, ao chegarem ao Brasil, se articularam ao código de honra patriarcal do provedor, cuja reputação dependia do comportamento moral da esposa. Posicionando-se como autoridade, o Participante 2 aconselha que “é preciso manter a postura pra que elas continuem afim” e que o essencial é “não ser um fracassado”, atribuindo à segurança uma função central na manutenção do interesse feminino. A sedução, assim, é uma técnica de controle que exige consciência utilitária do próprio desejo, sendo o encontro sexual a meta que, uma vez alcançada, autoriza o homem a abandonar a performance. Embora reconheça que relacionamentos são possíveis, o Participante 2 afirma que apenas com uma “mulher de valor”, reiterando uma dicotomia moral típica do imaginário *Redpill*. O discurso estrutura poder, postura e controle como pilares da virilidade, legitima o controle emocional como racionalidade protetiva e transforma emoções em elementos a serem regulados para preservar autoridade. Dessa forma, a conversa evidencia uma masculinidade organizada como disciplina emocional, cálculo estratégico, manipulação performática e utilitarismo afetivo, moldando relações heterossexuais em termos de conquista, vigilância e hierarquia.

De acordo com o dicionário *r/theredpill* a concepção de valor sexual de mercado diz respeito a aquilo que o homem “traz à mesa, seja por uma transa de uma noite ou por um

relacionamento sexual/emocional de longo prazo” (*r/theredpill*, 01/10/2025, Trad minha). O que se faz necessário “trazer à mesa”, no entanto, pode vir a adquirir significados difusos, especialmente em espaços desinstitucionalizados, como o virtual. Se, por um lado é enaltecida a performance de “Don Juan”, cuja finalidade da interação com as mulheres consiste na sedução e estelionato emocional, por outro se valoriza a performance do “homem de honra”, “de família”, em que se objetiva encontrar uma mulher de “valor” para com ela se casar e construir uma família tradicional. O elemento “valor” adquire assim, conotações ambíguas que combinam moralidades particulares com a frieza racional do cálculo, pesando não só sobre os corpos femininos, mas também no modo como são construídas as virilidades almejadas. Essa dissonância por vezes produz uma confusão no sujeito *redpill*, que pode acabar não sabendo como se posicionar, visto que determinados imperativos podem entrar em conflito com seus valores pessoais.

Goffman (2014) argumenta que indivíduos utilizam “fachadas” para sustentar suas atuações sociais e que o “ator disciplinado” domina expressões e emoções para garantir a coerência da performance diante de sua “equipe”, no caso, a presença-ausente dos pares nos encontros sexuais; essa lógica é apropriada pelo discurso *redpill*, que modela o homem como conquistador autossuficiente, emocionalmente contido e guiado pelos manuais *pickup artist*. Hochschild (2003) complementa ao formular a ideia de “atuação profunda”, em que o controle emocional internaliza regras culturais e transforma o próprio sentimento, permitindo que o homem *redpill* tente assumir comando simbólico da interação ao negar vulnerabilidades, ainda que isso implique renúncia subjetiva. A exigência de “manter postura” remete, em termos goffmanianos, à “maneira”, isto é, aos sinais que indicam o papel esperado, articulados à “aparência”, conjunto de elementos semióticos que comunicam *status* e poder, frequentemente associados ao capital econômico. A naturalização da divisão entre “vencedores” e “fracassados” pela cultura da autoajuda transforma sofrimento em falha moral, reforçando a meritocracia e a culpabilização individual. Esse imaginário do sucesso, originado nos EUA e associado à figura do vencedor autossuficiente, consolidou-se como mitologia nacional atrelada ao trabalho, ao mérito e à prosperidade. No Brasil, foi incorporado no contexto da modernização e do desenvolvimento capitalista, difundindo valores neoliberais centrados no consumo, autonomia e responsabilização individual (Castellano, 2015). Assim, o “fracasso” masculino torna-se a incapacidade de performar a masculinidade hegemônica como capital simbólico diante do olhar feminino.

As tentativas de aproximação da masculinidade hegemônica, expressa no ideal de *self-made man* encontra-se também na figura que dá início à subsecção (Figura 2). Nela, são enaltecidas máximas de dureza, força e conquista expressa em frases como “a vida é um jogo, jogue para vencer”; “Eu sou o melhor e não cheguei aqui deixando a decisão para os outros”; “quando estiver sendo pressionado contra a parede, quebre aquela merda”; “mantenha a compostura não importa o quão difícil esteja a situação”; “vencedores não dão desculpas quando o outro lado joga o jogo” ilustradas com a imagem de um homem usando um terno com um sorriso confiante, em uma foto em preto e branco. Percebe-se um uso constante de imperativos “jogue”, “quebre”, “mantenha” que expressam a valorização da ação como características da masculinidade. Cria-se a imagem de que o homem deve se enxergar como “o melhor”, a ideia de vencer “o jogo” ressoa com a lógica nós *versus* eles, revelando também uma percepção maniqueísta da realidade como uma constante disputa entre vencedores e perdedores, de modo que o “homem de valor” deve ser também o “vencedor”. A adoção dessa performance como um norte para a masculinidade consiste, sobretudo, em uma tentativa de acreditar nela, incorporando-a na interação com outros homens e mulheres.

A incerteza sobre a prova da masculinidade – se é pela sexualidade amoral ou pela honra – revela interpretações dissonantes sobre masculinidades, ora permeada pela conduta “cafajeste” ora pelo “homem de família”, enaltecido em segmentos evangélicos neopentecostais e pela direita conservadora. A página do *Instagram* revelou-se como um terreno fértil para a manifestação de masculinidades evangélicas e de figuras associadas à direita bolsonarista. Chama atenção um grande volume de cortes envolvendo Alessandro Loiola, médico que ganhou notoriedade durante a pandemia por divulgar nas redes sociais posicionamentos alinhados ao negacionismo científico, criticando vacinas, máscaras e medidas de proteção. Loiola, além de ter atuado brevemente na Secretaria Especial da Cultura em 2019, é autor de livros como “Realismo Moral: o básico que você deveria saber” (2019) e “Sendo um Homem: 5 bússolas para a masculinidade” (2022).

Loiola encontra-se inserido na corrente anti-intelectualista da extrema direita brasileira, refletindo também uma cultura da masculinidade própria do bolsonarismo. Carlotto (2025) aborda o anti-intelectualismo como uma reação ao avanço das mulheres no campo intelectual, considerando que, atualmente, mulheres, especialmente as negras, tornaram-se maioria no ensino superior brasileiro, representando 59,7% dos ingressantes. Após uma vasta análise das interações do perfil de Bolsonaro no X (antigo *Twitter*), a autora constatou que 90% eram homens, percebendo

também a manifestação de uma cultura de masculinidade que se manifesta em críticas às universidades públicas, vistas como espaços feminizados e pouco sérios. Indo na mesma direção, Ramos (2023) argumenta que as plataformas digitais desintermediam as instituições tradicionais, transferindo à audiência o poder de validar discursos, enfraquecendo a autoridade de instituições jornalísticas, científicas e administrativas. A própria arquitetura das plataformas digitais, orientada por uma governamentalidade neoliberal, molda a percepção e ação dos agentes ao tratá-los como empreendedores em um ambiente concorrencial mediado por algoritmos que vinculam atenção, sociabilidade e subjetivação (Ramos, 2023). A presença do compartilhamento de vídeos do médico confirma a aproximação entre as redes de comunicação *Redpill* e a direita radical brasileira.

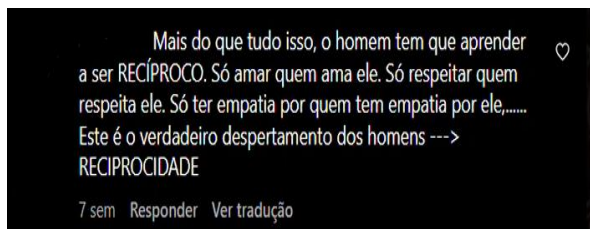
Na Figura 3, encontra-se o compartilhamento de um corte de um de seus vídeos em seu canal do *Tiktok*, em que ele critica as masculinidades contemporâneas.

Figura 3 – Corte de vídeo em que Alessandro Loiola questiona as masculinidades contemporâneas



Fonte: Captura de tela de vídeo compartilhado pelo *Instagram* movimento_red_pill associado ao perfil de @alessandro_l_loiola (03/12/2024)

Figura 4 - Comentário de seguidor dizendo que homens devem aprender a ser recíprocos



Fonte: Comentário no *Instagram* movimento_red_pill (03/12/2024)

Kd os homens? Se tiver 3% da população masculina que entende o que é masculinidade é muito. 3% gente. Não tem. Os caras não sabem o que é força, não sabem o que é honra, não sabem o que é disciplina, não sabem o que é coragem... não sabem. Eles não sabem ser ousados, eles não sabem se posturar, eles não sabem se posicionar. Você fica engolindo migalha dos outros pra conseguir algum tipo de validação ou legitimação das suas ideias. Cê tem medo de ser cancelado. Isso não é homem irmão, isso é criança querendo ganhar um doce. (Loiola, 03/12/2024)

O vídeo começa com a imagem de um leão, transitando para Loiola, revelando sua visão de masculinidade e a rejeição a modelos mais igualitários. Para ele, ser homem envolve características como “honra”, “disciplina” e “força”, além de ousadia e postura assertiva, traduzindo-se em uma constante necessidade de se posicionar. Segundo Calmon (2024), a exaltação desses atributos masculinos gera receio e ansiedade diante da feminilidade, associada à fragilidade ou delicadeza, enquanto as mulheres são vistas como frágeis ou maliciosas. A concepção defendida enfatiza que os homens devem proteger sua honra e afirmar sua virilidade, frequentemente por meio de comportamentos agressivos. Loiola desvaloriza outras expressões do masculino, comparando-as à infância, e sustenta que ceder às expectativas femininas indica medo e falta de masculinidade, reduzindo o homem a uma criança. Assim, sua perspectiva reforça uma masculinidade rígida e não negociável, que contesta a necessidade de aprovação social e pelo temor de “cancelamento” de outros homens. Um seguidor acrescenta, defendendo que o verdadeiro “despertamento” dos homens é sobre saber ser recíproco.

A honra masculina, especialmente em modelos tradicionais, pode ser acumulada e transferida entre diferentes esferas — como trabalho e família — enquanto a honra feminina permanece rigidamente condicionada ao comportamento sexual. Assim, a cultura de gênero tradicional produz um sistema desigual em que homens têm múltiplas vias de reconhecimento social, ao passo que as mulheres enfrentam limites estritos e assimétricos (Hochschild, 2003). Nessa linha interpretativa, a ênfase na reciprocidade dada pelo seguidor da página (Figura 4) revela seu temor da humilhação diante de afetos unilaterais: reforçar a importância desses valores funciona também como uma estratégia para não perder a “postura”, dado que a entrega emocional é associada ao feminino.

Em um outro vídeo, também compartilhado na página do *Instagram* (Figura 5), o médico fala sobre quais devem ser os propósitos de um homem, contrastando, de forma pejorativa, com mulheres e crianças:

Figura 5 - Corte de vídeo em que Alessandro Loiola fala sobre quais devem ser os propósitos de um homem



Fonte: Compartilhamento de corte de vídeo associado ao perfil @alessandro_l_loiola no *Instagram* movimento_red_pill (15/11/2024)

Um recado bem rapidinho pros cuecas que seguem essa página aqui. Se você quer ser um homem, pare agora de tornar ser feliz uma meta. Isso é coisa pra crianças e mulheres. Seu trabalho como um homem é contribuir para o mundo que você recebeu de presente, e deixar de alguma maneira esse mundo melhor simplesmente porque você existiu nele. Se essa missão vai te fazer feliz ou não, isso não interessa. Você não é uma criança pra continuar viajando na janelinha, nem uma mulher pra continuar se preocupando só com seu próprio umbigo. Você nasceu homem, cresça, viva, contrua, e realize coisas sendo um homem bom em ser um homem. E não tenha a menor ilusão de que alguma mulher ou alguma criança um dia vai entender o que isso realmente significa. Mas tenha certeza cara... que você vai ser respeitado e valorizado pelos outros homens de valor que estão aqui e pelos outros homens de valor que passarão por aqui no futuro. Um excelente dia pra você, cueca! Bora pra cima, gafanhoto! (Loiola, 15/11/2024)

Como pode ser visto nos comentários, seu discurso é recebido com certa dissonância, alguns seguidores aplaudem, outros discordam – manifestando assim, uma oposição entre hedonismo e ascetismo que pode ser percebida nas redes de comunicação *Redpill*: de um lado, a cultura do empreendedorismo prega que homens devem buscar ter dinheiro como forma de ter mais sexo, por outro, ideais ligados à recusa do prazer como prova de força e, portanto honra – tão comum em masculinidades militarizadas, ou a segmentos do cristianismo evangélico, ambas associadas ao masculinismo bolsonarista – consistem a forma pela qual o homem reafirmaria sua dignidade diante de outros homens, reificando os pactos de homossociabilidade. Sua escolha por termos como “cuecas” e “gafanhoto”, expressam sua busca por transmitir a imagem de superioridade no aconselhamento, como se sua fala fosse dirigida a homens jovens com fins educativos.

Badinter (1993) mostra que, em muitas culturas, a masculinidade se constrói por meio de rituais de iniciação que preparam o menino para a vida adulta e a reprodução, frequentemente envolvendo dor física como escarificações ou flagelações. Embora esses ritos tenham desaparecido em sociedades industrializadas, sobrevivem em contextos militares, contrastando com representações contemporâneas de masculinidade, como o “Peter Pan” ou “*playboy*”. No universo *Redpill*, essas duas visões coexistem: alguns buscam a provação niilista inspirada na máxima nietzscheana de tornar-se a si mesmo enquanto outros adotam modelos militarizados em que a virilidade se demonstra pela capacidade de negar o prazer e suportar a dor. A aproximação entre mulheres e crianças por oposição aos homens remonta a obra *The Fraud of Feminism* (1913) de Ernest Belfort Bax. Bax foi um filósofo, jornalista e socialista britânico do final do século XIX e início do XX, conhecido por seu antifeminismo e por defender a superioridade masculina em oposição ao movimento sufragista. Nessa obra, ele associa mulheres a crianças, argumentando que ambas possuem uma “mente histérica” e fragilidade mental, utilizando esse argumento para legitimar a hierarquia masculina. Do mesmo modo, sua fala repercute o discursos masculinistas conservadores, que frequentemente apresentam a família como indissociável da heterossexualidade e do domínio masculino sobre mulheres e crianças (Santos & Sacramento, 2024).

Kimmel (2018) evidencia a oposição entre ser um “bom homem” e “ser um homem de verdade”: enquanto o primeiro é articulado com valores como honra, dever, integridade, sacrifícios, ser um provedor e protetor, o segundo envolve atitudes como ser duro, não mostrar fraqueza, vencer a todo custo, ficar rico e transar com o máximo de mulheres possível. Os dados analisados

revelaram a convivência de dois modelos de masculinidade: aquela que poderia ser categorizada como “hedonista” - articulada à construção da ideia de “ser um homem de verdade” – e ascética – associada ao que é compreendido no imperativo “seja homem”. Ambos os modelos não necessariamente se contradizem, visto que não é nenhuma novidade que homens “de família”, se portem de forma “predatória” em outras circunstâncias. Todavia, a moral conservadora, surge como uma forma de contenção – resultando por vezes em culpa – do imperativo de uma sexualidade masculina desenfreada. Em contraste com a maior parte dos espaços redpillados anglófonos¹⁰, em que é enaltecido o primeiro modelo, nos campos analisados, é perceptível uma convivência entre os ideais familistas cristãos com modelos de masculinidade “predatórios”, baseados no domínio das mulheres pela via da sexualidade.

1.2.2 “Ser emocional, pra um homem, só vai levar ele à ruína”

O participante 2 prossegue: “O problema é que crescemos ouvindo mentiras da mídia e da religião. O amor incondicional não existe. Romantismo é passageiro... ser emocional, ainda mais pra um homem só faz ele ir a ruína”. Um terceiro participante se insere na conversa, concordando: “Exato... Muitos homens agem por emoção e acabam da pior forma possível. Mulher não tá nem aí pra ninguém. A única mulher que nos ama de verdade é a nossa mãe”.

Seu incômodo revela algo curioso: o enaltecimento de ideais românticos por filmes – sendo a *Disney*, talvez, o veículo mais emblemático – e o matrimônio como um valor cristão, são comumente problematizados na bibliografia feminista como instrumentos ideológicos voltados à pedagogia de submissão das mulheres¹¹. Sua fala, no entanto, revela os impactos desses universos

¹⁰ Com exceção do fórum r/RPChristians, que é considerado um fórum excepcional entre os seguidores, na maior parte das vezes a religião e valores tradicionais são vistos com ceticismo nos fóruns. Após uma breve pesquisa nos arquivos do fórum r/theredpill (já banido do *reddit*), a partir das palavras chave “honor”, “christianity” e “Family values” foi possível perceber que os valores familiares cristãos são vistos com desconfiança – algo que a “pílula vermelha” libertaria os homens despertos. Os artigos de Rollo Tomassi postados em seu *blog* – um dos maiores gurus desse universo no contexto norte-americano - também tratam a espiritualidade cristã de forma crítica. É no mínimo curioso, dada a relação entre o conservadorismo e o antifeminismo nos Estados Unidos (Cooper, 2017). Ao que parece, o ateísmo e o niilismo se manifestam como marcadores diferenciais da *redpill* em relação a outros segmentos masculinistas nos EUA.

¹¹ Illouz (1997, 2007); Hooks (2000); Dworkin (1987); Bordo (1993,1999); Firestone(1970).

também no modo que homens experienciam o amor como desilusão. A figura materna surge então como símbolo de pureza e amor incondicional, denotando uma excessão à regra de que mulheres não se importam. A mãe é a mulher inalcançável, interdita para relações afetivo-sexuais e, ao mesmo tempo, projetada nas expectativas românticas. Logo, o único amor verdadeiro seria aquele que persiste, à despeito de quaisquer atitudes ou circunstâncias.

O modelo familiar ocidental moderno centra-se nas relações internas da família conjugal, mitificando o amor como uma entrega absoluta que vai além da reciprocidade. A concepção do amor como força irracional e individualista, embora pareça desafiar a ordem social, revela-se paradoxal ao fundir-se a um destino inevitável que, ao mesmo tempo em que reafirma a hierarquia entre amor e cosmos, naturaliza o indivíduo como categoria central do pensamento ocidental (Viveiros de Castro & Araújo, 1977). Illouz (2012) enxerga a problemática da imaginação romântica em sua ligação à forma como o desejo é moldado culturalmente, gerando sofrimento, insatisfação e expectativas eternas. No século XX, o cinema e a cultura de consumo expandiram as fantasias românticas fazendo com que desejos e emoções passassem a ser vivenciados principalmente de forma imaginária e virtual, por meio de mercadorias, mídias, narrativas e tecnologias. Assim, fantasia material e emocional se combinam, estruturando como o indivíduo deseja e experimenta o prazer (Illouz, 2012). No universo *Redpill*, esse imaginário é potencializado por uma gramática da masculinidade que determina um nexos causal entre desejo, consumo e amor. A emoção que faz com que o homem queira ser desejado por sua parceira, para isso, ele precisa mostrar o que tem, logo, ele consome. O amor, e, por consequência, o consumismo, culminariam em sua ruína.

Presume-se, no imaginário *Redpill*, que homens desejam sexo e mulheres desejam amor, e que o dinheiro seria o mediador decisivo dessa troca, pois despertaria o amor feminino e, posteriormente, garantiria o acesso sexual. Inserido numa cultura de consumo burguesa que promove um “eu romântico” movido por fantasias e cujo prazer reside mais na imaginação do que no uso dos bens (Illouz, 2012), o consumo masculino *redpill* é orientado pelo acesso a mulheres associado à prosperidade. Assim, bancar encontros torna-se parte constitutiva da conquista, ao passo que ostentar bens de luxo não visa ao objeto em si, mas ao prazer de ser percebido como “homem de poder”. Contudo, esse sujeito deve conter suas próprias fantasias para não gastar demais e ser feito de “otário”, transformando a vigilância financeira em estratégia emocional.

Nesse cenário, categorias como “conservadias” e “honradinhas” funcionam como classificações morais: as primeiras seriam mulheres que performam conservadorismo para enganar homens e extrair vantagens materiais, enquanto as segundas oscilam entre ironia e valorização, representando o ideal feminino virginal e submisso.

A concepção de que mulheres seriam “golpistas” reflete o que Hochschild (2013) denominou “economia da gratidão”: interpretações compartilhadas da realidade, baseadas em expectativas e experiências prévias, que definem quais gestos são reconhecidos como presentes. Nesse contexto, homens esperam que mulheres, relegadas ao espaço doméstico, retribuam seus esforços com submissão, de modo que seus gastos estejam alinhados às vontades masculinas, ao mesmo tempo que o divórcio é interpretado como o auge da ingratidão. Acusações de que mulheres fingem tradicionalismo para lucrar em divórcios, heranças ou divisão de bens reforçam o antagonismo moral central à conversão *Redpill*. Contudo, persiste uma tensão interna, já que a crença em “mulheres de valor” não é unânime, revelando um campo moral instável e permanentemente disputado.

1.2.3 O problema da libido

Um quarto participante se insere na conversa e discorda, localizando a fonte do sofrimento dos homens não na emoção, mas sim, na libido:

Participante 4: Cara o problema da maioria dos homens...isso me inclui... não é nem a questão emocional...é a questão da libido. Aí não tem muito o que fazer... aí prostituta e masturbação... só o que sobra...pode ser com pornografia ou sem... a pornografia a gente sabe do mal que faz ao cérebro. Eu tenho uma libido absurda... absurda de alta... bem alta... ter uma libido elevada é sofrimento, cara. Esse é o problema.

A fala evidencia uma separação entre amor e sexo, marcada por desejo e frustração, em que masturbação e contratação de prostitutas surgem como soluções diante da rejeição, enquanto a pornografia é vista com culpa por supostos efeitos nocivos ao cérebro. Com isso, ele atribui seu sofrimento à libido elevada, algo que deve ser controlado para não ser levado à ruína - o que pode

ser entendido tanto como uma condenação por estupro quanto por gastos desenfreados, ou até mesmo a improdutividade decorrente do excesso de masturbação. A crença na hipersexualidade masculina, reforçada em diversos contextos culturais e por perspectivas evolucionistas, naturaliza a ideia de que os homens têm uma sexualidade compulsória, ao passo que a feminina seria contida (Guttman, 2009). Estudos etnográficos, como o de Pasini (2009) sobre clientes de prostitutas no Rio de Janeiro, mostram que a contratação de serviços sexuais oferece liberdade de julgamento e satisfação de fantasias sem obrigação de agradar a parceira, sendo frequentemente justificada pelos próprios homens como uma necessidade “natural” do sexo masculino.

Duarte (1998) explora a categoria de “sofrimento” como algo que abrange dimensões morais e culturais, de modo que muitas condições consideradas patológicas em uma cultura podem ser consideradas normais em outra. Nesse sentido, a articulação entre “ter uma libido alta” e “sofrimento” pode ser compreendida como uma inadequação frente a uma cultura em que mulheres têm a possibilidade de negar o encontro sexual. O sofrimento de homens em decorrência do consumo excessivo de pornografia pode ser explicado pela lacuna entre a hiper-realidade do sexo pornográfico (Díaz-Benítez, 2009) e o encontro sexual real. Os roteiros, tão comuns à pornografia *mainstream*, como aqueles em que um serviço de encanamento termina em sexo selvagem, não acontecem com tanta frequência na vida real – mas podem vir a se tornar as lentes sob as quais alguns homens passam a enxergar as interações com mulheres em contextos dissexualizados. Desta forma, o solitário ato de se masturbar torna-se uma confirmação sobre a própria impotência, culminando em sentimentos de tristeza e frustração – quando não convertidos em violência sexual.

Essa relação entre os imperativos da masculinidade sobre uma sexualidade desenfreada e a culpa conservadora surge novamente em uma outra conversa entre os membros do grupo sobre incesto. Um dos membros do grupo (participante 5) compartilha seu desejo em transar com sua prima, perguntando se alguém no grupo já teria feito isso, com fins de verificar se o que sente é comum a outros homens. Um outro membro o responde, admitindo já ter tido essa vontade, gerando identificação. O participante 3, que é também um dos administradores do grupo, se insere na conversa, compartilhando sua experiência:

Participante 3: Eu já mais foi sem querer querendo. Eu n me orgulho disso. Era muito criança. Sou um cara conservador. Hoje entendo que é errado, é incesto... fiz isso pq era muito moleque e não tinha noção das coisas. Inclusive foi minha própria tia e a minha própria prima que me incentivou a comer elas.

Encorajado pela cumplicidade estabelecida com outros membros do grupo, o participante 5 manda foto de sua prima, afirmando que ela o teria pedido pra “dormir na casa dele” – o que é lido, talvez erroneamente, como demonstração de interesse sexual por parte dela. “Gostosa... novinha... eu comia”, responde o participante 3. Um sexto participante admite compartilhar dos mesmos sentimentos, revelando arrependimento por ter desejado “comer” a própria tia. Outros membros aprovam a aparência da menina, incentivando que ele transe com sua prima. Os demais participantes se sentem então incentivados a reforçar sua masculinidade pela sexualidade compulsória, compartilhando conteúdos íntimos e falando de forma sexualizada das mulheres expostas.

Ao afirmar que seu encontro sexual incestuoso teria sido “sem querer querendo”, o participante sugere que sentiu desejo, mas não tinha plena consciência das implicações morais do que estava fazendo. Talvez seja possível inferir que a experiência que ele conta se trata, na realidade, de um abuso sexual, pois o ato teria sido incentivado pela tia e pela prima, quando era “muito criança”. A experiência, no entanto, não parece ser interpretada como um abuso, o que pode ser explicado pela naturalização da ideia de que é da natureza do homem sempre querer transar com mulheres. A repressão sexual, combinada com normas masculinas que exigem desejo constante, cria nos homens fantasias intensas acompanhadas da culpa, já que a cultura erotofóbica vê o sexo como ameaça à autoridade ao mesmo tempo que espera que a masculinidade seja sinônimo de desejo irreprimível (Kimmel, 2013). Isso é confirmado em seu discurso, quando ele explica seu arrependimento por ser um um “homem conservador”.

Hooks (2004) ao discutir o termo *fuck* (foder), evidencia a imbricação entre sexo e violência em sociedades patriarcais, onde o mesmo vocábulo designa tanto o ato sexual quanto ferir, enganar ou agredir. A ambiguidade do verbo “comer” reforça esse entrelaçamento, pois, em seu sentido literal, comer implica devorar, mastigar e absorver, colocando o predador em posição de poder sobre a presa; quando transposto ao campo sexual, o termo associa o sujeito “penetrante” à dominação, enquanto o “penetrado” ocupa posição subordinada, estruturando assimetrias de gênero descritas por Rubin (1975) e reproduzidas também entre masculinidades homossexuais, como aponta Welzer-Lang (2001). Díaz-Benítez *et al.* (2020) mostram que o consentimento é sempre negociado e que suas fronteiras são frequentemente borradas por relações de poder, o que permite compreender por que o ato de oferecer a casa para a prima dormir pode ter sido interpretado

pelo participante como um “sim” para o sexo. Essa interpretação é reforçada pela lógica do grupo, que incentiva a leitura de gestos cotidianos como convites eróticos, legitimando o deslocamento de posições de autoridade para expectativas sexuais e borrando ainda mais as distinções entre desejo, poder e consentimento.

Como mostra Zanello (2020), a divulgação de conteúdo íntimo na plataforma do *Whatsapp* é algo que ocorre com frequência, especialmente entre grupos de homens, em que a objetificação sexual das mulheres, reduzidas a corpos e desejos, reforça hierarquias e jogos de poder baseados no controle masculino. Nesses grupos, a identidade dos homens se consolida pela cumplicidade e pelo silêncio diante da violência, perpetuando a misoginia como fundamento da “casa dos homens” (Welzer-Lang, 2001). Nesse contexto, a arquitetura do *WhatsApp* borra fronteiras entre o público e o privado, favorecendo a circulação rápida e pouco controlável de informações. A plataforma, ao mesmo tempo que promove vínculos e negociações de intimidade baseadas na confiança, também expõe usuários a riscos quando essa confiança é rompida. Por permitirem que as relações se tornem cada vez mais contínuas, persistentes e pessoais, as mídias sociais abrem possibilidades de provocação e humilhação, de tal forma que a intimidade é reconfigurada, tornando-se a dupla face de medo (Lins, 2019). O sucessivo fluxo de compartilhamentos de conteúdos íntimos por outros membros do grupo manifesta assim, certo teor “competitivo” – como se o número de *nudes* armazenados equivalesse ao destaque do sujeito dentro da “casa dos homens”.

1.2.4 Homens de “baixo valor”

Para se definir o que é ser homem é preciso definir o que não é, a masculinidade se constrói por oposição. O conceito de “masculinidades marginalizadas” de Connel é elucidador para compreender como a masculinidade *redpill* se constroi em relação aos modelos de homens que são por eles desprezados, como pode ser visto no *meme* abaixo (Figura 6), compartilhado na página do *Instagram*. Nele, é possível ver duas versões do super-homem: a primeira, usando uma barba e expressando um semblante confiante, definido como “cristão, trabalhador, heterossexual, século XX”; a segunda, mostra o personagem sem barba, com um semblante constrangido, definido como “Hetero Top” ou Macho Desconstruído, não trabalha, feminista, século XX:

Figura 6 - Meme do super homem sobre homens de valor



Fonte: Postagem do *Instagram* movimento_red_pill (03/01/2025)

Chama a atenção o fato da figura do “Hetero Top” estar associada à segunda imagem, visto que o estereótipo é utilizado muitas vezes por mulheres e LGBTs para se referir a homens machistas, ou muito masculinizados. A imagem expressa uma clara recusa ao progressismo, por meio da valorização da figura do “homem de família”, associado à heterossexualidade e a provisão financeira, característica de modelos familiares tradicionais que imperavam no Brasil no século XX. Homens afirmam sua masculinidade desvalorizando outras formas de ser homem, criando uma oposição entre masculinidades hegemônicas e subalternas. O modelo do *self-made man*, surgido no início do século XIX, valorizava sucesso individual e autonomia, mas gerava ansiedade frente à constante necessidade de provar-se. Nesse contexto, homens excessivamente viris ou feminilizados passaram a ser vistos como “outros”, estabelecendo limites rígidos sobre a masculinidade. A masculinidade hegemônica se consolidava ao afirmar domínio sobre os marginalizados e validar um ideal de virilidade associado ao sucesso, à autoridade e à heterossexualidade (Kimmel, 1998).

A marginalização de outras formas de masculinidade aparece também em uma conversa no grupo do *Whatssap* sobre mulheres transexuais. Após um longo tempo dedicando-se a falar mal de mulheres trans, um dos participantes, com um nítido sotaque nordestino, conclui:

Participante 6: Por isso que eu acho que na minha opinião pessoas que é homem de verdade jamais vai querer pegar mulher trans, e quem pega a mulher trans é só homem fracassados que não consegue pegar uma boa mulher de verdade.

Outro participante se insere na conversa, com um claro objetivo de ofendê-lo: “Aí depende... Se for nordestino...”. Isso gera revolta no grupo, fazendo com que ele seja acusado de xenofobia. Um outro membro defende outros participantes, enaltecendo as qualidades do nordeste: “Vey isso aí não concordo contigo sabe, no Nordeste tem muita gente de bem e trabalhadora não é só miséria como muitos vêm por aí não, como na região norte tbm não é só miséria”, “É... isso aí é preconceito regional...tem que dar *ban*” denuncia outro membro do grupo. O homem é então banido por um dos administradores, que finaliza o assunto amenizando a discussão sobre diferenças regionais e preconceito: “Eu acho que o grande problema do nosso país é que por questões regionais nos vemos como diferentes sabe. Nosso país nunca irá para frente em quanto isso persistir, norte, nordeste, sul, sudeste, isso tudo é Brasil meu povo”, “O problema do Brasil é a corrupção”, denuncia outro participante, finalizando a conversa.

A conversa revela uma dinâmica de preconceito regional, em que a xenofobia de um dos participantes gera reação imediata de outros membros do grupo – dado que boa parte dos membros parecem ser nativos do Nordeste. Alguns participantes defendem a região, contrapondo estereótipos negativos e ressaltando qualidades como trabalho e dignidade, denunciando o preconceito e pedindo medidas punitivas. A intervenção do administrador – cujo áudio revela um sotaque típico do Nordeste – culmina na exclusão do agressor e, ao mesmo tempo, busca amenizar a tensão, propondo uma reflexão sobre unidade nacional e igualdade entre regiões, enquanto outros participantes deslocam a discussão para problemas mais amplos do país, como a corrupção – algo que se aproxima bastante da retórica neoconservadora, tendo em vista que o discurso anticorrupção é frequentemente instrumentalizado para desqualificar os avanços em políticas públicas voltadas a minorias. A sequência ilustra como a percepção sobre o preconceito no espaço *Redpill* é seletiva e egocentrada: é aceito que o outro (mulher trans) seja discriminado, mas quando a discriminação é direcionada a outros membros do grupo ela deve ser sancionada.

A transfobia funciona como um instrumento de controle e humilhação, sendo usada para questionar e diminuir a sexualidade de outros homens, especialmente quando se envolvem em relações sexuais públicas, comerciais e não reprodutivas com travestis, evocando o interdito, o

impuro e o obsceno (Pelúcio, 2009). No discurso *Redpill*, tais cenas são apropriadas como provas de “desvio” masculino, reforçando a heteronorma e hierarquias entre homens. Paralelamente, a mídia frequentemente apresenta o Nordeste como uma região apartada, por meio de personagens estereotipados, imagens caricatas e a ridicularização do sotaque, consolidando nativos como um “outros” distantes e, em muitos casos, inferiores. O cinema brasileiro também contribuiu para essa construção, representando o sertanejo ora como macho violento, ora como malandro ignorante, naturalizando tais imagens como características essenciais, quando na verdade se tratam de construções históricas e contextuais (Gama, apud ANDRADE, 2008). Dessa forma, tanto a transfobia quanto os estereótipos regionais e de gênero refletem mecanismos sociais de hierarquização e marginalização de corpos considerados diferentes.

Um dos diferenciais da *Redpill* brasileira em relação a seus primórdios norte-americanos é que ela não se restringe a jovens brancos de classe média alta, associados a ideais como a supremacia branca. Pelo contrário, ela ressoa justamente em masculinidades marginalizadas, que enxergam na “pílula vermelha” uma forma de emular características hegemônicas – um suposto “empoderamento” que ganha contornos de protesto, na medida em que a virilização configura uma recusa à marginalidade. As dinâmicas de marginalização regionais e raciais se entrelaçam, podendo ser exemplificadas por uma imagem compartilhada no grupo do *Facebook* (Figura 7) em tom humorístico:

Figura 7 - Meme expectativa versus realidade sobre baiano que vai pro sul



Fonte: Postagem do *facebook* Red Pill Brasil (25/01/2024)

A imagem é um *meme* que explora estereótipos regionais, preconceito social e racial. Ela está dividida em duas partes: à esquerda, a seção “Expectativa” mostra um casal de uma mulher branca e um homem negro, sugerindo uma visão idealizada ou fantasiosa do que seria a experiência de um baiano negro no Sul: encontrar uma mulher branca, loira, de olhos claros e engravidá-la. À direita, a seção “Realidade” mostra uma pessoa carregando um grande fardo nas costas, sugerindo que, na prática, a experiência é de trabalho pesado e dificuldade. O *meme* reforça estereótipos negativos sobre baianos e pessoas negras, vinculando-os à pobreza ou à dificuldade socioeconômica, enquanto também reforça uma visão distorcida e preconceituosa sobre relações inter-raciais. O humor, ao mesmo tempo que denuncia o preconceito regional, o reproduz, uma vez que naturaliza certas hierarquias e desigualdades de forma aparentemente “engraçada”, revelando crenças do grupo sobre dinâmicas regionais. Supõe-se que o compartilhamento se dá justamente por ter provocado identificação.

A imagem reflete a internalização da hierarquia racial por parte de homens *redpillados* ao mesmo tempo que expõe as percepções do grupo sobre desigualdades sociais e raciais. Como aponta Fanon (1967), o negro colonizado deseja ser aceito pelos brancos, chegando ao ponto de medir seu valor através do olhar e do afeto do colonizador. Isso, quando articulado às masculinidades *redpill*, se expressa frequentemente na preferência por mulheres com características caucasianas, como forma de pertencimento não apenas à branquitude mas também à masculinidade hegemônica. Desta forma, o racismo, bem como outras formas de exclusão social, se interseccionam com o masculinismo, moldando desejos e afetos e criando conflitos psicológicos profundos.

A teorização sobre *memes* existe bem antes das revoluções digitais, remontando o conceito do biólogo evolutivo Richard Dawkins (1976), o *meme* é compreendido como o análogo cultural do gene, pois ambos são unidades replicáveis sujeitas a processos de variação, seleção e herança, só que em esferas diferentes — uma biológica, outra cultural. Segundo Shifman (2014), o debate central na memética gira em torno do que se deve entender por “*meme*”, já que a definição original de Dawkins (1976) era ampla e incluía ideias, textos e práticas como possíveis unidades culturais. Desde então, disputas teóricas opõem concepções que tratam os *memes* como conteúdos mentais, como comportamentos observáveis, ou de modo mais amplo e inclusivo. Desta forma, a autora

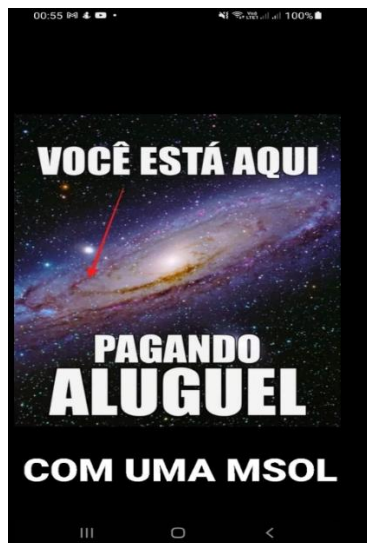
propõe entender *memes* de *internet* como: a) um conjunto de itens digitais que partilham características comuns de conteúdo, forma e/ou posição; b) produzidos levando em conta a existência dos demais; e c) circulados, imitados ou modificados *online* por um grande número de usuários. As duas imagens (Figuras 6 e 7) ilustram a noção de *meme* como unidade cultural replicável, compartilhando forma, conteúdo e consciência de séries meméticas preexistentes. Elas propagam visões de mundo e narrativas normativas ao explorar humor, contraste e hierarquias sociais em um formato pré-existente – visto que a comparação entre dois modelos do super-homem (Figura 6) assim como imagens que contrastam expectativa/realidade (Figura 7) já circulavam na *internet* antes de serem replicadas nas redes analisadas - ativando afetos que favorecem sua circulação. Conforme Shifman, funcionam como famílias de itens interrelacionados, sobrevivendo e se adaptando no ecossistema digital ao transmitir valores e antagonismos culturais.

1.2.5 Tornar-se *redpill*

“Tornar-se homem” envolve processos sociais e culturais que produzem o chamado “hábito viril”, ou seja, disposições físicas e psicológicas que preparam o menino para exercer o papel masculino na vida adulta, sem qualquer determinação biológica ou psíquica prévia” (Baubérot, 2013). O tornar-se *redpill*, nos campos analisados, emerge pela combinação entre um discurso acusatório contra as mulheres — centrado na ideia de que elas manipulam homens por dinheiro, *status* e pelas supostas “barganhas” do comportamento sexual — e a construção de uma masculinidade baseada na noção de “homem honrado”. Inspirado na oposição formulada por Kimmel (2018) entre ser um “bom homem” (honra, dever, integridade, sacrifício, provisão) e ser um “homem de verdade” (dureza, vitória a qualquer custo, riqueza, hipersexualidade), o universo *redpill* brasileiro articula simultaneamente valores familistas e modelos de dominação sexual, produzindo uma gramática híbrida de masculinidade. Assim, esse movimento de “fazer-se” acontece pela via da marginalização de outras masculinidades, que, como estratégia, assumem para si um caráter de “protesto”.

1.3 “CUIDADO COM A MSOL!”

Figura 8 - Meme sobre pagar aluguel pra mãe solteira



Fonte: Imagem do *Facebook* Red Pill Brasil (01/01/2024)

Pensem na maneira como se expressa a necessidade da criança de ter um pai. Quando o clamor do Nascimento Virgem culminou no comunicado de um caso (de Birmingham) na Câmara dos Comuns o Ministro da Saúde foi citado como tendo dito que as clínicas procuradas por mulheres que jamais haviam tido intercurso sexual deviam colocar o bem-estar do filho, isto é, a necessidade da criança de ter um pai em primeiro plano (por exemplo *Daily Express* 12/03/ 91). Em outras palavras a mãe tem de demonstrar a necessidade da criança de ter um pai. (Strathern, 1995)

1.3.1 A culpa é da mãe solteira

Figura 9 - Postagem humorística que associa mãe solteira à irresponsabilidade



Fonte: Postagem do Facebook Red Pill Brasil (15/01/2024)

Figura 10 - Postagem humorística sobre mães solteiras em aplicativos de relacionamento



Fonte: Postagem do Facebook Red Pill Brasil (20/03/2024)

As três imagens analisadas — Figura 8, Figura 9 e Figura 10 — compõem um mesmo regime discursivo de deslegitimação da maternidade solo típico de ambientes *Redpill*. Na Figura 8, o contraste entre a escala cósmica e a vida ordinária é usado como humilhação existencial do homem que vive “pagando aluguel com uma mãe solo”, convertendo a presença da mãe solo em marcador de fracasso masculino. Já a Figura 9 dramatiza a cena doméstica para atribuir à mãe solo promiscuidade, imprudência e incapacidade de gestão material do lar, produzindo uma narrativa de caos moral e econômico. Já a Figura 10 apresenta um catálogo de mulheres com filhos em

aplicativos de relacionamento como “estoque depreciado”, alinhando a maternidade solo a perda de “valor sexual de mercado”. Em conjunto, as três imagens constroem a mãe solo como sinal público de falha — econômica, afetiva e moral — e, ao mesmo tempo, como instrumento de disciplinamento de homens: não é apenas ela que é inferiorizada, mas o homem que se envolve com ela é rebaixado por associação. Assim, a depreciação da maternidade solo opera como uma tecnologia de normatização do desejo, que hierarquiza masculinidades a partir da desqualificação corpos femininos marcados pela maternidade.

Em setembro de 2018, o general Hamilton Mourão, então candidato à vice-presidência, afirmou que famílias pobres chefiadas por mãe e avó seriam “fábricas de desajustados” propensos ao narcotráfico, atribuindo à ausência masculina em periferias a origem do crime e reinscrevendo a mãe como agente causal da desordem — justificando, portanto, controle e violência estatal em nome da ordem. Tal enquadramento converge com a reação neoconservadora derivada do bolsonarismo, que recoloniza a maternidade como tecnologia de Estado: a mãe gerencia risco, protege, responde por falhas e, se falha, legitima punição (Filho & Mello, 2021). O papel materno permitiu às mulheres periféricas entrar na esfera pública e disputar direitos, influenciando a constitucionalização da família monoparental; mais tarde, sob o “lulismo”, mães tornaram-se eixo de políticas de redistribuição — como Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida — que permitiram a mulheres criar filhos com algum sustento, evitando trabalhos humilhantes (Fernandes, 2017; Klein, 2005; Sarti, 1988). Contudo, mesmo quando são centrais para o Estado social, essas mães seguem sob suspeita moral: o Bolsa Família é lido por setores conservadores como incentivo à sexualidade “irresponsável”, colocando em dúvida a legitimidade dessas mulheres e dos direitos que acessam, segundo convenções patriarcais de gênero, sexualidade e conflitos de classe (Fernandes, 2017). Assim, a reação neoconservadora não nega o papel da mãe: ela o captura, reestigmatiza e reinsere sob vigilância moral, penal e política.

Barbosa *et al* (2023) mostram que, no contexto brasileiro, o modelo vigente de parentalidade deriva de estruturas coloniais e patriarcais cristãs que naturalizam a maternidade e o trabalho de cuidados como destino feminino e conferem as mulheres casadas maior prestígio social que as solteiras, sobretudo as mães solo. Nesse sentido, a monoparentalidade feminina é mais duramente julgada porque mães solteiras rompem com o padrão patriarcal de “esposa-mãe” tutelada e submissa ao marido, inclusive no controle de sua sexualidade e confinamento à esfera doméstica. Esse estigma se intensifica quando raça, classe, idade, território e sexualidade se

articulam como eixos adicionais de opressão. De acordo com o último censo escolar do Conselho Nacional de Justiça, divulgado em 2013, há cerca de 5,5 milhões de crianças no Brasil sem reconhecimento paterno na certidão de nascimento (IBDFAM, 07/08/2019). Esses números evidenciam que o abandono paterno produz monoparentalidade compulsória, já que as mulheres acabam assumindo sozinhas os filhos deixados pelos pais; como mostra Martins (07/11/2017), em 89% dos casos a responsabilidade pelo cuidado de crianças de até 3 anos recai sobre as mães. Além de arcar sozinha com cuidado, sustento e educação, a mãe solo é cobrada a compensar a ausência paterna, o que a leva a se anular subjetivamente e a priorizar integralmente o bem-estar da criança. Essa anulação atravessa sua vida afetivo-sexual, produzindo uma solidão que relega a sexualidade ao segundo plano por dependência afetiva, constrangimentos morais e estigmas sociais. Em condições socioeconômicas precárias e desamparadas pelo Estado, mães solo — especialmente das periferias — relatam experiências marcadas por preconceito, humilhação, desumanização e solidão.

Nas análises de Fernandes (2017), mães solteiras em situação de precariedade que dependem de creches são responsabilizadas por uma sexualidade tida como “errada” e “irresponsável”, pois, diante da insuficiência material, profissionais recorrem a discursos acusatórios que vinculam comportamento sexual a expectativas maternas tradicionais, produzindo vergonha pública e um regime de cuidado que, combinando afeto e exposição, opera como um Estado “feminino” disciplinador. Com base em Brown (1992), a autora mostra que, mesmo fragmentado, o Estado mantém estrutura masculinista ao reinscrever gênero, sexualidade e reprodução como tecnologias de controle, de modo que o comportamento reprodutivo de mulheres — sobretudo negras, pobres e trabalhadoras — é narrado como ameaça à política pública, ativando formas de misoginia e racismo de Estado (Foucault, 1977; 1985). Assim, discursos de cuidado e afetividade atuam simultaneamente como apoio e coerção, revelando tensões entre amor estatal e normatividade

Costa (2025) amplia essa discussão ao evidenciar que o estigma da “má mãe” recai principalmente sobre mulheres que criam filhas e filhos sozinhas, especialmente não caucasianas, pobres, estrangeiras ou desempregadas, sendo o Direito um reforço dessa vigilância moral ao premiar condutas alinhadas à maternidade ideal e punir desvios. Esse controle tem raízes históricas: da lei inglesa do século XVII que presumia culpa de mães solteiras na morte de filhos bastardos aos mecanismos do século XX que facilitaram seu encarceramento por “imbecilidade moral”

(Smart, 1995). No Brasil, o princípio penal da culpa, dependente das características e da personalidade do agente, abre brechas para que estereótipos de gênero sejam reproduzidos (Correia, 1963; Leote de Carvalho et al., 2021), mostrando, como aponta Pizarro Beleza (1993), a urgência de teorias jurídicas efetivamente andróginas.

O discurso de culpabilização de mães solteiras aparece também no compartilhamento de um corte de vídeo do *TikTok* da influenciadora Mércia Gomes (Figura 11). Mércia se apresenta em seu perfil do *Instagram* como “uma rainha nada sutil” e “o terror da mulher moderna”. A influenciadora digital, autointitulada como “especialista em comportamento humano e sexual”, produz conteúdos que endossam e apoiam a perspectiva masculinista em diversas redes e plataformas como o *Youtube*. Nesses canais, ela divulga seu livro, chamado “Manual Antikenga”, onde garante ensinar os homens a detectarem as armadilhas do feminino, aprendendo a diferenciar uma “kenga” – em outros termos, uma “golpista” – de mulheres de valor.

O *TikTok* molda rapidamente o *feed* conforme o interesse momentâneo do usuário, identificando e repetindo temas assistidos para treinar o algoritmo e ampliar a oferta de conteúdos relacionados. Assim, funciona como um dispositivo de regulação subjetiva que intensifica dinâmicas do capitalismo digital, transformando a experiência social e reconfigurando identidades culturais (Júnior, 2025). A versatilidade em como correm os vídeos de curta duração, uma das especificidades desta rede, democratiza o processo de celebrificação, transformando pessoas comuns em influenciadoras conhecidas. Driessens (2014) define a celebrificação como o processo que transforma indivíduos em celebridades, enquanto a celebritização redefine a própria natureza da fama, democratizando seu acesso e ampliando seus efeitos sociais e culturais. Esse processo implica sua commodificação, ou seja, as “celebridades” passam a fundir o próprio trabalho com aquilo que ele produz, contribuindo para vender outras mercadorias. Tanto a divulgação segmentada quanto os impulsionamentos proporcionados por plataformas como o *TikTok*, cujos conteúdos são, por sua vez, compartilhados em outras redes sociais – tais como o *Instagram* e o *Facebook* - evidencia nichos diversos, fazendo com que pessoas comuns como Mércia se transformem em mini-celebridades digitais locais, tornando-a uma espécie de “guru” nas redes de comunicação *Redpill*.

Na maior parte de seus conteúdos, ela aparece analisando discursos de mulheres “modernas”, “feministas”, com um semblante de reprovação, e, em seguida, formula respostas a eles, se posicionando sempre de acordo com valores familiares neoconservadores. Nesse corte em

específico, ela responde a um *tweet* em que uma mulher afirma que “mulher com filho é pra homem responsável, não pra moleque emocionado”:

Figura 11 – Corte de vídeo em que Mércia Gomes culpabiliza mães solteiras



Fonte: Corte de vídeo associado ao perfil @mercia.gomees compartilhado pelo Facebook Red Pill Brasil (04/05/2024)

(...) É sim. Inclusive, cadê o homem responsável ao pai dessa criança? Ou será que a mãe foi emocionada parindo de qualquer um? Agora, pronto. Agora virou moda querer escolher o pai depois que o filho tá fora da barriga. Primeiro que mulher com filho também tem que ser responsável e não tá procurando um pai pro pacote de B.O do emocionado. Porque pra começar se não tivesse algo errado nem precisaria desse *post*. Segundo que a mulher que engravidou de forma responsável não tá fazendo propaganda dela mesma em um *post* e ofertando vale brinde. O filho dela tem pai e ela não atribui essa função a outro homem porque ou ela tá com o pai da criança ou no mínimo, ambos se respeitam. E terceiro, ninguém escolhe se afastar de uma criança se um dos maiores motivos não for a mãe que cause e às vezes o melhor a se fazer é se afastar mesmo pelo menos por um tempo, pra não viver atormentado pelo anjo que virou diabo e ainda correr o risco de ficar atrás das grades e a criança nem saber da tua existência e nem muito menos da verdade. Mas afinal, a madame aí tá com raiva de que mesmo? Todo mundo tem o direito de escolha, inclusive de escolher não criar filho dos outros. Assim como também todo mundo sabe que o filho da mãe responsável tem o pai escolhido antes de nascer e não depois disso (Gomes, compartilhado de @mercia_gomees em 04/05/2024).

A fala de Mércia Gomes opera como discurso moralizante e acusatório: parte da premissa de que a única maternidade legítima é a que ocorre dentro de relação estável com pai presente, e converte a existência de mães solo em evidência de irresponsabilidade feminina. Para isso, desloca a culpa do abandono paterno para o comportamento da mulher, apresentando a deserção masculina

como reação justificável e a busca posterior de um parceiro como oportunismo. Utilizando rótulos depreciativos e perguntas retóricas, Mércia naturaliza a assimetria de direitos, em uma fala cujo o intuito é constranger mães solteiras: homens podem escolher não assumir, mulheres não podem reconstruir vínculos sem serem moralmente invalidadas. Ao transformar um fenômeno estrutural (abandono paterno, desigualdade reprodutiva) em falha moral individual, o discurso protege a irresponsabilidade masculina e reinstala a responsabilidade exclusiva da gestação, do parto e da parentalidade nas mulheres.

Nas redes analisadas, circulam amplamente trechos de vídeos de influenciadoras conservadoras cuja presença, longe de contradizer o ambiente masculinista, funciona como legitimação da desconfiança e do ódio às mulheres, reforçando a ideia de que “até as mulheres reconhecem seus perigos”. O conteúdo de Mércia dialoga com o ideal das *tradwives* — mulheres brancas e magras que promovem nas redes um modelo de esposa dedicada ao lar e que reafirmam papéis tradicionais de gênero em contraposição às críticas feministas. Nos EUA, elas se vinculam a movimentos supremacistas brancos e antifeministas da extrema direita (Villodres, 2020), enquanto no Brasil o fenômeno emerge em 2020, durante a pandemia, expressando valores conservadores ainda que menos explicitamente politizados. A figura da *tradwife* combina dependência, moralismo e fé, sendo valorizada por honrar o marido e preservar valores tradicionais (Prado & Simões, 2025). Nesse contexto, Mércia constrói sua imagem de “mulher de valor” por meio de estética recatada e defesa da família tradicional, mas adapta essas narrativas para prescrever condutas masculinas, reafirmando a hierarquia patriarcal e a autoridade do homem no lar. Esses discursos, performativamente reproduzidos nas redes, articulam fé, virtude e submissão e reforçam a naturalização de papéis sociais tradicionais, mostrando a interseção entre mídia, moralidade e educação emocional. Embora menos politizado que o fenômeno estadunidense, o movimento brasileiro ainda sustenta estruturas patriarcais, e a atuação de Mércia evidencia como performances de gênero e moralidade podem ser instrumentalizadas para modelar a conduta masculina e consolidar normas conservadoras.

1.3.2 Divórcio: a origem do problema

A preocupação com a legislação brasileira relacionada ao divórcio aparece em um trecho no grupo do *Whatssap* em que um participante pergunta a outro – que é advogado - se vale a pena

configurar união estável, ao que ele responde:

Participante 7: Toda legislação é pra deixar a gente liso. Isso aí reforça a ideia de que casar não vale a pena, você é um cara que tem seu carro, tem tua casa... você faz as suas tarefas domésticas, ce não precisa de mulher pra nada...Então caso você se relacione com alguém até que você goste da menina você namora com ela só não configura união estável, se tu gostar muito ce namora, ce tu só gostar...tu... tu só fica pegando. O ideal é que tu fique só pegando. Agora se tu gostar muito tu namora, agora, não faça nada que configure união estável.

“Não seja um *blue pill*”, sintetiza outro participante.

A fala do Participante 7 reflete um discurso característico do imaginário masculinista, em que o homem é retratado como vítima de um sistema jurídico e social supostamente favorável às mulheres, sobretudo nas relações afetivas e familiares. Ao afirmar que “toda legislação é pra deixar a gente liso”, ele expressa a crença de que o Estado, por meio das leis de divórcio e partilha de bens, atua de forma punitiva contra os homens, associando o casamento à perda patrimonial e de autonomia. Essa percepção ignora que, desde a Emenda Constitucional nº 66/2010 e o Código Civil de 2002, a legislação brasileira visa garantir igualdade de direitos e simplificar a dissolução conjugal (BRASIL, 2002; BRASIL, 2010). No discurso *redpill*, porém, esses avanços são reinterpretados como instrumentos de “exploração” masculina, reforçando uma narrativa de guerra de gênero e desconfiança entre os sexos. Ao aconselhar que se evite qualquer vínculo que configure união estável, o participante manifesta medo da vulnerabilidade jurídica e emocional, convertendo o afeto em risco e o compromisso em ameaça.

A aversão à mãe solteira no contexto *Redpill* tem raízes no Movimento pelo Direito dos Pais – *Father's Rights Groups* (FRGs) nos Estados Unidos desde a década de 1970, que afirmava alinhar-se a causas libertadoras como o feminismo, mas buscava reverter mudanças percebidas como prejudiciais aos homens (Rosen, 2009). Inicialmente heterogêneo, o movimento pelos direitos dos pais dividiu-se entre setores alinhados ao feminismo e correntes que passaram a se opor diretamente a ele, dando origem ao Movimento pelos Direitos dos Homens. Mudanças na demografia americana, no direito de família, na economia, na tecnologia e na cultura moldaram o discurso contemporâneo dos direitos dos pais, enquanto muitos homens resistem ao feminismo por considerá-lo ameaça às suas identidades e comportamentos (Collier & Sheldon, 2006). O crescimento dos FRGs ocorre em um contexto de *backlash* cultural contra o feminismo e outros

movimentos progressistas (Faludi, 1991), em que ganhos femininos são vistos como ameaça à masculinidade. Assim, subculturas que se opõem ao empoderamento feminino mobilizam homens vulneráveis, usando noções essencializadas de gênero e a percepção de perda de poder, intensificada por mudanças econômicas e divórcios, como base para suas reivindicações (Boyd, 2014). Nesse contexto, os FRGs criticam os direitos legais das mulheres e atuam na interseção de *backlash* cultural, resistência ao feminismo e defesa de papéis de gênero tradicionais, estigmatizando mães solteiras.

O modelo patriarcal de família vigente no Brasil até o século XIX concebia o casamento como uma aliança de interesses econômicos e sociais voltada à preservação da linhagem, marcada por forte preconceito racial e com o afeto em posição secundária (Reis, 2010). Já os censos e processos jurídicos do século XX revelam uma sociedade em que as práticas familiares frequentemente escapavam aos marcos legais, com expressiva presença de mulheres como chefes de família e uniões pouco formalizadas. Os conflitos conjugais evidenciam relações de desigualdade, nas quais os homens possuíam maior liberdade para abandonar o lar, enquanto as mulheres arcavam sozinhas com a manutenção da casa e dos filhos. Embora muitas buscassem afirmar sua autonomia por meio de fugas, ações judiciais ou resistência à violência, continuavam submetidas a restrições legais e morais que limitavam suas possibilidades de ação (Fonseca, 2004). Diniz (2018), em sua pesquisa sobre o grupo interfamiliar do projeto Justiça Educativa, destaca que o divórcio é permeado por tensões entre os papéis parentais socialmente esperados e as emoções geradas pela separação, frequentemente resultando em litígios. Nessas situações, as emoções expressam tanto experiências conjugais quanto expectativas sociais e subjetividades individuais, configurando um elemento central das práticas relacionadas ao rompimento conjugal. Assim, embora os bens materiais possam ser utilizados como instrumentos de poder e manipulação emocional, o fator econômico não se mostra determinante, funcionando apenas como um dos múltiplos elementos que atravessam as dinâmicas do divórcio litigioso.

Elias (1993) entende o medo como um meio pelo qual as estruturas sociais se internalizam no indivíduo, funcionando como instrumento de controle e transmissão de valores e normas. A cautela aconselhada pelo participante 6 expressa o temor em relação a aquilo que o autor caracterizou como um dos “medos modernos”, relacionados à pobreza. Coelho & Rezende (2010) mostram que a partir da modernidade, o medo aparece vinculado a percepções de perigo e risco que ameaçam o indivíduo — sua integridade física, sua autoimagem ou seu *status* social —, bem

como certos grupos. Tais percepções são construções históricas e sociais, de modo que o medo se configura também como uma resposta socialmente regulada diante de situações consideradas ameaçadoras. No caso, teme-se a queda no poder aquisitivo em decorrência da perda do patrimônio pelo divórcio. O autocontrole emocional se desdobra assim como prática de prevenção, em que “estar sozinho” torna-se uma opção favorável na medida em que a *Redpill* prega uma moralidade de autossuficiência. O temor ao prejuízo financeiro é também à perda de prestígio, de modo que os ideais almejados em torno do casamento e a consolidação de uma família tornam-se ameaçados pelas “golpistas”. A autonomia, exemplificada pela posse de bens materiais e o conhecimento de atividades de cuidado doméstico, ilustram como o domínio da emoção surge como reafirmação de autossuficiência, expressando-se em demonstrações de poder em contextos em que a autoridade masculina se encontra ameaçada.

O homem “*bluepill*” é, por oposição tratado como fraco e submisso. Nesse contexto, ser “homem de verdade” implica reafirmar o controle sobre as mulheres e rejeitar qualquer comportamento que denote afeto ou vulnerabilidade. O participante 7 reforça essa lógica ao associar o envolvimento afetivo ao “prejuízo financeiro” e ao propor a agressividade como ferramenta de poder, naturalizando a violência como expressão legítima de masculinidade.

1.3.3 Pode bancar a Msol?

O advogado, então prossegue, articulando, dessa vez, prejuízo financeiro e sexo:

Participante 7: A vida vai exigir que a gente na pista tenha que pagar o jantar, tenha que pagar o lanche, os caralho... o prejuízo financeiro é sempre do homem. Cara... eu não vou julgar se você vive assim até porque se você não fizer isso você não tem sexo. Agora, pagar coisas pessoais da mulher como roupa, maquiagem, cabelo, unha... aí tu tá sendo otário, po. Só a gente sabe o que já passou com fêmea. Eu sou casado, mas dou a lição nela toda semana. Eu tenho *kit bdsm*. Quando ela fica de graça eu prendo ela. Pego o cinto. Bato com força. Agressividade é a chave aprenda.

Participante 8: Rapaz desde que tá faltando mesmo hoje a nossa cidade homem como nós que batemos e botamos ordem nas mulheres que merecem, o mundo deveria ser como antigamente o homem tem atitude de ser homem e não ser homem efeminado e frescalho.

Participante 7: Igual eu... to pegando a MSOL... sexo bom e pá... as vzs vou lá pago um jantar pra ela, tenho sexo garantido... Mas aí por exemplo, a gente vai sair... ela quer levar o filho... só que eu não vou pagar pro filho dela... Só que aí

abusivas porque todas as suas atividades dependem do consentimento explícito entre os participantes, é isso que distingue o sadomasoquismo de atos criminalizados (Zilli, 2009). Cabe ressaltar que a defesa pela despatologização de práticas de BDSM foi uma das pautas da terceira onda do feminismo, quando também se questionava a proibição da prostituição. Mais uma vez, o discurso é subvertido e reapropriado suavizando uma violência “justificada” pela desobediência através do humor.

Ao se gabar de suas conquistas e disponibilidade de parceiras, o participante ganha então respeito diante do grupo – mentir, manipular e usar mulheres é sinônimo de superioridade. Parte dessa performance envolve “não mandar a *pill*” – isto é, não dizer os verdadeiros motivos pelos quais ele recusa a presença da criança nas saídas em casal. Ser “mãe solteira”, torna-se uma marcação por oposição a mulheres de valor, casta e virginal, de tal forma que são aceitas relações puramente utilitárias, uma vez que a ausência de envolvimento afetivo confere controle ao homem. O auto-respeito é reafirmado na medida em que as relações são tomadas mais como uma troca do que uma entrega – presumida em atos como assumir relacionamento sério e consolidar uma família com filhos que não sejam seus. A simples presença da criança é uma afronta a sua virilidade, ela é uma lembrança de que aquela mulher já teve outros parceiros, desafiando a fantasia de uma suposta “soberania” sobre a sua sexualidade.

A partir de Goffman (2014), a conversa revela uma dinâmica de encenação interacional em que os participantes disputam prestígio por meio de performances de masculinidade que demonstram controle, desapego e poder sobre mulheres. O Participante 7 tenta manter uma “face” valorizada ao narrar sua relação com a MSOL como uma troca instrumental, apresentando-se como alguém que domina a situação e evita qualquer compromisso afetivo, o que lhe rende risadas e validação do grupo. Essas reações funcionam como marcas de deferência que confirmam a eficácia da performance, reforçando a ordem ritual da interação. Quando o advogado intervém afirmando ter esposa, duas namoradas e duas ficantes, ele eleva o padrão de virilidade exibida e recebe admiração, reposicionando a hierarquia momentânea. Assim, o grupo estrutura-se por uma lógica em que a “boa performance” masculina é premiada, reproduzindo o que Goffman descreve como processos de manutenção da face e competição por *status* na vida cotidiana. Historicamente, a sexualidade também reflete hierarquias masculinas, pois homens com maior poder social e econômico obtêm acesso ampliado a múltiplas mulheres, utilizando a dominação sexual como afirmação de *status* (Illouz, 2012).

Illouz (2012) mostra que, em contraste com o século XIX em que o ritual de cortejo atribuía maior vulnerabilidade emocional aos homens, no século XX, a indiferença masculina é naturalizada e até mesmo, valorizada. A autora argumenta que a liberdade sexual contemporânea, marcada por autonomia e pela “pornificação” cultural, convive com a ideia de que a fuga do compromisso é um problema masculino, o que gera um pânico moral e alimenta um mercado de conselhos sobre homens emocionalmente indisponíveis. Nesse cenário, surgem explicações populares, como aquelas ancoradas na psicologia evolucionista, em que a masculinidade é tomada como naturalmente promíscua pois a lógica evolutiva priorizaria a disseminação do esperma em vez do cuidado com os filhos. Essa visão faz com que os adeptos da *Redpill* sintam-se justificados em relações utilitárias com mulheres, visto que a popularização da psicologia evolucionista é um dos pilares que deram origem a racionalidade *Redpill*.

1.3.4 Ideais de maternidade e paternidade

Para alguns membros, existem, contudo, algumas exceções dentro das maternidades solo que seriam dignas de amor, como pode ser percebido no relato do participante 3, em um outro momento em que os participantes discutem sobre valer a pena ou não se relacionar com mães solo:

Participante 3: Antigamente até poderia valer a pena...minha mãe por exemplo, foi mãe solteira por um tempo... mas ela é de família, de respeito, de valor...hoje em dia não vale mais a pena mais não. Aguentou muito o meu pai... meu pai não era um santo... muito bravo e arrogante... já foi militar, já trabalhou de motorista de carro forte... meu pai era muito bravo... sabe o cara que é todo assim, alinhado? Meu pai quando tava perto parecia quartel de exército. Meu pai também falava coisas horríveis, chamava ela de lata de lixo... que não valia nada... e também eu não vou dizer assim, o homem não precisa ser assim também... aí chega uma hora que a pessoa cansa, e é... de fato.

“Pode crer, cara... sei como é... minha família é pulso forte também.”, compartilha outro participante. O participante 3 acrescenta: “Aí eu percebi que quando eu ficava perto dele eu também ficava assim, arrogante... agente tenta fazer diferente mas muitas vezes acaba repetindo.” O diálogo expressa uma ambivalência característica de discursos *Redpill*, em que a violência ora é interpretada como justa, ora como negativa – como no caso de lembranças familiares, em que a violência é dirigida à mãe do participante. O participante 3 distingue entre “mães solteiras de valor” e aquelas que “não valem a pena”, reproduzindo a ideia de que o valor feminino se dá a partir da

obediência, da pureza e da capacidade de suportar o homem, mesmo diante de agressões. A mãe, embora vítima de um pai violento e autoritário, é apresentada como símbolo de respeito e sacrifício, reforçando a ideia de que o sofrimento feminino confere dignidade. Ainda que o participante 3 demonstre consciência do ciclo de repetição, sua reflexão permanece presa ao imaginário que associa masculinidade à dureza e feminilidade à resistência silenciosa.

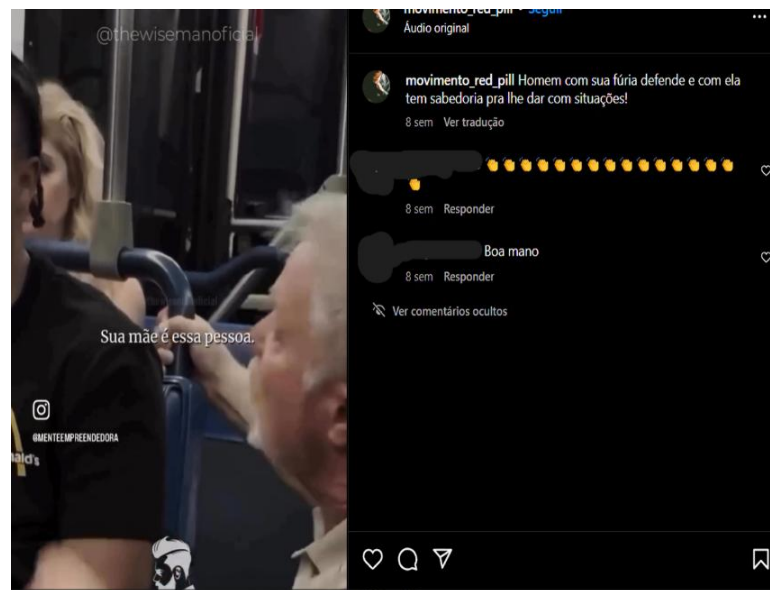
A ideia de que o sofrimento dignifica a figura da mãe pode ser identificada no culto cristão à figura de Maria, mãe de Jesus. A mariologia, formulada por teólogos celibatários, constrói Maria como uma mãe idealizada que escapa ao sofrimento considerado inevitável às demais mulheres, reforçando uma hierarquia moral que desvaloriza sexualidade, corpo e maternidade comuns. Ao afirmar que Maria concebeu sem prazer e deu à luz sem dor, essa teologia projeta um olhar que a purifica enquanto transforma o sofrimento feminino em marca de punição e impureza (Heinneman, 1996). Apesar de sua importância como matriz humana do catolicismo, Maria não é vista como divina em si mesma, mas apenas em relação a Deus. Além disso, seu corpo é sacrificado pela ortodoxia cristã, assim como sacrifica o de Cristo, a fim de elevá-la ao plano espiritual superior do Pai (Perez-Gil, 2011). Considerando a vasta disseminação de valores cristãos expressos em diversos momentos por esse mesmo sujeito no grupo, torna-se bastante conjecturável que sua interpretação sobre a maternidade seja atravessada por valores religiosos. O sofrimento de sua mãe, nesse sentido, confere uma adequação aos papéis de gênero dentro dos ideais cristãos ortodoxos, visto que sua pureza que a marca como exceção é justificada por seu sacrifício.

A ambiguidade com que o participante toma os ideais de masculinidade associada à força e a virilidade reflete sua angústia frente à incerteza sobre o que entende por se posicionar como homem no mundo. Ele reconhece a influência de seu pai sobre seus comportamentos, ao mesmo tempo que não o toma como um “norte” sobre o tipo de homem que busca ser, denotando um certo grau de culpa ao se perceber agindo de forma “arrogante” tal como sua figura paterna. Sua fala mostra que masculinidades são aprendidas por contágio emocional, convivência e incorporação de estilos afetivos, mais que por normas abstratas. Nesse processo, arrogância e dureza tornam-se modos de estar no mundo que organizam relações familiares e se consolidam como modelos masculinos. Ao rejeitar o comportamento paterno, mas ainda assim repeti-lo, o participante revela a ambiguidade entre honra e vergonha analisada por Wikan (1984), que não funcionam como categorias opostas universais, mas como forças morais que perpassam como o indivíduo se enxerga e como ele é enxergado pelos outros. A autora argumenta que enquanto a “honra” raramente é um

conceito vivido de forma espontânea, a “vergonha” tem sua proximidade da experiência cotidiana de forma variada conforme fatores como região, sexo e classe. A vergonha manifesta por sua arrogância coloca em conflito aquilo que o participante compreende como “honra”, de tal forma que ambas as categorias se confundem diante das dissonâncias entre como ele se vê e como é visto pelos outros – ora por sua própria mãe, ora por outros *redpills*.

A valorização da figura materna é observada também no compartilhamento de um corte da conta do *Tiktok* @menteempreendedora na página do *Instagram* (Figura 12). Nela, um homem intervém em o que parece ser uma discussão entre mãe e filho, após presenciar o adolescente se comunicando de forma ríspida. O homem se apresenta, pergunta o nome do rapaz, e então começa a lhe dar uma lição de moral:

Figura 12 - Corte de vídeo em que senhor dá lição de moral sobre respeitar a mãe a um jovem no ônibus



Fonte: Corte de vídeo compartilhado da página @menteempreendedora associado ao perfil @thewisemanoficial compartilhado na página do *Instagram* movimento_red_pill (30/11/2024)

Por que você está desrespeitando a sua mãe? E se você nunca mais tivesse a chance de ligar pra sua mãe? Ah, você não se importaria... não se importa? Deixa eu te dizer garoto: Sua mãe sempre estará lá pra você, Seja você um adolescente de 12, 19, 29, 49... Enquanto ela tiver viva ela vai te proteger e ninguém mais vai fazer isso por você. Ninguém! Você acha que sua esposa... sua namorada vai? Não vai! Me diga uma pessoa que faria isso por você agora... Quem? Ninguém. Sua

mãe é essa pessoa. Experimente isso: tente não falar com sua mãe por um único dia. Meu Deus, como eu queria ter minha mãe comigo. Eu gostaria de poder dizer a ela o que eu... Como eu queria poder dizer a ela o quanto ela significava pra mim, e tudo o que fez por mim enquanto crescia. Eu não tive pai. Como eu queria abraçar minha mãe e simplesmente dizer: eu te amo. Deus, cara, o que há de errado com o mundo hoje? Você não faz ideia do quanto é abençoado por tê-la. Vá agora e dê um abraço dela... e diga o que ela precisa ouvir de você. (30/11/2024, trad. @menteempreendedora)

A situação acontece aparentemente em um metrô no Estados Unidos – visto que as pessoas no vídeo se comunicam em inglês. O homem se volta ao garoto aos gritos, de maneira acusatória. Ao final do corte o jovem se mostra arrependido, abraçando sua mãe. Os demais passageiros do ônibus então aplaudem. Suas palavras expressam culpa, idealização e ameaça de perda, em que a maternidade é compreendida como sinônimo de amor incondicional e eterno. Ao sacralizar a mãe como única fonte legítima de afeto e proteção, reforça-se um ideal de maternidade-sacrifício típico de sociedades patriarcais, no qual a mulher é posicionada como recurso emocional inesgotável, responsável por acolher e sustentar o homem independentemente das circunstâncias. A oposição entre a figura da mãe (boa, pura, protetora) e as mulheres no campo romântico, sugere que esposas e namoradas não ofereceriam o mesmo cuidado, sugerindo uma desconfiança generalizada das mulheres, sustentada por um imaginário misógino que distingue “mulheres de valor” de “mulheres comuns”. Ao combinar testemunho pessoal traumático, moralização e sentimentalismo, seu discurso, além de infantilizar o homem, transforma o afeto em obrigação moral, invisibilizando possíveis situações ambivalentes, de abuso ou maus-tratos.

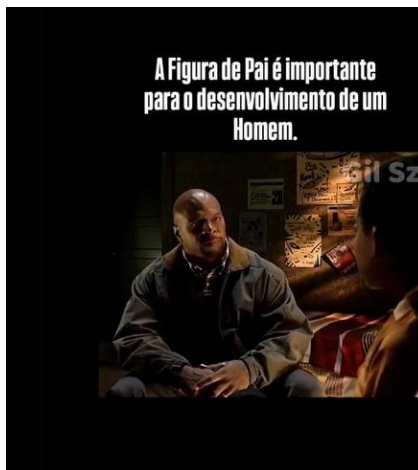
Sua nostalgia em relação a própria mãe faz com que ele tenha de pausar em determinado momento para conter suas lágrimas. A tristeza se converte em indignação diante de uma situação externa, fazendo com que ele projete em um desconhecido as lições que ele gostaria de ter recebido, considerando que “lições de moral” concedidas por pessoas mais velhas a pessoas mais jovens se baseiam, principalmente, em suas próprias experiências de vida. Sua crença no amor maternal como algo universal e incondicional faz com que ele presuma que o adolescente estivesse tratando sua mãe com ingratidão. Badinter (1985) mostra que o “amor materno” não é um instinto natural, mas uma construção histórica que se consolida entre os séculos XVIII e XIX por meio de discursos médicos, moralistas e políticos preocupados com a população e a moral burguesa. Nesse processo, a maternidade é transformada em dever feminino e o cuidado materno passa a ser idealizado como destino obrigatório das mulheres.

Em sua pesquisa em um vilarejo no Nordeste brasileiro, Mayblin (2012) percebe que, na América Latina, a maternidade é associada a um *status* social que exige elevado respeito, de modo que, mesmo em situações informais, filhos e filhas costumam dirigir-se à mãe no registro mais formal e, muitas vezes, espera-se que peçam sua bênção ao vê-la pela primeira vez no dia. Em troca, a “boa mãe” deve nutrir e proteger seus filhos com um amor profundo e uma capacidade ilimitada de autossacrifício. Apesar de as experiências e sentimentos ligados a matinar e ser matinado variarem amplamente, chama atenção que o discurso dominante sobre a “boa mãe” sustenta um ideal altamente específico, que pressupõe laços afetivos intensos e permanentes entre mães e filhos, independentemente de idade ou gênero. Nesse imaginário, a morte da mãe é frequentemente lembrada como o evento mais doloroso da vida, e pessoas cujas mães faleceram há muito tempo ainda expressam, com forte emoção, a falta que sentem delas.

Considera-se que o amor materno é espontâneo e não motivado por interesses mundanos: a mãe não ama o filho pelo *status* ou riqueza que ele possa trazer, mas por ele ser parte da criação divina, o que sustentaria a ideia de que ela ama todos os filhos igualmente ao longo do tempo. Essa constância está ligada à noção de que o amor materno é indiferente ao valor, devendo abarcar, sem distinção, filhos bons ou maus, belos ou feios, inclusive aqueles vistos socialmente como criminosos ou fracassados — ainda que, na prática, mães façam distinções entre seus filhos. Um terceiro elemento associado a esse ideal é a crença de que o amor materno possui capacidade criativa, conferindo valor e formando adequadamente as pessoas, de modo que aqueles que crescem privados desse amor originário tendem a ser alvo de suspeita e especulação. Esse amor, construído como “incondicional” encontra ressonância na concepção cristã de Ágape – o amor altruísta e incondicional, que se doa sem esperar retorno – naturalizando o amor maternal como expressão do divino (Mayblin, 2012).

O ódio à mãe solteira perpassa em como os *redpills* compreendem o papel dos pais: a paternidade, por sua vez, é vista como um lugar de transmissão de ensinamentos sobre a masculinidade articulada a ideais de força e honra. A figura e a presença do pai no desenvolvimento de seus filhos é valorizada, como pode ser visto em um outro compartilhamento do *Instagram* (Figura 13) que consiste em um compilado de recortes os *sitcoms* “Um maluco no pedaço”, “Eu, a patroa e as crianças” e “Todo mundo odeia o Chris”, com o intuito de ilustrar a premissa de que “A figura de Pai é importante para o desenvolvimento de um Homem”:

Figura 13 - Compilado de cortes de *sitcoms* sobre paternidade



Fonte: compartilhamento de vídeo associado ao canal Gil Sz pelo Instagram movimento_red_pill (03/12/2024)

Os três *shows* se aproximam por estruturarem seu humor em torno da vida de famílias afroamericanas e por usarem o cotidiano como espaço de aprendizado moral. Em todos, as relações entre pais e filhos funcionam como o eixo narrativo: conflitos, regras, expectativas e diferenças geracionais geram tanto humor quanto reflexões. Embora variem no tom, cada episódio tende a oferecer uma “lição”, seja de responsabilidade, amadurecimento ou convivência, articulada de modo leve ou crítico. Os recortes envolvem trechos em que os personagens que são figuras paternas dão lições sobre masculinidade a seus filhos, associando-as a valores como honra, dedicação, autonomia e persistência em seus objetivos.

Buscando compreender as representações de paternidades em veículos midiáticos, Berry (1992) compara dois personagens que são pais de família, ambos de *sitcoms* que também retratam o cotidiano de famílias afroamericanas. Após empreender uma pesquisa para avaliar se jovens negros consideravam tais representações fidedignas, a autora conclui que a experiência real dos jovens pesa mais do que a televisão na forma como eles compreendem masculinidades e figuras paternas. Por isso, muitos associam o “pai forte” ao uso de punição física, autoridade rígida e controle doméstico, especialmente em famílias de baixa renda e classe trabalhadora, onde a paternidade costuma ser marcada por disciplina dura e pouca convivência. Assim, a televisão não seria univocamente responsável por criar esses modelos; mas reforçaria padrões já presentes no cotidiano. Os presentes recortes podem ser interpretados sob à luz do trabalho de Berry, visto que os *shows* adotam um formato bastante similar daqueles analisados pela autora: a paternidade é

tomada como um lugar de transmissão de valores como honestidade e disciplina.

A reorganização dos papéis de gênero no interior das famílias produziu um novo modelo de paternidade que enfraquece o papel tradicional do pai na construção da masculinidade e substitui a antiga autoridade distante por uma presença mais afetiva. A figura do “novo pai”, que ganha força a partir dos anos 1970, amplia o envolvimento emocional dos homens com os filhos, mas também dilui a especificidade masculina no âmbito doméstico. Paralelamente, o aumento dos divórcios e a priorização da guarda materna contribuíram para tornar a presença paterna mais rarefeita, sobretudo em famílias monoparentais. Nesse cenário, a formação da identidade masculina já não se apoia na figura paterna como referência de virilidade, levando os jovens a construir seus próprios modelos de masculinidade de forma mais autônoma (Baubérot, 2013). O enaltecimento da figura paterna em seu papel da transmissão de virtudes masculinas contidas no imperativo de “ser homem”, pode ser lido nos espaços *redpill* justamente como uma reação à perda do poder masculino na esfera familiar.

O discurso antigênero no âmbito familiar não é direcionado apenas a uniões homoafetivas – mas também aos supostos “perigos” das famílias monoparentais. Mais que expressar a nostalgia por um modelo familiar nuclear, o conteúdo do vídeo objetiva a crítica às famílias chefiadas por mães solteiras, cuja autonomia é vista como afronta. Camilo (2023) mostra que o discurso familista, que une masculinistas e políticos neoconservadores, consiste na transferência de responsabilidades do Estado – como educação, auxílio financeiro e demais serviços sociais - para o âmbito privado. Ao naturalizar o modelo de família conjugal, o neoconservadorismo moral é utilizado para justificar a retirada de serviços públicos voltados às famílias que desviam dessa norma. A mãe solteira se torna, assim, o bode expiatório de disputas políticas em que o pânico moral é instrumentalizado a favor do avanço da iniciativa privada, justificando o sucateamento de serviços públicos que promovem políticas sociais voltadas à maternidade.

1.3.5 Necessidade de pais!

A hostilidade *redpill* à “mãe solteira” pode ser analisada à luz da reflexão de Marilyn Strathern sobre como, na tradição euro-americana, sexo, reprodução e parentalidade foram historicamente pensados como inseparáveis. No imaginário *redpill*, a mãe solo encarna precisamente a ruptura que Strathern identifica: ao desvincular a maternidade da relação sexual

com um homem — seja por escolha, separação, abandono ou tecnologias reprodutivas — ela ameaça um modelo cultural que legitima o pai apenas pela sua participação sexual na concepção. Por isso, a “msol” torna-se alvo de duplos controles: é culpabilizada pela ausência de um homem (como se sua família fosse anômala) e tem sua sexualidade vigiada e moralizada, pois sua autonomia desestabiliza a lógica que associa maternidade à conjugalidade heterossexual. Assim, a violência simbólica contra mães solo não se explica apenas por misoginia, mas pela defesa de um regime euro-americano de parentesco que, como destaca Strathern (1995), depende da ligação entre sexo e filiação para a manutenção da autoridade masculina.

1.4 TRAIÇÃO E HIPERGAMIA FEMININA: O FANTASMA DA HUMILHAÇÃO

Figura 14 - Postagem que desmoraliza mulheres por suas experiências sexuais anteriores

“O meu passado não importa”

O tal passado:



Fonte: postagem do *Facebook* Red Pill Brasil (24/10/2024)

(...) Tanto na história ocidental quanto na não ocidental, a ideia de honra é marcada pelo gênero. O uso de expressões consagradas sugere isso: “um homem de honra” é muito mais comum do que “uma mulher de honra”. É mais provável que as mulheres sejam descritas como “castas” e que se comportem “com recato” (...) Antigamente, dizia-se que os homens tinham honra, enquanto as mulheres tinham senso de vergonha. Os homens eram responsáveis pela honra da família e a representavam perante o mundo. Já as mulheres, como seres sexuais, eram vistas como ameaças em potencial (Wikan, 2008, P.49, Trad. minha)

1.4.1 A mulher é a origem do mal

De acordo com o dicionário “*r/theredpill*” a hipergamia é definida como

A tendência instintiva das mulheres de buscar o melhor alfa disponível. Isso se manifesta por meio da maximização da rejeição (portanto, as mulheres seriam o gênero seletivo). Uma mulher avaliaria seu ‘alfa’ por meio de vários *shit tests* para garantir a sua ‘saúde’ na escala alfa. Ela seria condicionada a reconhecer um alfa em declínio, já que a hipergamia também tende a continuar buscando homens de *status* mais alto mesmo quando ela já está com um alfa. Os *shit tests*¹² permitiriam que ela se preparasse para eventualmente partir quando encontrasse um homem de *status* mais elevado. Se o homem falhar nesses testes em um grau suficiente, isso afetará os sentimentos dela por ele. Ele, assim, reduzirá o seu valor no mercado sexual aos olhos dela. Isso a permitirá passar para o próximo homem com facilidade e com pouca culpa. (*R/THEREDPILL*, 06/12/2025, Trad. minha)

A concepção de hipergamia, tão propagada entre a manosphere, implica que mulheres buscariam “o melhor alfa disponível”, por necessidades evolutivas – a busca por um “melhor parceiro” é explicada por necessidades físicas ligadas à reprodução, ancorada, principalmente em deturpações de pesquisas antropológicas, da biologia e da psicologia evolucionista. A “dominância”, que caracteriza as masculinidades “alfa” seria constantemente testada por formas de comunicação indireta – chamadas por eles de “*shitests*” (testes de merda). Decorre disso que, se mulheres estão “naturalmente” inclinadas a se atraírem sexualmente por homens de *status* cada vez mais elevados, todos os homens estão, em maior ou menor nível, sujeitos à serem substituídos – essa busca não cessa, mesmo em relacionamentos. Homens alfa, por sua vez, seriam homens de alto valor no mercado sexual, homens socialmente dominantes, considerados atraente a mulheres – seja por demonstrações de força, alto poder aquisitivo, aparência física ou traquejo social (*r/theredpill*, acesso em: 06/12/2025).

O termo hipergamia vem do grego *hyper* (“acima”) + *gamos* (“casamento”) e passou a ser usado no século XIX para descrever, em sociedades estratificadas como as de castas na Índia colonial, o casamento de mulheres com homens de *status* social superior. Trabalhos antropológicos como os de Mohanadoss (1995) apontam a hipergamia como um mecanismo de reprodução das hierarquias de casta e de prestígio, articulando ideologias religiosas e práticas sociais que reforçam desigualdades estruturais. Almas *et al.* (2020) por sua vez, mostram que a hipergamia permanece

¹² “Uma frase ou pergunta feita para questionar seu nível de traços alfa”, (*R/THEREDPILL*, acesso em: 07/12/2025)

um elemento central nos padrões conjugais noruegueses, revelando que homens tendem a apresentar maior capacidade de renda que suas parceiras e que essa assimetria contribui para a vulnerabilidade econômica feminina ao longo da vida adulta. Embora ambos os estudos abordem o fenômeno da hipergamia, nenhum deles a toma como algo “natural” ou “pré-disposto” geneticamente, mas como consequência de desigualdades estruturais entre homens e mulheres.

A imagem que abre o capítulo (Figura 14), mostrando um carro abastecido por várias bombas junto à frase “o meu passado não importa” contrastando com “o passado dela”, funciona como metáfora visual para ridicularizar a liberdade sexual feminina, reforçando a lógica, típica da mansfêra, de que mulheres com múltiplos parceiros teriam menor “valor” para relacionamentos sérios e que sua sexualidade exacerbada seria estrategicamente orientada à busca de provedores. Esse tipo de humor transforma a sexualidade feminina em diagnóstico moral, ao contrário da antropologia, que compreende a hipergamia como prática situada e não como essência universal do comportamento feminino. Bachaud & Johns (2023) mostram que essa leitura se articula à hipótese ancorada na psicologia evolucionista sobre a “estratégia de acasalamento duplo”, segundo a qual mulheres ancestrais supostamente manteriam um parceiro provedor enquanto buscariam outros com “genes superiores” (Weisenberg, 2021). No entanto, essa hipótese carece de base empírica robusta: estudos que alegavam mudanças cíclicas de preferência apresentam falhas metodológicas significativas (Wood, 2014; Penton-Voak; Gillespie; Perret, 2013), e pesquisas mais rigorosas não replicam tais efeitos, inclusive revisando meta-análises anteriores (Gildersleeve; Haselton; Fales, 2014; Stern; Gerlach; Penke, 2020; Stern; Kordsmeyer; Penke, 2021). Somadas às evidências antropológicas que demonstram grande diversidade cultural nos arranjos afetivo-sexuais, essas críticas indicam que a hipótese opera menos como explicação científica do comportamento feminino e mais como narrativa ideológica que naturaliza concepções essencialistas sobre a sexualidade feminina.

No Brasil, apesar da relativa mobilidade financeira, com muitas mulheres chefiando sozinhas seus lares, a combinação entre menor renda média em relação aos homens (IBGE, 2024) e menor inserção formal no mercado de trabalho (RASEAM, 2025) aumenta significativamente seus riscos de vulnerabilidade econômica, sobretudo entre as famílias de baixa renda, onde essa responsabilidade é ainda mais concentrada (SERASA, 2024). Aqui, a busca por homens de maior poder aquisitivo em alguns contextos pode ser inscrita na combinação entre a dependência financeira e a argumentação religiosa. Tendo em vista que a moral disseminada por igrejas

evangélicas, especialmente as pentecostais, combinam a valorização de papéis tradicionais de gênero com teologias da prosperidade, sua presença significativamente maior entre as classes intermediárias-inferiores (FGV, 2011) pode indicar um nexos que mistura circunstâncias reais com explicações punitivas, concebendo a sexualidade feminina como inerentemente “profana” de tal forma que o casamento e a submissão são tomados como meios de redenção.

A influência do discurso religioso na construção do argumento de que mulheres são inerentemente más surge em uma conversa em uma manhã de segunda-feira, quando o participante 3 propõe a reflexão: “As vzs eu fico pensando e se o homem não tivesse criado a mulher e se o homem nao pecase sera que os homens seriam como anjos? Deus fez o homem a sua imagem e semelhança”. O participante 2 então fala sobre a predestinação:

Participante 2: Deus criou a mulher para ser auxiliar do homem, que colocou a árvore da vida do bem e do mal para que o ser humano se mostrasse digno pra viver com ele , mas como eles não passaram na prova infelizmente a humanidade acabou caindo por causa de Eva

Participante 3: Então já que tudo é predestinado, eu acredito que se Deus não tivesse colocado Eva, talvez uma possibilidade pequena o homem poderia pecar como a mulher pecou. Mas claro, a culpa foi gerada pela própria mulher.

A conversa evidencia como narrativas teológicas são mobilizadas para justificar a inferiorização de mulheres em grupos *Redpill*. Os participantes interpretam a criação de Eva e a queda da humanidade de forma a atribuir a culpa à mulher, enquanto idealizam o homem como moralmente superior. Mesmo quando surge a hipótese de que o homem poderia pecar, a responsabilidade ainda recai sobre Eva, sugerindo desconfiança sobre mulheres em relações interpessoais. A idealização masculina junto à culpabilização feminina são sustentadas pela narrativa bíblica, e, ainda que o participante admita que o homem poderia ter pecado como a mulher pecou, concebendo a “queda da humanidade” como uma predestinação, a culpa é ainda engendrada pela mulher. Considerando que em Gênesis, Adão e Eva sentem-se envergonhados por estarem nus após Eva ter consumido o fruto proibido, é possível entrever como o discurso culpabilizatório se entrecruza com pedagogias sobre a sexualidade no contexto em que se manifesta. Enquanto o homem é articulado ao divino, o corpo feminino representa o profano. A tentação de Eva pode ser lida como uma transgressão da razão divina e, por consequência, a degradação do homem pelo desejo.

Eva, criada a partir de um fragmento de Adão, representa o modelo feminino permitido pelo padrão ético judaico-cristão: submissa e voltada ao lar. Deus autorizou o homem a comer todas as frutas do jardim, exceto uma, e Eva transgrediu essa interdição, resultando na perda da imortalidade e transformando os humanos, antes puros, em seres mortais e impuros. Pela mulher, toda a humanidade ficou exposta ao pecado e à ação dos demônios perversos, tornando o feminino associado à perversão: ao pecar, a mulher faz pecar o homem, e seu corpo foi teologicamente definido como evocação do diabo, sendo considerado ao mesmo tempo pobre e perverso (Wandermurem, 2007). A construção bíblica sobre o feminino, quando articulada com o argumento masculinista acaba por legitimar a desconfiança em relação a todas as mulheres: se até mesmo a submissa Eva foi capaz de pecar, então o que poderá se dizer das outras? Logo, na machosfera brasileira, o essencialismo religioso se manifesta como um dos eixos argumentativos para a cautela recomendada em relação a mulheres.

Isso é também evidenciado pela presença de personalidades populares do universo neopentecostal nas redes observadas. No que tange a percepção de que mulheres são inerentemente perversas, destacam-se cortes de entrevistas com Sarah Sheeva. Sheeva é uma pastora que tornou-se figura pública no universo pentecostal brasileiro, conhecida por manter convicções rigorosas de fé e por afirmações polêmicas como a de se manter por mais de 25 anos sem beijos ou relações sexuais (Oglobo, 01/04/2025). Abandonou sua carreira artística como figurinista e *backing vocal* desde sua conversão ao cristianismo em 1997, quando passou a dedicar-se integralmente ao ministério evangélico e à música gospel. É autora de livros voltados à espiritualidade e relacionamentos, como “Defraudação Emocional” e “Onde Foi Que Eu Errei?,” sendo também criadora do Culto das Princesas, voltado para mulheres solteiras, defendendo abstinência sexual, santidade e autovalor antes do casamento. Por se alinhar a valores também defendidos pelos masculinistas, sua presença é bem quista nesse cenário virtual, já havendo concedido entrevistas para o *podcast RedCast* (10/12/2024; 24/02/2025), conhecido por entrevistar figuras públicas que compartilham dos ideais *Redpill*. Nesse corte (Figura 15), compartilhado no *Instagram*, ela alerta os homens sobre os perigos do feminino:

Figura 15 - Entrevista em que Sarah Sheeva diz que mulheres não são confiáveis



Fonte: corte de entrevista com Sarah Sheeva associada ao perfil @redcastcortes compartilhada no *Instagram* movimento_red_pill (26/10/2024)

O homem valoroso, que realmente vale a pena o que ele mais se importa o que ele mais procura numa mulher é que ela seja de confiança. É lealdade. E essa lealdade é um negócio que o cara não tem como obrigar porque ou a mulher é ou ela não é, é aí que tá o problema. Porque muitos caras eles subestimam o perigo... Quando eu falo mulher é bicho ruim eles subestimam o perigo... Muitos homens eles pensam assim: não, como mulher não é igual a gente né, que a gente não pode ver um corpinho... mulher é mais auditiva... mais precisa de carinho, isso a gente paga. Cara, não se engane, não se engane, não se engane... Cara, a mulher pode virar no Jiraya do dia pra noite. Cê tá na maior roubada da sua vida. Então, assim, a verdade qual é: a verdade é que não tem atalho. Você quer construir um relacionamento, faça a rota de amizade, faça primeiro um coleguismo, começa o processo de amizade em primeiro lugar, conheça o caráter antes do primeiro beijo. (Sheeva, postagem do dia 26/10/2024)

Sheeva enfatiza a importância da lealdade e confiança feminina para homens “de valor”. Segundo ela, um homem valoroso busca em uma mulher essas qualidades que devem emergir de seu caráter, atribuindo à mulher a responsabilidade ética pela manutenção da confiança no vínculo. Sheeva alerta para a suposta imprevisibilidade feminina, ao afirmar que “a mulher pode virar no Jiraya do dia pra noite” fazendo referência ao personagem do folclore japonês e do anime *Naruto*, conhecido tanto por sua astúcia e habilidades de combate quanto por seu comportamento

irreverente e imprevisível. Considerando a ampla intersecção entre a manosphere e o universo *geek*¹³ a escolha da metáfora pode ser interpretada como uma estratégia comunicativa de aproximação. Sheeva reforça estereótipos de instabilidade emocional e potencial manipulação feminina, propondo como solução um caminho estruturado para relacionamentos: amizade, coleguismo e conhecimento do caráter antes do primeiro beijo, alinhando-se à sua defesa da abstinência sexual e preparação espiritual. Do período cristão ao século XVIII, a visão sobre a sexualidade feminina mudou de uma ideia de maior inclinação ao excesso para a crença de que as mulheres eram naturalmente capazes de resistir à tentação sexual (Illouz, 2012). Ao afirmar que homens são naturalmente leais e mulheres imprevisíveis, a pastora desnaturaliza aspectos da sexualidade feminina ao mesmo tempo que usa essa desconstrução para sustentar que mulheres que adotam comportamentos sexuais semelhantes aos dos homens tornam-se pouco confiáveis.

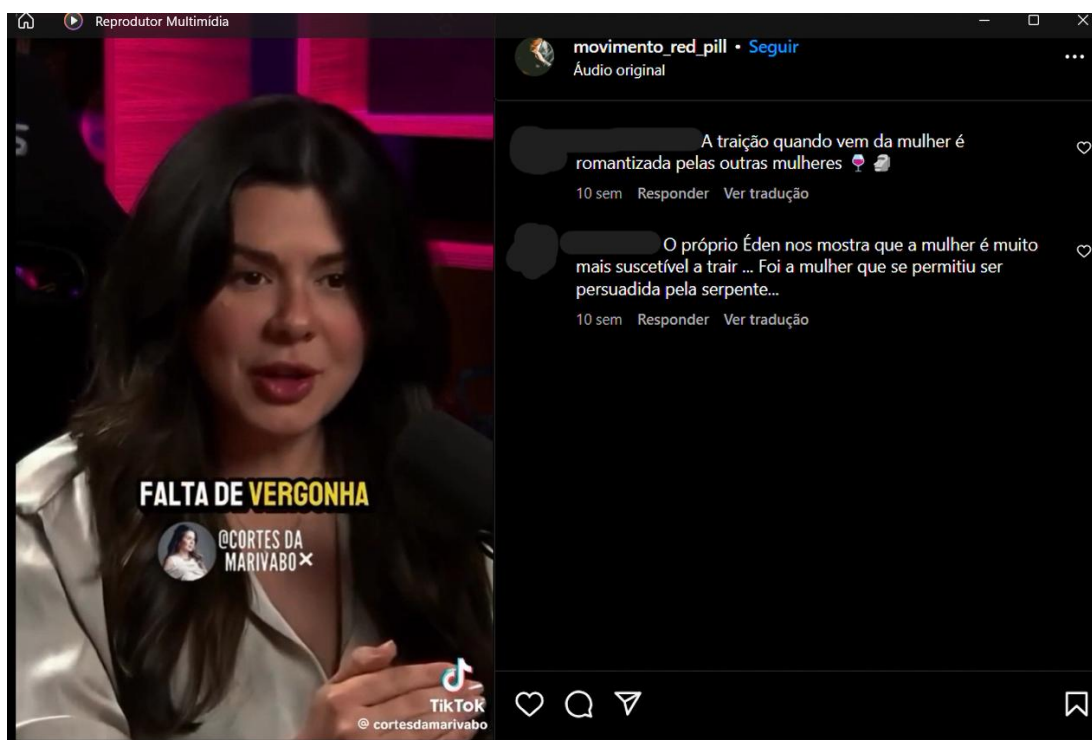
O Culto das Princesas, coordenado por Sarah Sheeva, orienta mulheres evangélicas solteiras a adotarem um modelo normativo de feminilidade — a “princesa” — em oposição à “cachorrete”, reforçando a honra como reguladora moral da pureza sexual e da abstinência feminina (Hortelan, 2020). Essa separação entre mulheres “santas” e “putas”, além de se aproximar dos discursos *redpill*, ecoa a tradição judaico-cristã que, desde o celibato, consolidou a feminilidade como perigo espiritual e incentivou práticas formativas que afastavam seminaristas das mulheres (Ranke-Heinemann, 1996). As religiões judaico-cristãs sacralizam códigos que apresentam a mulher como moralmente frágil e subordinada, reforçando a autoridade masculina no lar e o poder androcêntrico expresso tanto na representação masculina da divindade quanto na predominância masculina nos cargos eclesiásticos. Nesse contexto, discursos evangélicos que tratam o casamento como missão divina favorecem a permanência em relações abusivas, enquanto culpa e vergonha funcionam como mecanismos de controle que naturalizam a violência e ampliam o sofrimento emocional das mulheres (Nunes & Souza, 2025). Por fim, a ideia de que mulheres são intrinsecamente desleais leva homens a se perceberem como vítimas, legitimando práticas de controle reforçadas tanto por masculinidades *redpilladas* quanto por *influencers* conservadoras.

Mari Vabo é uma influenciadora e mentora de relacionamentos brasileira, conhecida por seus perfis no *Instagram* e *YouTube*, onde oferece conselhos sobre conquista, dinâmica de gênero e masculinidade tradicional. Fundadora de programas como “Academia Dominante / Instinto Primitivo”, ela alega orientar milhares de seguidores sobre estratégias para conduzir

¹³ Nagle (2017); Massanari (2017); Marwick; Lewis (2017); Salter; Blodgett (2017); Ging (2019).

relacionamentos, enfatizando valores como confiança, lealdade e avaliação do caráter feminino antes do envolvimento afetivo. Com cerca de 920 mil seguidores, seu conteúdo atrai público interessado em sedução e papéis tradicionais de gênero, gerando críticas por promover uma visão hierárquica e conservadora das relações entre homens e mulheres.

Figura 16 – Corte de vídeo de *coach* de relacionamentos acompanhado de comentários que atribuem maior propensão feminina à traição



Fonte: Corte de vídeo associado ao perfil @cortesdamarivabo compartilhado pelo Instagram movimento_red_pill com comentários de usuários (22/11/2024)

Mulher trai demais gente, tem muita mulher traindo. Tá super normal, você vê conteúdo na *internet* o povo falando de traição quando é a mulher que fala sobre traição tá tudo bem, ela teve motivo... o cara era um cachorro que mereceu ser traído. Se o homem traiu? Canalha. E eu não to dizendo que traição é certo pra ninguém. Só que é aquela coisa de... passar mão na cabeça de fêmea, de mulher... pra essas coisas que são falta de vergonha na cara...E pro homem, não. E eu não to dizendo que tem que passar na do homem, mas não tem que passar pra ninguém, ninguém... É uma loucura isso. Por isso que eu to falando que mulher tá traindo muito... porque a mulher tem a justificativa, entende...É difícil isso... Só que ao mesmo tempo mulher tolera muito melhor a traição quando ela é traída. Estatisticamente tem muito mais mulher que aceita ser traída do que o homem aceitar a traição...É porque mulher tem uma inclinação à paixão muito grande.

(Vabo, compartilhade de @cortesdamarivabo em 22/11/2024)

A fala da influenciadora junto aos comentários da imagem mostram a intersecção entre o discurso *coach* com moralidades cristãs (Figura 16). Mari Vabo argumenta que a traição feminina é socialmente tolerada e até justificada, enquanto a traição masculina é rigidamente sancionada, atribuindo à mulher uma suposta “inclinação à compaixão” e capacidade de perdoar. Os comentários na postagem reforçam essa visão, sugerindo que a traição feminina é romantizada entre mulheres e associando a suscetibilidade feminina ao pecado original, como no relato bíblico do Jardim do Éden, em que Eva teria se deixado persuadir pela serpente. Assim à mulher são atribuídas, simultaneamente a fragilidade ética, tolerância e o perdão, enquanto o homem é percebido como menos sujeito a justificativas – ora pelo universo *coach*, ora pela moralidade neopentecostal. Em ambos os casos, ocorre a vitimização masculina e a generalização de comportamentos de gênero.

A percepção de MariVabo sobre o mundo “passar a mão na cabeça das fêmeas”, pode ser entendida como um recorte situado, dado que, com os avanços em relação aos direitos das mulheres e a popularização do feminismo, a cultura *pop* contemporânea tende a complexificar a traição feminina. Séries, filmes, revistas de fofoca e *realities* por vezes têm retratado a infidelidade das mulheres como um reflexo da busca por autonomia e conflitos emocionais, enquanto a infidelidade masculina segue mais naturalizada, frequentemente tratada como padrão estrutural ou até cômico. Se, por um lado, tais representações acabam por essencializar comportamentos de gênero, de outro, a dor feminina passa a ser politizada, com o questionamento de normas que regulam desejo, gênero e sexualidade. Considerando que os dados revelaram que boa parte do conteúdo *Redpill* se volta a comentar sobre notícias envolvendo pessoas famosas, frequentemente como recurso vexatório contra mulheres, torna-se conjecturável que o embasamento da influenciadora se ancore em universos localizados – especialmente entre mulheres que gozam de maior prestígio social, características que poderiam vir a suavizar as retaliações pela traição.

1.4.2 O estigma de corno

Figura 17 - Postagem humorística que associa homens que reatam relacionamentos com a ideia de corno



Fonte: Postagem compartilhada do perfil @OverdosePagode pelo *Instagram* movimento_red_pill (30/11/2024)

Figura 18 - Postagem que ridiculariza homens que escolhem perdoar traição



Fonte: Postagem do grupo do *Facebook* Red Pill Brasil (01/05/2024)

A figura do “corno” surge nas redes de forma humorística, por vezes em conotação de humilhação – especialmente entre os homens que decidem perdoar traições. A traição é considerada algo imperdoável, de tal forma que aqueles homens que optam por dar continuidade ao relacionamento após a traição femininas são vistos como “menos homens”, dignos de vergonha.

As duas imagens (Figura 17 e Figura 18) usam humor e exagero para criticar narrativas comuns da *Redpill* nas redes sociais. A primeira, mostra um boi deitado com a frase “Voltamos, pô! Dessa vez as coisas vão ser diferentes”, ironizando ciclos de relacionamento ou comportamentos repetitivos — a ideia de sempre voltar para a mesma situação acreditando que agora será melhor, mesmo sem mudança real. Já a segunda faz referência direta ao discurso *Redpill* sobre traição e desconfiança conjugal, sugerindo que relacionamentos são inevitavelmente prejudiciais, e o homem que não se mantém vigilante sobre a sexualidade de sua parceira será inevitavelmente traído. A comparação entre o amante e o marido, como pode ser percebido na segunda imagem, reforça a conotação de humilhação e o senso de competitividade entre os homens.

Na sociedade brasileira, a traição masculina costuma ser vista como algo “natural”, enquanto o homem traído é estigmatizado e culpabilizado pela infidelidade da esposa. No discurso *Redpill* isso é parcialmente invertido: embora sustente-se a concepção de que homens são mais propensos a agir a partir de seus desejos sexuais, a traição é vista como parte da natureza feminina, pois, como foi demonstrado no tópico anterior, as mulheres seriam mais propensas ao “mal”. Na pesquisa de Goldenberg (2010) sobre traição entre casais de classe média no Rio de Janeiro, homens traídos são frequentemente vistos como incapazes de satisfazerem ou controlarem suas esposas. Ser “corno” equivale, portanto, a ser visto como um “frouxo” ou “broxa”. Seu campo demonstrou que, entre os homens que foram traídos, alguns compreendiam racionalmente os motivos que levaram as esposas ao ato — como a falta de atenção, frequentemente relatada pelas entrevistadas como um dos motivadores — mas que prefeririam não saber. Assim, a autora chama de “fidelidade paradoxal” a contradição que emerge nos depoimentos masculinos: a fidelidade é valorizada mesmo por quem admite ser infiel. Ao mesmo tempo, a fidelidade é tratada como uma ilusão desejada — sabe-se que a infidelidade é provável, mas prefere-se acreditar no contrário. Desta forma, parecer fiel e sustentar a crença na fidelidade acaba sendo mais importante do que não trair.

O trabalho de Fonseca (2000), realizado na Vila São João, indica que o adultério feminino é visto como relativamente comum e, em geral, impune, convertendo o “fantasma dos cornos” em uma acusação dirigida sobretudo contra o marido, mais ridicularizado do que a mulher é desmoralizada. A suspeita permanente faz com que um homem possa ser considerado “corno” até pelos relacionamentos posteriores da ex-esposa, como se a infidelidade sempre tivesse existido ou como se ela o tivesse deixado por alguém “melhor”. Esse temor se intensifica em contextos de

instabilidade social e econômica, nos quais a fidelidade feminina é associada à capacidade masculina de prover conforto material. O medo do ridículo reforça mecanismos de controle e enclausuramento das mulheres e sustenta o papel do homem como vigilante e “protetor do lar”. Paradoxalmente, quando ocorre a transgressão feminina, o maior estigma recai sobre o homem, que tende a sofrer em silêncio para não assumir publicamente a humilhação. A mulher, por sua vez, recebe menos censura direta no cotidiano. Fofocas, piadas e acusações operam como instrumentos de sanção sobre a imagem pública masculina. Essa dinâmica revela uma assimetria em que a honra do homem se mostra mais vulnerável ao julgamento social. Bezerra & Pereira (2016) demonstram que a mídia digital amplia esse processo ao transformar o “corno” em figura cômico-violenta recorrente. O espetáculo midiático reforça simbolicamente a dominação masculina ao mesmo tempo em que expõe sua fragilidade. Identidade e diferença surgem como categorias interdependentes nesse circuito, de modo que o ideal do “homem macho” funciona como padrão de aceitação social. Já a diferença, encarnada no “corno”, aciona a ridicularização. Essa figura passa a ser lida como emocionalmente frágil. Por fim, tal fragilidade é frequentemente associada ao feminino, reafirmando hierarquias entre os homens por associação.

As pesquisas contribuem para desmistificar a concepção de um “complexo mediterrâneo” (Fonseca, 2000, P. 159) que governaria a hierarquia sexual entre os casais latino-americanos. A noção de honra vinculada à sexualidade das mulheres – cuja vergonha recairia frente à desonra provocada pela traição –, herdada no Brasil pela tradição ibérica, não se traduz em uma realidade unificada em todos os contextos – assim como o estereótipo do homem “viril” e da mulher “submissa”. Tais contribuições tornam-se também úteis para se pensar as especificidades locais pelas quais a *Redpill* passa a ser entendida por seus seguidores como uma reação legítima: se em determinados cenários o estigma existe, a revolta torna-se aparentemente “justa”. Por outro lado, a ridicularização em torno da figura do corno serve como uma espécie de “dispositivo pedagógico” que, contraditoriamente, reproduz a mesma noção de desonra que se visa suprimir: perdoar uma traição equivale não apenas a perder o respeito das mulheres, mas também de outros homens. Um “homem de valor”, portanto, jamais deve perdoar uma traição. Essa temática surge em uma discussão no grupo de *Whatsapp*, após o compartilhamento de um trecho de uma entrevista com o psicólogo Marcos Lacerda, concedida ao canal “Plugado Podcast” (Figura 19):

Figura 19 - Corte de vídeo de Marcos Lacerda sobre amor próprio



Fonte: Compartilhamento de trecho de vídeo de entrevista com Marcos Lacerda concedida ao *podcast* “plugado *podcast*” no grupo de *whatssap* (2024)

Se eu disser assim... “Despreze ele que ele virá atrás de você”. Talvez... mas há pessoas que se forem desprezadas vão embora. Eu, por exemplo sou uma dessas pessoas, ainda que isso me custe, ainda que isso me doe profundamente. (...) Compreendo que as pessoas podem não me querer, tudo bem, isso não é um problema. Agora, você só não me querará uma vez! (...) (Lacerda, 25/12/2022)

Marcos Lacerda é um psicólogo clínico brasileiro, criador e apresentador do canal “Nós da Questão” no *YouTube*, onde usa sua experiência para democratizar a psicologia, oferecendo reflexões sobre emoções, relacionamentos e qualidade de vida para um público amplo, somando milhões de inscritos. Além de seu trabalho no canal, Lacerda também é autor de livros sobre temas como amor próprio e relações humanas, propondo-se a ajudar as pessoas a se desenvolverem emocionalmente. Ainda que o conteúdo do psicólogo não dialogue em si com o universo *Redpill*, a popularização do discurso psicológico, voltado ao desenvolvimento de auto-estima e habilidades interpessoais circula entre os grupos, suscitando opiniões entre os membros:

Participante 5 : É por isso que eu digo meu mano, mulher que vacila comigo não tem segunda chance. Talvez no vocabulário de alguns pode existir a segunda e a terceira chance, mas lembre-se, passou da terceira chance é coisa de corno.

O Participante 3 concorda: “Eu sigo o mesmo pensamento do vídeo sabe “vc só não me quererá uma vez” acho que se vc correr atrás e tentar, é ser um cara emocionado”. O participante 5 então acrescenta: “Exato. É por isso que eu falei na minha opinião nós não devemos dar segunda chance para elas, vacilou O problema foi delas não nosso”.

O discurso de Marcos Lacerda enfatiza a auto-preservação emocional e o estabelecimento de limites, defendendo que a rejeição pode ser aceita sem perseguição ou insistência, em nome da dignidade e da autoestima. Sua proposta original está ligada ao desenvolvimento pessoal, à autonomia afetiva e ao manejo saudável da frustração nos relacionamentos. Contudo, quando esse enunciado circula em espaços associados ao pensamento *Redpill*, ocorre um deslocamento de sentido: a ideia de limite individual transforma-se em norma coletiva de conduta masculina. O que era cuidado de si passa a funcionar como estratégia de afirmação identitária. A recusa em “dar segunda chance” deixa de ser escolha subjetiva e vira regra moral compartilhada. Nesse contexto, insistir é associado à fraqueza emocional, enquanto o distanciamento é visto como força e superioridade. Surge também uma moralização da reciprocidade, em que o erro feminino é tratado como falha definitiva. O vocabulário empregado revela preocupação com honra, *status* e ridicularização pública. O medo de ser visto como ingênuo ou humilhado orienta a rigidez das respostas afetivas – há sobretudo, um temor em ser “emocionado”. Assim, o discurso psicológico perde parte de seu caráter terapêutico e ganha função disciplinadora. O resultado é a incorporação de noções de autoestima a uma lógica de vigilância emocional.

Partindo da análise de Gregori (1993), o excerto apresentado pode ser compreendido como uma forma de queixa masculina, ainda que não se organize em torno do sofrimento explícito, mas da antecipação da culpa e da humilhação. Os participantes constroem uma narrativa em que o “vacilo” feminino é exteriorizado como causa exclusiva do conflito, isentando o eu narrador de qualquer responsabilidade. Tal como a estrutura discursiva da queixa descrita por Gregori, a averiguação interna é mínima e não se orienta para a autocrítica, mas para a legitimação de uma posição moral: o problema “foi delas, não nosso”. O movimento predominante é o da exteriorização e da culpabilização do outro, acompanhado por uma forte preocupação com a preservação da “superioridade” masculina, visível na busca pelo distanciamento identitário de categorias como “corno” e “emocionado”. Diferentemente da confissão, não há interiorização nem expiação, mas a construção de uma posição que busca o compartilhamento de estratégias emocionais frente à rejeição. Nesse sentido, ocorre uma institucionalização informal da queixa: ela deixa de ser apenas

um relato situado e passa a funcionar como princípio disciplinador das condutas afetivas masculinistas. Assim como em Gregori, o ritmo narrativo acumula argumentos e exemplos que, somados, produzem um quadro totalizante de um sofrimento não declarado que se converte em contenção emocional.

1.4.3 A decepção amorosa

Um outro participante intervém na conversa, de tal forma que o assunto passa a caminhar para o dilema emocional entre desejar um relacionamento e buscar a autonomia afetiva:

Participante 9: Isso É Verdade Porém O Problema Nisso É Um Seguinte, Se O Relacionamento For A Curto Prazo, Tudo Bem, Vc Consegue Esquecer a Pessoa, Mas Se For Um Relacionamento A Longo Prazo, Exemplo, Casamento, Aí Fica Difícil Lidar Com Isso, Você Acostuma Com A Pessoa... Gera Conexão, Etc... Infelizmente Não Mandamos Nos Nossos Sentimentos Senhores *emoji triste*

Participante 3: Concordo mano mas pra ser sincero me acostumei tanto a morar só que acho que não acostumaram com viver com outra pessoa. Pra eu morar junto eu teria quer gostar bastante dela mas é algo bem difícil sabe agente vai amadurecendo.

Participante 9: E é difícil você falar que não vai se relacionar porque a gente não manda no nossos sentimento, As Vzs Vc Acaba Gostando De Uma Mulher, Porque Afinal Somos Homens, E Tudo Virá Uma Bola De Neve. Isso É Bom. Pelo Menos Você Não Fica Correndo atrás de mulher, Como Certos Amigo Que Conheço Que Morava Sozinho.

Participante 3: É verdade agente não manda nisso *emoji surpreso*. Verdade não vale a pena ta fazendo isso correndo atrás de uma e de outra. Agente cria uma proteção, né, um medo de apanhar de novo. Mais o amadurecimento é bom pra não levar algo com uma mulher pro emocional.

A conversa evidencia uma zona de ambivalência emocional, na qual o dilema entre apego e autonomia afetiva é explicitado de forma relativamente vulnerável. Diferentemente das falas mais rígidas centradas na recusa e na culpabilização feminina, os participantes reconhecem limites subjetivos do autocontrole emocional, afirmando que “não mandam em seus sentimentos”, especialmente em relações de longo prazo marcadas por convivência e conexão. Ainda assim, essa abertura é rapidamente reabsorvida pela retórica da autoproteção disciplinada, na qual o amadurecimento emocional é redefinido como capacidade de conter o envolvimento afetivo e evitar a dependência. O “morar sozinho” e a dificuldade de coabitar reaparecem como signos de autonomia e fortalecimento do eu, funcionando como capital moral masculino. A vulnerabilidade é, portanto, autorizada apenas quando enquadrada como etapa de um aprendizado que culmina na

blindagem emocional. O medo de “apanhar de novo” opera como justificativa legítima para a construção de defesas afetivas, enquanto o investimento emocional excessivo é desqualificado como imaturidade. Assim, mesmo quando sentimentos são reconhecidos como inevitáveis, o grupo reinscreve essa experiência em uma pedagogia moral que valoriza o distanciamento, o controle e a não centralidade das mulheres na vida emocional masculina.

Segundo Scabello (2006), a noção de “dupla moral”, caracterizada pela convivência entre o enaltecimento do individualismo e a valorização da conjugalidade, permite compreender a persistência dos efeitos do ideal de amor romântico na contemporaneidade, ainda que sob novas configurações. A ampliação da liberdade de escolha nas relações afetivas, embora associada à valorização da autonomia individual, contribuiu simultaneamente para o enfraquecimento dos vínculos emocionais, intensificando experiências de isolamento e solidão. Nesse sentido, o amor romântico não teria desaparecido, mas passado por um processo de reconfiguração, articulando-se a novas formas de pensamento e de comportamento social. No caso das traições femininas, a autora aponta a racionalização como um mecanismo de defesa mobilizado por homens traídos, permitindo a restauração da honra masculina por meio da recuperação da autonomia, frequentemente simbolizada pelo rompimento com a mulher adúltera. Em diálogo com essa perspectiva, Hooks (2004) argumenta que o medo de expor a vulnerabilidade leva muitos homens a se apegarem às próprias estruturas patriarcais que os oprimem, exigindo a supressão das dimensões emocionais como condição para a manutenção da autoestima. A retirada dos relacionamentos aparece, assim, como uma forma de auto-cuidado, de modo que, ainda que o descontrole das emoções seja admitido, ele não deve se converter em ação, especialmente quando essa ação implica a demonstração pública de vulnerabilidade, como no ato de “ir atrás” de mulheres.

Esse temor em relação à condução do amor à infelicidade, também pode ser visto em uma postagem do *Instagram* (Figura 20), compartilhada do perfil “@negociosmilionariosbr” em que uma cobra aparece disfarçada de aliança, sob a legenda “Estar sozinha(o) é ruim, mas estar com a pessoa errada pode ser o fim da sua vida”:

Figura 20 - Postagem motivacional sobre estar sozinho



Fonte: imagem compartilhada do perfil @negociosmilionarios br pelo Instagram movimento_red_pill (18/10/2024)

A imagem representa o relacionamento afetivo como uma ameaça potencial à integridade masculina, sugerindo que “estar com a pessoa errada” pode ser mais destrutivo do que a solidão. O anel, tradicionalmente associado ao compromisso e à conjugalidade, aparece como uma armadilha que aprisiona uma serpente, metáfora clássica do perigo, da traição e da falsidade, reforçando a ideia de que a união amorosa — especialmente com mulheres — traria riscos ocultos. Nesse enquadramento, o casamento ou o vínculo afetivo é ressignificado não como espaço de cuidado ou reciprocidade, mas como dispositivo de perda de autonomia, sofrimento e ruína existencial. Tal leitura repercute a lógica *Redpill* de desconfiança do amor romântico e das relações heterossexuais, nas quais a mulher é frequentemente construída como agente de ameaça moral, emocional ou material. A solidão, ainda que reconhecida como negativa, é apresentada como opção racional e segura frente ao risco de envolvimento, reforçando valores de autossuficiência, controle emocional e retração afetiva. Assim, a imagem se configura como um artefato pedagógico do imaginário *redpill*, normalizando o afastamento relacional como estratégia de autopreservação masculina.

Imersos na lógica competitiva do trabalho, muitos homens passam a interpretar qualquer

cobrança vinda de suas parceiras como uma espécie de traição. Com frequência, sentem — ou dizem a si mesmos — que todo o esforço profissional que fazem não é por ambição própria, mas em benefício da esposa e dos filhos. Logo, costumam esperar que suas parceiras assumam o trabalho emocional que sustenta sua vida profissional, mas se ressentem quando são convidados a se abrir afetivamente, preferindo fingir que dominam situações emocionais que mal compreendem. Assim, escondem um medo profundo de sentimentos e conflitos pessoais atrás de uma postura racional e distante. Defendendo-se com a própria lógica, a racionalidade torna-se um escudo para que consigam efetivamente ignorar suas feridas internas, visto que são associadas à fraqueza (Seidler, 1989). O temor em permitir que emoções mais suaves venham à tona, envolve, sobretudo, a perda de controle sobre si mesmos, representado aí pela possibilidade de terem suas vidas destruídas por uma “golpista”. Como mostra Seidler (1989) essa combinação de negação deliberada e medo do âmbito pessoal acabou se tornando um traço marcante da masculinidade contemporânea, que ensina os homens a vincular sua identidade e seu valor sobretudo ao desempenho no espaço público e profissional. O que se pode constatar é que, em espaços redpillados, é assumido o potencial devastador que a emoção pode vir a ter sobre os homens, associado direta ou indiretamente ao prejuízo financeiro – dado sua associação a canais voltados para mentorias de empreendedorismo e investimentos.

A associação de desilusão amorosa e prejuízo em outros aspectos da vida aparece novamente em um vídeo compartilhado no *Facebook* do canal do @chanda_cast (Figura 21):

Figura 21 - Corte de vídeo motivacional sobre términos de relacionamentos



Fonte: Corte de vídeo associado ao perfil @chanda_cast compartilhado no grupo do facebook Red Pill Brasil (21/05/2024)

Quando uma pessoa errada sai da tua vida, nos primeiros momentos parece que uma cratera abre-se sobre os teus pés e o mundo desaba. Mas quando tu te desapegas e comesças a ver as coisas como realmente são e não como tu gostarias que elas fossem além de tu perceberes que a pessoa é tão comum quanto qualquer outra a tua vida destrava e comesças a prosperar em várias áreas tanto profissional quanto financeiramente. Distante daquela pessoa que envolvia-se com várias outras lá fora, carregando pra tua vida um turbilhão de energias pesadas e negativas, abalando seu emocional, desordenando o teu espiritual. Pessoal, relacionamento é sobre paz. Se não estás a sentir isto, tem alguma coisa muito errada aí. Não negocie jamais os seus valores, as suas crenças, a sua paz. O preço que se paga sobre isso é infinitamente alto. (Chanda, compartilhamento do canal @chanda_cast, 21/05/24)

Bivar Chanda é empreendedor e criador de conteúdo, reconhecido por idealizar e apresentar o Chanda Cast, voltado a discussões sobre relacionamentos, comportamento humano e desenvolvimento pessoal. Divulgado principalmente em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, o projeto aborda vivências afetivas e dinâmicas sociais sob uma perspectiva motivacional. As informações públicas sobre ele concentram-se em sua atuação como empresário e comunicador digital, havendo poucos dados biográficos amplamente difundidos. Em seus conteúdos, destaca-se a associação entre frustração amorosa e prejuízo financeiro ou estagnação pessoal. A narrativa sugere que a “pessoa errada” gera impactos emocionais, espirituais e econômicos negativos, em sintonia com discursos do universo *Redpill*. O término é apresentado como ponto de virada capaz de destravar prosperidade profissional e financeira. Elementos como “energias negativas” e “valores inegociáveis” revelam a fusão entre espiritualidade difusa e ética individualista típica da autoajuda digital. A ideia é a de que relacionamento deve significar paz reforça uma lógica de autopreservação. Constrói-se, assim, uma oposição entre caos afetivo e sucesso produtivo. O discurso oferece uma promessa de controle e ascensão como recompensa pelo distanciamento emocional.

A fala do criador de conteúdo pode ser lida como um “regime emocional” (Reddy, 2004) que prescreve como interpretar o término amoroso: a dor é reconhecida apenas como reação inicial legítima, mas deve ser rapidamente convertida em desapego cognitivo, reavaliação moral da parceira e, por consequência, a reorganização produtiva da própria vida. Trata-se de um enquadramento que redefine sofrimento como erro de percepção — apego a uma imagem idealizada — e institui a lucidez como virtude emocional superior, favorecendo uma maior

autogestão das emoções. Ao associar libertação afetiva a prosperidade profissional e financeira, o discurso transforma o rompimento em oportunidade de reestruturação material e subjetiva. Nesse ponto, Boltanski e Chiapello (2005) ajudam a compreender como valores como autonomia, autenticidade e autossuperação são incorporados como imperativos morais compatíveis com a racionalidade neoliberal. A “paz” deixa de ser apenas estado afetivo e torna-se critério de gestão eficiente de si, enquanto a ruptura é ressignificada como investimento no próprio capital emocional e econômico. Assim, Chanda não apenas consola, mas ensina um roteiro emocional legítimo: sofrer brevemente, reinterpretar moralmente a relação, cortar o vínculo e converter a energia antes “desordenada” em produtividade e ascensão.

1.4.4 A violência como resposta

Figura 22 - Cena do filme Cidade de Deus



Fonte: Postagem do grupo do Facebook Red Pill Brasil (04/11/2024)

Figura 23 - Comentários de usuários com apologia ao feminicídio



Fonte: Postagem do grupo do *Facebook* Red Pill Brasil (04/11/2024)

O *print* (Figura 22) compartilhado no grupo do *Facebook* faz referência à cena extraída do filme *Cidade de Deus* (2002) em que a mulher de Paraíba – um dos homens mais velhos associados ao crime organizado no Rio de Janeiro – recebe dicas de outra moradora da periferia sobre como melhorar sua vida sexual. A moradora então sugere que ela peça ao marido para inserir uma banana em sua genitália enquanto ele a penetre “por trás” – uma alusão ao sexo anal – objetivando alcançar o orgasmo através da dupla penetração. A personagem, sentindo-se inibida a pedir ao marido violento que realize suas fantasias sexuais, decide fazê-las com seu amante, “Marreco” – integrante do “trio ternura”, assaltantes da primeira geração do crime na favela “Cidade de Deus”. Após ser pega em flagrante no ato sexual pelo marido, a esposa de Paraíba é assassinada por ele a pauladas com uma pá de construção. Os comentários (Figura 23), além de moralizarem a conduta das personagens como “depravação total” celebram a morte violenta da personagem feminina, referindo-se a ela vexatoriamente como “meretriz”, sendo seu corpo categorizado como “profano”. O propósito do filme, que é retratar a violência estrutural vivida pelos personagens, é deslocado para um julgamento moral centrado na sexualidade da mulher adúltera. Desta forma, a brutalidade que o filme expõe como problema social é reinterpretada como espetáculo punitivo desejável, sendo justificado por sua conduta sexual. A articulação entre a cena e os comentários revela, portanto, o uso de narrativas complexas do cinema nacional para legitimar a apologia ao

feminicídio nas redes *Redpill*, transformando personagens ficcionais em alvos de um ódio que se estende as mulheres reais que traem seus parceiros.

Buscando entender o ciúme como uma emoção inscrita em uma gramática cultural, expressa por sentidos diversos que se manifestam em particularidades, Guimarães & Zanello (2024) ancoram-se em uma leitura antropológica, que compreende o ciúme como um sentimento moral que, segundo Rezende e Coelho (2010), expressa a relação íntima do sujeito com a alteridade. Assim, as autoras constatarem que, em uma cultura sexista e patriarcal, as sociabilidades e moralidades moldam a forma como homens lidam com suas emoções, articulando o ciúme a padrões de masculinidade marcados por disputas de poder, negação da vulnerabilidade e tentativas de controle sobre as mulheres. A categorização do corpo feminino como “profano” por sua conduta sexual, e, portanto, digno de violência, ressoa com os achados de Díaz-Benítez (2019), cuja observação de relações românticas entre ex-atrizes da indústria pornográfica com seus maridos é marcada por insultos e humilhações, justificadas por seu passado “promíscuo”. O ciúme como manifestação de impotência narcísica (Guimarães & Zanello, 2024) se desdobra por vezes em violências, motivadas tanto por uma necessidade de reafirmar o controle sobre corpos femininos, como sustentar uma posição de superioridade viril em relação ao amante – visto como “rival”.

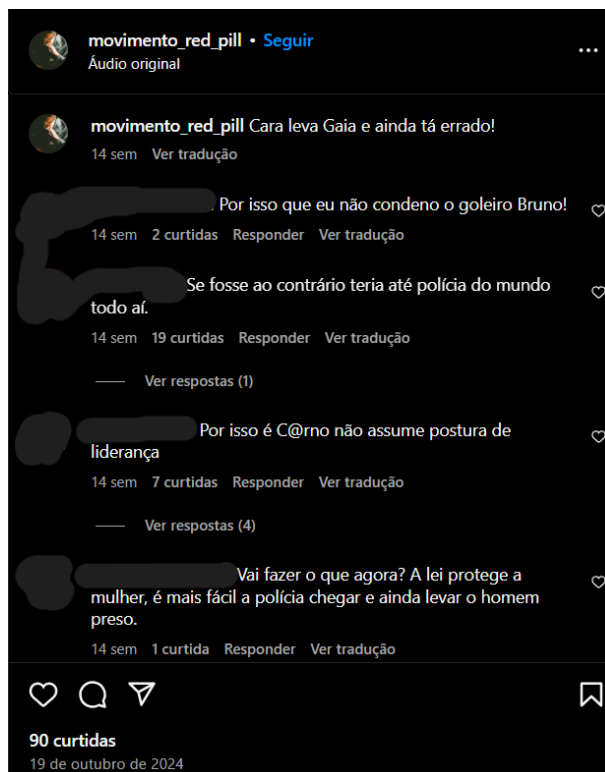
A apologia à violência de gênero surge em uma postagem do *Instagram* que suscita reações de vitimismo e indignação frente à uma situação em que uma mulher supostamente adúltera teria destruído os pertences de seu parceiro:

Figura 24 - Corte de vídeo em que mulher destrói pertences de seu parceiro após traí-lo



Fonte: Corte de vídeo associado ao perfil Buriticupu em Alerta compartilhado pelo *Instagram* movimento_red_pill (19/10/2024)

Figura 25 - Comentários em que usuários se vitimizam



Fonte: Postagem do *Instagram* movimento_red_pill (19/10/2024)

O vídeo (Figura 24), compartilhado de uma página do *Instagram* voltada a noticiar acontecimentos do município de Buriticupu, no Maranhão, apresenta a narrativa de que a mulher traiu o marido (“levou chifre”) e, após a separação, reage quebrando os móveis da casa quando ele tenta levar alguns bens. O episódio é enquadrado não apenas como um conflito conjugal específico, mas como evidência de uma suposta “natureza feminina” impulsiva e descontrolada. Os comentários (Figura 25) reforçam essa moldura discursiva ao afirmar que “a lei protege a mulher” e que, se fosse o homem destruindo a casa, a polícia já teria sido acionada, construindo uma narrativa de assimetria jurídica e vitimização masculina. A referência ao “goleiro Bruno” nos comentários mobiliza o caso de Bruno Fernandes das Dores de Souza, condenado pelo assassinato de Eliza Samudio, para sugerir que homens são punidos injustamente enquanto mulheres violentas permaneceriam impunes. A relação entre o comentário e o vídeo, porém, é retoricamente estratégica e desproporcional, buscando justificar um feminicídio de alta repercussão nacional por um ato isolado de violência patrimonial. Assim, o vídeo e os comentários se articulam na produção de uma narrativa que circula no grupo, em que o caso concreto é transformado em exemplo

generalizante, reforçando a ideia de injustiça estrutural contra homens e mobilizando um episódio trágico como símbolo para sustentar essa interpretação.

Como já apontado por Díaz-Benítez (2019), na cobertura do assassinato da ex-namorada do goleiro Bruno, a mídia destacou reiteradamente seu passado como atriz pornô, transformando essa informação em marcador moral. Ao fazê-lo, relativizou sua condição de vítima e deslocou simbolicamente parte da culpa pelo crime para sua trajetória sexual. Wikan (2008) mostra que, ao longo da história tanto ocidental quanto oriental, a honra masculina apresentou um caráter paradoxal, pois dependia amplamente do comportamento sexual das mulheres da família. Desse modo, o homem podia perder respeito social não por suas próprias ações, mas caso uma filha, esposa ou parente feminina transgredisse normas de castidade e recato. Em diversas regiões, a desonra sempre ocupou um lugar central na vida social, concebida como a máxima degradação moral, passível de reversão apenas por meio da vingança. No contexto jurídico brasileiro isso se manifestou na tese da “defesa da honra”, utilizada para tentar justificar ou atenuar a pena de homens que agrediam ou matavam suas parceiras sob a alegação de proteção da própria reputação. Em sociedades orientadas por um código de honra, nas quais respeito e *status* derivam do reconhecimento coletivo do cumprimento de normas morais, a masculinidade passa a ser medida também pela capacidade de controlar a sexualidade feminina (Wikan, 2008). Logo, a figura do “corno” torna-se símbolo de desonra e, portanto, indigno do respeito que fundamentaria a liderança dentro do grupo, como expressa o comentário do outro participante.

Corrêa (1981) mostra que, embora o Código Penal não defina honra, dedica capítulo aos crimes contra ela, como calúnia, injúria e difamação, entendidos como ofensas à reputação, dignidade ou decoro. Paralelamente, define a legítima defesa como a repulsa moderada a agressão injusta a direito próprio ou de terceiro. A combinação interpretativa dessas noções abriu espaço para a construção de uma figura jurídica não prevista em lei, mas aceita em tribunais do júri. Tal construção apoiou-se em ambiguidades sobre o papel da família e da mulher em sua estrutura moral. A honra passou a ser evocada como bem coletivo ameaçado pela conduta feminina. Isso permitiu enquadrar feminicídios como respostas emocionais compreensíveis. A retórica jurídica dialogava, assim, com valores sociais mais amplos. Consolidou-se um debate que persiste até hoje: De um lado, sustenta-se que a honra é atributo individual; de outro, afirma-se que ela pertence à família como patrimônio moral compartilhado. Essa tensão revela disputas profundas sobre gênero, responsabilidade e poder que permanecem em máximas contemporâneas neoconservadoras, como

a “Defesa da família”.

O feminismo é culpabilizado por tragédias, como pode ser visto neste compartilhamento do @canalalexandrepaiva no *instagram*. Alexandre Paiva é um criador de conteúdo masculinista, diretor do Instituto de Defesa dos Direitos dos Homens, que se propõe a alertar seus seguidores em relação ao “mau uso” da lei Maria da Penha. No vídeo, o pai de um homem que matou a namorada se dirige à mãe da mulher assassinada em um pedido de desculpas, ao mesmo tempo que alerta as mulheres sobre atitudes que poderiam evitar para não serem violentadas:

Figura 26 - Corte de vídeo em que pai de homem que matou a namorada pede perdão a família da mulher assassinada



Fonte: corte de entrevista associada ao @canalalexandrepaiva compartilhada no *instagram* movimento_red_pill (11/01/2025)

Meninas e mulheres, por favor, parem de achar que essa coisa que a Lei Maria da Penha vai evitar o assassinato de vocês. Não encarem homem. É... Essa máxima do feminismo de dizer que mulher tem que ser altruísta que tem que tá de pé e igualdade com o homem. No dia-a-dia existem homens equilibrados mas existem homens desequilibrados. Não é todo homem que vai aceitar você dizer várias “verdades” na cara dele. Esse é meu apelo como um pai de um cara que assassinou uma filha por achar que podia falar o que quisesse com ele com ele a hora que quisesse sobre o que quisesse. Então dona Viviane neste momento eu peço à senhora...perdão.. não pelo que meu filho fez....por não ter conseguido...não ter conseguido... evitar que isso chegasse a esse ponto. Eu não pude... eu não consegui

evitar... eu tentei tirar meu filho da vida dela, tirar ela da vida dele. Eu não consegui, me perdoe por isso.

Em prantos, o pai do agressor enfatiza a limitação da Lei Maria da Penha diante de situações de homens desequilibrados, alertando para a vulnerabilidade das mulheres mesmo diante de normas protetivas. Ele se dirige emocionado à mãe de sua falecida nora, expressando seu arrependimento por ter sido incapaz de impedir seu homicídio. Ao mesmo tempo, ele responsabiliza a expectativa feminista de igualdade absoluta entre gêneros no cotidiano. Os comentários da rede social reforçam o discurso de legitimação do sofrimento familiar e de responsabilização parcial das mulheres, sugerindo que “mostrar verdades” ou o empoderamento feminino poderia desencadear violência masculina. Observa-se, portanto, uma tensão entre direitos, percepção de risco e moralidade familiar, evidenciando a necessidade de compreender a violência doméstica não apenas como questão legal, mas também como fenômeno sociocultural mediado por normas de gênero, expectativas sociais e limitações da intervenção familiar e estatal. A leitura crítica desse caso aponta para dilemas éticos, de prevenção e de justiça, ao mesmo tempo em que revela a circulação de discursos que naturalizam a violência como consequência de comportamentos femininos.

Como argumenta Gregori (1993), a violência contra a mulher não pode ser plenamente compreendida apenas pela dualidade simplificadora entre agressor e vítima, pois as cenas que culminam em agressões envolvem múltiplas motivações, como conflitos de papéis, expectativas frustradas, disposições psicológicas e jogos relacionais. Nessa perspectiva, a agressão pode funcionar como um ato de comunicação inscrito em dinâmicas conjugais marcadas por disputas, erotização do conflito e tentativas de recomposição de identidades femininas e masculinas. Tais relações revelam um alto grau de simbiose, sustentado por “rituais” privados que se repetem e acabam por rotinizar a violência. Embora homens e mulheres possam, de modo inconsciente ou impensado, alimentar essas dinâmicas por meio de provocações, acusações e jogos simbólicos, é o corpo feminino que sofre os danos mais severos e onde o medo se instala. Gregori destaca o paradoxo de que, em certos casos, a mulher pode cooperar para a manutenção da situação que a vitimiza, produzindo-se como não-sujeito ao reiterar posições que vinculam afeto, proteção ou reconhecimento à própria condição de vítima. Esse movimento configura o que a autora denomina um “buraco negro” da violência, no qual a repetição das cenas-agressão aprisiona a mulher em uma lógica relacional que reforça sua própria despossessão subjetiva. É justamente a manutenção de relações marcadas por conflitos, tal como a que é relatada pelo pai do agressor no vídeo, que, em

última instância culminam no homicídio como expressão máxima da violência.

1.4.5 Uma honra vulnerável

A partir do trecho de Wikan (2008), é possível compreender que, em contextos orientados por códigos de honra generificados, a traição adquire um peso simbólico que ultrapassa a dimensão afetiva e incide diretamente sobre o *status* masculino. Na racionalidade *Redpill*, essa lógica é radicalizada: se a honra do homem depende do controle e da conduta sexual da parceira, qualquer infidelidade é interpretada como exposição pública de sua falha enquanto guardião da ordem moral. As mulheres, concebidas como potencial ameaça pela sua sexualidade, mantém os homens estruturalmente vulneráveis à avaliação homossocial. A figura do “corno” condensa essa vulnerabilidade, funcionando como marca de desonra e perda de autoridade. A masculinidade passa a depender da capacidade de prevenir a transgressão feminina, legitimando afetos como o ciúme, tornando-se reativa. Paradoxalmente, quanto mais central é a honra, mais instável ela se torna: frente ao descontrole e ao medo de humilhação, a violência torna-se uma alternativa tentadora e aparentemente justa para restaurar o poder masculino.

1.5 ENTRE O ÓDIO E A CONFISSÃO

A partir de Foucault, a confissão pode ser entendida como um dispositivo que transforma sentimentos em verdades socialmente reguladas dentro de um grupo que lhe confere legitimidade. Nos espaços privados *Redpill*, relatos de sofrimento amoroso e inseguranças adquirem estrutura confessional: sujeitos compartilham suas percepções e experiências, validados por seus receptores (outros membros). Esse sofrimento se converte, portanto, em um regime de verdade: a “*pill*” se desenvolve como uma racionalidade compartilhada, erguida pela soma de encontros entre emoções individuais. A confissão, assim, produz efeitos de poder, na medida em que se formula um *ethos* sob o qual homens que se identificam com a *Redpill* devem gerenciar suas emoções. Por fim, são produzidas normas sobre a masculinidade, de modo que homens que desviam dos comportamentos considerados “aceitáveis” são inferiorizados. Para Friedrich Nietzsche (1998), o ressentimento pode ser compreendido como afeto reativo que, impossibilitado de afirmar-se diretamente,

converte impotência em inversão moral de valores. O ódio, nesse quadro, não se reduz a explosão emocional, mas configura uma elaboração pela qual a fraqueza se moraliza e transforma o outro em culpado. Em termos da vontade de potência (Nietzsche, 2011), trata-se de uma força bloqueada que, incapaz de criar afirmativamente, produz sentidos a partir da negação e da reatividade. O discurso confessional nos campos analisados pode ser compreendido como dispositivo que converte sofrimentos individuais que revelam a impotência diante da emancipação sexual das mulheres em regime coletivo de verdade masculino, no qual o ressentimento — enquanto vontade de potência bloqueada — é moralizado e transformado em ódio reativo legitimado pelo grupo

As interações virtuais da *Redpill* revelam diferentes percepções sobre masculinidade, feminilidade e expectativas sexuais, evidenciando contradições entre discursos *online* e a vida cotidiana de homens comuns — advogados, motoristas de aplicativo, pedreiros, policiais ou pais de família — que, longe do estereótipo do jovem isolado, compõem esse universo. Embora muitos inicialmente não defendam a violência contra mulheres, o ódio cresce conforme frustrações individuais se encontram e se legitimam dentro de um regime coletivo de verdade. Nesse contexto, a gestão da emoção aparece como uma “economia afetiva”, em que conter sentimentos equivale a conter gastos, já que afeto e desejo são mediados pelo dinheiro. Assim, a frustração é interpretada como produto de expectativas de gênero não correspondidas, com papéis julgados como justos ou injustos nas moralidades do grupo.

Para Georg Simmel (2005), o dinheiro não é apenas meio de troca, mas força que transforma a vida social, atomizando relações antes pessoais e integradas à comunidade, tornando objetos e posses extensões da identidade. Ele permite ação à distância, conecta sujeitos distantes e impessoaliza interações, criando um fetichismo em que o valor se sobrepõe à singularidade das coisas. Nesse universo moderno, cada troca é calculada, cada relação mediada por normas e valores, e o dinheiro passa quase a ocupar o lugar de Deus, objetificando o mundo e redefinindo o sujeito. Um século depois, Viviane Zelizer (2008) afirma que, ao contrário do que propunha Simmel, a modernização não teria esvaziado o sentido cultural do dinheiro. Para tanto, a autora se volta a analisar as transformações no significado do dinheiro da mulher casada entre 1870 e 1930, mostrando como os recursos, sejam provenientes do marido, do trabalho doméstico ou do mercado de trabalho, eram tratados como uma moeda distinta do dólar oficial. As esposas, embora sem salário próprio, eram responsáveis por administrar o dinheiro dos maridos sob rígida vigilância moral, tendo seu acesso ao dinheiro limitado às necessidades familiares. Assim, Zelizer mostra que

o dinheiro doméstico, longe de ser apenas instrumento racional de cálculo, constitui um “dinheiro especial” cujos usos e sentidos são moldados por relações de gênero, poder, idade e classe, além de valores culturais da vida familiar.

A *Redpill* reformula o componente moral do dinheiro em regras rígidas de gênero, mas sua acusação de que mulheres “usam” homens ignora que, historicamente, o acesso feminino aos recursos foi marcado mais por controle e restrição do que por privilégio. Nesse cenário, o homem se vê compelido a converter sua subjetividade em mercadoria, exibindo bens e dinheiro como prova de valor – uma vez que o dinheiro é também a prova de que ele tem o poder de escolher como vive. O encontro entre os gêneros assume, portanto, a forma de uma economia afetiva, necessária e perversa, em que sexo e poder circulam como moedas de troca. De um lado, o imaginário atribui às mulheres o cálculo: mais coisas, mais sexo; de outro, aos homens, a equação: mais dinheiro, mais acesso a corpos. A impossibilidade de ser amado pelo que se é produz um sentimento de injustiça que se transforma em raiva. Essa raiva, por sua vez, é legitimada como justa e se materializa em práticas violentas. O sujeito *Redpill* enfrenta então um impasse: precisa bancar para obter relações sexuais, mas deve também calcular limites para não cair na ruína. O sexo aparece como dívida e a mulher como devedora permanente, cuja submissão e disponibilidade sexual são exigidas. Logo, a violência surge como extensão lógica da própria estrutura de troca, apresentada como resposta à frustração e como mecanismo de controle.

A partir de Lévi-Strauss, Gayle Rubin (1975) demonstra que a opressão das mulheres não reside em seu corpo, mas na lógica social que as transforma em mercadoria, sobretudo no casamento entendido como sistema de trocas regulado pelo tabu do incesto, onde os homens aparecem como sujeitos sexuais e as mulheres como objetos semissexuais. O “sistema sexo-gênero”, nesse sentido, não nasce da natureza, mas de arranjos sociais que convertem a sexualidade em práticas codificadas, fazendo da categoria “mulher” algo arbitrário, associado à posição de moeda erótica na circulação das alianças. Judith Butler (1990), articulando essa leitura com Foucault, evidencia o gênero como dispositivo de poder sustentado por discursos médicos, jurídicos e psicanalíticos que normatizam performances e produzem corpos abjetos, aos quais a violência é legitimada justamente por desviarem da norma. Sherry Ortner (1972), por sua vez, mostra como a associação simbólica entre mulher/natureza e homem/cultura reforça a hierarquia de gênero, análise que encontra ressonância em Pierre Bourdieu (1998), ao revelar como *habitus* e instituições naturalizam essa desigualdade. Quando observamos o universo *Redpill*, torna-se

evidente a reatualização dessas estruturas: mulheres reduzidas ao biológico e homens à racionalidade produtiva. Logo, em vez de revelar verdades naturais, a *Redpill* atualiza uma ideologia antiga, legitimando a dominação masculina, direcionando seu ódio a feminilidades – sejam elas tradicionais ou desviantes –, assim como aos homens “feminilizados” – transgêneros, homossexuais ou “escravocetas”.

A incorporação das disposições consideradas “masculinas” no processo em que homens comuns se transformam em *redpills* se manifestou como um campo de dualidades e incertezas, em que a libido aparece como um contratempo na construção da identidade de um “bom homem”. Frente a discurso diversos que se cruzam em ambientes virtuais, homens redpillados oscilam entre uma masculinidade conservadora, ascética, que visa o casamento com mulheres “de valor” e a performance da conquista seguida pelo abandono. Pode-se perceber que esses homens desejam amar, mas entendem que o amor romântico que daria origem à família tradicional se vê ameaçado pela emancipação sexual feminina. Nesse cenário, a descrença no amor expressa em uma interpretação materialista das relações que equivaleria ao “despertar” pra uma suposta realidade “ginocêntrica”. A marginalização de outras masculinidades como a de homens negros e nordestinos aparecem com certa dissonância. Já homens que se relacionam com mulheres transexuais, ou que têm características que desviem do ideal de “homem conservador” são vistos quase que unanimemente como “menos homens”.

As representações das mãe solteiras emergem como um efeito de disputas em torno de políticas públicas voltadas à maternidade solo. Políticas de assistência social são interpretadas por segmentos neoconservadores como injustas, e, quando esse pensamento se encontra com os ideais masculinistas, é fortalecida a crença de que “mulheres são beneficiadas”. Esse ódio é também suscitado pelos primórdios do masculinismo em que as principais pautas eram as mudanças nas leis do divórcio, manifestando-se ainda na atualidade por meio de preocupações dos possíveis prejuízos de configurar “união estável”. Acreditando, assim, que a mãe solteira estaria buscando sempre um homem para a provisão financeira, estabelece-se uma ética em que é aceitável pagar coisas em saídas em casal como pré-requisito para se conseguir sexo, mas o homem jamais deveria arcar com seus custos pessoais ou de seus filhos. A maternidade contudo é apresentada de forma ambígua: a figura da mãe é por vezes dignificada, especialmente quando inserida em ideais cristãos familistas que associam a mãe a um símbolo de pureza e sofrimento. Esse ódio, se expressa sobretudo, como uma nostalgia pela figura paterna em relações heteronormativas, diante da ameaça

do apagamento do papel dos pais na construção de uma masculinidade de valor.

A propensão à traição, interpretada como uma característica “feminina” é fundamentada tanto por uma percepção essencialista do fenômeno da hipergamia oriunda de pseudociências quanto de elementos religiosos cristãos. Com frequência, é referenciada a passagem de Gênesis em que Eva come do fruto proibido como confirmação de que o corpo feminino seria inerentemente “profano”. Com isso, o estigma de corno se configura como um dispositivo de medo e insegurança, mais sobre a percepção externa do que sobre o ato em si, em que comportamentos possessivos são justificados como proteção da dignidade masculina. Diante da falta de controle do impacto que mulheres podem vir a ter sobre seu emocional, homens estabelecem um nexos entre a desilusão amorosa e a ruína em outras áreas da vida, como a financeira. A dor e o descontrole sobre as próprias emoções são assumidos e compartilhados, revelando o dilema entre o desejo de amar e formar uma família e a necessidade do distanciamento como prevenção. Homens, sentindo-se vitimados diante da traição feminina, entendem a violência como um ato justo para a recuperação da honra, dado que ela se encontra condicionada ao comportamento feminino. A agressividade, passa a ser entendida assim, como uma tentativa legítima de retomar o controle diante da impossibilidade de controlar as ações do outro.

Entre os principais achados, destacou-se, sobretudo, a presença de moralidades cristãs com uma retórica marcadamente neopentecostal, algo ainda pouco explorado em pesquisas nacionais e que quase não aparece em pesquisas anglófonas. Por vezes, tais valores se apresentam como uma forma de contenção, especialmente no que diz respeito às violências sexuais. Longe dos ideais de “supremacia branca” que comumente circulam por esses espaços, o que foi possível perceber é a intersecção algorítmica entre as “teologias da prosperidade” e cursos e mentorias de desenvolvimento pessoal e empreendedorismo, frequentemente associados a termos como “milionários”, “de sucesso” e “empreendedores”. A partir disso, é possível rastrear como essa amálgama de discursos se forma, e a quem ela é dirigida: homens pentecostais, trabalhadores, muitos deles negros, pardos ou nordestinos, de classe média baixa, que passam a equacionar sucesso financeiro com sucesso com as mulheres. Mais do que dinheiro, esses homens querem ser incondicionalmente amados, desejados e sentirem-se pertencentes à masculinidade.

Outro achado relevante foi a expressiva presença de influenciadoras conservadoras nesses espaços digitais, tensionando a percepção de que a *Redpill* constituiria um território exclusivamente masculino. Mentoras, *coaches* de relacionamento e pastoras ocupam posições de autoridade

simbólica, sendo frequentemente apresentadas como detentoras de um saber privilegiado sobre o “universo feminino”. O fato de serem mulheres reforça a promessa de revelação de supostos “segredos ocultos” da feminilidade, o que amplia sua legitimidade junto ao público. Muitas delas incorporam explicitamente a metáfora da “pílula vermelha” como recurso argumentativo, alinhando-se a premissas masculinistas. Nesse cenário, mulheres são aceitas desde que sejam castas, concordem com ideais tradicionais de gênero e validem diagnósticos críticos ao feminismo. Ainda assim, não deixam de ser alvo de desconfiança, sendo por vezes acusadas de oportunismo ou rotuladas de “conservadias” e “golpistas”. Essas influenciadoras defendem família tradicional, maternidade e valores cristãos, transformando tais pautas em estética cotidiana nas redes — por meio da exibição de rotinas domésticas, casamento e empreendedorismo feminino moralmente orientado —, em alguns casos dialogando com a tendência das “*tradwives*” no contexto brasileiro. O fenômeno cresce em meio à polarização política e à consolidação de ecossistemas digitais conservadores, sendo visto por apoiadoras como afirmação de valores e por críticas como possível reforço de desigualdades de gênero e discursos antifeministas.

Os dados divergem, e ao mesmo tempo convergem com a dinâmica de “luzes acesas” e “luzes apagadas”, descrita por Spyer (2018): a proposição de que em espaços públicos as pessoas performariam versões idealizadas de si, enquanto nos *chats* privados circulariam falas moralmente delicadas não se mostrou verdadeira no que tange o discurso de ódio. Pelo contrário, é possível ver elogios a crimes de feminicídio de grande repercussão nacional em espaços em que as luzes se encontram bem “acesas”. Já no que diz respeito ao discurso confessional, em que são compartilhadas experiências, dores e vulnerabilidades, é possível perceber que se restringem a ambientes em que as luzes se encontram “apagadas”, aparecendo apenas nas conversas do *Whatsapp*. Isso não significa, no entanto, que nesses espaços não circulem discursos de ódio, mas sim, que esses discursos se entrecruzam com relatos que revelam o sofrimento com menos pudor do que em redes sociais públicas. Em ambas as esferas, *memes*, vídeos e imagens funcionam como ferramentas de expressão e disputa de legitimidade, permitindo que até usuários com pouco domínio da escrita conquistem prestígio.

Pode-se concluir que o universo *Redpill* analisado evidencia a articulação entre confissão e ódio como engrenagem central de produção de verdade, norma e pertencimento. O dispositivo confessional converte frustrações amorosas, inseguranças econômicas e ansiedades identitárias em enunciados validados coletivamente, regulando emoções e condutas. Nesse processo, o

ressentimento opera como afeto estruturante: diante da percepção de perda de centralidade masculina, a impotência é reorganizada como superioridade moral e acusação. O ódio deixa de ser mero excesso emocional e passa a integrar uma racionalidade compartilhada que legitima hierarquias de gênero e sanções contra desviantes. A economia afetiva descrita, mediada por expectativas financeiras e sexuais, reforça a compreensão das relações como trocas reguladas por critérios de valor, nas quais amor, dinheiro e poder se imbricam. Ao atualizar estruturas históricas de dominação masculina sob a aparência de diagnóstico realista das relações contemporâneas, a *Redpill* reinscreve desigualdades como se fossem constatações naturais. A confissão, nesse contexto, não apenas revela sofrimento, mas o organiza, administra e orienta, produzindo sujeitos que aprendem a interpretar suas experiências segundo uma gramática comum. Assim, a vontade de potência bloqueada encontra na coletivização do ressentimento uma via de expressão reativa, transformando frustração em norma e norma em justificativa moral. A legitimação interna do grupo permite que narrativas de injustiça sejam convertidas em autorização para hostilidade e, em casos extremos, para a defesa da violência. Desse modo, confissão e ódio não aparecem como fenômenos isolados, mas como dimensões interdependentes de um mesmo arranjo discursivo. Tal arranjo sustenta uma ética que promete controle e reconhecimento, ao mesmo tempo em que intensifica antagonismos. Conclui-se, portanto, que a dinâmica observada não apenas expressa sofrimento masculino, mas captura-o em uma matriz normativa que transforma vulnerabilidade em fundamento de exclusão e agressividade.

CAPÍTULO 2: DISCURSOS EMOCIONAIS SOBRE A SOLIDÃO

2.1 VOLTAR-SE A SI MESMO COMO (RE) AÇÃO

A solidão, mais do que um sentimento, reflete uma posição frente às dinâmicas relacionais. Ela se constrói por oposição a presença de outros, estar sozinho, como ato, é se abster – por escolha ou não – da companhia de outras pessoas. Ainda que exista uma grande diferença semântica entre “ser solitário” e “se sentir solitário” - o primeiro diz respeito à um estilo de vida, enquanto o segundo envolve um estado emocional experienciado contra a vontade, independente da presença dos outros – por vezes, sentimento e ação se manifestam em um *continuum*. Diante da

impossibilidade de comunicação ou compreensão pelo mundo externo, o indivíduo pode encontrar na solidão a liberdade de agir como preferir, abraçando a retirada do mundo como um propósito e estilo de vida. Mais que sustentar um estilo de vida, estar sozinho pode consistir em uma forma de afirmar a própria verdade e identidade. Ao se recusar a estar com os outros, o sujeito afirma sua diferença em relação a eles, ele não busca “se encaixar” ou “se moldar” às expectativas externas sobre como ele deveria agir. Portanto, preferir a própria companhia pode ser também visto como um ato de rebeldia. Considerando que a solidão é um conceito amplo, que pode adquirir múltiplos sentidos em contextos diversos, analisá-la em contraposição às expectativas sociais em torno do casamento, relacionamentos românticos, e constituição de família é também compreender os contornos específicos que os significados de “estar sozinho” adquirem na contemporaneidade.

A conexão entre a solidão e a dimensão das conjugalidades já vêm sendo amplamente explorada na antropologia de gênero e das emoções. Pesquisas contemporâneas, como as de Eliane Gonçalves (2009) e Isis Ribeiro Martins (2010) mostram como a experiência de estar só é significada de forma positiva, sendo tomada como um sinônimo de autonomia e liberdade por mulheres de classe média que não pretendem se casar ou ter filhos. Já os trabalhos de Raphael Bispo (2012, 2014) exploram as vivências da solidão na terceira idade, levando em conta as intersecções entre marcações etárias e de gênero na percepção de ex dançarinas eróticas sobre terem “acabado sozinhas”. Na literatura feminista, a solidão é tradicionalmente retratada como uma forma de resistência das mulheres aos possíveis aprisionamentos do ideal romântico e à dominação masculina através do matrimônio. Pouco se fala, no entanto, sobre quais sentidos vêm sendo atribuídos à solidão por homens na contemporaneidade. Mais ainda - como o discurso feminista em torno da posituação da experiência solteira¹⁴ vem sendo apropriado por grupos de homens como reação ao feminismo. Um olhar para esse fenômeno a partir dos estudos das masculinidades, pode, assim, ampliar a compreensão sobre como a emoção vem sendo construída mediante às expectativas relacionais de gênero em um contexto de intensas guerras culturais.

Ao longo da história do pensamento, autores como Michel de Montaigne (1533-1592) e Foucault refletiram sobre a solidão como experiência central na constituição da subjetividade.

¹⁴ Goldman, 1906; Beauvoir, 1949; Rich, 1980; Lorde, 1970-1980; Hooks, 2000; Traister, 2016; Penny, 2014; Ahmed, 2017; Steinem, 2019; Preciado, 2019.

Montaigne (1987) a compreende como expressão máxima da liberdade, um afastamento da coletividade que permite o autoconhecimento e a preservação diante dos ideais comuns, em um contexto histórico em que a noção de propriedade começava a ser atrelada à de liberdade individual. Foucault (1997), por sua vez, articula solidão e desejo ao mostrar como o cristianismo interiorizou o desejo como uma experiência solitária, marcando o início de práticas de controle de si voltadas à separação entre o eu legítimo e o pecaminoso. Para ele, a solidão é um espaço ético de resistência, onde o sujeito cuida de si fora das normas impostas, ainda que essa valorização da individualidade tenha sido posteriormente apropriada pelo neoliberalismo como mecanismo de responsabilização individual.

Uma leitura contrastante da solidão pode ser observada nas reflexões de Rousseau (1712-1778) e Elias (1897-1990). Para Rousseau (1995) a solidão surge como imposição social, experienciada após perseguições e exclusão pública. Sem pretensão de ter seus últimos escritos lidos, o filósofo transforma o isolamento em introspecção, buscando na escrita solitária um espaço de liberdade e autoanálise. Já Elias (2001) compreende a solidão como fenômeno estruturado historicamente, fruto da modernidade e do individualismo que se acentuou com a urbanização e a privatização da vida. Segundo ele, a solidão nas sociedades complexas expressa-se quando o sujeito se sente insignificante para os outros — seja por não ter desenvolvido vínculos afetivos ou por não encontrar pessoas com quem se identifique, variando conforme classe, gênero e geração. Assim, enquanto Rousseau vê na solidão uma forma de resistência subjetiva, Elias a analisa como expressão de um mal-estar social produzido historicamente.

Compreender a solidão como ato envolve reconhecer seu fundamento em discursos políticos, culturais e sociais que moldam o sujeito contemporâneo. No ambiente digital, as redes sociais intensificam essa vivência, reconfigurando identidade e sexualidade. Pautas feministas, apesar de parcialmente esvaziadas, ganharam visibilidade, promovendo reflexões sobre gênero, autonomia e resistência feminina, levando muitas mulheres, especialmente jovens de classe média, a preferirem a vida solteira a relações machistas. A legalização do divórcio *no-fault*¹⁵ nos Estados Unidos em 1969 impulsionou a privatização dos deveres parentais, afetando especialmente mulheres e crianças vulneráveis. O Movimento pelos Direitos dos Homens afirmava que também eram oprimidos por papéis de gênero, alegando prejuízos econômicos

¹⁵ O divórcio *no-fault* é a modalidade legal que permite a dissolução do casamento sem a necessidade de provar culpa ou infração por parte de um dos cônjuges

causados pelos divórcios. Rejeitavam políticas de bem-estar social, a pensão alimentícia e defendiam a custódia paterna com base em uma lógica patriarcal. A partir da década de 1990, essas ideias se reorganizam na *internet*, assumindo contornos estéticos libertários e transformando-se em uma cultura política difusa. Assim, o masculinismo dá origem à “machosfera” — redes digitais que disseminam discursos misóginos que se aproximam de movimentos da direita alternativa.

Serão analisadas neste capítulo as formas pelas quais a solidão é significada entre três vertentes do universo *Redpill*: os *pickup artists*, os MGTOWs e os incels — todos considerados variantes daqueles que “tomaram a pílula vermelha” ao compartilharem a ideia de que o feminismo instaurou uma “ditadura ginocêntrica” e impulsionou a “hipergamia” feminina. Os *pickup artists* associam a solidão masculina à exclusão afetivo-sexual, procurando promover conteúdos que prescrevem as condutas que um homem deve adotar para seduzir mulheres e cultivar uma boa relação consigo mesmo. Já os MGTOWs (*Men going their Own ways*) adotam postura separatista com relação ao estar só e a ser solteiro, buscando se afastar em definitivo das relações com mulheres. Apesar de rejeitarem uma identidade grupal, os MGTOWs compartilham com os *redpills* o ressentimento para com as mulheres e um individualismo machista, reinterpretando a solidão como resistência masculina e formando *ethos* coletivos para lidar com a crise da masculinidade contemporânea. Dotados de um vocabulário próprio, ainda que com termos convergentes com o restante dos masculinistas, os incels têm uma visão mais determinista sobre a influência da aparência física no sucesso de suas vidas sexuais e amorosas. Uma vez que acreditam ser destinados à solidão pela genética, muitos deles recorrem a crimes virtuais, massacres em escolas e ao suicídio como resposta à rejeição.

Pesquisas recentes, como as de Gregori (2023) e Aguiar & Pereira (2019), adaptam o conceito de “*backlash*” ao contexto brasileiro, marcado pela polarização política e pela ascensão das Novas Direitas. Gregori destaca o aumento das violências contra minorias sexuais, especialmente em ambientes virtuais, onde as fronteiras entre público e privado são borradas, dificultando a tipificação jurídica da violência. Ela exemplifica com o caso de Débora Diniz, perseguida por ativistas de direita e grupos masculinistas *online*. Já Aguiar e Pereira apontam que as jornadas de 2013 e o *impeachment* de Dilma Rousseff impulsionaram uma nova direita horizontal e apartidária, que se consolidou com ataques sexistas à figura da

então presidenta. Nesse cenário, a chamada “maré azul” representa um retrocesso nas políticas de gênero, em contraste com a “onda rosa” dos anos 2000, quando governos progressistas latino-americanos promoveram avanços nesse campo. Ainda segundo os autores, diferente do *backlash* descrito por Faludi, no Brasil a reação se dá também por vias institucionais e jurídicas, buscando legitimar e consolidar o conservadorismo moral.

O *YouTube* consolidou-se como peça-chave no ecossistema informacional e nas disputas políticas contemporâneas, sendo a plataforma de vídeos mais assistida no Brasil e um espaço estratégico para influenciadores, líderes religiosos e atores políticos. Seu modelo, baseado em alcance massivo, algoritmos orientados ao engajamento e possibilidade de monetização, favoreceu a profissionalização da comunicação política, especialmente por grupos alinhados à extrema direita, que passaram a comercializar ideologias como se fossem produtos. Nesse contexto, pautas mobilizadoras como segurança pública, religião e educação ganharam centralidade, assim como o discurso antigênero, difundido por meio de linguagem acessível, apelo emocional e estratégias de repetição e viralização. Ao permitir que produtores atuem sem mediação jornalística, a plataforma potencializa narrativas de forte engajamento, ainda que apoiadas em desinformação ou simplificações (Gênero e Número; Novelo Data, 2025).

Em um relatório sobre as estratégias discursivas e os mecanismos de monetização associados à misoginia no *YouTube*, Santini *et. al* (2024) identificaram seis mecanismos de monetização, sendo três nativos da plataforma — anúncios, Clubes dos Canais e *Super Chat* — e três alternativos, como doações via *Pix* e criptomoedas, além da divulgação de plataformas externas para venda de produtos e serviços. Entre os recursos internos, destacam-se a publicidade exibida nos vídeos, a receita proveniente do *YouTube Premium*, os *Super Chats* e *Super Stickers* em transmissões ao vivo, os Clubes com pagamento mensal por benefícios exclusivos, o *YouTube Shopping* por meio do programa de afiliados e o recurso “Valeu demais”, que permite destacar comentários pagos. Para acessar tais ferramentas, os criadores devem integrar o Programa de Parcerias do *YouTube* e cumprir as diretrizes da comunidade, sob risco de desmonetização, remoção de conteúdo ou exclusão do programa, sendo que cada modalidade possui critérios específicos e pode ter receitas retidas em caso de violação. Ainda assim, estratégias externas de monetização seguem garantindo rendimentos mesmo diante de sanções da plataforma. Paralelamente, estratégias discursivas reforçam a coesão entre usuários da machosfera por meio do uso de vocabulário próprio, da definição de

inimigos comuns e da evocação de uma suposta “verdade oculta”. Gírias e expressões codificadas funcionam como marcadores identitários e instrumentos para contornar a moderação, inclusive com termos depreciativos dirigidos às mulheres.

Ainda de acordo com o relatório, 80% dos canais com conteúdos misóginos no *YouTube* possuem ao menos uma forma ativa de geração de receita, evidenciando o potencial lucrativo desse ecossistema. Entre os 137 canais analisados, predominam recursos nativos da plataforma, especialmente anúncios (presentes em 52% dos canais) e o programa de membros (28%), além de *Super Chats* em transmissões ao vivo, que, em oito canais, arrecadaram mais de R\$ 68 mil. Os dados indicam que, proporcionalmente, canais misóginos utilizam mais mecanismos de monetização do que canais sem esse tipo de conteúdo. Além disso, 28% dos canais misóginos recorrem a formas alternativas de monetização por meio de *links* na descrição, como financiamento coletivo, afiliados e doações via *Pix*, ampliando suas fontes de renda mesmo diante de eventuais desmonetizações. Plataformas como *Hotmart* e *Kiwify* aparecem com frequência, assim como a venda de *e-books*, cursos, mentorias e consultorias, com valores que variam de dezenas a milhares de reais. Em muitos casos, o *YouTube* funciona como porta de entrada para outras plataformas menos reguladas, fortalecendo comunidades que se articulam também financeiramente. O resultado é a consolidação de um mercado da misoginia *online*, no qual discursos que promovem controle e desigualdade de gênero são convertidos em modelo de negócio, evidenciando a responsabilidade da plataforma na viabilização econômica desse tipo de conteúdo.

O capítulo busca compreender os discursos emocionais *Redpill* a partir dos contextos socio-históricos em que essa racionalidade emerge, explorando como ela se articula enquanto forma de ação e produção de sentido. Com base na abordagem de histórias de vida proposta por Abu-Lughod e Lutz (1990), o estudo enfoca trajetórias específicas de alguns membros da cena *Redpill* no Brasil, revelando tanto suas particularidades quanto as formas como percebem suas diferenças em relação a outros sujeitos do mesmo segmento. A análise evidenciou que a solidão ocupa um papel central nessas narrativas, podendo ser compreendida como um "ato secundário", nos termos de Hochschild (2013), ou seja, uma reflexão e elaboração emocional feita pelos indivíduos sobre sua própria condição afetiva. Essa mobilização da solidão atua como um marcador de diferença dentro da própria comunidade *Redpill*, indicando variações internas de *status*, pertencimento e estilo de

engajamento. Além disso, sentimentos como raiva e humilhação são identificados como recorrentes, sendo ora suprimidos por discursos de autovalorização e meritocracia, ora projetados sobre figuras femininas através do desprezo.

O recorte contempla trechos de entrevistas concedidas por três figuras públicas masculinistas: Thiago Schutz, autor de diversos livros, mais conhecido como “calvo do campari”; Anderson, pseudônimo “Esqueleto MGTOW” e o incel Silas Souza. Parte-se do argumento de que, embora se baseiem na mesma concepção mercadológica da sexualidade, MGTOWS e incels mobilizam a solidão de maneiras distintas por meio de diferentes “trânsitos de ação”, se desdobrando nas identidades que adotam pra si dentro da *redpill*. Com esse objetivo, será utilizado o conceito “solidão-ação” desenvolvido por Raphael Bispo (2016), para identificar as maneiras pelas quais os discursos sobre “estar solteiro” conduzem atitudes distintas, e, ao mesmo tempo, identitárias entre indivíduos inseridos em contextos e estilos de vida semelhantes.

O conceito de solidão-ação envolve o reconhecimento do manejo da emoção em diferentes práticas micropolíticas – ela não se encontra em um plano diferente das atitudes que as pessoas exercem em seu cotidiano, ou seja, estão nas diversas maneiras que sustentam todos os dias a relação que estabelecem consigo mesmas. Assim, as identidades se contrastam justamente nas práticas que são prescritas e incorporadas conforme seu reconhecimento no grupo. Se, em certa medida, *redpills pickup artists* e incels se aproximam do discurso liberal-conservador, por combinarem a defesa de valores tradicionais de gênero com a ênfase no empreendimento pessoal, os MGTOWs ao contrário de outros *redpills*, são menos suscetíveis ao discurso familista – a ideia de que a família nuclear tradicional tem um papel central e formativo na organização da sociedade.

A análise é orientada pelo método de Michel Foucault (1987, 2014), privilegiando a forma e os acontecimentos discursivos que produzem tais falas — incluindo elementos históricos, políticos e não textuais, por serem práticas atravessadas por relações de poder. A noção de acontecimento discursivo abrange, portanto, os contextos em que o discurso *Redpill* se consolidou e as interações em que se reproduz, com foco nas cumplicidades estabelecidas entre locutores e interlocutores (Foucault, 1987, 2014). A metodologia é também articulada à concepção de trabalho emocional de Arlie Hochschild (2013) e ao contextualismo de Lila Abu- Lughod e Catherine Lutz (1990), com o objetivo de apreender a performance do “eu” nos relatos analisados. A proposta é compreender como a emocionalidade da prática *redpill* varia conforme os modos relacionais e os enquadramentos sociais de cada grupo.

2.2 “SEU MAIOR FOCO TEM QUE SER VOCÊ, MANO”

Thiago da Cruz Schoba, vulgo, Thiago Schutz, se apresenta como escritor, palestrante e apresentador. É considerado, atualmente, um dos autores *redpill* mais influentes no Brasil, com destaque para o livro “Pílulas da Realidade” que, segundo ele, teve mais de 1.000 *downloads* em 24 horas desde seu lançamento. Em seu *site* oficial, ele divulga seus livros e oferece seus cursos de mentoria, cujos atendimentos chegam até a R\$2.000,00 por mês. Neles, ele promete ensinar estratégias infalíveis para homens imporem seu respeito e não serem manipulados por mulheres. Thiago é natural de Salto (SP), estudou engenharia elétrica e publicidade e propaganda e atualmente tem 36 anos de idade. Em seu *Instagram*, ele segue perfis de líderes da direita radical, como o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PL) e o presidente dos Estados Unidos e Donald Trump – o que sugere um alinhamento político à direita. Nascido em uma família conservadora, fortemente influenciada por valores cristãos, seus pais foram casados a vida inteira – algo que o apresentador afirma ter influenciado em sua percepção sobre relacionamentos. Thiago se casou pela primeira vez aos 25 anos e se divorciou aos 30. Seu primeiro contato com o masculinismo foi através de vídeos estrangeiros na *internet* pouco após seu primeiro divórcio, momento em que teria saído para “conhecer pessoas” e se deparado com os “abusos” do comportamento feminino (Revista Oeste, 26/12/2024).

Thiago relata ter crescido como um cara introvertido, *nerd*, estudioso e certinho, tendo adquirido uma maior desenvoltura através do seu contato com a “red” (Revista Oeste, 26/12/2024). Além de ter sido casado por 5 anos, Schutz se relacionou por pouco mais de um ano com a perita criminal Isabela Magoga. Em vídeos divulgados por ela na *internet*, ela fala sobre ser uma mulher conservadora, contando também sobre os acordos estabelecidos entre ela e o influenciador para que o relacionamento entre eles funcionasse: nenhum dos dois podia ter relações próximas com pessoas do sexo oposto, não podiam sair um sem o outro, e não podiam dormir brigados. A conta de ambos era conjunta, no entanto, Thiago cuidava do “externo” – a provisão financeira – enquanto ela cuidava do “interno”, as tarefas domésticas (SubmundoIntellectual, 14/11/2024). O relacionamento, embora não tenha durado, terminou de maneira amigável, e, no canal do *youtube* de Isabela é possível encontrar diversos *clips* em que ela responde perguntas enviadas em redes sociais endossando as opiniões do influenciador.

Era janeiro de 2023, quando, em meio a conversas sobre masculinidade tóxica com amigos, alguns deles, em meio à risadas, me perguntavam: “Você viu o calvo do Campari?”. Viralizava o corte da entrevista concedida por Thiago Schutz ao “Buteco Podcast” em que ele contava sobre uma situação em que estava em um bar e uma mulher o teria convidado para tomar uma cerveja, ao que ele teria recusado, pois preferia continuar tomando seu Campari. A cena é contada como ilustração para o argumento de que mulheres tentam moldar os homens, como forma de testá-los. Na perspectiva dele, o ato de recusar a cerveja seria uma demonstração de autenticidade de sua parte, que geraria um maior interesse na mulher. Lembro-me de ter acompanhado a repercussão do vídeo na *internet*, muitas vezes em formato de *memes* e *shitpost*¹⁶. O vídeo tornou Schutz alvo de chacota tanto entre internautas progressistas quanto por comediantes famosos como Livia Lagatto – a quem ele posteriormente respondeu com a seguinte mensagem em seu *Instagram*: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”. Assim, o *coach* de relacionamentos foi apelidado como “O calvo do Campari” – a referência à sua calvície, viria como uma forma vexatória de apontar a razão do seu ressentimento em sua aparência: o fato de ser “calvo” o tornaria supostamente menos atraente às mulheres, com menos “poder” do que ele transparece acreditar ter.

Pouco após a denúncia de Livia, o Grupo Campari se manifestou publicamente, emitindo uma nota afirmando não ter nenhuma relação com o *coach*. Ainda no ano de 2023, o influenciador voltou a se envolver em polêmica quando foi divulgado seu nome no Portal de Transparência, indicando que teria recebido um total de R\$ 4650,00 de Auxílio Emergencial durante a Pandemia de Covid 19 (Terra, 28/02/2023; Uol, Portal de Transparência). Schutz, além de *coach* é empresário, e, antes de trabalhar dando palestras e mentorias atuava na editora de sua família, cujo capital social é estimado em um valor de R\$50.000,00. Também é dono do *podcast Pink & Pill*, criado em março de 2022. Atualmente o canal conta com 31,1 mil seguidores. Lá, ele traz questões sobre relacionamentos a partir da perspectiva da *Redpill*. Embora só tenha alcançado a fama em 2023, teve sua primeira aparição na TV em 2020, no *reality show* de encontros “O crush perfeito” – onde disputou com outros homens pelo interesse de uma mulher mais velha. Quando o *reality* foi lançado, Thiago — que no programa utilizou o sobrenome Schoba — foi acusado por

¹⁶ Um *shitpost* é um conteúdo intencionalmente absurdo, irrelevante ou de baixa qualidade, postado nas redes sociais para provocar humor, confusão ou reação, muitas vezes de forma caótica ou irônica.

uma jovem de ter publicado seu livro por meio da própria editora sem repassar os lucros nem entregar exemplares aos compradores.

No final de 2025, Thiago foi preso em flagrante por agressão e tentativa de estupro contra sua então namorada, Lais Gamarra. De acordo com o boletim de ocorrência, a vítima afirma que o influenciador teria tentado impor uma relação sexual e, diante da recusa, teria reagido de forma violenta. Em vídeo gravado e divulgado por Lais, é possível ouvir o influenciador afirmar “pra mim você não nega”, seguido de sons de agressão. O casal mantinha um relacionamento há aproximadamente três meses. Após o episódio, ela conseguiu acionar a polícia e foi encontrada na rua por policiais militares apresentando sinais de agressão. Nas gravações, a voz de Lais demonstra desespero, enquanto, em tom irônico, Thiago a incentiva a chamar a polícia. Encaminhado à delegacia, Schutz foi submetido à audiência de custódia, obteve liberdade provisória e ficou proibido de se aproximar da vítima. (CartaCapital, 19/11/2025).

Na entrevista concedida ao Buteco *Podcast*, Schutz fala sobre seu livro “Pílulas da realidade” respondendo a perguntas tanto dos *hosts* quanto dos telespectadores, enviadas em tempo real pelo *chat* do *youtube*. Em seu site oficial, o livro é apresentado como “a Bíblia dos homens mais vendida do Brasil”, com mais de 20 mil exemplares vendidos por todo o país. Com isso, ele promete trazer 50 “pílulas da realidade” sobre os relacionamentos modernos, para que homens saibam identificar seu propósito e “filtrar” as mulheres com quem escolhem se relacionar. A temática do “filtro” é recorrente na entrevista, denotando, na grande maioria das vezes, comportamentos femininos considerados “promíscuos” ou “masculinizados” - sobretudo, como estratégia para evitar a traição feminina. O canal Buteco *Podcast* é um *podcast* e canal do *youtube*, criado em 16 de junho de 2021. Idealizado por John Furtado e Will Martins, o canal conta atualmente com 42,7 mil inscritos, com versões disponíveis em outras plataformas como o *Instagram*, *Spotify*¹⁷ e *TikTok*.

Furtado é bacharel em direito, empresário e atua há 8 anos no mercado financeiro, focando em gestão de produtos digitais e conteúdos sobre empreendedorismo com viés motivacional. O Buteco *Podcast*, entrevista personalidades diversas, com um alcance de mais de 10 milhões de visualizações. Em sua descrição no *YouTube*, o canal afirma ter o objetivo de “trazer ensinamentos

¹⁷ O *Spotify* é uma plataforma de *streaming* digital que oferece acesso a milhões de músicas, *podcasts* e outros conteúdos de áudio sob demanda

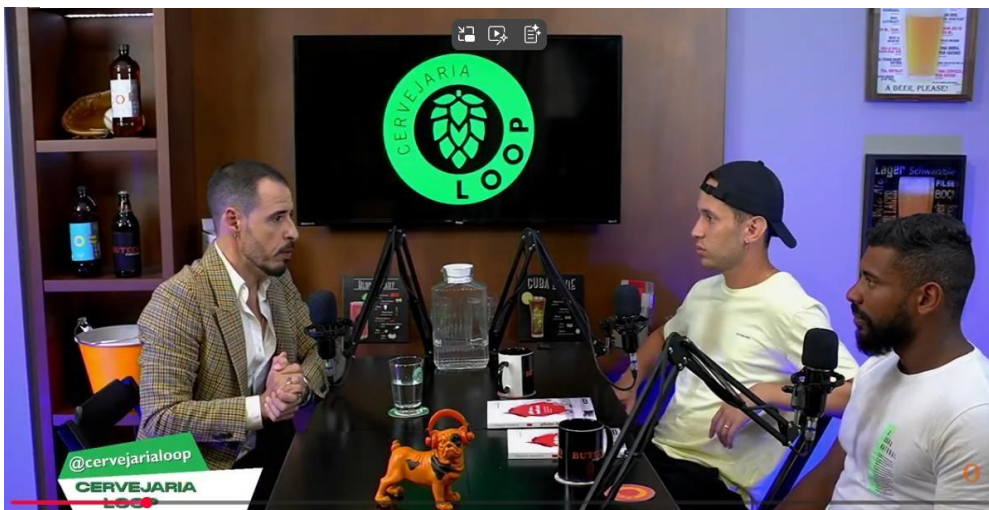
escondidos nas entrelinhas, em um papo leve de bar”. Ao observar outros vídeos do canal é possível perceber que a maior parte dos entrevistados são pessoas que produzem conteúdos relacionados a autoajuda e desenvolvimento pessoal, frequentemente aproximados de uma linguagem empresarial. O canal recebe patrocínio de algumas empresas, tais como a “Vip Promotora de Crédito”, “Cervejaria *Loop*” e “Alto Cinco Registro de Marcas”. O vídeo da presente entrevista que foi apresentado por Pedro Garim e Will Baroukh, é intitulado como “MANUAL RED PILL: OS PERIGOS DO RELACIONAMENTO (com Thiago Schutz) | BUTECO PODCAST #092”. Ambos os entrevistadores são donos de empresas de consultoria de *marketing* e finanças.

O vídeo, que foi ao ar no dia 3 de janeiro de 2023, conta com 85.600 visualizações e 2,8 mil curtidas. Nele, os entrevistadores se posicionam sentados no canto direito, e entrevistado no canto esquerdo. As paredes são pintadas de lilás, com alguns quadros de cerveja pendurados. No centro, há uma TV com *design slim* com a logo “Buteco Podcast” acoplada à um *rack* de madeira planejada, com uma estante embutida à esquerda. Na estante, encontram-se garrafas de cerveja artesanal: uma na prateleira de cima, e duas na debaixo. Há também algumas placas referentes a bebidas alcoólicas que podem ser vistas no fundo, bem abaixo da TV. Na mesa, há um enfeite de um *bulldog* laranja com manchas pretas usando um *headphone*. Entre entrevistadores e entrevistados, encontra-se uma garrafa de água de vidro em formato quadrado que Schutz bebe em um copo. Já os entrevistadores bebem em copos com a logo do *Buteco podcast* – todos apoiados em um porta-copos. Em frente aos entrevistadores, encontram-se dois exemplares do livro “Pílulas da realidade”.

Thiago veste um blazer xadrez amarelado, uma camisa social branca aberta, um escapulário, um anel de ouro no dedo anelar da mão esquerda e outro no indicador da mão direita, acompanhado por um relógio de ouro no pulso (Figura 27). Em suas falas, é possível perceber um sotaque fortemente paulista, com um recorrente uso de termos regionais como “meu” e “tipo”. Schutz se expressa de maneira enfática, trazendo muitos exemplos pessoais, e expressando convicção em suas falas, desenvolvendo seus raciocínios pelo que parece uma causalidade lógica – não há espaço para ambiguidades ou incertezas, frequentemente seus enunciados se conectam por uma continuidade que indicam a ideia de condição, causa e consequência - embora seu conteúdo nem sempre seja coerente. É possível também perceber uma leve impostação de voz, como se tentasse torná-la mais grossa para transmitir confiança – como ele próprio promete ensinar seus seguidores a impostar em alguns cursos de desenvolvimento pessoal que oferece. A

princípio, ocorre a predominância da temática da traição de mulheres, e de que maneiras a “red” ajudaria os homens a “ficarem ligados”.

Figura 27 - Entrevista com Thiago Schutz



Fonte: Entrevista com Thiago Schutz concedida ao Buteco Podcast (03/01/2023)

Quando a entrevista se aproxima dos 41 minutos, o entrevistador Pedro Garim faz a seguinte pergunta:

Quando a gente fala da *Redpill* em si, a gente tá, é...fala-se muito das *flags*... quais são os pontos que o cara tem que ficar ligado quando a mulher começa a dar um sinalzinho disso, um sinalzinho daquilo...quais seriam? não sei se você pode falar isso tudo aí... não sei se você guarda alguma coisa só pro livro..." (...)“por que isso pra mim isso funciona pra geral... não é só pra quem, ah, só pro solteiro, porque trata-se muito o *redpill* como o cara solteiro e não quer se relacionar” (...) . (Garim, 2023, 41:14)

[suspiro] Tem essa parada realmente assim: não é só pra solteiro... pessoal pensa assim: ah, os cara da *redpill* é todo solteiro encalhado, as minas me xingam... acham que só pego mulher feia... que não pego ninguém... mano, pensem o que quiserem pensar... foda-se... e não é isso, o negócio das *redflags* é notar comportamentos, homem também tem *redflag*, tá. Comportamentos que são ruins pro relacionamento tipo, na outra pessoa, é isso. Qual que é a diferença? A mulher, tipo, nota isso na gente que é homem muito mais fácil do que a gente nota nelas. Ela já tem um... cara, uma programação interna de fábrica pra falar assim ‘puta merda...esse cara bebe todo dia, vai virar alcoólatra.’ A mulher já sabe... ela consegue identificar isso muito mais fácil no homem. ‘Esse cara aqui muito, meu... muito puteiro, muito galinha... vai me dar problema... foda entendeu.’ O homem não, que que ele faz: ele acha a mulher gostosa, bonita, tem um sexo bom, tchau, relacionamento. Bota

assim, ali o dedo a vambora, depois a gente vê, entendeu. Falei não, cara, ce tem que olhar outras n coisas,então... [pigarro] *redflags* que acho que pegam hoje... deixa eu ver se lembro umas boas pra trazer pra vocês, mulher ciumenta demais é complicado, mulher controladora demais é complicado... conheço mulher, velho.. que assim, aonde o cara vai... o cara vai na padaria ‘me manda foto’ ‘me manda foto’ ‘me manda foto’ ‘onde cê tá’?. Surtada, mega controladora, horrível... (...) Assim, mulher muito controladora, muito ciumenta é um problema... (...) Cara, mina que quer competir com você, eu acho bizarro. Então assim... aquela mulher que é muito masculinizada do ponto de vista comportamental né, no seguinte sentido: cara a mina é muito boa no trampo dela, aí no relacionamento, cara, ela quer definir tudo: aonde vocês vão, que que cês vão comer, a roupa que cê tem que vestir. Sabe aquela coisa assim...cara, ela tem que competir com você pra tudo, pra ver quem faz mais grana, cara, é um saco... É foda, desgasta o cara. E pra simplificar, gente, falo assim ó.. Pra você... os caras perguntam assim pra mim, Thiago isso aqui é *redflag* isso aqui não é? Cara a melhor métrica que você pode fazer é o seguinte: Quando eu to com essa mulher a minha vida ta suave ou ela ta indo pra baixo? Essa mulher traz conforto e paz pra minha vida, ou ela traz drama? Se você focar só nisso, você já faz um filtro bom. Toda mulher faz um draminha, normal (...) mas quando ela arranja muita coisa pra cabeça do cara, isso é um problema. (Schutz, 2023, 41:35)

Seu suspiro denota uma certo desapontamento – ou quem sabe uma tentativa disfarçada de se acalmar antes de falar publicamente - , como se estivesse cansado de ser incompreendido ao explicar os propósitos da *Redpill*. O influenciador tenta se afastar da imagem depreciativa do homem “encalhado”, associado à falta de sucesso com mulheres consideradas bonitas. Ao reforçar que o conteúdo *Redpill* não é só para solteiros, ele sugere que estar solteiro é sinal de fracasso masculino. A palavra “encalhado” carrega a ideia de inércia e ausência de escolha, indicando um homem que não consegue se mover social ou sexualmente. Segundo Welzer-Lang (1994), a masculinidade é construída por meio da internalização de códigos de virilidade que valorizam o acesso a mulheres atraentes, dinheiro e poder. Posteriormente, o autor mostra que esses códigos são transmitidos por relações homossociais, nas quais os homens constroem suas identidades a partir do olhar e validação de outros homens. A masculinidade, portanto, é relacional, hierárquica e sustentada por performances sociais voltadas à aprovação masculina (Welzer-Lang, 2001). Ao optar por usar acessórios de ouro, Schutz estaria comunicando semioticamente ser um “grande homem”. Da mesma forma, ao se colocar em um lugar de saber sobre as dinâmicas da sexualidade, com a promoção de seu livro, o *influencer* estaria reforçando a ideia de que sabe como ser um homem de respeito, diante do olhar de outras mulheres e homens. Evocar uma imagem depreciativa da masculinidade por oposição é também uma forma de construir uma “face” sobre

como ele quer ser visto na interação com seus seguidores.

Nesse trecho - assim como em outras passagens da entrevista - Schutz elabora suas respostas gradativamente, até finalmente chegar na questão que está sendo colocada. O termo *redflags* – bandeiras vermelhas – trata dos sinais de que as pessoas indicando falta de compatibilidade antes do relacionamento se consolidar. A suposição do influenciador – de que mulheres seriam “programadas” para reconhecer tais sinais –, pode ser explicada pelo fato de mulheres se encontrarem mais vulneráveis a violências físicas e sexuais¹⁸, e, portanto, se verem, muitas vezes, na necessidade de aprender a reconhecer homens potencialmente violentos, como forma de prevenção. Da mesma forma, a concepção de que homens dariam um maior valor à aparência física e a conexão sexual, pode ser explicada por modelos de masculinidade socialmente construídos, em que a percepção objetificada sobre as mulheres surge como forma de validação da masculinidade entre homens¹⁹. No entanto, o discurso *Redpill*, por ser influenciado fortemente pela psicologia evolucionista, naturaliza as diferenças entre homens e mulheres, por meio da atribuição das necessidades evolutivas às diferenças comportamentais entre os gêneros (Ging, 2017; Ging & Siapera, 2018; Valkenburgh, 2018; Vallerga, 2021). A psicologia evolucionista, no entanto, é criticada por seu caráter especulativo e por ignorar fatores culturais e históricos (O’Neil, 2018; Cameron, 2007, 2009). Com a reação ao feminismo, essa abordagem voltou a ganhar espaço ao sustentar a ideia de diferenças inatas entre os sexos.

Schutz se apropria dessas teorias para justificar que as necessidades distintas de homens e mulheres em relacionamentos seriam naturais, reforçando argumentos biológicos para papéis tradicionais de gênero. O influenciador prossegue:

Po cara, é só você observar: essa mulher que tá comigo, velho... me sinto mais confortável, minha vida vai mais pra frente com ela ou tá atrasando, tá um pé no saco... entendeu? Então não tem muito segredo (Schutz, 2023, 45:34).

“E as vezes o cara fica ali se segurando no relacionamento porque o sexo é bom...” (45:44), diz Garim. “Exato”, Thiago concorda:

Exatamente, cara. O sexo é bom... Po, cara, essa questão do sexo pega pra

¹⁸ Ver: DataSenado. Disponível em: <[Comparativo Nacional de Violência contra a Mulher](#)>. Acesso em: 15/02/2025.

¹⁹ A pesquisa desenvolvida por Valeska Zanella (2020) em grupos de masculinos de pornografia do *Whatsapp* fornece evidência empírica sobre isso.

caralho pros caras, pega pra caralho... O que o cara tem que enxergar com relação ao sexo é o seguinte: [pigarro] É... chega um ponto, velho... que os caras já perceberam isso também né... Que assim, chega um ponto no...no... em alguns relacionamentos que o cara investe cada vez mais e ele tem cada vez menos sexo. Essa é uma parada que o cara tem que observar. A frequência sexual tende a cair com o tempo, é normal. Mas o que que acontece... o cara, meu... pra ele conseguir dar uma transadinha rápida o cara tem que comprar um carro pra mulher, o cara tem que passar na Zara com ela pra comprar uma bolsa, entendeu..porque ela tá tipo... bolada faz umas três semanas com o cara... Aí velho.. cê tá tipo, no pior cenário de todos. Porque cê tá tendo que comprar sexo... cê tá tendo que comprar sexo, entendeu. Então, com todo o respeito, a tua mulher custa mais caro que uma GP. Isso é fato, a tua mulher custa mais caro que uma GP. A tua mulher talvez custe 4, 5 mil por mês sem sexo e uma GP talvez custe tipo 200 pau com sexo, entendeu... Sei lá, to dando um número aqui... To incentivando os caras a terminar casamento e comer puta? Não é isso que eu to falando, mas é assim, pro cara ficar ligado nisso. Dá pra você continuar tendo sexo e continuar investindo a mesma coisa que você investia no começo do relacionamento, entendeu... ainda que você invista um pouco mais mas mantenha uma frequência sexual saudável, ok, entendeu... E o cara entra num ponto de vida que é miserável, velho: o cara não tem sexo, tem uma migalha de sexo, e tem que investir pra caralho, entendeu. E esse é o problema: talvez essa mulher esteja tendo um sexo fenomenal com outro cara em quatro paredes, entendeu... se ela tiver tipo, metendo galho no cara. Então, assim, ela não quer sexo com ele, com o marido, entendeu... mas tá dando certo com outro cara... sei lá... o pessoal da academia, foda-se, alguma coisa assim. (Schutz, 2023, 45:52)

“Usando o cara realmente pra outros fins...pra financiar” (47:30), concorda Garim “Um *step* financeiro total” (47:33), conclui Schutz. “Investir” cada vez mais em um relacionamento é articulado a ideia de prover bens materiais e experiências caras. A forma pela qual o *influencer* constrói uma causalidade inversa entre “cada vez investir mais” e “cada vez ter menos sexo”, presume que o desejo sexual das mulheres seria movido por bens materiais. A baixa oferta do sexo como retribuição é assim entendida como uma injustiça, indicando a necessidade do homem de verificar se os “benefícios” estariam suprimindo os “custos”. O afeto, para eles, seria comunicado através do dinheiro. A evocação metonímia da bolsa da marca de luxo “Zara” remete à ideia de que o custo material para atender aos desejos de uma mulher ficasse cada vez mais alto no decorrer do relacionamento. Sabendo disso, elas estabeleceriam um jogo de manipulação, em que a recusa pelo sexo comunica que o investimento ainda “não é suficiente”. Movidas por interesses econômicos, mulheres controlariam os homens por meio da sexualidade.

Ao afirmar que “uma GP sairia mais barato”, o *coach* reforça a lógica utilitarista nas relações românticas, tratando o afeto como transação. Desta forma, mulheres seriam escolhidas

como produtos, em um mercado regulado por eficiência, custo-benefício e valor de troca (Illouz, 2011). A figura da garota de programa aparece nas redes *Redpill* com conotações de humilhação, sendo usada em contraste com categorias femininas como a “honradinha” ou “conservadia”, vistas como de maior “valor moral”. Ao dizer que “é preferível comer uma GP”, Schutz desvaloriza a parceira ao colocá-la abaixo de uma profissional do sexo em termos de custo- benefício. Isso sustenta a ideia de que investir emocional e financeiramente em uma mulher “não compensa” se os benefícios são inferiores. Desta forma, o argumento mercadológico, característico das relações contemporâneas, se intersecciona com o pensamento *Redpill*, produzindo uma visão misógina e mercantilista sobre a sexualidade. Ainda assim, ele ressalta que não está incentivando traições ou divórcios, o que demonstra alinhamento com valores tradicionais. O uso do escapulário, símbolo cristão, sugere proximidade com valores familiares e religiosos. Para Schutz, o problema não é o relacionamento em si, mas a falta de vigilância dos homens frente à possibilidade de exploração emocional ou material.

A relação entre entrevistadores e entrevistado revela a concordância entre ambos de que os homens seriam movidos a sexo, de que o sexo seria um fator que faria com que os “caras” permanecessem em relacionamentos ruins. Desde o princípio, eles se mostram elogiosos e curiosos sobre o trabalho de Schutz, enfatizando a importância que seus ensinamentos tiveram em suas vidas. A cumplicidade se estabelece pelas crenças que compartilham sobre mulheres em relacionamentos contemporâneos, e sobretudo o temor de que uma mulher poderia vir a “usá-los para outros fins” como a provisão econômica. Isso revela uma contradição que é própria do discurso *Redpill* – ao mesmo tempo que os homens devem emular atitudes provedoras, como no ato de pagar a conta no primeiro encontro, eles temem se tornarem submissos, por entenderem que o desejo feminino opera através do dinheiro. Isso seria solucionado com um equilíbrio com atitudes que indicam “dominância”, expressa pela frustração intencional do desejo feminino na interação – como o ato de recusar uma cerveja por preferir continuar tomando seu Campari.

A obra de Schutz se inspira na cultura *pickup artist* (PUA), que se desenvolveu paralelamente às transformações nas relações de gênero associadas ao feminismo da segunda onda. Nesse universo, desenvolvem-se técnicas de sedução — como roteiros de conversa e abordagens padronizadas — que transformaram a prática em um mercado de livros, cursos e mentorias voltados ao público masculino. A cultura PUA passa a se alinhar à “machosfera” com a promoção de práticas como o *negging*. Descrita pela primeira vez na obra “O jogo” (2005) de

Neil Strauss, ela consiste em fazer um elogio a uma mulher seguido por uma crítica sutil, no intuito de desarmar mulheres atraentes – fazendo com que fiquem confusas e intrigadas, questionando sua auto-estima. Essa técnica também é incentivada por David De Angelo (2001), que, além disso, sugere que homens criem “roteiros de conversa” – ensaiar cenários em que abordam mulheres desconhecidas com o intuito de desenvolver a auto-confiança (King, 2017). A cultura PUA integra, assim, o universo da autoajuda masculina, cujas origens remontam a proposta da obra “Autoajuda” (1859) de Samuel Smiles, que é a valorização do esforço individual como caminho para o sucesso. Com o tempo, essa linguagem é absorvida pela ideologia neoliberal, tornando-se central no mundo empresarial e nos discursos de desenvolvimento pessoal. Nesse contexto, a narrativa da identidade masculina é moldada por um *ethos* de autossuperação, que oculta as conexões entre sofrimento afetivo e desigualdades sociais, como argumenta Eva Illouz (2011).

Em 2009, foi criado o site PUABase.com, estruturado como fórum de discussão *online* dedicado à sistematização da sedução. Embora não fosse a única iniciativa do gênero no Brasil — que já contava com *blogs* e comunidades voltadas ao tema —, tornou-se um dos espaços mais antigos e possivelmente o maior ainda em funcionamento no país. Nesse ambiente, métodos e estratégias de conquista são organizados como saberes transmissíveis e aperfeiçoáveis (Franco, 2019).. Tal racionalização da sedução dialoga com uma tradição anterior de pedagogia midiática da masculinidade no Brasil: Desde as décadas de 1970 e 1980, a *Playboy* consolidou um modelo de virilidade associado ao sucesso sexual, ao consumo e à distinção social. A revista não apenas erotizava o corpo feminino, mas oferecia um roteiro de formação masculina, ensinando modos de vestir, consumir e se relacionar. Inserido em um contexto de urbanização e expansão da classe média, esse ideal projetava o homem autoconfiante e sexualmente ativo como norma desejável. Com isso, o desempenho sexual e a conquista feminina tornaram-se indicadores centrais de valor masculino (Voks, 2021). A sedução passou, então, a ser concebida como técnica passível de aprendizagem e otimização. Nesse sentido, fóruns como o PUABase atualizam, em chave digital, essa tradição de autoaperfeiçoamento viril e sistematização da conquista.

O mercado de *coaching* se aproxima da indústria da autoajuda ao prometer soluções individuais para problemas estruturais, baseando-se em discursos motivacionais e meritocráticos que responsabilizam o sujeito pelo próprio sucesso ou fracasso. No contexto da pandemia e da crescente busca por renda em plataformas digitais, especialmente entre microempreendedores da classe média baixa, *coaches influencers* passaram a oferecer treinamentos fundamentados em

discursos que reforçam valores alinhados ao conservadorismo e à extrema direita. Pinheiro-Machado (2025) analisa como esse cenário, atravessado pela precarização e pelo avanço da direita radical, é impulsionado pelas redes sociais, moldando uma nova subjetividade política brasileira. De forma convergente, Cardoso, Amorim & Sulz (2023) destacam a emergência de um mercado *coaching* de masculinidade, que se articula com conteúdos digitais voltados à defesa de um modelo específico de homem. Os autores observam que a retórica da “crise da masculinidade” estimula a construção de um “novo masculino”, frequentemente atrelado a ataques à chamada “ideologia de gênero” — um termo conservador que distorce os estudos de gênero ao tratá-los como ameaça à família —, sendo a popularização do fenômeno *Redpill* uma das consequências do antifeminismo de Estado no Brasil contemporâneo.

A concepção da sexualidade como moeda de troca, assim como a elaboração de estratégias para evitar ou descobrir uma traição são assuntos recorrentes no discurso *Redpill*. A ideia de “investimento” aparece em outros trechos como uma forma de demarcação de poder. Em determinado momento (1:43:00) Schutz fala que os homens devem estar mais investidos nos relacionamentos como “solucionadores de problemas” que as mulheres, já em outro trecho (2:16:42), mais ao final da entrevista, ele diz que “O bom é quando a mulher ama o cara, e o cara gosta dela”. A *Redpill* reafirma uma “masculinidade da razão” (Connel, 1995), associada à lógica técnica e racional, comum às novas classes médias. Essa masculinidade é marcada por uma internalização da eficiência e do controle, aplicada às relações afetivas, articuladas à misoginia e ao machismo. Illouz (2011) aponta que a *internet* textualizou a identidade, intensificando a lógica liberal da escolha no campo amoroso. Assim, o sujeito passa a agir como um “selecionador” que busca minimizar custos e maximizar benefícios. A *Redpill* representa o ápice dessa racionalização dos vínculos afetivos, adotando a linguagem do mercado para explicar relações heterossexuais. Com isso, transforma a solidão em uma estratégia de controle e diferenciação.

No capitalismo avançado, a racionalização ultrapassa o trabalho e passa a moldar a cultura, subjetividade e relações de gênero, reconfigurando a masculinidade para atender às exigências do meio corporativo. A razão técnica, associada à eficiência e ao saber especializado, torna-se central na legitimação da masculinidade hegemônica, dificultando sua contestação (Connel, 1995). Schutz se apoia nessa lógica ao recorrer à linguagem da psicologia e das finanças, apresentando os homens como racionais e solucionadores, em contraste com mulheres emocionalmente envolvidas. Illouz (2011) complementa essa análise ao mostrar como a *internet* transforma o amor

em um campo de escolha racional e estratégica, baseado em critérios padronizados de valor, conhecimento e eficácia. A racionalização da vida íntima promove um estilo de vida metódico, onde o poder de escolha reforça a ideia de controle e reafirma a identidade masculina como superior por ser guiada pela lógica da razão.

Brown (2019) argumenta que a privatização, ao substituir a sociedade pelo mercado junto à ideologia familista, que coloca os valores familiares no centro da vida cotidiana, contestam os princípios de igualdade essenciais à democracia. Quando valores de mercado se combinam com o familismo cristão heteropatriarcal, ocorre sua institucionalização pelo direito, ameaçando a civilidade, a inclusão e a igualdade. Essa lógica molda a cultura política, legitimando hierarquia e exclusão, e transforma a nação em propriedade privada, onde o presidente atua como chefe da família. Complementando, Amato (2022) destaca que o neoliberalismo de Estado mínimo embasa discursos masculinistas que vêem a ampliação dos direitos das mulheres, fruto da ação estatal, como uma ameaça à exclusividade masculina no poder econômico e social. A “feminização do Estado” é usada para justificar a retirada das políticas públicas e a manutenção do poder nas mãos de homens privilegiados. Dessa forma, a misoginia se alia à lógica neoliberal, ao demonizar o Estado e vilanizar grupos que lutam por equidade, reforçando um ressentimento masculino que associa democracia a perda de *status*, ancorado em concepções tradicionais de gênero e família.

A situação hipotética de que a baixa oferta de sexo com a parceira pode ser explicada por ela estar “tendo um sexo melhor com outro homem”, comentada por Schutz, traz consigo a representação máxima da humilhação e perda da virilidade. Isso é reforçado pela imagem do *personal trainer* – um homem supostamente mais “forte” e preparado fisicamente, o que pode também ser explicado pela interseção entre o universo *Redpill* e a cultura do corpo. Pesquisas realizadas recentemente no fórum *r/TheRedPill* mostram como *hashtags* como *#gogym* (ir para a academia) e temas relacionados ao “*looksmxing*” (melhoria da aparência física) desempenham um papel crucial na atração de novos membros pelo fórum (Botto & Gotzzén, 2023). Do mesmo modo, assuntos que veiculam características físicas, como altura e peso à poder e *status* entre outros homens e mulheres é interseccionado com a retórica de “autoajuda” (Perry & DeoDeo, 2021). As plataformas digitais brasileiras analisadas confirmam essa associação, visto que a aproximação entre a cultura *fit* e as práticas *Redpill* voltadas para desenvolvimento pessoal também se mostraram recorrentes. Confrontado com a impossibilidade do cálculo emocional dos riscos, o sujeito *redpill* se sente humilhado: estar sozinho não é uma escolha, se esse estado resulta

de uma traição ou rejeição.

Bispo (2016), em seu trabalho em que investiga sobre as possibilidades de mobilização da solidão entre os jovens, distingue a solidão “acontecida” da “solidão deliberada”: a primeira é aquela que acomete o sujeito, experienciada de forma involuntária, enquanto a segunda, consiste na escolha por uma vida solitária. Embora ambas tratem de situações distintas, na prática, essas fronteiras se borram, de modo que a solidão pode ser compreendida, simultaneamente, como uma escolha e uma determinação externa. No discurso de Schutz, que ressoa o pensamento *Redpill*, é elaborada toda uma racionalidade como forma de evitar a solidão acontecida, ilustrada pelo cenário da traição por parte de suas parceiras. Se mostrar menos investido, demonstrar características “masculinas”, ficar atento às “bandeiras vermelhas” que as mulheres dão, consistem, sobretudo, em estratégias meticulosamente calculadas e racionalizadas para evitar ser jogado na solidão contra a vontade. Quando a solidão é imposta de fora, ela é tomada como um ato de humilhação, sentido como perda de *status* e rebaixamento diante do ideal de masculinidade almejado.

A humilhação pode ser compreendida tanto como uma emoção quanto como um ato social que revela hierarquias de gênero, se manifestando em violência, especialmente quando mulheres traem parceiros e são levadas ao “dispositivo da culpa” (Díaz-Benítez, 2019). Homens, para restituir sua honra, recorrem à agressão com base na ideia de que mulheres consideradas lascivas merecem sofrer. Assim, a humilhação é uma emoção socializada, que ocorre na interação entre humilhador e humilhado. Essa emoção pode ser internalizada passivamente, como na percepção de ter sido enganado. A transição da humilhação para a ira, movida pelo desejo de justiça, frequentemente culmina na violência como forma de restaurar respeito (Katz, 2013). A impotência masculina diante de um ideal de virilidade sexual é projetada nas mulheres, com humilhações que revelam conflitos internos. Esses valores ganham força, especialmente na cultura brasileira, considerando que a tese da “defesa da honra” só foi considerada inconstitucional em 2021²⁰.

Embora Schutz em momento algum sugira a violência como resposta à humilhação de ser traído, a ideia da hipergamia feminina, no discurso *Redpill* consiste em um dos argumentos da ideia de que o mundo é controlado por uma ditadura ginocêntrica²¹. Desta forma, o sentimento de

²⁰ Ver: < <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-proibe-uso-da-tese-de-legitima-defesa-da-honra-em-crimes-de-feminicidio/>>

²¹ "Ditadura ginocêntrica" é uma expressão usada em discursos antifeministas para descrever, de forma pejorativa e sem base empírica, uma suposta sociedade controlada por interesses femininos em detrimento

injustiça reforçado nos homens pela *Redpill*, legitimaria a transferência da humilhação sentida pelo adultério em atos violentos contra as mulheres.

Chegando na metade da entrevista, Schutz garante que a *Redpill* não trata de odiar mulheres:

Esse é um ponto mega importante que eu curto deixar claro, da *red...* que fala, mano, não tem nada a ver com odiar mulher, muito pelo contrário. Se eu pudesse fazer que todo mundo entendesse que pra dar certo, um relacionamento tem que ter polaridades, cara... tem que ter polaridades, o homem tem que ser mais racional, a mulher tipo, tem que saber respeitar o cara que tá junto, a mulher tem que saber se impor, tem que saber falar ‘não’, tem que segurar o lado da validação dela também, de ficar postando foto... Enfim, na verdade o meu conteúdo ajuda a ter relacionamento saudável, não é pra destruir o relacionamento, pelo contrário, entendeu... Então acho que essa é que é a ideia que o pessoal tem que pensar: o cara continua focando nele: se ele estiver em um relacionamento ou não, ele continua focando nele. Até falo pros caras: se você entrou num relacionamento, cê se fudeu, no bom sentido, porque agora você trabalha dobrado. Cê tem que continuar focando em você pra sua mina continuar te olhando e te admirando. (Schutz, 2023, 1:05:30)

Quando questionado sobre o que pensa quando mulheres pedem “um tempo” em seus relacionamentos (1:09:49), ele responde:

(...) Pra mim velho, o pretexto é: essa parada de tempo é uma desculpa pra ver se tem alguém melhor e se ela não achar ela vai voltar. E ela volta, mano. E ela volta. E o cara, cara... não tem que tipo...tentar convencer a mulher a ficar... sabe o que ele faz... ‘pode ir’...Melhor coisa cara, cê não tem que tentar provar seu valor, a partir do momento que se tem que provar seu valor é porque você não tem valor (Schutz, 2023 1:10:49)

A afirmação de que “um relacionamento tem que ter polaridades” implica a oposição entre um pólo emocional – representado pela mulher – e um pólo racional, representado pelo homem. Ao colocar essa premissa como condição para um relacionamento saudável, Thiago estaria patologizando, por oposição, relacionamentos que desviam dessa norma. O neoliberalismo, ao incorporar o discurso da psicologia ao ideal de um eu “completo” e “autorrealizado”, estabeleceu uma hierarquia entre indivíduos bem ajustados e aqueles que enfrentam dificuldades emocionais. A definição de fronteiras entre o que é “saudável” e “não é” aponta para uma patologização do cotidiano característica da pós-modernidade, de modo que comportamentos

desviantes passam a ser considerados doentios (Illouz, 2011) .

Schutz afirma que uma mulher deve “respeitar o cara que tá junto”, saber se impor, “dizer não” e evitar buscar validação, como ao “postar foto” nas redes. Essa orientação revela incômodo com a autonomia feminina sobre sua imagem, interpretada como afronta à autoridade masculina. Supor que a foto busca o olhar de outros homens reifica a mulher como objeto, não sujeito de desejo. O desprezo por esse comportamento expressa o prazer na hierarquia (Díaz- Benítez, 2015), típico das redes *Redpill*. Como o ciúme é uma das principais causas de feminicídio no Brasil²², validar essa emoção pode legitimar, ainda que indiretamente, a violência masculina. Ao não especificar o que significa “se impor”, o discurso sugere que o “não” deve ser para outros homens, nunca para o parceiro. Assim, uma mulher respeitosa é passiva e não promíscua.

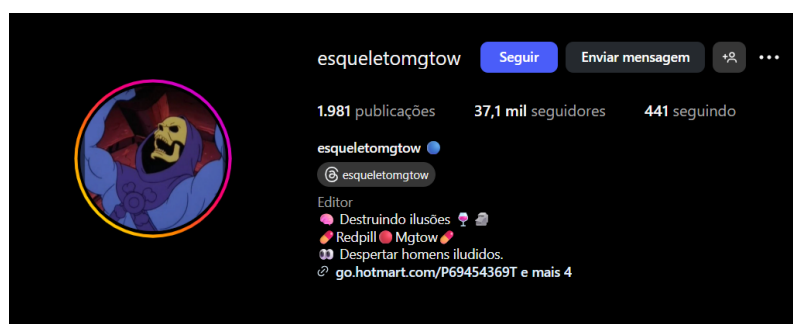
As ideias e narrativas *Redpill pickup artist* sobre solidão e conjugalidade são um conjunto de condutas focadas no “cuidado de si” (Foucault, 1985), mediadas pela psicologia e incorporadas ao discurso neoliberal, visando evitar a solidão involuntária a qualquer custo. Quando a solidão é imposta externamente, o homem deve performá-la como escolha consciente, já que performance implica incorporação (Butler, 1993). Ele deve manter uma relação controlada consigo mesmo, esteja em relacionamento ou não, para não experimentar a solidão como rejeição. O sujeito *pickup artist* acredita que assim se torna mais desejável às mulheres, reafirmando seu valor masculino pelo número de parceiras, mostrando que estar solteiro é uma escolha reversível. Para alcançar sucesso amoroso, ele deve dominar suas emoções por meio de práticas de autoaperfeiçoamento prescritas em livros como “Pílulas da Realidade”, investindo na aparência física, saúde, desenvolvimento intelectual e estabilidade financeira. Defensivo e firme contra manipulações femininas, Schutz defende que o homem deve manter-se em seu “pólo racional” para ser respeitado e feliz, desde que a mulher não seja promíscua nem controladora.

²² Estudos apontam que o ciúme e o comportamento possessivo estão entre as principais motivações para feminicídios no Brasil. No Distrito Federal, entre 2016 e 2017, 88,2% dos feminicídios analisados envolveram controle, perseguição e ciúmes (Correio Braziliense, 2018), e em cerca de 70% dos casos o ciúme foi identificado como fator central (R7, 2021). Em São Paulo, estimativas indicam que 30% dos feminicídios decorrem do ciúme, especialmente em relações com parceiros ou ex-parceiros (G1, 2018). Ver: <https://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/comunicacao-menu/sala-de-imprensa/noticias/noticias-2021/13321-violencia-domestica-pesquisa-identifica-fatores-de-risco-para-feminicidios> ; <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/06/4933731-mais-de-88-dos-feminicidios-do-df-tem-historico-de-ciume-ou-perseguido.html>; <https://www.sof.org.br/30-dos-feminicidios-do-estado-ocorreram-por-ciume/>

2.3 “O HOMEM TEM QUE PENSAR COM A CABEÇA DE CIMA”

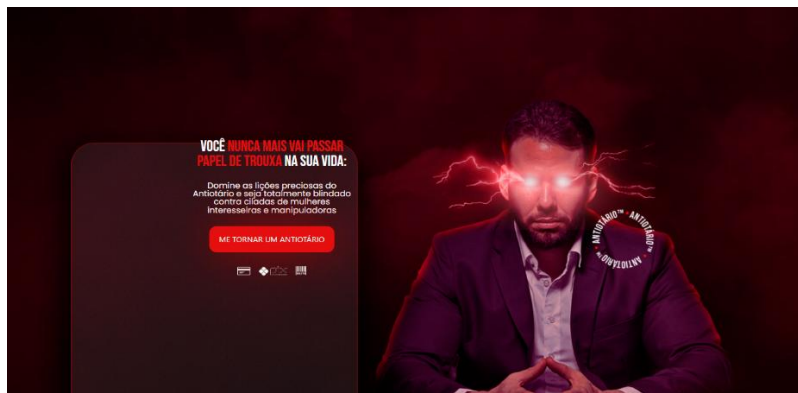
Anderson, "Esqueleto MGTOW" é um influenciador digital brasileiro que produz conteúdo relacionado ao movimento MGTOW ("Men Going Their Own Way" ou "Homens que Seguem seu Próprio Caminho"). Em sua página do *Instagram* (Figura 28), que conta atualmente com 37,1 mil seguidores, ele compartilha vídeos, *memes* e aborda temas como masculinidades e relacionamentos pela perspectiva da *Redpill*. Em sua *bio* é possível encontrar as frases “destruindo ilusões” e “despertar homens iludidos”. Além disso, Anderson divulga obras de autores *redpill* como o manual e curso “antiotário” de Rafael Aires (Figura 29) e “Mulheres: o caminho para a pobreza e a desgraça” (Figura 30) de Stallone Impostor. Como a maior parte dos produtores de conteúdo MGTOW brasileiro, ele não mostra seu rosto – sua foto de perfil é o esqueleto do *Heman*, não sendo possível encontrar qualquer foto do influenciador nas redes sociais. São poucas suas aparições no *YouTube*, sendo elas a entrevista concedida ao canal *Pink & Pill* de Schutz ao lado de Thatty Pilon, terapeuta e psicanalista, que foi ao ar dia 24 de abril de 2023, e ao canal *Podcolar* no dia 5 de julho de 2023 onde ele respondeu perguntas dos entrevistadores e internautas sobre relacionamentos.

Figura 28 - Perfil do *Instagram* esqueleto mgtow



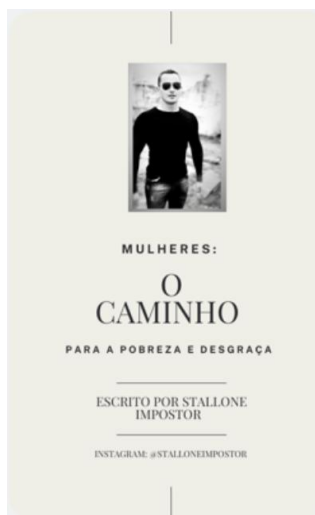
Fonte: *Instagram*, @esqueleto mgtow, acesso em: 23/07/2025.

Figura 29 - Manual Antiotário



Fonte: Perfil do *instagram* @esqueletomgtow, acesso em: 23/07/2025.

Figura 30 - Livro "Mulheres: o caminho para pobreza e desgraça"



Fonte: Livro escrito por Stallone Impostor promovido no *instagram* de “esqueleto” mgtow

Localizado em São Paulo, o canal de *podcasts* Podcolar se descreve como “O Podcast mais BRABO da *internet*”. Criado em 20 de agosto de 2022 por Brunão e Messo, ambos são naturais de Pirituba, e se apresentam como “empreendedores”. No canal, eles entrevistam personalidades diversas, contabilizando um total de 7,65 mil inscritos com um alcance de mais de 1 milhão de visualizações, O episódio referenciado é o de número 39 intitulado, “ESQUELETO MGTOW - Podcolar #39” com 377 visualizações. O estúdio é decorado com um papel de parede abstrato, nas

cores preto e branco. Os entrevistadores se encontram à direita e entrevistado à esquerda, separados por uma mesa de madeira bruta. Entre eles, encontra-se uma jarra de vidro, sob a mesa, dois copos e uma caneca – na qual entrevistadores e entrevistado bebem enquanto discutem por meio de um microfone amarelo da marca “Shure”. A relação entre entrevistadores e entrevistado pode ser descrita como um misto de cumplicidade e curiosidade. Eles se mostram interessados pela perspectiva de Anderson e, em muitos momentos, são concessivos com suas ideias. Boa parte das perguntas são enviadas por internautas e *youtubers* que compartilham das crenças *Redpill*.

Uma das dificuldades de campo foi encontrar entrevistas com pessoas públicas brasileiras que se reivindicuem abertamente como “MGTOW”. A maior parte dos canais voltados ao conteúdo no *YouTube* seguem um formato bastante distinto das entrevistas de *podcasts*: os locutores se expressam sob pseudônimos, não aparecem, e revelam muito pouco ou nada sobre quem são. O formato vídeos consiste, majoritariamente, em cenários de jogos, ou montagens de imagens narradas com reflexões antissistêmicas- principalmente contra mulheres e o feminismo. Entre eles, destaca-se o canal “RACCOONING RACCOON LIFE” e “RACCOONING RACCOON 3.0” (2,12 mil inscritos) que apresenta um conteúdo mais radicalizado: Neles é possível encontrar títulos como “Homens solteiros não estão perdendo nada” (RACCOONING RACCOON 3.0, 10/05/2022); “Não doe esperma” (RACCOONING RACCOON LIFE, 6/12/2024); e “A igualdade oprime o homem” (RACCOONING RACCOON LIFE, 29/08/2024), narrados por um MGTOW sob o pseudônimo de *Raccoon*. Seu conteúdo geralmente envolve a análise de leis e aspectos culturais que supostamente “favorecem” as mulheres, descritas por eles como “perversas” e “carreiristas”. Por isso, poucas informações biográficas sobre Anderson se encontram disponíveis na *internet*.

Os “homens que seguem seu próprio caminho”, encontram suas origens entre os ativistas pelo “Direito dos homens” que se desiludiram da ação coletiva, e, por isso, preferem seguir um tipo de política individual que envolve o desengajamento de mulheres em diferentes níveis (Wright, Trott & Jones, 2019). Nesse sentido, aderir a um estilo de vida que tem como propósito o afastamento das expectativas coletivas, envolve a produção de uma solidão ancorada no desengajamento das relações com os outros. Isso se contrói tanto pela recusa às expectativas sociais em torno do casamento quanto pelo afastamento de organizações sociais coletivas em torno de pautas masculinistas. Logo, eles acreditam que a saída para os efeitos dos males do feminismo seria individual, de modo que o desengajamento se torna a expressão máxima da liberdade do

sujeito. Se, por um lado, produzem-se solidões desengajadas, por outro, o sujeito que opta por “seguir seu próprio caminho”, o faz ancorando-se fortemente nos valores compartilhados pelas redes *Redpill*.

A pesquisa de Nagle (2017) mostra que sua retórica sugere que as ideias de "punição" e "vingança" encontram-se frequentemente por trás de suas motivações. De acordo com a autora, haveria 4 estágios do MGTOW, e seus seguidores frequentemente sinalizam suas progressões e por quanto tempo têm aderido ao estilo de vida: no nível 1, eles rejeitam relacionamentos de longo prazo, no nível 2 eles rejeitam relacionamentos casuais e ficadas, o nível 3 envolve desengajamento econômico das mulheres e o nível 4 é o desengajamento cultural, quando homens se recusam a interagir com toda uma sociedade "contaminada" pelo feminismo. Frequentemente o discurso MGTOW se aproxima uma perspectiva “anarco-capitalista” (Wright, Trott & Jones, 2019, 2020), *vide* figuras públicas como Peter Turguniev²³ e Renato Trezoitão²⁴, que direcionam seu ódio não apenas a mulheres, mas ao Estado como um todo.

Murray Rothbard, autor da teoria do anarco-capitalismo, defendia a abolição do Estado em favor da propriedade privada e do livre mercado. Sua teoria consiste em uma distorção dos valores da Nova Esquerda - de quem ele se aproximou durante as manifestações contra a guerra do Vietnã na década de 1960. Assim, Rothbard se apropriava de elementos de movimentos sociais de esquerda tais como o vocabulário antissistêmico, as críticas ao autoritarismo estatal e a estética de oposição, ao mesmo tempo que repudiava políticas públicas que promoviam a igualdade, consideradas por ele como “anti-humanas” e “primitivas” (Slobodian, 2019). Na América Latina, essa retórica aparece no anti-kirchnerismo de Javier Milei e no antipetismo de Jair Bolsonaro, marcados pela oposição às elites políticas e às políticas de igualdade de gênero. Tanto o anarcocapitalismo quanto o discurso MGTOW compartilham uma rejeição às mediações institucionais, vistas como ameaças à liberdade individual. Apesar de se apresentarem como radicais, ambos defendem a restauração de hierarquias privadas — o mercado no caso de Rothbard, e a masculinidade tradicional no

²³ Peter Turguniev é um influenciador brasileiro ligado ao movimento MGTOW, cuja aproximação com o anarcocapitalismo se manifesta na defesa da liberdade individual masculina, na rejeição do Estado e em críticas às instituições legais e sociais que, segundo ele, oprimem os homens nas relações de gênero.

²⁴ Renato Trezoitão é um influenciador brasileiro que se apresenta como anarcocapitalista e simpatiza com o MGTOW, atuando também no mercado de *bitcoin* — uma moeda digital descentralizada baseada em *blockchain* — como forma de promover autonomia financeira masculina e resistência ao controle estatal sobre o dinheiro e as relações sociais.

MGTOW. Em comum, operam uma inversão ideológica ao apresentarem a manutenção de privilégios como se fosse um projeto de emancipação.

“Esqueleto” foi o único interlocutor encontrado para esta pesquisa que se reivindica explicitamente como “MGTOW” que aceitou conceder entrevista à um *podcast*. Anderson é um homem na faixa dos 30 anos, pardo, veste uma camisa de malha preta com uma estampa de caveira branca, óculos escuros, um anel de prata no dedo indicador esquerdo, cabelo curto e grisalho, com algumas entradas de calvície e a barba grande e grisalha (Figura 31). Fala em voz baixa, de maneira menos expressiva que Schutz, embora também seja possível perceber o sotaque paulista. Logo ao início da entrevista (15:07) ele relata ter começado a consumir os conteúdos *Redpill* após uma desilusão amorosa, em que ele fazia muito pela pessoa e sempre “levava toco”.

Figura 31 - Entrevista com Anderson "Esqueleto" MGTOW



Fonte: Entrevista concedida por Anderson “Esqueleto” MGTOW ao Podcast podcolar em 05/07/2023

Por volta da metade da entrevista, um internauta envia a seguinte pergunta: “O MGTOW é um estilo de vida? Uma resposta à desgraça do feminismo ou as duas coisas?” (1:05:28), ao que ele responde:

Cara, sempre fala assim: ai movimento *mgtow* é um feminismo ao contrário, nada a ver velho, nada a ver... É o que eu repito velho, os caras resolveram viver pra eles mesmos devido a eles olharem a como está a qualidade das relações e a qualidade das mulheres hoje em dia. Esses caras se relacionam com mulheres (Anderson, 1:05:38)

Messo interrompe: “esses caras não se relacionam com mulheres ou se relacionam sem nenhum tipo de compromisso?” (1:06:00). Anderson continua:

Eles se relacionam... só que assim o MGTOW têm três regras ferrenhas: ele não casa, ele não namora e ele não tem filhos. Esse é o tripé da filosofia MGTOW. E eu falo pra galera... quem quer levar isso a sério... não é todo mundo que consegue (...) Ah, mas aí você fala o MGTOW não sai com mulher, não transa tal... Não, cara, tem interação com mulheres. Inclusive eu suspeito que quando o cara começa a ter esse estilo de vida ele começa a olhar mais pra ele mesmo, fica mais confiante, ele começa a ter mais contato, já conhece como é que funciona o feminino, né... Então ele começa a ficar mais desenrolado, a sair com mais mulheres, então ele tem as mulheres na vida dele. Ele só vai seguir essas três regras: não casa, não tem filhos, não habita junto. Relacionamento a longo prazo não se tem, mas novamente volto a reforçar, que tem colocado aí que ‘ai mgtow odeia mulher, que fala mal...’ não, tem nada a ver. Eles só optaram por não dar relacionamento, entendeu... (Anderson, 1:06:05)

A filosofia MGTOW se fundamenta na ideia de “viver para si mesmo”, defendendo que a retirada dos relacionamentos românticos é o único caminho para se libertar do feminismo. Essa decisão é motivada pela percepção da “má qualidade” das mulheres e dos relacionamentos atuais. Martins (2015) relaciona a vida solteira à posse de si e ao bem-estar baseado na interioridade do sujeito moderno, onde a felicidade depende da autonomia emocional e da não subordinação a obrigações externas. Para os MGTOW, o estar só é uma escolha voluntária e virtuosa, porém reativa e ressentida, sem espaço para negociação, pois rejeitam os ideais contemporâneos de autonomia sexual feminina. Anderson tenta suavizar o estigma de “radical” e “separatista” ao afirmar que esses homens mantêm relações sexuais, gerando um paradoxo: o afastamento romântico aumenta a procura sexual, vista como positiva por ampliar opções de sexo casual. Assim, manter mulheres em sua vida serve para reforçar uma imagem masculina valorizada socialmente, reafirmando o poder da escolha e preservando a liberdade frente à “dominação feminina” que associa à vida a dois.

A experiência de estar só é instrumentalizada como ferramenta ideológica para a

construção de masculinidades à serviço da manutenção de hierarquias de gênero. O distanciamento, visto como voluntário, confere uma tentativa de subverter o imaginário de que um homem seria “mal visto” por não ter mulheres à sua disposição. A proposta MGTOW é a de um afastamento, autônomo e deliberado, pela via do desengajamento, promovendo o sentimento de superioridade dos homens em relação ao feminino. Ela envolve muito mais uma ruptura completa com os valores considerados “femininos” do que um afastamento calculado para atrair mulheres, como aquele que é compartilhado entre os segmentos *pickup artist*. No entanto, na prática, as motivações e os graus com que os membros aderem a esses valores são diversos – como Anderson, que, ao frisar que MGTOWs se relacionam com mulheres, demonstra se importar com a percepção negativa sobre homens que não são desejados sexualmente.

Os MGTOWs, ao contrário de outras identidades *Redpill*, procuram, deliberadamente por estados solitários se abstendo de trocas afetivas nas relações com mulheres. Embora “Esqueleto” sugira, indiretamente, que isso aumentaria a “procura” feminina em torno desses homens, seu objetivo principal envolve um tipo de emancipação total das relações amorosas. Essa escolha ancora-se principalmente na concepção de que mulheres categorizadas por eles como “carreiristas” – profissionais liberais, mulheres financeiramente independentes – não seriam preparadas para serem boas esposas, e, por isso, se casar ou namorar não seria mais vantajoso para os homens. Voltar-se à si é tomado como um ato político: “seguir seu próprio caminho” é também se desvincular das expectativas sociais em torno de casamento e filhos, na perspectiva deles, se retirar de relacionamentos românticos é também se voltar contra o sistema. Com isso, boa parte de seus seguidores costumam ser críticos à influência da cultura *pickup artist* no universo *Redpill* (Nagle, 2015).

A lógica neoliberal, da qual o discurso MGTOW emerge, opera por dispositivos como o impulsionamento de notícias falsas, teorias conspiratórias que fragilizam o Estado de direito, a demonização de políticas públicas de equidade e apelos antidemocráticos, paradoxalmente sustentados pela democracia. Os MGTOWs se articulam nesse cenário ao promoverem uma visão conspiratória em que o Estado teria se tornado “feminizado” e, portanto, hostil aos interesses dos homens, especialmente os brancos. Suas subjetividades são moldadas por uma narrativa de restauração da ordem, da economia e da masculinidade, só possível, segundo acreditam, pela rejeição radical às mulheres — vistas como inimigas históricas — e a tudo que carregue traços do feminino. Assim, esse discurso estende a oposição às mulheres a todos os grupos sociais que

reivindicam direitos, reforçando uma lógica patriarcal em que tais sujeitos deveriam ser tutelados ou silenciados, como antes o eram por pais, maridos, médicos ou sacerdotes (Amato, 2022).

Ao contrário de outros membros da *Redpill*, que entendem a masculinidade como uma divisão entre traços “alfa” – dominantes, “*redpill*” – e beta – provedores, “*bluepill*”, os MGTOWs adotam um modelo de masculinidade para si que chamam de “sigma”. Descrevendo-se frequentemente como “lobos solitários” e “espíritos livres” (Costa, 2023), homens “sigma” são retratados como raros, racionais, imponentes e enigmáticos. Ao contrário dos “alfa”, que se destacam pela conquista, os “sigma” valorizam a indiferença. Seu sucesso financeiro é visto tanto como meta quanto como prova de superioridade, simbolizado por bens de luxo que indicam poder e autonomia, conquistados à margem das relações com mulheres (Santini *et al*, 2024). No contexto brasileiro, a aproximação entre a MGTOW e masculinidade sigma é demonstrada em alguns estudos, entre eles, é possível mencionar: a etnografia realizada em grupos do *Facebook* por Andrade, Costa, Fernandes, Oliveira, Iguchi & Souza (2024) que contabilizou um grande número de *hashtags* #sigma nas redes de comunicação digital; o trabalho de Costa (2023) que dá enfoque no uso de *memes* associados a masculinidades sigma em duas páginas do *Instagram* e o levantamento de discursos de ódio vinculados a canais *Redpill* do *YouTube* realizados sob à direção de Marie R. Santini (Santini *et al*, 2024).

A cultura sigma consagra o Chad²⁵ como encarnação idealizada da masculinidade, condensando essa figura na justaposição de dois *emojis* recorrentes em *memes*, vídeos e publicações: a cabeça de Moai e a taça de vinho. Popularizada no *TikTok* e difundida amplamente no Brasil a partir de 2022, essa combinação tornou-se conhecida como o *meme* dos “Finos Senhores”. A cabeça de Moai remete à estética impassível e hipermasculinizada associada ao imaginário do Giga Chad²⁶ enquanto a taça de vinho evoca a valorização da autossuficiência e do prazer na solitude (Ferraro, 2023). Embora a maioria dos textos que circulam como *memes* Sigma apresente conteúdo misógino, alguns mobilizam repertórios voltados ao aperfeiçoamento masculino. Referências ao estoicismo, por exemplo, retomam a ideia do vício como encarnação do mal e incentivam o autodomínio e o afastamento de comportamentos considerados contrários à virtude (Costa, 2023). A familiaridade com autores clássicos aparece, nesse contexto, como marcador de distinção cultural e pertencimento social. Contudo, quando apropriada pela *Redpill*,

²⁵ Um homem fisicamente atraente, geralmente branco, com uma avaliação PSL de 8/10 ou superior (Trad. Minha). Disponível em: <incelwiki.com>

²⁶ Versão exagerada do “homem ideal” segundo padrões hipermasculinizados.

a virtude estoica passa a funcionar como uma estratégia de construção de imagem: segundo Zuckerberg (2018), ela é mobilizada como performance de controle emocional com o objetivo de reformular a percepção pública do grupo — deixando de parecer apenas homens brancos ressentidos para se apresentar como sujeitos corajosos que dizem a verdade ao poder.

A ideia de que não vale à pena se relacionar com “mulheres carreiristas” remonta aos primórdios do MGTOW em sua associação com o Movimento pelo Direito dos Homens, que apontavam a inserção das mulheres no mercado de trabalho como uma das causas do declínio da civilização (Dinner, 2016; Nagle, 2015). A inserção de mulheres no mercado de trabalho, com sua conseguinte autonomia financeira, abriu caminho para que elas pudessem se libertar de relacionamentos ruins, transformando profundamente os modelos de família tradicionais, centrados no poder do patriarca. Após terem se emancipado financeiramente, as mulheres passaram a ter um maior poder de escolha, não se sujeitando mais a permanecerem em relacionamentos ruins. Todavia, a pesquisa de Gonçalves (2009) mostra que o preconceito com mulheres que optam por não construir família e focar na carreira, se mantém uma realidade em contextos atuais, dado que a sociedade brasileira é ordenada para a família e o casamento. A autora mostra que representação construída pela mídia de mulheres solteiras, característica do pós-feminismo²⁷, não se mostrou coerente com o relato das solteiras entrevistadas por ela, cujos encontros sexuais “avulsos” não são tão constantes, uma vez que suas falas revelam um alto valor aos sentimentos e à reciprocidade.

Em um dado momento, o influenciador é convocado a falar sobre a solidão das mulheres, quando o entrevistador lê a seguinte pergunta, enviada por um dos internautas: “Se você encontrasse sua alma gêmea e ela fosse mãe solo... Você deixaria de casar só por causa disso?” (52:55) Esqueleto: “Assim... foi o que eu falei atrás, assim... relacionamento com...a longo prazo de msol não dá pra mim...(...) não dá eu tenho déficit.... E essa parada de alma gêmea não existe... isso aí é um mito que foi colocado na *Disney*... música (...)” (53:02). Intrigado, Messo insiste:

(...) Será que se você realmente... encontrasse uma mina...em uma situação... ce falou ‘porra, que mina legal cara, gosta das mesmas coisas que eu gosto... porra, a conexão foi imediata...mas, ela não falou naquele momento (naquele momento) que tem filhos. Porque tem mina que não fala... Aí passou, sei lá, reencontrou de novo... segundo encontro ela fala: po, tenho um filho e tal... esqueci de comentar contigo, aquela coisa... Vai rolar? Por que você já ta numa conexão achando que aquela pessoa é uma pessoa boa... (...) (Messo, 53:54)

²⁷ O pós-feminismo é uma corrente que emerge em contextos onde as conquistas do feminismo são consideradas consolidadas, promovendo a ideia de que as mulheres já alcançaram igualdade e, por isso, devem focar na autonomia individual, consumo e escolhas pessoais como formas de empoderamento.

Esqueleto ri, e jocosamente, responde:

(...) Você tem que pensar com a cabeça de cima e não a de baixo. Tem que ter esse domínio: tá legal, tá... você não vai tratar ela com desrespeito... só que assim... volto de novo naquele papo lá: configuração, galera. Assim, ela tem uma vida totalmente diferente uma rotina totalmente diferente de você que não tem filhos, é solteiro, entendeu... Pra mim, assim, particularmente, tipo assim, se ela tem filhos já pra mim já não dá não que eu to falando, ou fazendo mal juízo... sempre dá ruim não porque a pessoa é ruim. Mas assim tem msols e msols... tem as msols que é tronqueira e tem aquelas que eu conheço que são boas mulheres mesmo né, conheci e tal, saí com algumas inclusive, sempre fui bem respeitado, nunca me desrespeitaram nem nada, mas assim... se for pra levar a diante: conversa franca, cê tem que falar. Cê não pode ter medo... Uma hora ela vai te cobrar, e aí você não vai poder dar. Eu não daria, tem o cara aqui que topa... só que volta de novo naquela questão: tem riscos, entendeu. Tem mulheres legais, msols legais.. Mas tem mulher que é mal intencionada (...). (Anderson, 54:46)

A oposição entre “cabeça de cima” e “cabeça de baixo” evoca o imaginário de uma masculinidade “predatória” (Welzer Lang, 2001) em que a identidade masculina é associada à dominação sexual e ao consumo de mulheres, frequentemente aprendida por meio da pornografia e reforçada em ambientes de socialização masculina. Ela se articula à modelos de masculinidade hegemônica (Connel, 1987) que se constroem em oposição à feminilidade e a outras masculinidades subordinadas. Segundo Connel (1987), a masculinidade hegemônica consiste em um modelo idealizado do masculino, sustentado por instituições como o casamento e a heterossexualidade, essenciais pra manutenção da dominação. O comportamento sexual dos homens é colocado como instintivo, mas deve ser domado pela razão – ou seja, o afastamento da emoção no ato sexual por meio de sua conversão em algo de caráter puramente utilitário. A aproximação do campo emocional pela via do sexo implica a perda do controle de si – posição que, supostamente, deveria pertencer às mulheres – levando, assim, à perda de autoridade diante das parceiras. Ao mesmo tempo, a ideia de que uma mulher venha a se portar de forma utilitária é inadmissível, visto que isso desafiaria sua dominação e subordinação pela via emocional.

A temática da “mãe solteira” — ou “msol” — como já demonstrada, é recorrente no universo *Redpill*. A experiência de “estar solteira” entre as mulheres é frequentemente interpretada por seus adeptos como um indício de que aquela mulher não seria boa para relacionamentos. Acredita-se que, pelo fato de a mulher precisar priorizar a atenção aos filhos, isso prejudicaria sua disponibilidade para o parceiro. Desta forma, eles a culpabilizam por sua

própria solidão: infere-se que seu *status* de solteira e mãe são sempre contra sua vontade - e, por isso, elas estariam sempre à procura de um homem para cuidar de seus filhos e transferir suas responsabilidades. Ao investigar a trajetória de vida de um conjunto de dançarinas eróticas, as chacretes, Bispo (2014) pode acompanhar as variadas experimentações de estar só na terceira idade entre as dançarinas, relatadas a ele sempre como algo que não gostariam de estar experienciando justamente por serem estigmatizadas.

Em contraste, estudos de Martins (2010, 2015) e Gonçalves (2009) mostram que mulheres solteiras de classe média no Rio de Janeiro podem escolher esse estado sem vê-lo negativamente, revelando que a experiência de estar solteira é multifacetada e influenciada por fatores como idade e contexto social. Contudo, a expectativa social, especialmente masculina na *Redpill*, é que mulheres estejam sempre disponíveis e desejem ser escolhidas, refletindo concepções tradicionais de família e reforçando um olhar crítico sobre mães solteiras. Esse julgamento também envolve cálculos de “custos” e “benefícios” baseados na performance de gênero, inserida na lógica da cultura de consumo, onde a tecnologia perpetua a insatisfação e competição nos encontros (Illouz, 2011). Por fim, o influenciador “Esqueleto” ameniza suas falas ao afirmar que “tem msols e msols”, destacando diferenças individuais, mas ainda sustentando que a rotina dessas mulheres justifica sua recusa a investir em relacionamentos que limitem sua liberdade.

No que tange a percepção sobre como homens e mulheres devem se portar em relacionamentos, Anderson é categórico:

Quem tem que fazer questão primordial de relacionamento é a mulher, velho. É a mulher. Por que pra ela... porque relacionamento pra mulher é muito importante. Então, tipo, é... Por isso que quando eu falo pra galera assim ‘ah vou pedir ela em namoro vou pedir ela em namoro’..Não. Por que não? Cara, porque, é... você já coloca muito poder na.. Na mão de uma pessoa...tipo, ce você ajoelha... meu, essa parada de ajoelhar, desculpa... não concordo, não dá. Doentio velho. Paixão é patologia, vem de pathos, grego, doença... paixão mata você... literalmente em alguns casos. Mas tipo meu, ela tem que fazer questão mesmo, ela tem que ficar mais emotiva que você, o sentimento tem que andar com ela (com você também lógico, você não é robô) mas você tem que controlar, entendeu... você que é o líder da parada entendeu. Assim como elas falam: ai, eu quero um homem que lidera... Tá, então um homem que lidera então ele não vai se submeter a ajoelhar e pedir a mulher, não... ele vai manter a postura lá e ela vai dando demonstrações de carinho... de... e... ele vai mantendo ao ponto de ela vai pedir em namoro você como? Aí que tá o lance ela não vai falar assim ‘por favor namora comigo você é mó gostoso não sei o que... Ela não vai fazer isso. Ela vai dar uns sinais, tá saindo com ela uma troca boa e tal...Po, Messa, a gente tá saindo a uns 6 meses... um ano... que que a gente é? Que que ce tem?

Que Que a gente tem, o que você quer comigo? Isso aí é a mina pedindo você em namoro. Aí você vira a mesa pra ela assim: você quer relacionamento? Então tá. O homem e a mulher tem chaves. A mulher tem a chave do sexo, e o homem o relacionamento e ambos tem que dar valor pra sua chave. Que que tá acontecendo aí? Cê tem mesmo visto que o outro lado ali tá gastando essa chave direto e depois quer tá no direito de tipo cobrar relacionamento. Peraí! Cê gastou já sua chave com um monte de cara por aí agora você quer um relacionamento... a minha chave que tá... não abro pra qualquer pessoa vou dar assim de graça? Não pode, entendeu. Então... tem que rolar essa dinâmica, né... Ela vai te pedindo... Ela dá esses sinais de relacionamento assim... quando ela faz essas perguntas... Aí você... vai... então, tá, agora a gente namora. Então você dá o relacionamento e o controle da relação tá com você, to falando controle não no sentido de ah 'controle', da palavra negativa, não, controle de direcionamento... Que o que acontece é que elas quer ter o controle do sexo e da relação também. Não pode, velho. Cada um com a sua chave. A mulher determina quando o sexo vai acontecer, só que quem determina quando o relacionamento vai acontecer é o homem. (Anderson, 21:33)

O sentido etimológico da palavra “paixão” encontra suas origens nos termos *pathos* e *passio*. Ambos os conceitos significam “sofrimento”, “afecção”, algo que afeta o sujeito, de que ele sofre e padece, que se opõem a ideia de *logos* (razão) e *ethos* (caráter moral). Desta forma, o conceito de *pathos* diz respeito à irracionalidade, à loucura e à perda de si – dando origem também ao conceito de “patologia” (Foucault, 1984). Anderson, ao atribuir a paixão à natureza feminina, que deve ser controlada pelo masculino pela via da razão, diz também de um movimento de autorregulação que o homem deve fazer consigo mesmo. Assim, o influenciador aconselha que os homens – caso optem pelo relacionamento – devem se controlar, independentemente do que estiverem sentindo para se manterem na posição de autoridade. É preciso fazer, sobretudo, um manejo da emoção na interação (Hochschild, 2013) isto é, se o homem não consegue ser indiferente, deve, ao menos emular a indiferença. Esse processo se realizaria pela via do desprezo, que confirma que o sujeito ao qual a emoção se dirige – no caso, as mulheres – pertencem a uma categoria inferior, ou inferiorizável, de modo que quem despreza se definiria como “superior” perante o objeto, aprofundando seu distanciamento (Díaz-Benitez, 2021).

Bispo e Coelho (2019) mostram, a partir da análise de Lutz (1990) os impactos da associação feminino-descontrole, sugerindo que no cerne da dominação masculina encontraria-se a ideia do feminino como "descontrolado", em contraste com o pólo masculino, tido como "racional". A etnopsicologia euroamericana é a concepção de que o pensamento operaria em torno das oposições emoção/pensamento e emoção/distanciamento. Na primeira, a emoção é o pólo negativo, atribuído ao feminino, e, por isso, desvalorizado. Sua associação ao "descontrole"

é o que faz com que seja visto como fonte de perigo eminente, enquanto a razão é associada ao pólo positivo. Desta forma, o discurso emotivo é frequentemente articulado às mulheres, do mesmo modo que a paixão é tomada como uma “ameaça” à identidade masculina. Mesmo em situações em que o homem cederia ao relacionamento, caso fosse de seu interesse, ele preservaria sua identidade por meio de uma ética do distanciamento emocional, que, em certa medida, se aproximaria em algum nível de uma “erótica das distâncias”.

Bispo & Zampiroli (2016) dão continuidade ao trabalho em torno do conceito “solidão-ação” como proposta para o borramento de fronteiras entre estados solitários “deliberados” e “acontecidos”. Para isso, os autores elaboram o conceito de “erótica das distâncias” a partir das concepções de Barthes (2003) de proposições “idiorrítmicas” para enfatizar que não é nada contraditório querer estar “só” e “estar junto” ao mesmo tempo. A ideia de “idiorritmia” é uma palavra de origem religiosa que remete a toda comunidade na qual o ritmo pessoal encontraria seu lugar – na proposta de Barthes, a idiorritmia designa as tentativas de se conciliar, de maneira harmônica, a vida coletiva com a vida individual. No discurso de “Esqueleto” a distância aparece como a condição para a manutenção para as relações casuais, no entanto, ao contrário do que mostram os autores, tratam-se de relações não idiorrítmicas: a retirada de relacionamentos se dá de forma ressentida, não harmônica. Desta forma, a dinâmica entre homens e mulheres operaria mais por uma erótica do descompasso: a mulher tem que estar completamente envolvida, enquanto o homem deve se manter emocionalmente distante.

Segundo Anderson, o desejo das mulheres operaria pelo racionamento do amor. Quanto mais “frio” o homem consegue mostrar que é, maior seria a procura emocional feminina em torno de si. Assim, se querem ter mais sexo, os homens devem se mostrar o oposto do que eles supõem que seria o comportamento natural feminino, representado aí pela disponibilidade emocional. Ao mesmo tempo, as mulheres devem negar o sexo se quiserem se provar dignas de um relacionamento. Logo, o distanciamento se torna uma condição de existência para o desejo, que se afirma justamente na desarmonia: quanto mais a mulher nega o sexo maior seria o desejo do homem, quanto mais o homem nega o amor, maior seria o desejo sexual da mulher. Nesse sentido, os investimentos devem ser desiguais justamente porque o discurso *Redpill* presume que a natureza de homens e mulheres seriam diametralmente diferentes. A erótica do descompasso como a condição para o encontro casual no discurso MGTOW, parte, sobretudo, de um distanciamento que se impõe pelo desejo de dominação da diferença: a razão (homem) deve

dominar a emoção (mulher). Uma vez que o controle sempre deve estar na mão dos homens, não há qualquer espaço para a conciliação – mesmo que estes decidam “dar” um relacionamento, nas palavras de “Esqueleto”.

O discurso de Anderson pode ser diretamente articulado ao conceito de “prateleira do amor” de Valeska Zanello (2022), que aponta como, na cultura patriarcal, os gêneros são socializados de formas assimétricas para o amor e o desejo. Enquanto mulheres são ensinadas a colocarem o amor como prioridade em suas vidas, homens são ensinados a ver o amor como uma conveniência. Logo, se estabelece uma lógica em que mulheres buscam se moldar a padrões de beleza e comportamentos “femininos” na expectativa de serem escolhidas em relacionamentos heteroafetivos. Isso se evidencia no trecho analisado pela lógica em que o homem deve “racionar” o acesso ao relacionamento – guardando sua “chave” como símbolo de poder e liderança emocional – enquanto a mulher, que já teria “gasto” sua chave do sexo, perderia o direito de reivindicar o amor. A metáfora das “chaves” impõe essa hierarquia afetiva, culpabilizando a mulher por desejar vínculos enquanto posiciona o homem como árbitro da afetividade. Assim, o discurso atualiza um sistema de gênero que submete o amor feminino à moralidade sexual, enquanto protege o masculino sob o disfarce da racionalidade e do controle emocional.

Portanto, no discurso MGTOW, a solidão é pensada como um norte para a verdadeira emancipação masculina, estabelecida pela via do desengajamento de relacionamentos tradicionais. A perspectiva antissistêmica se estende para as relações afetivas, de tal forma que o discurso “familista”, no contexto atual, é visto com desconfiança. Se engajar em um relacionamento ou se casar, significa pra eles se sujeitar à lógica hipergâmica da dominação feminina. Para Anderson, ela consiste em um estilo de vida, objetivo e escolha. Entretanto, ele contradiz a premissa do MGTOW de um estilo de vida voltado pra si mesmo, na medida em que em emerge em suas falas o olhar feminino como o molde para a masculinidade “sigma”. “Ser um líder”, se mostrar inacessível, por meio da performance do desinteresse, se articula com o que ele acredita que despertaria o desejo sexual em mulheres. Não “dar” um relacionamento faria com que ele conseguisse mais sexo, pra conseguir mais sexo é preciso entender como opera o desejo feminino. Se, por um lado, é defendida uma ética da indiferença, por outro, a capacidade de despertar a atração física em muitas mulheres ainda é o capital simbólico pelo qual Anderson agrega valor às práticas MGTOW.

2.4 “QUANDO BATE A NECESSIDADE FÍSICA O CARA VAI TER QUE FORÇAR O ESQUEMA”

Silas Souza é um homem negro de 39 anos que se identifica como incel e construiu uma trajetória marcada por superações. Nascido em Campo Limpo, periferia da zona sul de São Paulo, cresceu em um contexto de extrema pobreza, filho de um pedreiro e de uma vendedora ambulante. Criado em uma família batista, conseguiu bolsa de estudos em uma escola particular ligada à Igreja Batista e se formou em TI pela Fatec. Durante a faculdade, decidiu ser programador e, de forma autodidata, aprendeu linguagens de programação, especializando-se em instalação e limpeza de *softwares*. Atuou como técnico autônomo antes de trabalhar em uma empresa de sistemas bancários, migrando depois para a área de negócios. Atualmente, lidera uma empresa de grande porte, coordenando equipes de desenvolvimento, qualidade, *compliance* e produto. Politicamente, ele se considera apolítico, afirmando que esquerda e direita operam como seitas intolerantes; já foi expulso do PT, PSC e PSDB por divergências ideológicas. Hoje, vive em Florianópolis, Santa Catarina (Higídio, 2023).

Silas diz nunca ter tido um relacionamento, nem mesmo flertes. Assim ele compreende o sentido de incel como “um homem considerado de baixo valor e que não consegue nenhum relacionamento romântico ou sexual sem pagar”. Ele simpatiza também com a filosofia MGTOW, pois entende que um incel deve “buscar seguir seu próprio caminho” ao invés de passar o dia inteiro lamentando sua condição. Portanto, Silas entende que ser incel não significa necessariamente ser virgem. Para lidar com suas necessidades físicas, ele tem o costume de contratar serviços sexuais, afirmando já ter contratado mais de 500 garotas de programa. Além disso, Silas defende que um homem pode estar em um relacionamento, e, ainda assim, ser um incel, desde que ele precise bancar os custos financeiros para ter uma relação. Do mesmo modo, a condição de incel pode ser superada por meio de um relacionamento, mas, segundo ele, isso é raro e geralmente exige transformações estéticas drásticas, como cirurgias plásticas e musculação intensa. Além da aparência física, nos fóruns, fatores como saúde mental, timidez ou localização geográfica são colocados como elementos que contribuem para a condição incel. Silas, que se identifica como “incel *location*”, acredita que seria valorizado na Europa, onde deseja se aposentar e formar uma família (Higídio, 2023).

Os celibatários involuntários são parte das redes de comunicação *redpill* que se definem

como pessoas que estão dispostas e fisicamente hábeis a terem relações sexuais mas que não conseguem achar um parceiro (IncelWiki, acesso em 08/06/2025). O termo “incel” surgiu nos anos 1990 como uma iniciativa solidária criada por uma mulher canadense para apoiar pessoas com dificuldades afetivas, mas com o tempo foi apropriado por grupos masculinistas e ganhou conotações misóginas e violentas. As redes de comunicação incel encontram-se no espectro daquilo que eles categorizam como “*blackpill*” – isto é, a ideia de que a aparência física é um fator determinante que faz com que algumas pessoas nunca consigam ter um relacionamento, não importa o que façam. Assim, eles se enxergam no espectro de “masculinidade beta”, ligado à ideia de provisão financeira, pois acreditam ser esta a única forma que conseguem ser desejados. A cultura incel ganhou notoriedade com casos violentos como o de Elliot Rodger²⁸ (2014), considerado um “proto-mártir” do movimento. No Brasil, crimes como o Massacre de Suzano (2019) e o Ataque em Aracruz²⁹ (2022) refletem essa influência. Também há relação com a exposição de imagens íntimas como forma de punição, evidenciada em casos como Dogolachan³⁰ (2013), 55chan³¹ (2007) e a Operação *Dark Room*³² (2023).

O Mapa do Ódio é uma iniciativa acadêmica da UFRJ voltada a identificar e analisar grupos de ódio no Rio de Janeiro, tendo mapeado 22 grupos masculinistas apenas na capital em 2020, interligados por 44 “nós” — conexões financeiras ou pessoais. Dentre eles, destacam-se os Guerreiros do Real e os Homens Sanctos, facções brasileiras da machosfera que disseminam a ideia de que mulheres são geneticamente atraídas por homens alfa e, por isso, culpadas pela miséria dos chamados “homens beta”. Também foram identificados coletivos como os “realistas

²⁸ Elliot Rodger foi um jovem norte-americano que, em 2014, assassinou seis pessoas e feriu outras antes de morrer no ataque conhecido como *Isla Vista killings*, na Califórnia, crime motivado por ressentimento misógino e frustrações com relacionamentos.

²⁹ O Ataques escolares de Aracruz foram dois ataques a tiros ocorridos em 25 de novembro de 2022 em escolas da cidade de Aracruz (ES), quando um adolescente invadiu duas instituições de ensino e matou quatro pessoas — três professoras e uma aluna — além de ferir outras vítimas antes de ser apreendido pela polícia.

³⁰ O caso do Dogolachan refere-se às investigações e repercussões envolvendo um fórum anônimo brasileiro que difundia conteúdos extremistas — como racismo, misoginia e ameaças de violência — e foi associado a crimes, ameaças e radicalização *online*.

³¹ O 55chan foi um fórum anônimo brasileiro criado em 2007 que ganhou notoriedade por abrigar discussões radicais e por episódios de ataques online, vazamento de dados e ações coordenadas de usuários contra jornalistas, instituições e figuras públicas.

³² O Caso Discord foi uma série de crimes cometidos no Brasil no início dos anos 2020 por um grupo de jovens que utilizava a plataforma para praticar pornografia infantil, estupro virtual, maus-tratos a animais e violência contra adolescentes, principalmente meninas, investigados na Operação *Dark Room* e que resultaram em prisões e condenações em 2023.

da raça”, incels, grupos conservadores de *jiu-jitsu* e movimentos pelos direitos dos homens (Vilaça & d’Andréa, 2021). Estudos como o de Silva & Chacham (2024) mostram que essa lógica aparece em *blogs* de finanças voltados a jovens redpillados, nos quais a independência econômica é vista como arma de revanche. No *blog* “Vida ruim de pobre”, por exemplo, a frustração material se traduz em indignação, pois a masculinidade provedora é abalada pela pobreza. Como resposta, os autores pregam vingança através da violência de gênero, da exposição íntima e do enriquecimento. Suas ideias se alinham a ideologias misóginas, ultraconservadoras e antiesquerdistas. Desta forma, a ideologia neoliberal, que responsabiliza o indivíduo por sua precariedade econômica, dá espaço para que a misoginia seja instrumentalizada, deslocando a revolta causada pela exploração da classe trabalhadora para as mulheres.

Silas começou a ter repercussão na *internet* após ter aparecido em um vídeo do canal *Spotniks* que foi ao ar no dia 11 de Janeiro de 2021. O vídeo intitulado “Colocamos uma FEMINISTA e um INCEL para conversar (sem que eles soubessem)”, com o intuito de promover o debate sobre o preconceito, coloca o incel e uma mulher que se identifica como feminista para discutirem suas percepções sobre os relacionamentos contemporâneos sem que ambos soubessem do que se tratava previamente. O vídeo teve um total de 810 mil e 148 visualizações, rendendo muitos comentários negativos a Silas. Ele já havia concedido uma entrevista um pouco antes ao canal *Todo dia Podcast* (17/09/2020), e, posteriormente, fez algumas aparições no canal *RedCast* (03/04/2024, 15/01/2023)³³. Deu também uma entrevista ao Canal Podzé (06/05/2021), Submundo intelectual (07/04/2023, 14/07/2023) e, discutiu, ao lado de outros *influencers*, o papel do homem negro nos relacionamentos modernos (Projeto Conselho Ricardo Thomé, 01/05/2022).

Em seu *Instagram*, Júnior Masters se apresenta como especialista em comportamento humano e atração sexual, promovendo seu livro “Hackeando o mercado sexual”. A obra reúne noções centrais do universo *Redpill*, como “valor sexual de mercado” e “jogo biológico entre homens e mulheres”. Também aborda temas como redes sociais, amadurecimento, traições e feminismo. O vídeo intitulado “A GERAÇÃO DE SOLTEIRAS ARREPENDIDAS!” foi transmitido no dia 14 de julho de 2023 pelo canal Submundo Intelectual com um total de 15.923 visualizações. Nele, entrevistador e entrevistado exploram as implicações psicológicas e sociais das escolhas feitas por mulheres que optam por permanecer solteiras, abordando questões como

³³ Infelizmente, boa parte desses vídeos não se encontram mais disponíveis.

independência, pressões sociais e os desafios associados à ausência de vínculos duradouros. Os participantes discutem a forma como a sociedade enxerga essas mulheres e mencionam casos em que há expressões de arrependimento. A conversa também aborda os impactos emocionais e financeiros da solteirice, bem como as transformações culturais nas relações contemporâneas.

O vídeo faz parte das sessões do “*Mastertalk*” que apresenta entrevistas expandidas às sextas-feiras às 20 horas. Nele, é possível ver uma parede com isolamento acústico, com quatro lanternas de luz vermelha suspensas. O entrevistador se posiciona à esquerda, e entrevistado à direita, separados por uma mesa de madeira planejada, onde descansam copos de vidro em que ambos bebem água de uma garrafa de plástico da marca “*Crystal*”. Há também entre eles uma TV de *Led* suspensa com a imagem de Junior com o título “*MasterTalk*”, e, pouco em baixo, em luzes vermelhas escrito “No ar”. No canto superior esquerdo da tela é exibido um QRCode que leva a página onde Junior divulga seu livro. Ambos falam em microfones suspensos em braço articulado. Atrás de Silas, há uma cortina roxa, que, ao refletir na luz vermelha cria uma tonalidade neon na parede.

Silas aparece usando um blazer azul metálico brilhante com lapelas pretas em cetim, evocando o estilo de um *smoking* moderno e chamativo. A peça é adornada com um broche prateado no bolso e uma corrente de lapela dourada. Por baixo, ele veste uma camisa social preta abotoada até o colarinho, complementada por uma corrente dourada grossa com pingente de cruz. Seu visual é finalizado com óculos escuros de armação preta e detalhes dourados, além de brincos chamativos — um redondo cravejado e outro pendente — um grande crucifixo de madeira pendurado em um colar de ouro, um relógio de pulso de ouro e dois anéis grandes, nos dedos médio e indicador da mão direita. Seu estilo pode ser definido compondo como performático, teatral e deliberadamente exuberante, com requintes de ostentação (Figura 32). Silas fala em uma linguagem formal, permeadas por conceitos específicos do universo incel das redes de comunicação norte-americanas e por vezes recorre a termos eruditos ou técnicos da área informacional para descrever sua percepção de mundo. Sua voz é grossa, ele fala de forma enfática mas nem sempre direta, com um forte sotaque paulista.

Figura 32 - Entrevista com Silas Souza



Fonte: Entrevista com Silas Souza concedida ao *podcast* Master Talk em 14/07/2023

Em um certo momento da entrevista, Junior e Silas falam sobre mulheres que preferem viver de *Onlyfans*³⁴ à engajar em relacionamentos afetivos. Assim, eles argumentam que a valorização feminina nas plataformas como *OnlyFans* reflete uma lógica de mercado baseada no desejo masculino descontrolado, permitindo que mulheres alcancem independência financeira enquanto homens seguem sustentando esse sistema por meio da libido (53:40 – 54:09). Após discutirem o comportamento das mulheres em relacionamentos modernos, Junior pergunta à Silas qual a estratégia que ele considera ser a mais apropriada diante de mulheres que querem viver sendo providas financeiramente por homens:

(...) E dentro dessa perspectiva então, voltando pra história do, do...relacionamento...O relacionamento pra umas vai ser a saída, ou você acha que... também é... por causa de...de...certas questões e interesses mesmo... os homens eles mesmos não vão querer se relacionar seriamente, como um todo? Não to falando a gente da comunidade e tal... to falando os homens como um todo... Ou ainda, mais o que seria ideal, seria o homem se tornar exigente e falar, “não, eu não quero esse tipo de mulher”? (Masters, 54:09)

Então eu acho que o homem ele já ta despertando um pouquinho... Eu... Eu vejo assim muitos comentários até dos homens e eles falam assim, é... casamento de sustentar a pirâmide, sustentar o Estado, de fazer a roda gigante girar... Pra eles não é mais satisfatório, por que? O homem percebe que hoje apesar da mulher é...da.. da mulher hoje na solteirice etal tal tal... todo aquele negócio sem compromisso assim em diante... Ele começa a perceber e botar na balança o

³⁴ *OnlyFans* é uma plataforma de assinatura de conteúdo onde criadores podem vender acesso a fotos, vídeos e interações exclusivas, frequentemente de natureza adulta.

seguinte ó: vale realmente estar com alguém? E principalmente sabendo que essa pessoa já passou no canavial... (risos) Não, não... Quando eu falo da questão do canavial é muito simples, porque... é... a mulher quando ela acaba rodando muito ela acaba tendo o famoso esgotamento do prazer. O que que acontece com isso? O que que acontece... A mulher já... saiu com vários... namorou, bababa... Fez aquilo... Já fez o anal giratório com anão já... fez o... já transou no metrô, já transou na... na... no banheiro... na rua... Todos os lugares... Explorou completamente suas fantasias né... E quando chega no período aí que eu falo do... do... que eu falo do.. período pra casar o homem começa a interpretar um pouco isso como a zona de marmota. Que que é a zona de marmota? A mulher quando ela tem o esgotamento do prazer... ela passa a ter uma sensibilidade menor. Lembra daquele filme chamado *Feitiço do tempo* com o Bill Murray? Que era do famoso “dia da marmota”... O “dia da marmota”... É, esse é um filme bem bacana.. É interessante... o dia da marmota é um cara que acordava e todos os dias eram iguais. Então ele acordava sempre as sete da manhã... O mesmo relógio tocava, mesma notícia no rádio... E os dias se repetiam, né... Os dias completamente igual. Então assim, quando a mulher, ela... sai, ela... sai de uma fase ta... de uma construção aí de dez anos no canavial... e ela entra em um período aí de matrimônio ou qualquer coisa, contraindo um matrimônio ela vai entrar no período da zona da marmota. Todos os dias serão iguais, porque não existe mais o prazer diferente porque ela já esgotou todas as possibilidades sexuais possíveis. (Souza, 54:17)

A percepção de “despertar”, constantemente veiculada nas redes de comunicação *Redpill*, quando aproximada dos sentidos de “rejeitar sustentar a pirâmide”, “fazer a roda gigante girar” revela uma postura ambígua do entrevistado no que diz respeito ao ato de prover mulheres financeiramente – seja diretamente, como em casamentos, ou por meio de dinâmicas sexuais como a contratação de prostitutas, ou pela assinatura de canais do *Onlyfans*. Embora em muitos momentos ele afirme só conseguir transar por meio da contratação de profissionais do sexo (Todo dia Podcast, 17/09/2020; Higídio, 2023) ele se revolta contra esse lugar em que acredita ser colocado pelo mundo. Assim, ele também revela uma postura antissistêmica, próxima ao discurso MGTOW, por meio da concepção de “ginocentrismo” (54:48). Silas relata ter conhecido a “manosfera” e a *Redpill* por meio de fóruns do *4chan* (Higídio, 2023). Nagle (2015) analisa como, nesse espaço, incels expressam preocupações com a masculinidade de forma confessional, marcadas por medo do fracasso e misoginia. O desprezo à masculinidade hegemônica convive com a crença em hierarquias genéticas entre homens. Essa ambivalência revela uma consciência de inferioridade (“masculinidade beta”), produzindo discursos que oscilam entre vulnerabilidade e desejo de dominação.

A masculinidade “beta”, se associa aos ideais de provisão ligados a valores familiares tradicionais. Nesse sentido, prover mulheres seria o equivalente a prover o Estado, visto que o

discurso masculinista acredita que as políticas de ação social são voltadas para o favorecimento delas (Nagle, 2015). Sendo assim, o sexo é ainda colocado como moeda de troca, de tal forma que o ato de bancá-las, e, ainda assim ser rejeitado, é tomado como algo extremamente humilhante. Silas, ao falar sobre “os homens” em terceira pessoa, infere que essa realidade não seria aplicável para ele. Incels são grupos que adotam uma perspectiva fatalista sobre as relações amorosas e sexuais, acreditando que mulheres são seletivas e só se atraem por homens que se encontram dentro de um determinado padrão físico, de tal forma que eles se vêem “condenados à solidão” - culminando em sentimentos de frustração e raiva (Santini, et. al). A ideia de exclusão vai além de relacionamentos amorosos, expressando também uma percepção de exclusão do sistema. A maneira com que escolhem “rebelar-se” contra ele, no entanto, pode assumir diferentes contornos.

Os incels sustentam a premissa de que sofrem uma forma específica de discriminação fundamentada na estética, a qual denominam “lookismo” (Santini, et. al) – termo que surge nos Estados Unidos na década de 1970, especialmente em movimentos sociais e debates acadêmicos, para designar a discriminação baseada na aparência física, independentemente de gênero ou ideologia específica. Considerando a ampla circulação de referências a atores do cinema americano na manosphere como ideais de masculinidade – tais como Al Pacino, Leonardo Dicaprio e Brad Pitt – é possível entrever como se constroem suas percepções de marginalização dentro daquilo que compreendem como “homens belos” – altos, fortes e com traços marcantes, como o maxilar proeminente. Um elemento que chama a atenção sobre como se constrói essa racionalidade é pela exposição de suas inseguranças e vulnerabilidades, em uma linguagem que é frequentemente autodepreciativa. Se algumas obras do feminismo apontam a opressão estética como instrumento de obediência feminina, a expressão do fenômeno incel revela o papel que ideais de beleza norte-americanos exercem no sofrimento dos homens. Sofrimento esse, ora silenciado, ora compartilhado, é percebido como impotência – se o homem nasce “feio” não há o que se faça pra reverter essa realidade. A resignação converte-se em ressentimento, que, por sua vez, transforma-se em violência.

No discurso incel, o questionamento “se vale a pena estar com alguém” funciona como um manejo emocional diante da solidão vivida, sendo expresso por meio do ressentimento e da humilhação direcionada a mulheres sexualmente experientes, exemplificada por metáforas como “passar pelo canavial”. Silas relata revolta contra os modos de provisão masculina no mercado sexual, ainda que se veja como refém de sua libido, sentindo-se forçado a pagar por sexo como

reflexo de sua exclusão afetivo-sexual. Esse pagamento é interpretado como prova da ausência de desejo por parte das mulheres, levando à culpabilização delas por explorarem a “irracionalidade” sexual dos homens, ideia que sustenta o conceito de “ginocentrismo” nos fóruns incel, com posições essencialistas que opõem mulheres “perversas” a homens sexualmente “descontrolados” (Nagle, 2015). Embora sem apelar diretamente à violência, Silas manifesta formas sutis desse ressentimento, que segundo Hochschild (2013), pode ser entendido como um manejo das “regras de sentimento”, ou seja, tentativas de sentir o que se “deveria” sentir socialmente. A humilhação é, então, transformada em desprezo por mulheres consideradas “rodadas”, funcionando como tentativa de resignação e de recusa à própria vulnerabilidade. Díaz-Benítez (2021) argumenta que emoções como nojo e desprezo são constitutivas da forma como sujeitos interpretam experiências de desigualdade e violência, e no caso de Silas, esses sentimentos surgem como forma de devolver o estigma sofrido por ele, agora direcionado a mulheres que ele acredita terem o excluído simbolicamente dos circuitos do desejo.

A metáfora “passar no canavial” opera como um mecanismo discursivo que reforça normas patriarcais e a vigilância moral sobre a sexualidade feminina. Ao ridicularizar a liberdade sexual das mulheres, ela produz desvalorização simbólica e social. Assim, o corpo feminino é marcado como lugar de transgressão e punição. Os exemplos fornecidos pelo entrevistado, que vão de “transar no metrô” a “fazer anal giratório com anão” projetam o imaginário da sexualidade governado pelas narrativas pornográficas. Um dos principais componentes da pornografia consiste no exagero, encenados em situações sexuais que transgridem a ideia de um sexo cotidiano, sendo justamente o espetacular que constitui a sua base. Enquanto o sexo anal compõe o pornô *mainstream*, o pornô com anões é associado ao riso ou a dimensão do bizarro (Díaz-Benítez, 2009). Ao evocar essa imagem em tom de zombaria, Silas reúne imagens de diferentes tipos de pornografia para descrever o que ele acredita que seriam as fantasias femininas. A realização máxima de fantasias sexuais teria por consequência o esgotamento do prazer, impossibilitando o elemento da “novidade” que um homem poderia ocupar em suas fantasias eróticas.

No trabalho de Bispo (2009), o tédio é construído discursivamente como um estado subjetivo de inércia, vivido como ausência de estímulos. Surge da repetição e da rotina, sendo descrito pelos sujeitos entrevistados como um “nada pra fazer” que escapa ao interessante. Trata-se de uma experiência marcada pela falta de novidade no cotidiano. Coelho & Rezende (2010), por sua vez, apontam como na contemporaneidade o risco é ressignificado como algo positivo,

caracterizado como um afastamento do cotidiano e do tédio da vida comum. Relacionamentos de longo prazo são percebidos por Silas como “mornos”, dado que o desejo seria movido justamente por aquilo que escapa à rotina, como experiências com múltiplos parceiros diferentes. Ao mesmo tempo, quando o incel fala sobre a possibilidade dessas mulheres “contraírem” um matrimônio, ele patologiza o casamento por meio da oposição ao que seria à norma da vida das mulheres – que ele acredita ser repleta por experiências sexuais inusitadas.

O filme “O Feitiço do Tempo (*Groundhog Day*)”, lançado em 1993 e dirigido por Harold Ramis, é uma comédia dramática estrelada por Bill Murray no papel de Phil Connors, um meteorologista cínico que vai cobrir o tradicional "Dia da Marmota" em uma pequena cidade da Pensilvânia. Após um misterioso evento, Phil se vê preso em um *loop* temporal, revivendo o mesmo dia inúmeras vezes. Inicialmente desesperado e hedonista, ele passa por uma jornada de autoconhecimento e transformação pessoal, descobrindo novos sentidos para sua vida e relações. Phil Connors percebe que a repetição do cotidiano, antes entediante e absurda, pode se tornar uma oportunidade de transformação pessoal. Ao reformular sua relação com o tempo e com os outros, ele encontra sentido na rotina e evolui como indivíduo. Para Silas, no entanto, entrar no “período da zona da marmota” não resulta em uma ressignificação sobre o tédio, mas sim na dessensibilização do prazer. Logo, ele responsabiliza o comportamento sexual das mulheres por sua suposta incapacidade de se satisfazerem sexualmente em relacionamentos de longo prazo.

Mais adiante, na entrevista, um espectador envia uma pergunta questionando a capacidade de homens serem celibatários:

O Léo Pinto (internauta) falou de novo aqui... O que vocês pensam sobre o celibatário...? Celibatário é mito...é mito... Não tem celibatário não...(Masters, 2:05:13)

Eu acho que nem padre consegue. É muito difícil... (Souza, 2:05:22)

Aí é outro dado...(...) Mas o cara, o cara, o cara que é celibatário e tá escolhendo esse caminho... ele... ele na verdade é o incel né...Poucos são os caras celibatários mesmo, assim, minoria.... Eu conheci um cara que se dizia celibatário na *internet*... Porra nenhuma véi, cara mó putanheiro... (Masters, 2:05:27)

Vamos entender, por exemplo incel é o celibatário involuntário, certo? O que significa celibatário involuntário? Mas meu... na real, quando bate a necessidade física o cara vai ter que forçar o esquema... Ele vai ter que pagar... Mesmo sendo

indiretamente, mas ele vai ter que pagar... É aquela questão...o cara tem que controlar muito bem a libido... (Souza, 2:05:42)

A não ser que... a não ser que você queira uma boneca...Tá tá em alta também... boneca (Masters, 2:06:06)

Então, o mercado *sexydoll*... Eu tenho bastante esperança de que ele vai ajudar a frustrar um pouco o faturamento das mulheres... Eu acho que vai frustrar porque... a...inteligência artificial tá qualificando hoje bastante... principalmente a questão da... do.. toque, da sensibilidade, pele humano... 160 idiomas e ainda mais com comportamentos hoje de algoritmos é... biossintéticos. Ou seja, a.. a boneca vai saber responder de uma forma randômica e até mesmo aleatória parte de alguns questionamentos com uma visão quase humana. Porque ela vai ter comportamentos ali espontâneos... tendeu... Então assim, isso vai atrair bastante, mano. To esperando chegar e diminuir o preço porque hoje tá muito caro... tá... cê pega aquisições... O mais barato que eu vi sem tanta modelagem é 11 mil dólares, tá muito alto... não tenho condição (...) (Souza, 2:06:08)

A referência ao celibato dos padres e a incapacidade do homem viver sem sexo, implica a visão de uma natureza sexual masculina em que seria impossível ao homem se abster completamente de sua sexualidade. Silas, ao afirmar ser necessário pagar direta ou indiretamente pelo ato sexual reforça a lógica, amplamente disseminada no universo incel reconhecida como *beta bucks* (Beta banca). Por compreender que não tem nada à oferecer, visto que classifica sua aparência em pontuações que variam de nota um (em bairros luxuosos de Florianópolis) à nota três (em lugares que têm renda mais baixa como o Nordeste) (Higídio, 2023), Silas acredita que a única coisa que pode dar a mulheres a troco de sexualidade e afeto é dinheiro. Isso faz com que muitas vezes ele seja acusado de ser um “*fakecel*”, tendo em vista seu extenso número de experiências sexuais com profissionais do sexo. Isso, no entanto, não faz com que a rejeição não seja experienciada como algo involuntário, pois ele queria ser desejado, mas se vê condenado à exclusão de relações afetivas.

Em entrevista disponibilizada em cortes no canal *Redcast*, Silas compartilha experiências de rejeição que marcaram sua trajetória, como o racismo sofrido por ser um dos poucos alunos negros em uma escola particular, o *bullying* em um acampamento religioso por conta de seu corpo gordo e um dos episódios em que tentou suicídio. Esses relatos evidenciam como a construção de sua masculinidade foi atravessada por múltiplas formas de exclusão e invalidação. Ao mesmo tempo, esses discursos de exclusão têm servido para a construção de masculinidades que visam construir uma “justificativa” para a exclusão feminina, tanto em espaços de poder quanto nos

circuitos do amor. Kimmel (1998) argumenta que o ideal hegemônico de masculinidade se forma por oposição a “outros” considerados desviantes ou inferiores, sendo moldado não apenas por relações de gênero, mas também por desigualdades de raça, classe, etnia e idade. Silas relata ainda que, atualmente, continua sendo desumanizado, especialmente por seu modo de se vestir, descrito como extravagante.

Apesar das críticas e chacotas, ele afirma não abrir mão de sua autenticidade, atribuindo valor pessoal à sua aparência. Esse tensionamento pode ser compreendido pela inadequação de seu *habitus* em espaços marcados por normas estéticas da elite, nas quais a elegância está associada à discrição (Silva, 2020). Assim, o estilo de Silas, ligado a uma estética de ostentação típica de classes populares em ascensão, é lido como “brega” ou exagerado. Se por um lado a recusa de Silas em se adequar pode ser vista como uma forma de resistência simbólica frente a essas imposições, por outro, ele almeja esse ideal, buscando se inserir em espaços elitizados, ocupando cargos de liderança em uma empresa e contratando diversas prostitutas de luxo. Suas escolhas estéticas podem ser lidas a partir do conceito de “capital simbólico” de Pierre Bourdieu (1987): ao querer mostrar que tem dinheiro, Silas não busca apenas afirmar sua condição econômica, mas converter esse capital em reconhecimento e legitimidade nos espaços das classes dominantes. Sua ostentação revela a tentativa de transformar riqueza em prestígio social, evidenciando que o que está em jogo não é apenas possuir recursos, mas ser simbolicamente reconhecido como pertencente – justamente por ter sido marginalizado de diversas formas ao longo de sua vida.

O enunciado de que o homem eventualmente teria de “forçar o esquema” para conseguir sexo denota uma certa ambiguidade, que é posteriormente confirmada pela afirmação concessiva de que “o homem tem que saber controlar muito bem a libido...”. O controle em relação aos impulsos sexuais pode ser tanto entendido como a necessidade de se controlar para não financiar o mercado sexual, e, com isso, o “Estado ginocêntrico” quanto com a finalidade de não acabar cometendo crimes sexuais como o estupro. Assim, é como se ele indiretamente endossasse o descontrole sexual como algo da natureza masculina, de tal forma que a razão surge como regulação não apenas para a paixão mas também para a violência sexual. Ao que parece, Júnior percebe o duplo sentido, e, com isso, corta Silas, voltando-se para a temática de “bonecas sexuais”, como se estivesse na tentativa de impedir o incêndio de dizer algo polêmico que poderia comprometer a imagem do canal. Assim, o desejo de frustrar o mercado *Onlyfans* surge como uma tentativa de

responder à frustração diante da incapacidade de possuir os corpos das mulheres que vendem conteúdo erótico em plataformas digitais.

Em uma rápida pesquisa no *AliExpress*³⁵ é possível encontrar bonecas sexuais de aparência realista por um preço que varia entre mil a 2 mil reais. Recentemente, a empresa WMDoll integrou modelos de linguagem de código aberto, como o Llama da Meta, em suas bonecas sexuais, permitindo interações verbais ajustáveis a diferentes personalidades conforme a preferência do usuário. Com processamento em nuvem e compatibilidade com bonecas já adquiridas, o sistema oferece uma experiência conversacional semelhante à de assistentes virtuais como a Alexa ou o ChatGPT, mas voltada a contextos íntimos (Tecnoblog, 18/02/2025). A tendência à buscar por bonecos inanimados para ocuparem o lugar de parceiros não é nenhuma novidade, dado que no Japão a popularização de “esposos de algodão” – bonecos em tamanhos reais — se deu desde sua fabricação pela empresa *Bibilab* (Vogue Oglobo, 18/03/2016). Bispo & Zampiroli (2016) mostram como essa tendência vêm se popularizando no Brasil pela cultura *hikikomori*³⁶ aproximada em algum nível do universo incel por sua linguagem autodepreciativa, embora não compartilhem necessariamente da misoginia e do discurso de ódio.

De acordo com Coelho & Rezende (2010), na contemporaneidade, o foco das relações desloca-se do outro para a autoexploração – resultando no narcisismo como forma dominante de subjetividade, o que por vezes culmina em sentimentos de desconexão e vazio. Nesse cenário, prevalece um hedonismo autoilusivo, em que indivíduos buscam prazer em fantasias dissociadas da realidade. A tensão entre a perfeição imaginada e o real possível gera frustração constante. Logo, desejos permanecem insatisfeitos, sustentando um ciclo de ilusão e sofrimento emocional (Coelho & Rezende, 2010). Ainda que a prática de se masturbar com objetos inanimados possa adquirir múltiplos sentidos, não sendo problemática em si, no universo incel, que ecoa o discurso masculinista, ela revela tanto aspectos narcísicos – pela recusa ao reconhecimento do outro como sujeito, no caso, as mulheres – quanto as frustrações em torno dos ideais de feminilidade imaginados. Ao preferir se relacionar sexualmente com uma boneca a um ser humano real, Silas estaria buscando se libertar da necessidade de se adequar às expectativas do outro na interação.

³⁵ Ver: < <https://pt.aliexpress.com/w/wholesale-bonecas-sexual-realista.html> >

³⁶ A cultura *hikikomori* é um fenômeno social japonês, popularizado no Brasil, em que indivíduos, geralmente jovens, se isolam por longos períodos em seus quartos, evitando contato social e participação na vida pública.

Um objeto inanimado permitiria que o incel explorasse suas fantasias livremente, conferindo também uma estética de “hiper-realidade”, no sentido do exagero (Díaz-Benítez, 2009) do corpo feminino: uma boneca não tem estrias, celulites ou marcas na pele. Uma boneca não tem “imperfeições”, ela é a perfeição imaginada que se distancia das possibilidades de um corpo feminino real.

Pouco depois, um dos telespectadores pergunta sobre a aproximação entre o conteúdo *red* e homens negros:

Vários produtores e consumidores do conteúdo *red* são pretos... isso no Brasil e nos Estados Unidos... Por mais que tentem dizer que a comunidade é racista. Por que vocês acham que a *red* atrai tantos negros? Porque atrai homens em desenvolvimento né... E querendo ou não nos Estados Unidos o povo que mais sofreu impactos de relacionamentos foram negros... Hoje... hoje em dia... (Masters, 2:14:09)

Apesar de eles serem usados de uma forma superficial né, na condição de estereótipo...entendeu... ele é usado erroneamente pela mídia, pela visão geral até mesmo a visão dos incels brancos, né... que eles tratam isso com bastante revanchismo... como se o negro tivesse e fossem os escolhidos... Cara... os negros nos Estados Unidos eles foram 10% da população né... Eles não chegam a 14%... Então ce pensar é... massacrantemente o homem ideal pra mulher mais escolhido é o homem branco, não o negro. Os incels americanos eles ficam muito ressentidos e com ódio do homem negro e eu só falo pra eles pra comunidade... falo pra eles direto... irmãos... sai desse pensamento cara. Nós negros temos... temos tendo agora algum acesso a migalha. Agora, um acesso à migalha. Porque sempre, sempre os grandes atores protagonistas da situação sempre foram os brancos, tendeu... O negro sempre foi muito desprivilegiado nos Estados Unidos, sempre. E agora que, porque... agora que eles começaram a empoderar mais, começaram a crescer, se desenvolver, óbvio... Eles começaram a... a... é, se instrumentar um pouco mais... com a questão da *red* né... da verdade... da pílula da... da razão. Isso é muito importante. (Souza, 2:14:34)

Ainda que, originalmente, as redes de comunicação *Redpill* e incel flertem com ideais da supremacia branca, no Brasil, a intersecção entre a misoginia e questões raciais tomam um rumo um pouco diferente. Entre os criadores de conteúdo que se aproximam da *Redpill* que são negros é possível mencionar os *youtubers* Sedutor Afro (pseudônimo de Gabriel Amorim), o canal Espectro racional (pseudônimo de Felipe de Oliveira), O Homem reformado, e o Vida de Rei (pseudônimo de Danilo). Além disso, nos dados encontrados na pesquisa de campo em redes sociais, a temática do racismo por vezes é abordada com revolta – com homens negros compreendendo como a causa de sua rejeição por mulheres brancas – e em outros momentos,

aparece como reprodução – com a veiculação de imagens estereotipadas de mulheres negras e a valorização de ideais de beleza brancos. Já o revanchismo dos incels brancos apontado por Silas, pode ser explicado pela veiculação do ódio a homens negros em fóruns americanos do *4chan*. Nesses espaços, homens negros são representados a partir de estereótipos de virilidade, sendo simultaneamente odiados e admirados por seus supostos privilégios no “mercado sexual” (Nagle, 2015).

Nagle (2015) mostra que nesses espaços, negros tendem a ser hipersexualizados, colocados em fantasias de estupro de mulheres que os membros compartilham entre si. Do mesmo modo, a masculinidade negra e o feminismo branco são frequentemente colocados um contra o outro de forma jocosa. Com isso, esse tipo de representação da masculinidade negra é constantemente utilizada para empreender ataques contra feministas brancas, com o intuito de diminuir suas reivindicações como pessoas socialmente oprimidas. No universo incel, homens negros são representados como *blackcels* – homens que não conseguem transar por serem negros — ou Tyrones, que seriam as versões negras dos “chads”. Segundo o site IncelWiki (acesso em 14/06/2025), um Tyrone é definido como “um Chad de ascendência africana subsaariana. Geralmente vem com BBC³⁷. O Tyrone mais prolífico da história moderna provavelmente é Wilt Chamberlain”³⁸.

Souza (2023) propõe que o paradigma da virilidade é central para entender os processos de “tornar-se negro” no Brasil, articulando três categorias: desvirilização, hipervirilização e virilização. As duas primeiras desqualificam homens negros — ou por negar atributos viris ou por exagerá-los de forma estigmatizante —, enquanto a virilização é vista como estratégia de reconhecimento e humanização. Silas se percebe como desvirilizado e busca, por meio da *Redpill* e do consumo da prostituição de luxo, reafirmar seu pertencimento à masculinidade hegemônica. Apesar de reconhecer o racismo nas relações afetivo-sexuais, ele reproduz valores racistas ao exaltar características brancas em prostitutas que bancou (1:06:04), e ao depreciar mulheres nordestinas (1:14:02). Assim, Silas incorpora contradições: enquanto denuncia o racismo, adere a ideais masculinos que o reforçam, tentando se empoderar por meio de valores que historicamente subalternizaram homens negros.

³⁷ *Big Black Cock*, “pau grande e negro” em tradução livre.

³⁸ Wilt Chamberlain foi um lendário jogador de basquete norte-americano conhecido por seu domínio físico e por feitos históricos na NBA, como marcar 100 pontos em um único jogo.

O discurso liberal-conservador, característico do populismo de direita, é potente em sua capacidade de atrair pessoas de origem socioeconômica vulnerável, como Silas. Nele, são oferecidas promessas de ordem, segurança e valores tradicionais em contextos de violência e precariedade, ao mesmo tempo em que promove o empreendedorismo individual como caminho para a ascensão social, reforçando a ideia de meritocracia. Além disso, a desconfiança em relação ao Estado é capitalizada, especialmente após escândalos de corrupção, se fortalecendo pela influência de igrejas neopentecostais que mesclam fé e política. Esse discurso também oferece reconhecimento simbólico por meio da defesa da “lei e ordem” e mobiliza ressentimentos ao criticar “privilégios” de minorias, gerando identificação e apoio entre os setores mais vulneráveis (Rocha, 2021). Ainda que Silas se considere apolítico, sua criação evangélica, sua atuação no mercado de negócios e seu ressentimento em relação às mulheres são elementos que explicam sua adesão à *Redpill*, cujos valores dialogam fortemente com o liberal-conservadorismo.

Silas interpreta a solidão como algo involuntário, doloroso, uma sentença imposta pelo mundo, e explicada por meio de marcações de gênero – visto que ele acredita que os homens são oprimidos – raça e classe – considerando suas experiências de rejeição associadas ao racismo e por sua origem pobre. Diante disso, ele maneja suas emoções por meio da desqualificação de mulheres, do investimento em sua carreira pessoal e da contratação de trabalhadoras sexuais. Por afirmar só conseguir fazer sexo com mulheres pagando, ele se considera um “beta provedor”, e, embora expresse raiva diante dessa posição, ele se vê condicionado a ela, acreditando que é tudo que lhe resta, visto que esse é o lugar que lhe é destinado pelo mundo. Contudo, diferente de incels famosos, ele busca meios menos violentos para resolver o problema da solidão – ainda que tenha tentado se suicidar em três ocasiões diferentes (Higídio, 2023) – tomando sua experiência como uma missão que ele deve aceitar, em que ele daria voz a outros homens “oprimidos” por meio do compartilhamento público de suas experiências.

2.5 SOLIDÕES RACIONALIZADAS, DESENGAJADAS E IMPOSITIVAS

Thiago Schutz e Anderson “Esqueleto” MGTOW se promovem publicamente aconselhando homens a seguirem uma ética em relação à sexualidade cuja linguagem é marcadamente mercadológica. Já Silas Souza, embora também adote expressões que remetem a categorias empresariais, expõe suas experiências de rejeição publicamente, acreditando que assim

estaria contribuindo para denunciar a perversidade de um mundo controlado pelo “ginocetrismo”. O uso de termos como “riscos”, “custos” e “investimentos” nos discursos transparece a ênfase na dimensão da escolha liberal, que é própria da *redpill*. Por compreenderem que as mulheres seriam privilegiadas na sociedade, Schutz, Esqueleto e Souza acreditam ser responsabilidade do homem “desperto” selecionar as mulheres com quem decide se relacionar. Desta forma, a escolha por mulheres que se encontrem mais alinhadas a seus valores, se aproximando de “feminilidades tradicionais” minimizaria os possíveis “perigos” que uma mulher poderia trazer à vida de um homem. Em todos os casos, parte-se do pressuposto de que a libertação sexual feminina teria ampliado a disponibilidade de encontros sexuais das mulheres, e reduzido para os homens.

Schutz defende que, para recuperar poder nas relações, o homem deve ser desejado, mas raramente disponível — seu valor se constrói na “baixa oferta”. Demonstrar indiferença diante da possibilidade de ser abandonado por uma parceira reforçaria sua imagem de força e autenticidade, funcionando como proteção contra a rejeição. Nesse sentido, a solidão deve ser cultivada mesmo dentro dos relacionamentos, por meio de um espaço em que o homem pode voltar-se a si, em ordem de evitar estados solitários “involuntários”. Essa postura simula escolha e autonomia, mesmo sendo uma reação a fatores externos que visa reverter o poder de escolha das mulheres. Quando solteiro, o homem deve sustentar esse *status* como uma escolha, reafirmado pela conquista do máximo de mulheres possível, as quais ele deve demonstrar indisponibilidade. Por ser de classe média alta, Schutz provavelmente deve ter convivido com mulheres que têm uma maior independência financeira, o que pode ter contribuído para sua percepção de que elas detêm maior poder no “mercado sexual”. Ele atribui às mulheres maior liberdade de escolha, ao passo que homens seriam guiados pelo desejo sexual.

Já Anderson vê o MGTOW como escolha individual, não regra universal. “Seguir seu próprio caminho” significa afastar-se da emocionalidade e manter-se fiel ao estilo de vida racional e autônomo. No entanto, ele defende que a verdadeira liberdade do homem deve contemplar a escolha de abrir mão desse estilo de vida, caso isso seja desejável (*Pink & Pill podcast*, 24/04/2023). Seu discurso revela contradições, pois ao mesmo tempo que coloca a solidão como um objetivo, a performance da masculinidade que ele propõe é o tempo todo pensada com base no que ele supõe que seriam os desejos das mulheres. Sua postura se distancia da maior parte dos membros que se dizem MGTOWs. Entretanto, a concepção de “seguir o próprio caminho”, ao

presumir um controle da sexualidade pela via do racional, constrói-se o tempo inteiro com referência a mulheres como oposição – “seguir o próprio caminho” é também seguir o caminho oposto ao “delas”. Para a construção de sua identidade, mulheres precisam estar presentes na interação, ainda que em uma presença ausente. Isso levanta reflexões à luz do pensamento de Goffman (2014) sobre o quão é possível “fazer a si mesmo” visto que a subjetivação sempre se dá mediante à presença de um “outro”.

Silas se identifica como incel, pelo fato de nunca ter tido nenhuma relação romântica e por não conseguir transar com mulheres sem que, para isso, ele tenha que pagar. Sua solidão não é desejada, mas resultado de um conjunto de experiências de rejeição que fizeram com que ele acreditasse ser incapaz de despertar o desejo ou o amor. Assim, ele trabalha a emoção afirmando-a como uma identidade e um propósito, que se constrói mediante à percepção, compartilhada por outros *redpills*, de que as mulheres e o feminismo são os verdadeiros culpados por sua condição solitária. De forma similar a Schutz e “Esqueleto”, Silas busca focar em seu próprio desenvolvimento pessoal, através do estudo, viagens, e do aperfeiçoamento profissional (Higídio, 2023). No entanto, ao contrário deles, Silas entende sua solidão como um destino imposto pela exterioridade por sua aparência física, de tal forma que ele incorpora a identidade incel como forma de sustentar sua autenticidade. Embora gostaria de ter um relacionamento, ele não vê sentido em tentar emular aquilo que não é, dado que considera sua condição irreversível, ao menos no Brasil.

Nos três discursos sobre a masculinidade, é possível identificar três premissas: 1- “Homens são movidos a impulsos sexuais”; 2- “É da natureza do homem ser racional”; 3- “Homens devem buscar ser racionais para não serem movidos por seus impulsos sexuais”. Isso no entanto, não configura uma contradição, visto que para eles, a sexualidade é instrumental — busca-se a eficiência para conseguir os fins, no caso, o desejo de outras mulheres. O irracional é articulado por eles ao campo das afetividades, que não deve ser confundido com uma conexão sexual muito boa — que é justamente apontado como um dos motivos pelo qual os homens devem ter cautela com seus impulsos sexuais. A coerência entre as premissas se estabelece na medida que se admite que o homem é feito de razão e desejo, mas deve escolher um princípio regulador (a razão, no caso da terceira premissa). O estado de descontrole, característico da paixão e do desejo sexual é tomado como uma experiência de rebaixamento e humilhação, é sinônimo de ter seu senso de masculinidade afetado por associação ao feminino.

A masculinidade da razão surge aí como o princípio regulador da emoção – é pela via da profissionalização e da mercantilização da vida pessoal que o homem deve se afastar da emoção. O sentimento é socializado assim como construído pela via do social, a solidão é conscientemente trabalhada com o objetivo de se adequar as regras de sentimento de um masculino que se constrói em um contexto em que as relações afetivas são racionalizadas pela tecnologia informacional. Embora ela não emerga diretamente em seus discursos, seu gerenciamento se encontra implícito na medida em que “estar ou não solteiro” se mostra um fator de mobilização entre os entrevistados. Hochschild (2013) argumenta por uma perspectiva interativa das emoções que dê conta de interpretar os processos internos pelos quais uma emoção é gerenciada. No discurso *Redpill* busca-se suprimir a humilhação por meio da formulação consciente de um discurso que exalta qualidades consideradas “masculinas” e menospreza o feminino. Esse trabalho emocional, consiste, sobretudo, em uma tentativa de reificar regras de sentimento construídas por homens, às quais as mulheres devem buscar se adequar na interação.

Enquanto Thiago Schutz sugere que os homens devem encontrar um equilíbrio entre a demonstração de características “provedoras” e “dominantes” para que, solteiros ou não, sigam sempre desejados, Esqueleto MGTOW problematiza os esforços de outros membros da *Redpill* em desvendar o desejo feminino. Embora sua posição quanto a relacionamentos não seja tão extrema quanto de outros adeptos do MGTOW, ele não compartilha das ambições de outros *redpills* de constituir família e relacionamentos sérios. Schutz, ao contrário, enxerga a solidão como um estado transitório, em que o homem aprenderia a não precisar do relacionamento com as mulheres como preparação para um relacionamento de sucesso no futuro. Todavia, em ambos os casos acredita-se que o movimento de “voltar-se a si” na escolha pela vida solteira aumentaria a disponibilidade de mulheres para encontros casuais, servindo de amparo para o enunciado de que “estar solteiro é uma escolha”. Ainda que MGTOWs, como o restante das redes *Redpill*, proponham um enfoque no desenvolvimento pessoal, eles se diferenciam pelos trâmites que dão à experiência da solidão – mesmo que, na prática, essas fronteiras se encontrem borradas pelo inconstante devir da identidade digital.

Silas se aproxima de Thiago por compartilhar o desejo de construir um relacionamento com uma mulher, mas diverge ao não acreditar que a emulação de posturas dominantes alteraria sua realidade. Preso a uma lógica de valoração estética, ele se percebe fadado a ocupar a posição de “beta provedor”, alguém que só atrai interesse feminino por sua capacidade financeira. Nessa

ótica, ele entende que seu "valor sexual de mercado" é inalterável e que atitudes performáticas não mudariam isso. Junto a Anderson, Silas compartilha uma leitura antissistêmica das relações, marcada por ressentimento, sobretudo contra mães solteiras. Contudo, enquanto Anderson adota o isolamento como escolha deliberada, Silas o encara como um destino inevitável, tentando, dentro disso, encontrar sentido para sua vida. Sua identificação com o discurso MGTOW expressa uma tentativa limitada de agência frente a um mundo que percebe como hostil. Ao voltar-se para projetos pessoais, Silas busca preencher o vazio existencial e evitar recaídas em tentativas de suicídio. O controle da sexualidade, para ele, não está ligado à autopreservação emocional, como em Thiago e Anderson, mas à contenção financeira, já que, para Silas, a intimidade não se dá sem mediações monetárias.

As diferenças nas vestimentas e nas posições raciais de Thiago, Anderson e Silas evidenciam níveis distintos de engajamento com os códigos de pertencimento às classes dominantes na sociedade brasileira. Thiago, homem branco de classe média alta, adota roupas que sinalizam poder econômico de forma controlada e discreta, aproximando-se da estética da elite, na qual distinção se constrói mais pela sobriedade do que pela ostentação. Sua branquitude e seu *habitus* parecem alinhar-se com maior facilidade aos espaços de prestígio, revelando uma busca por reconhecimento “calculada”. Anderson, pardo e vestido de forma básica, projeta uma neutralidade estética que sugere indiferença diante do reconhecimento feminino. No entanto, essa postura aparentemente “despreocupada” oscila entre se validar pela atração feminina e a evitação da busca explícita pelo reconhecimento. Já Silas, homem negro retinto, investe em roupas chamativas como tentativa de tornar visível seu capital econômico, buscando converter dinheiro em reconhecimento social. A ostentação, nesse caso, ilustra o esforço de compensação frente à exclusão histórica dos corpos negros dos espaços de distinção. Enquanto Thiago parece habitar com relativa naturalidade os códigos da elite, Silas luta para ser reconhecido por eles. Assim, as roupas e etnias dos participantes mostram-se emblemáticas no que diz respeito aos marcadores de posição social na sociedade brasileira: o branco ajustado, o pardo incerto e o negro excluído.

Se os manejos da solidão dos MGTOWs e *pickup artists redpill* podem ser circunscritos como escolhas contingenciais, isto é, escolhas que são feitas mediante as possibilidades reais, no discurso incel ela aparece como uma sentença. Ainda que entre MGTOWs e *pickup artists* a solidão apareça como resultado de uma contingência, elas se distinguem entre si — MGTOWs preferem estar sozinhos objetivando o desengajamento, enquanto que, para os *pickup artists* a solidão surge

como uma prática racionalizada que o homem deve estabelecer consigo mesmo. Os incels, por sua vez, experienciam estarem sozinhos como um acontecimento imposto pelo mundo, a solidão, para eles, é impositiva.

Os três casos se aproximam por tratarem de solidões reativas, indissociáveis do contexto político do qual emergem: um Brasil marcado por uma moral conservadora instrumentalizada pelos interesses do mercado. A “ideologia de gênero”, representada como bode expiatório para a crise político-econômica brasileira, é usada para justificar o ódio às conquistas femininas. Esse discurso é amplificado por algoritmos que conectam conteúdos masculinistas com propagandas políticas da direita radical. Como resultado, surge um mercado de *coaches* e empreendedores de relacionamento que vêem no discurso antifeminista uma oportunidade de se posicionar no mercado, ganhando especial repercussão em um momento marcado pelo desemprego e a incerteza, como o governo Bolsonaro durante a Pandemia Covid-19. Assim, crises sociais e econômicas alimentam uma indústria baseada no conservadorismo de gênero, produzindo formas particulares de solidão quando inseridas em um capitalismo periférico com características neoliberais, como o brasileiro.

Dentro de um contexto de profundas transformações da moral sexual, em que mulheres se relacionam casualmente, a escolha pela solidão surge como um ato micropolítico de preservação por meio da recusa à negociação. Para os incels, a solidão é uma sentença que pode ser manejada de diversas formas, seja por meio de atos violentos, pela contratação de prostitutas ou pela masturbação. O desprezo e a desqualificação por mulheres surge aí como uma tentativa ressentida de resignação, enquanto nos discursos MGTOW e PUA essas emoções são manejadas em práticas que tem como objetivo o afastamento do descontrole emocional — eles se enxergam como agentes de sua solidão, enquanto o discurso incel presume uma possibilidade de agência menor. Se Thiago Schutz pode ser lido como um *redpill pickup artist* clássico, Anderson e Silas Souza apresentam particularidades que os distanciam dos discursos MGTOW e incel tradicionais.

Nesse sentido, a antropologia das emoções se mostrou uma ferramenta teórica produtiva, ao permitir compreender o modo como as normas afetivas *Redpill* se articulam com a ideologia neoliberal em uma sociedade estruturada por um *ethos* liberal-conservador. As “regras de sentimento” presentes nesses discursos impõem uma gestão racionalizada das emoções — especialmente da dor, da carência e da vulnerabilidade — sob uma lógica meritocrática e punitiva, que paradoxalmente se ancora em ressentimentos e irracionalidades. A retórica *Redpill*, ao mesmo

tempo que busca apagar a paixão como expressão legítima, se organiza através de afetos intensos compartilhados, especialmente no ódio, na humilhação e no desejo de reconhecimento. As redes de sociabilidade construídas por esses sujeitos operam por meio de códigos comuns que indicam essas regras afetivas internalizadas e reproduzidas. Assim, as diferentes formas de gerenciar a solidão, embora ancoradas em um imaginário comum, variam conforme as origens sociais e trajetórias individuais dos participantes, revelando as fissuras internas dessa racionalidade emocional que busca apresentar-se como homogênea.

CONCLUSÃO

Quando as irmãs Wachowski lançaram o filme *Matrix* em 1999, elas não poderiam prever o que a “pílula vermelha” viria a se tornar. Na alegoria do filme, o despertar de Neo pode ser lido, em diálogo com Judith Butler (1990), como a ruptura na aparência de naturalidade do gênero: o que parecia essência revela-se norma reificada até tornar-se carne. Se a *Matrix* figura o regime que produz identidades inteligíveis, Butler nos recorda que tais identidades são efeitos de performances reiteradas, sustentadas por expectativas sociais que moldam o corpo e o desejo. No entanto, em meio ao labirinto de espelhos das redes que compõem o espaço virtual, deslocamentos de sentido tornam-se imprevisíveis e incontroláveis. Da mesma forma ocorre com a teoria feminista, cuja retórica que propõe a reflexão sobre a opressão das mulheres tem seu formato roubado e é preenchido por um conteúdo que carece de evidências empíricas. Se, na experiência subjetiva de alguns homens, ideais sobre o “amor romântico” são vistos como aprisionadores, a opressão estética como instrumento de exclusão de circuitos afetivos e a experiência solteira como emancipação, a história mostra que homens jamais tiveram suas vozes expropriadas de espaços de poder. Como foi demonstrado no percurso da dissertação, os espaços institucionais sempre foram masculinos. Contudo, a *internet*, ao mesmo tempo que sinaliza sofrimentos comuns, autonomiza os pensamentos de suas origens, reinscrevendo a simulação em um mundo em que o poder é feminino e a saída é o afastamento emocional.

No decorrer da dissertação, pode-se identificar a produção de um *ethos* relacional calcado no descompasso. Ainda que com origens e valores diversos, homens se reúnem na crença de que ser emocional equivale a perda de poder. O feminino e o masculino, pensados como pólos opostos binários só podem ter seu encontro sustentado pela via da dissonância: os homens devem desejar o sexo e as mulheres devem desejar o relacionamento. Qualquer abertura no campo afetivo é sintoma de fracasso e risco, na medida em que sexo, amor e dinheiro passam a operar como categorias equivalentes. Adota-se, portanto, uma conduta que para além das emoções se estende aos gastos, e o poder é retomado pelo cálculo da contenção. O dinheiro revela-se dotado de sentidos, de modo que o espírito “*blasé*” diagnosticado por Simmel se torna uma fachada e um norte que encobre a intensa carga moral sobre gastos com mulheres. Convertendo cada despesa em indício de mando ou sujeição, e cada desembolso em índice de hierarquia entre os gêneros, esse discurso não neutraliza o valor na frieza abstrata do dinheiro; ao contrário, devolve-o a uma

cena carregada de tensão erótica e moral, impregnada de desconfiança e ressentimento. Aquilo que se proclama como frieza estratégica revela-se, paradoxalmente, uma extrema sensibilidade às trocas, em que o cálculo não reduz o significado, mas o intensifica — deslocando a indiferença *blasé* para uma arena simbólica na qual masculinidade e poder são continuamente postos à prova.

Espaços redpillados brasileiros reconfiguram o ideal de masculinidade articulando-o a moralidades protestantes, de modo que o trabalho opera como critério de virtude e como índice de “fazer-se” — tensionando a posição real desses homens como trabalhadores, e não proprietários. Observa-se forte presença de valores cristãos pentecostalizados, cuja ampliação no espaço público, desde o *impeachment* de Dilma Rousseff, associa linguagem religiosa à defesa de família e papéis de gênero tradicionais. A campanha de Bolsonaro em 2018 intensifica esse quadro ao ativar a “Retórica da Perda”, prometendo um retorno messiânico a uma ordem próspera e moralmente estável. Essa imaginação política é reforçada pela conjunção entre Teologia do Domínio/Batalha Espiritual e Teologia da Prosperidade, que aliam guerra espiritual, disciplina e sucesso material. Nessas condições, o populismo conservador mobiliza uma masculinidade ressentida e religiosa como instrumento de restauração patriarcal, fazendo da virilidade um signo de ordem. No Brasil, a reação conservadora de base religiosa opera para conter a expansão de direitos ligados a gênero e sexualidade. Diferentemente da Europa, onde a defesa da liberdade individual confronta imigração e islamismo, aqui a religião se torna o próprio veículo de restrição às liberdades individuais (Vital da Cunha & Ramos, 2024).

Em países subalternizados do centro global, com uma ampla variedade regional, a ética protestante surge como o caminho para que trabalhadores tornem-se “líderes”, homens “que se fazem”. Dialogando com Max Weber (2013), a associação entre masculinidades ascéticas e a valorização do individualismo compõem uma retidão que transforma o homem em projeto solitário de autossuficiência, como se a entrega amorosa fosse um prejuízo a ser eliminado do cálculo. O ascetismo, no entanto, se orienta mais para o desempenho que para Deus, e o individualismo converte-se em pedagogia sentimental que ensina a desejar menos o outro e mais o próprio controle. A prevalência de valores judaico cristãos faz com que a honra masculina seja também localizada na autoridade familiar. Nos termos de Kimmel (1998) o modelo de “*self made man*” convive com a ode ao “patriarca gentil”. Se a convivência de ambos os modelos pode gerar uma confusão no campo dos afetos – ora direcionados ao individualismo autônomo, ora voltados ao domínio no ambiente familiar –, ambos se unem por localizarem a honra na ideia de posse. O

homem “empreendedor”, “empresário” é também aquele que tem direito à submissão da esposa e que transmite ensinamentos sobre masculinidade aos filhos.

Em algumas circunstâncias, esses homens carecem de recursos materiais para cumprirem com o papel de provedores, criando um hiato entre aquilo que são e aquilo que almejam ser. Isso faz com que, de uma forma ou de outra, eles busquem se sentir inseridos na “competição” pois desejam ser vistos como “grandes homens”. Haraway (2015) mostra que no ciberfeminismo o digital se transforma em um espaço de circulação de narrativas, no qual mulheres podem produzir contra-discursos e redes de solidariedade transnacionais. Nesse ambiente, o empoderamento manifesta-se por meio de campanhas virais, relatos de experiência, ocupação de espaços antes monopolizados por homens e monetização autônoma de conteúdos. Contudo, a mesma lógica algorítmica que potencializa vozes feministas também favorece reapropriações antagonísticas: comunidades *redpill* passam a mobilizar o vocabulário do empoderamento, colocando-se como vítimas do sistema. O léxico da autonomia e da liberdade é invertido e reinscrito em narrativas de ressentimento de gênero. Em algumas experiências individuais, essa percepção pode se cruzar com sofrimentos que atravessam marcadores sociais como raça e classe, potencializando afetos de exclusão que são exclusivamente responsabilizados pelo empoderamento feminino. Essa categoria se manifesta, portanto, como um tópico de disputa semântica, cada vez mais esvaziado de seu sentido original, em uma linguagem que combina o campo dos negócios com o da emocionalidade.

A construção simbólica do sertanejo como núcleo autêntico da nacionalidade, conforme analisa Albuquerque Jr (2003), articula-se à consolidação da masculinidade “cabra macho” como expressão regional da masculinidade hegemônica no Nordeste. Ao forjar a imagem do homem sertanejo como resistente, honrado e moldado por condições adversas, institui-se um ideal viril que sustenta hierarquias de gênero e reforça distinções entre homens, tal como problematiza Michael Kimmel (1998) ao destacar que as masculinidades se constroem em campos interrelacionados de poder. Ainda que, no imaginário popular, a figura do cangaceiro — associada a Lampião — tenha ganhado notoriedade, sua condição marginal o excluiu como representante legítimo do “tipo” nordestino, preservando-se um modelo alinhado à ordem patriarcal (Filho & Moreira, 2025; Furtado, 2018). Consideradas as limitações do campo empírico, não foi possível explorar amplamente a diversidade das expressões regionais, embora tenham emergido nuances importantes: observou-se presença significativa de referências ao Nordeste em *memes*, conteúdos

compartilhados e até nos sotaques percebidos em áudios de *Whatsapp*. Em contraste, os influenciadores de maior repercussão midiática são majoritariamente cariocas, sulistas ou paulistas, evidenciando uma tensão entre a centralidade do Nordeste na construção identitária e a concentração do capital midiático no eixo Sul-Sudeste. O processo de celebrificação possibilitado por plataformas como o *TikTok* e o *Instagram* surge como forma de inserção para pessoas com menor acesso a recursos que buscam ascender socialmente tornando-se influenciadores.

Influenciadoras mulheres também fazem o uso da plataforma como instrumento de empoderamento social, se apresentando como “*coaches* de relacionamento” e mobilizando discursos que endossam a argumentação masculinista. Observa-se o uso de uma retórica neoconservadora, que mistura os imperativos do empreendedorismo com a moralidade evangélica, endossando a perspectiva *Redpill* e se promovendo através de publicações de livros, cursos e mentorias. Assim, surge um mercado movido pelas emoções – o que leva um homem a gastar 150 reais em um curso virtual de relacionamentos? Mais ainda, se mulheres são inimigas, o que faz com que parte dos redpillados financiem todo um mercado de mulheres “de valor”? A *red* não se manifesta, assim, como uma racionalidade exclusiva de homens – a permeabilidade das redes faz com que algumas mulheres penetrem esses espaços, sendo vistas como aliadas e lugar de “saber” na medida que validam seu ressentimento.

O uso de uma argumentação com elementos marcadamente cristãos, que concebe o feminino através de categorias como “impuro” ou “profano”, pensado a partir de argumentos bíblicos, sugere a aproximação com o conservadorismo religioso. A teologia da batalha é uma corrente presente em setores do cristianismo — especialmente em segmentos do movimento neopentecostal — que entende a vida cotidiana como um campo permanente de confronto entre forças divinas e forças demoníacas. Em diálogo, a sexualidade feminina passa a ser enquadrada, no discurso *Redpill*, como território moral de combate, onde o desejo das mulheres é interpretado como força desestabilizadora a ser contida. Assim como na lógica da “guerra espiritual”, certos comportamentos são associados à corrupção ou à ação do mal, a liberdade sexual feminina é frequentemente descrita como sintoma de decadência cultural dos valores do Antigo Testamento - reinterpretados como modelo prático de batalha espiritual e prosperidade aplicado ao cotidiano. Nessa perspectiva, problemas pessoais, conflitos familiares, crises financeiras ou questões sociais exigem rituais de “libertação” contra as forças do “maligno”. Esse arranjo discursivo se assemelha com preceitos de libertação das mulheres recomendados pelos manuais de relacionamentos –

ambos se estruturam pela lógica do “combate ao mal”

A solidão emerge como um afeto central que move o homem à *Redpill*. Seja ela consequência de uma desilusão amorosa ou como projeto individual, ela se elabora como uma amargurada reação. Proclama-se independência como um caminho construído pela oposição, resultando em uma contraditória preocupação excessiva com o olhar feminino, mesmo que objetivando com isso sua frustração. Percebe-se, em algum nível, que é justamente como resposta ao declínio dos ideais românticos de entrega no imaginário das mulheres que ser um homem “sozinho” passa a ser ressignificado como um ato de resistência. A liberdade de escolha das mulheres em não se assujeitarem à autoridade masculina, conquistada a duras batalhas do feminismo, emerge como uma realidade “difícil de engolir”. Dizer que as “uvas estão verdes”, em uma metáfora clássica para o ressentimento, torna-se um manejo fortuito diante da frustração. Manejo esse que não se dá de forma unívoca mas sim diversa, fragmentando-se em diferentes leituras dentro da manosphere. Seu desdobramento em como se definem, seja como *pickup artists*, MGTOWs ou incels confirmam a potência da solidão como um afeto mobilizador dentro dessa racionalidade, a ponto de resultar em categorias marcadoras da diferença.

Para Thiago Schutz, a solidão é uma etapa de autossuficiência rumo a um relacionamento futuro; já Esqueleto MGTOW problematiza a busca por decifrar o desejo feminino e relativiza a centralidade da família. Silas, por sua vez, vivencia o isolamento como destino, tensionando agência e ressentimento em chave antissistêmica. Ao rejeitar a eficácia de performances dominantes, percebe-se fadado a ser um “beta provedor”. As diferenças raciais e estéticas aprofundam essas clivagens: Thiago, homem branco, mobiliza códigos sóbrios de distinção; Anderson, pardo, oscila entre neutralidade e validação; Silas, homem negro, investe na ostentação como tentativa de conversão de capital econômico em reconhecimento. O discurso dos três entrevistados revela, assim uma diversidade característica das manifestações da manosphere no território nacional, carregada de elementos que oscilam entre a busca por pertencimento e hierarquizações características da sociedade brasileira. Além disso, seus relatos mostram que ideais românticos podem se manifestar entre os “mestres da pegação”; o “distanciamento” de alguns MGTOWs podem ser motivados por desejo de validação e que a contratação de prostitutas pode se apresentar como uma alternativa entre incels que não recorrem a violência. Contudo, é importante atentar para os veículos pelos quais essas personalidades se expressam – é bastante possível que, por se tratar de uma plataforma que desmonetiza discursos explícitos de ódio, suas

ideias estejam sendo suavizadas, e que, em outros ambientes, se expressem de maneira mais radicalizada.

Emoções surgem a partir de contextos. O ódio *Redpill* ancora-se em discursos que antecedem a a *internet*: conforme destacado ao longo deste estudo, o Direito brasileiro estruturou-se como uma esfera atravessada por múltiplas orientações morais voltadas à regulação da vida privada. O fim da “defesa da honra” como atenuante pra crimes de feminicídio, a Lei Maria da Penha e a descriminalização do adultério são conquistas muito recentes, incapazes de apagar um imaginário que perdura a séculos na história brasileira. A busca pela recuperação desse imaginário pela direita que se radicaliza desde 2018, une a argumentação bíblica pela submissão das mulheres com a ênfase na responsabilidade individual através do empreendedorismo. Ao mesmo tempo, a nostalgia em relação a ditadura militar, característica da extrema-direita, promove masculinidades em que a rigidez é a norma e qualquer escuta a demandas progressistas é vista como fraqueza. O resultado é que o desprezo ao feminino é tomado como correto, o egoísmo individualista transforma-se em um norte de empoderamento e o envolvimento emocional é visto como inadequado.

O algoritmo reconhece os interesses do usuário e com isso, o direciona para conteúdos similares, fazendo com que um único tópico pesquisado em plataformas como *Google* e *YouTube* desencadeiem toda uma rede de conteúdos relacionados. Um simples “clique” em um anúncio sobre mentoria de investimentos pode vir acompanhado de sugestões de vídeos de *coaches* de educação emocional. Com uma retórica promissora e uma apresentação bem elaborada, esses influenciadores oferecem “dicas infalíveis”, “segredos que ninguém conta”, “técnicas poderosas” que visam garantir sucesso a pessoas emocionalmente vulneráveis. A ideia de que seguir todo um roteiro prescrito influiria objetivamente no comportamento de outra pessoa pode ser tentadora para alguém que se encontra em sofrimento afetivo. O *marketing* bem construído, as apresentações como “especialistas”, e a divulgação de cursos e livros fazem com que essas pessoas se pareçam com um “lugar de saber” na mente de seus consumidores. O sofrimento masculino, frequentemente silenciado, encontra respaldo nessas personalidades, que essencializam comportamentos de gênero por categorias biológicas, como o “instinto”. Sua responsabilidade nas situações passa a ser suavizada, e a raiva legitimada, impulsionando a outros conteúdos que progridem do sofrimento amoroso à misoginia.

Temendo a desmonetização, as expressões de ódio às mulheres são suavizadas nas

entrevistas concedidas a canais do *YouTube*, com os influenciadores afirmando veementemente que “a *Redpill* não é sobre odiar mulheres”. Os dados extraídos nas redes sociais, no entanto, revelam um ódio explícito, que vão de compartilhamentos de conteúdos íntimos não autorizados a elogios a crimes de feminicídio de repercussão nacional. Tanto no *Whatsapp* quanto no *YouTube* a desqualificação de mulheres é acompanhada de narrativas pessoais de sofrimento amoroso, enquanto os comentários das redes sociais *Instagram* e *Facebook* restringem-se ao ódio e ao compartilhamento de opiniões sobre mulheres, masculinidades e relacionamentos. Santini *et al.* (2024) identificam que produtores de conteúdo recorrem a vocabulário ainda não monitorado por sistemas automatizados, bem como a humor, sarcasmo e ironia, para suavizar e driblar a identificação de discursos de ódio. Em 137 canais analisados, 83% apresentavam misoginia de forma verbal explícita, enquanto 17% a expressavam apenas por meios implícitos e não verbais, como gestos, expressões e composição visual.

As políticas e a própria arquitetura do *Whatsapp* criam condições ambíguas para a circulação de discursos de ódio, na medida em que combinam criptografia de ponta a ponta, formação de grupos numerosos e encaminhamento rápido de mensagens, dificultando o monitoramento sistemático do conteúdo trocado entre usuários. Embora a plataforma estabeleça diretrizes que proíbem incitação à violência e discriminação, a moderação depende majoritariamente de denúncias individuais e de mecanismos limitados de detecção, o que reduz a capacidade de intervenção preventiva. Além disso, a lógica de redes fechadas — marcada por vínculos de confiança e pertencimento — favorece a circulação de narrativas polarizadoras, frequentemente percebidas como legítimas dentro do grupo. Assim, a proteção à privacidade, elemento central do serviço, convive com desafios estruturais para conter a disseminação de conteúdos ofensivos, especialmente quando articulados a dinâmicas coordenadas de desinformação e mobilização política.

No *Facebook*, a circulação de discursos misóginos encontra terreno fértil na dinâmica dos grupos, onde a combinação entre sociabilidade algorítmica e sensação de comunidade favorece a produção e o compartilhamento de conteúdos que mesclam ódio e humor. Embora a plataforma possua políticas formais contra discurso de ódio, sua aplicação é tensionada por estratégias discursivas que recorrem à ironia, ao *meme* e à ambiguidade para contornar a moderação, enquadrando ataques como “piadas” ou “brincadeiras”. Esse revestimento humorístico dilui a percepção de violência simbólica, ao mesmo tempo em que reforça estereótipos e naturaliza a

desqualificação de mulheres. Nos grupos fechados ou semiprivados, a lógica de pertencimento e validação mútua intensifica esse processo, pois o riso compartilhado funciona como mecanismo de coesão e legitimação do conteúdo ofensivo. Assim, a estrutura da plataforma — baseada em engajamento, recomendação e interação constante — pode amplificar narrativas misóginas que se apresentam sob a aparência lúdica, mas operam como dispositivos de reafirmação de hierarquias de gênero.

Já no *Instagram*, a dinâmica centrada na imagem e no engajamento rápido favorece a circulação de misoginia sob formatos aparentemente leves, como *memes*, *reels* e comentários irônicos. Embora a plataforma disponha de políticas contra discurso de ódio, a ênfase em conteúdos visuais e a velocidade de compartilhamento dificultam a identificação de ataques que se apresentam como humor, sátira ou “opinião pessoal”. A estética da viralização — baseada em curtidas, compartilhamentos e algoritmos que priorizam interação — tende a premiar conteúdos provocativos, o que pode estimular a produção de postagens que sexualizam, ridicularizam ou deslegitimam mulheres sob uma camada de entretenimento. Além disso, caixas de comentários e mensagens diretas tornam-se espaços recorrentes de hostilidade, muitas vezes diluída em *emojis*, montagens e trocadilhos que mascaram a agressividade. Assim, a combinação entre cultura visual, lógica de influência e busca por engajamento cria condições para que discursos misóginos circulem com aparência banal ou humorística, ao mesmo tempo em que reforçam estereótipos e desigualdades de gênero.

Para Latour (1996), o *faitiche* não é mera ilusão nem pura fabricação consciente: é algo que fazemos e que, ao mesmo tempo, passa a nos fazer. Nesse sentido, o ódio *redpill* não nasce do nada; ele se ancora em tradições morais sedimentadas no Direito brasileiro e em imaginários patriarcais anteriores à *internet*, mas é reativado e reconfigurado pelas mediações algorítmicas que conectam sofrimento afetivo, empreendedorismo emocional e ressentimento de gênero. Cada vídeo recomendado, cada grupo fechado, cada *meme* irônico funciona como mediador que estabiliza certas narrativas e as transforma em evidências aparentemente autoexplicativas da “natureza feminina” ou da “crise da masculinidade”. O algoritmo, longe de ser neutro, participa dessa rede como agente que intensifica associações, encadeando cliques em trajetórias cada vez mais homogêneas de sentido. Influenciadores que se apresentam como especialistas operam como nós dessa rede, convertendo vulnerabilidade em mercado e frustração em identidade política. Assim, a *Redpill* se consolida como *faitiche*: produto de uma cadeia que envolve plataformas,

legislações, memórias históricas e performances masculinas, mas que aparece aos seus adeptos como revelação incontestável da realidade. O que se chama de “verdade dura” é, na verdade, o efeito estabilizado de múltiplas mediações.

A partir de Silva (2019), se o *meme* é compreendido como artefato multimodal que amplia a autoria, a expressividade e a persuasão nas redes, é precisamente essa combinação entre criatividade, liberdade de produção e circulação ampliada que também cria condições favoráveis à disseminação de discursos de ódio pela via do humor. Ao mobilizar referências compartilhadas e conhecimentos comuns a uma comunidade interpretativa, o produtor constrói enunciados verossímeis ao “auditório” pretendido, nos termos aristotélicos, articulando crítica e comicidade de modo a naturalizar determinadas posições. O humor funciona, nesse contexto, como estratégia de atenuação: ao revestir a agressão de ironia ou deboche, o emissor dilui a responsabilidade discursiva e enquadra o conteúdo como “apenas uma piada”, ao mesmo tempo em que reforça laços de cumplicidade entre aqueles que partilham do mesmo repertório simbólico. A multimodalidade — imagens, legendas, referências culturais — intensifica o efeito persuasivo, condensando estereótipos e afetos em formatos facilmente replicáveis. Assim, o *meme* não apenas expressa uma opinião, mas opera como dispositivo retórico que transforma preconceito em riso compartilhado, convertendo a violência simbólica em entretenimento circulável. O argumento universal, sustentado por referências comunitárias, cria a sensação de consenso e legitima o conteúdo como verdade evidente, reforçando fronteiras entre “nós” e “eles”. Desse modo, o potencial crítico e participativo destacado por Silva revela também sua face ambígua: a mesma liberdade que democratiza a expressão pode ser instrumentalizada para normalizar hostilidades, mascaradas sob a aparência inofensiva do humor.

A recente aprovação do Projeto de Lei 896/2023 pela Comissão de Justiça do Senado Federal, que altera a Lei nº 7.716/1989 para incluir a misoginia — entendida como discriminação ou ódio dirigido às mulheres — no rol de condutas equiparadas ao racismo, marca uma inflexão simbólica e jurídica no enfrentamento da violência de gênero no Brasil (BRASIL, 2025). Ao inscrever a misoginia na gramática penal da lei antirracista, o Estado desloca tais práticas do campo da “opinião controversa” para o território do ilícito, reconhecendo que a palavra também produz exclusão, silenciamento e hierarquias. No contexto da chamada *manosfera* brasileira, essa alteração tende a tensionar estratégias discursivas que até então se abrigavam sob o manto do humor, da ironia ou da crítica cultural, pois a ambiguidade retórica deixa de ser zona segura

quando o ódio se torna tipificável. Se, por um lado, a norma pode produzir reconfigurações nas formas de enunciação — tornando-as mais cifradas ou deslocadas —, por outro, inaugura um horizonte de responsabilização que inscreve a disputa de sentidos sobre gênero no próprio texto da lei, transformando o espaço virtual em arena onde liberdade de expressão e dignidade se confrontam sob novos parâmetros jurídicos.

A implementação da lei contra a misoginia encontra, no entanto, alguns impasses nos ambientes digitais: o primeiro é de natureza jurisdicional, dado que tais empresas operam sob regimes normativos estrangeiros, o que dificulta a execução célere de decisões judiciais brasileiras. Soma-se a isso a complexidade probatória, uma vez que discursos misóginos frequentemente se apresentam sob a forma de ironia, *memes* e linguagens codificadas, tensionando sua tipificação penal. Ademais, a velocidade de circulação e a dinâmica de replicação em ambientes digitais descentralizados dificultam a identificação de autoria e a responsabilização individual. Por fim, a tensão entre liberdade de expressão e repressão ao discurso discriminatório, aliada à ausência de harmonização regulatória internacional, limita a efetividade prática da norma no ambiente digital globalizado. Diante do presente exposto, percebe-se que para que as recentes transformações na legislação brasileira tenham eficácia, torna-se necessário repensar a própria estrutura das redes.

Iniciativas recentes como o “Radar Antigênero” promovido pela Organização Gênero e Número com a Novelo Data, têm utilizado inteligência artificial para monitorar, classificar e interpretar vídeos no *YouTube* que promovem discursos de ódio e narrativas antigênero, com apoio da *Google News Initiative*. Assim, se propõe a dar direcionamentos para jornalistas e pesquisadores sobre como investigar conteúdos misóginos sem amplificar a desinformação ou discriminação. Recomenda-se não reproduzir ou hiperlinkar conteúdos ofensivos, evitar falsas equivalências entre direitos humanos e narrativas que os atacam, e priorizar análise contextualizada com fontes especializadas e linguagem adequada. Por fim, enfatiza-se a necessidade de responsabilidade ética, com proteção de fontes, prevenção da revitimização e diretrizes editoriais claras para lidar com discurso de ódio em ambientes digitais (Genero e Número; Novelo Data).

Já o Relatório de estratégias discursivas e monetização da misoginia no *YouTube*, da UFRJ em parceria com o Laboratório de Estudos de *Internet* e Redes Sociais e o Ministério da Mulher, sugere soluções que articulem políticas públicas com políticas próprias do uso da plataforma. Os

autores defendem políticas de conscientização e letramento midiático, com foco no público masculino jovem, além do incentivo a espaços não tóxicos de debate sobre masculinidade. Recomenda-se aprimorar as políticas de monetização para priorizar conteúdos educativos e ampliar a transparência e responsabilização das plataformas. Também se destaca a importância de financiar pesquisas sobre algoritmos e modelos de monetização, bem como investir em tecnologias de detecção e combate a discursos misóginos. Já o enfrentamento da misoginia no *YouTube* requer ações efetivas de moderação, aplicação rigorosa das diretrizes de comunidade e incentivo à circulação de conteúdos que promovam a igualdade de gênero, com aprimoramento dos mecanismos de denúncia e remoção. O texto também alerta para o risco de monetização do ódio e defende maior transparência sobre moderação, publicidade e remuneração de criadores, atribuindo às plataformas responsabilidade central na contenção desses conteúdos. Assim, Santini *et. al* (2024) argumentam que o enfrentamento da misoginia *online* deve ser compreendido como um problema multidimensional e coletivo, demandando articulação entre Estado, sociedade civil, universidades e empresas de plataformas digitais.

Como foi demonstrado na presente dissertação, a *Redpill* se reinventa, incorporando aspectos locais que se complexificam, na medida que absorvem discursos institucionais, culturais e religiosos muito anteriores a suas manifestações digitais. Além disso, ela dialoga com trajetórias individuais, configurando particularidades localizadas, que precisam ser melhor estudadas como parte da engrenagem de mediações que fazem com que a “manosfera” amplie seu alcance. A pesquisa pode contribuir com lacunas identificadas na bibliografia nacional, como a articulação da *Redpill* com a gramática judaico-cristã como um de suas especificidades brasileiras. Embora tal associação já tenha sido apontada por Santini *et al* (2024), o presente trabalho pode contribuir com um maior aprofundamento sobre como o regime emocional *Redpill* é composto por moralidades cristãs. Além disso, o trabalho aponta para a necessidade de investigações que, dentro do escopo da antropologia das emoções, se voltem a redes sociais com menor alcance público, dentro dos devidos cuidados éticos – é importante dissecar como toda essa gama de discursos chega em espaços menos midiaticizados, é preciso levar em conta como as dissonâncias nas manifestações individuais se organizam em torno de um propósito e linguagem comum.

A proposta de uma “erótica do descompasso”, como um deslocamento do conceito “erótica das distâncias” proposto por Bispo & Zampiroli (2016) traz consigo uma categoria de análise fortuita para trabalhos futuros sobre masculinidades, prazer na hierarquia (Díaz-Benítez, 2019) e

relações contemporâneas. Para se compreender como se estabelecem regras emocionais através de uma pedagogia do desequilíbrio e do distanciamento, se fazem necessárias pesquisas que dêem enfoque nos contextos locais. Em diálogo com a proposta contextualista das emoções de Abu-Lughod e Lutz (1990), a dissertação aponta pra necessidade investigações que consigam explorar as conexões entre emoções, contextos locais, particularidades e dissonâncias nas trajetórias individuais. Para que o combate à misoginia nos espaços virtuais seja de fato empreendido, é preciso compreender como essa racionalidade se imiscui em emocionalidades produzidas em discursos situados e retorna às redes, incorporando particularidades diversas oriundas de discursos locais. Em outras palavras, compreender como se aprende a “engolir a *pill*” é condição para, criticamente, poder também cuspi-la, recuperando homens comuns de uma racionalidade que legitima o ódio pelo sofrimento.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life. In: LUTZ, C. A.; ABU-LUGHOD, L. (eds.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine A. 1990. “Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life”. In: C. A. Lutz e L. Abu-Lughod (eds.), *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.

ABU-LUGHOD, Lila. *Writing Against Culture*. In: FOX, Richard G. (ed.). *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991.

_____. *Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin Society*. Berkeley: University of California Press, 2000.

_____. *A escrita dos mundos das mulheres: histórias beduínas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

ACCOUNT FINANÇAS. Account Finanças (@accountfinancas). Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/accountfinancas>. Acesso em: 19 jun. 2025.

AGUIAR, Bruna Soares de; PEREIRA, Matheus Ribeiro. O antifeminismo como *backlash* nos discursos do governo Bolsonaro. *Agenda Política: Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 8–35, dez. 2019.

DOI: 10.31990/agenda.2019.3.1. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/271>. Acesso em: 26 jul. 2025.

AHMED, Sara. *Living a feminist life*. Durham: Duke University Press, 2017.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo — uma história do gênero masculino (Nordeste — 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003.

ALMÅS, Ingvild; KOTSADAM, Andreas; MOEN, Espen R.; RØED, Knut. The economics of hypergamy. *Journal of Human Resources*, Madison, v. 58, n. 1, p. 260–281, 2020.

AMATO, Bruna. *A queda na toca do coelho branco: o ciberativismo masculinista na formação de grupos de ódio e extrema-direita no Brasil*. 2022. 208 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2022.

ANDRADE, Rafael Ademir Oliveira de; COSTA, Suyane de Oliveira; FERNANDES, Cristiano de Almeida; OLIVEIRA, Wuelison Lelis de; IGUCHI, Aciê; SOUZA, Alice Andrade de. *A Casa*

dos Homens e Movimento Redpill/MGTOW: etnografia de grupos misóginos em redes sociais no Brasil. *Ampersand*, v. 8, n. 1, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/amp/article/view/9095>. Acesso em: 27 maio 2025.

ANDRADE, Vivian. Corpo em cena: tecendo ‘masculinidades’ nas imagens em movimento. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 80, 2008.

ASAD, Talal. *The construction of religion as an anthropological category*. In: *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993. p. 27-54.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO IBDFAM. Paternidade responsável: mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento. *Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)*, Belo Horizonte, 7 ago. 2019. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade+respons%C3%A1vel:+mais+de+5,5+milh%C3%B5es+de+crian%C3%A7as+brasileiras+n%C3%A3o+t%C3%AAm+o+nome+do+pai+na+certid%C3%A3o+de+nascimento>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ASSUNÇÃO, C. Oliveira E. “Imbrochável, imóvel e imorrível”: Uma análise do bolsonarismo à luz das masculinidades. *REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, vol. 07, e16164, 2024.

BACHAUD, Louis; JOHNS, Sarah E. The use and misuse of evolutionary psychology in online manosphere communities: the case of female mating strategies. *Evolutionary Human Sciences*, Cambridge, v. 5, e28, p. 1–15, 2023.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Claudia de Faria; OLIVEIRA PIRES, Edmeire; DI GREGÓRIO, Maria de Fátima Araújo. Mães solo: disputas e embates da monoparentalidade feminina na contemporaneidade. *ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 19–40, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/16030>. Acesso em: 13 mar. 2026.

BAROUKH, Will. Will Baroukh (@willbaroukh). Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/willbaroukh>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189–220.

BAX, Ernest Belfort. *The fraud of feminism*. London: Grant Richards, 1913.

BBC BRASIL. Elliot Rodger: o "incel" que matou 6 pessoas na Califórnia e deixou um manifesto de ódio contra mulheres. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-27442489>. Acesso em: 24 abr. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. 2 v.

BERRY, Venise T. From Good Times to The Cosby Show: perceptions of changing televised images among Black fathers and sons. In: CRAIG, Steve (ed.). Men, masculinity and the media. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1992. p. 111–123.

BISPO, R. Jovens Werthers: antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ.

_____. Senhoras do Rebolado: carreiras artísticas e sensibilidades femininas no mundo televisivo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRJ.

_____. Nas malhas da solidão-ação: vivências jovens da solitude. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mandes de (org.). *Cartografia da paragem*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.

_____; ZAMPIROLI, Oswaldo. Erótica das distâncias – por uma ética do bem viver junto. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (org.). *Cartografias da paragem*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016. p. 111-126.

BORDO, Susan. *Unbearable weight: feminism, Western culture, and the body*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1993.

_____. *The male body: a new look at men in public and in private*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1999.

BOTTO, Matteo; GOTTZÉN, Lucas. Swallowing and spitting out the red pill: young men, vulnerability, and radicalization pathways in the manosphere. *Journal of Gender Studies*, v. 33, n. 5, p. 596-608, 2024. DOI: 10.1080/09589236.2023.2260318.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. The new spirit of capitalism. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, New York, v. 18, n. 3-4, p. 161–188, spring–summer 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Cristina Paixão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOYD, danah. *It's complicated: the social lives of networked teens*. New Haven; London: Yale University Press, 2014. 296 p.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010. Altera o § 6º do art. 226 da Constituição Federal, suprimindo requisitos para o divórcio.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 set. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4121.htm. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. Projeto de Lei nº 896, de 6 de março de 2023. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, para incluir crimes praticados em razão de misoginia. Senado Federal, Brasília, DF, 6 mar. 2023. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/156025>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM). Brasília, DF: Ministério das Mulheres, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A reforma do Estado dos anos 90: lógica e mecanismos de controle. *Lua Nova*, São Paulo, n. 45, p. 49–95, 1998.

BRUNÃO PODCOLAR. Perfil do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/brunaopodcolar/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019. Tradução de Mario Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos. 256 p. ISBN 978-85-94444-07-3

_____. Finding the man in the state. *Feminist Studies*, College Park, v. 18, n. 1, p. 7–34, spring 1992.

BUSS, David M. The evolution of desire. In: SHACKELFORD, T. K.; WEEKES-SHACKELFORD, V. A. (eds.). *Encyclopedia of evolutionary psychological science*. Cham: Springer, 2016.

BUTECO PODCAST #092. Buteco Podcast, 15 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34&t=698s>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 1993.

_____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CALMON, Diego Sousa Schiavo. *Masculinidade(s) e afetos: o papel das emoções em narrativas sobre a masculinidade tóxica*. 2024. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CAMERON, Deborah. *The myth of Mars and Venus*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CAMERON, Deborah. Sex/gender, language and the new biologism. *Applied Linguistics*, v. 31, n. 2, p. 173–192, 2009.

CARDOSO, Frederico Assis; AMORIM, Marina Alves; SULZ, Juliana Albuquerque. “Crise da masculinidade”: retóricas da ofensiva antigênero e o antifeminismo de Estado. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 32, n. 72, p. 97–115, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n72.p97-115>.

CARLOTTO, M. C. “Boa guerra, garoto(s)!”: bolsonarismo, “anti-intelectualismo” e masculinidade. *Estudos Avançados*, v. 39, n. 113, p. e39113197, 2025.

CASTELLANO, M. “Só é fracassado quem quer”: a subjetividade loser na literatura de autoajuda. *Galaxia (São Paulo, Online)*, n. 29, p. 167–179, jun. 2015.

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles; Kátia Lund. Produção: Andrea Barata Ribeiro; Maurício Andrade Ramos. Brasil: O2 Filmes; VideoFilmes; Globo Filmes; Lumière, 2002. 1 filme (130 min), son., color.

CNPJ.BIZ. Dados da empresa: EDITORA SCHOBALTD. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://cnpj.biz/03954386000169>. Acesso em: 24 jul. 2025.

COELHO, Maria Claudia. Gênero, emoções e vitimização: percepções sobre a violência urbana no Rio de Janeiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 10–36, abr. 2012. DOI: 10.1590/s1984-64872012000400002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/2675>. Acesso em: 27 maio 2025.

_____; Bispo, Raphael. Emoções, gênero e sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da antropologia das emoções. *Cadernos de Campo*, v. 28, n. 2, p. 186–197, 2019.

COLABORAÇÃO PARA SPLASH. Thiago Schutz, 'coach da Campari', viraliza por namoro com perita criminal. *UOL*, 02 jun. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/06/02/coach-campari-namorada.htm>. Acesso em: 15 fev. 2025.

COLOCAMOS UMA FEMINISTA E UM INCEL PARA CONVERSAR (SEM QUE ELES SOUBESSEM). YouTube, publicado em 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOEdRZ2ZDJg>. Acesso em: 19 jun. 2025.

COLLIER, Richard; SHELDON, Sally (Eds.). *Fathers' Rights Activism and Law Reform in Comparative Perspective*. Oxford: Hart Publishing, 2006.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 1995.

_____. MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.

_____. *Gender and power: society, the person, and sexual politics*. 1. ed. Stanford: Stanford University Press, 1987.

CONTROLADORIA-GERAL DA UNIÃO. Auxílio Emergencial - parcelas disponibilizadas ao beneficiário. Portal da Transparência, 15 fev. 2025. Disponível em: <https://portaldatransparencia.gov.br/beneficios/auxilio-emergencial/206700955>. Acesso em: 15 fev. 2025.

COOPER, Melinda. **Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism**. New York: Zone Books, 2017.

_____. The Alt-Right: Neoliberalism, Libertarianism and the Fascist Temptation. **Theory, Culture & Society**, v. 38, n. 6, p. 29-50, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/02632764219994462>. Disponível em: <journals.sagepub.com/home/tcs>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CORDEIRO, Tiago; DE CASTRO, Luiz Henrique. Dogolachan: o subterrâneo da internet que inspirou os jovens de Suzano. *Gazeta do Povo*, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/dogolachan>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CORRÊA, Mariza. *Os crimes da paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Tudo é História, n. 33).

CORREIA, Eduardo. *Direito criminal: aspectos fundamentais da problemática do direito criminal*. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.

CORTES REDCAST [OFICIAL]. EU ERA MUITO REJEITADO | SILAS SOUZA. [vídeo]. YouTube, 15 jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjcuIDIHuzw>. Acesso em: 19 jun. 2025.

COSTA, Inês Antunes da. A culpa no feminino: contributo para uma aplicação do princípio da desculpa à luz da pressão social fundada pela expectativa de correspondência ao estereótipo, partindo da análise de Medeia, de Eurípide. *Anatomia do Crime*, v. 21, p. 79–130, jan./jun. 2025.

COSTA, Thiago. Um bando de lobos solitários: uma análise dos memes de mentalidade Sigma na machosfera do Instagram brasileiro. *Dispositiva*, v. 12, n. 22, p. 269–290, dez. 2023. DOI: 10.5752/P.2237-9967.2023v12n22p269-290.

DAUDT, Rafaella S.; VALIATI, Vanessa; CONTE, Daniel. Representações sociais emergentes no universo Red Pill e MGTOW brasileiro. *E-Compós*, Brasília, v. 28, p. 1–21, 2025. Disponível em:

<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2870>. Acesso em: 27 maio 2025.

DECLERCQ, Marie. 'Coach do Campari' é só a ponta do iceberg de um universo misógino. *UOL*, Sociedade, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/02/28/coach-do-campari-e-so-a-ponta-do-iceberg-de-um-universo--misogino.htm>. Acesso em: 1 abr. 2023.

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional/UFRJ.

_____. O espetáculo da humilhação: fissuras e limites da sexualidade. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 65–90, jan./abr. 2015.

_____. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, n. 54, p. 51-78, 2019.

DINIZ, Márcia Sumire Kurogi. *Emoções e práticas no divórcio litigioso: um estudo no grupo interfamiliar do projeto Justiça Educativa*. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

DINNER, Deborah. The Divorce Bargain: The Fathers' Rights Movement and Family Inequalities. *Virginia Law Review*, v. 102, n. 1, p. 79-151, mar. 2016.

DRIESSENS, O. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. *Ciberlegenda*, n. 31, p. 8–25, 2014.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Odete F. (orgs.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

DWORKIN, Andrea. *Intercourse*. New York: Free Press, 1987.

E-DIALOG. Quais as redes sociais mais usadas no Brasil em 2024? Confira as 11 principais. 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.edialog.com.br/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 26 maio 2025.

EFREM FILHO, Roberto; MELLO, Breno Marques de. A renúncia da mãe: sobre gênero, violência e práticas de Estado. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 27, n. 61, p. 323–349, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/5dbvWNq4W8FmLw4yRrkkQWK/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer ou morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Tradução de Ruy

Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. v. 2.

ESPECTRO RACIONAL. Canal Espectro Racional [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Espectroracional>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ESQUELETO MGTOW. Perfil do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/esqueletomgtow/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ESQUELETO MGTOW - Podcolar #39. Podcolar Podcast, 15 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ZNxdeTut50&t=765s>.

FALUDI, Susan. *Backlash: the undeclared war against American women*. New York: Crown Publishers, 1991.

FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 1967.

FAVO. Favo (@favohub_). Instagram, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/favohub_. Acesso em: 19 jun. 2025.

FERNANDES, Camila. Figuras do constrangimento: as instituições de Estado e as políticas de acusação sexual. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 531–563, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/4R4QY6ZgGdjn8qFZtmKMwvL/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

FERNANDES, Camila; RANGEL, Everton; DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; ZAMPIROLI, Oswaldo. As porosidades do consentimento: pensando afetos e relações de intimidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 165–193, maio/ago. 2020.

FIRESTONE, Shulamith. *The dialectic of sex: the case for feminist revolution*. New York: William Morrow, 1970.

FOLHA DE S. PAULO. Polícia prende suspeito de criar grupo no Discord para estupro virtual. 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/policia-prende-suspeito-de-criar-grupo-no-discord-para-estupro-virtual.shtml>.

FONSECA, Claudia. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 13–26, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000200002>. Acesso em: 15 mar. 2026.

_____. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *História da sexualidade: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. Sexuality and solitude. In: RABINOW, Paul (Ed.). *Ethics: Subjectivity and Truth*. New York: The New Press, 1997.

FRANCO, César Bueno. Os “artistas da sedução”: entre métodos e técnicas, uma masculinidade. *Sociologias Plurais*, Curitiba, v. 2, n. 2e, fev. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64809>. Acesso em: 15 mar. 2026.

FRANCO, César Bueno. Masculinidade, populismo, religião e ressentimento. In: BRASILIENSE, Danielle; VAZ, Paulo (org.). *Masculinidade, política e ressentimento*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 14–?. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-188-8.1

FURTADO, Hélio Dias. *Cabra macho e tough guy: estudo comparativo da masculinidade hegemônica na literatura*. Natal, RN: EDUFRN, 2018. 153 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

FURTADO, Johnattan. Johnattan Furtado – Scrum master – CashWay. LinkedIn, 2025. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/ojohnfurtado>.

FURTADO, Johnattan. Johnattan Furtado (@ojohnfurtado). Threads, 2025. Disponível em: <https://www.threads.net/@ojohnfurtado>.

GAMA, Juliana Fonsêca de Almeida. “Né homem não?” – retratos das masculinidades: entre as singularidades e a hegemonia. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27635>. Acesso em: 27 maio 2025.

GARIM COMUNICAÇÃO. Garim Comunicação (@comgarim). Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/comgarim>.

GARIM, Pedro. Pedro Garim (@pedrogarim). Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/pedrogarim>.

G1. Atirador em escola de Aracruz (ES) se diz influenciado por vídeo de massacre nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2022/11/25/atirador-em-escola-em-aracruz-se-diz-influenciado-por-video-de-massacre-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GÊNERO E NÚMERO; NOVELO DATA. *Radar Antigênero: análise de narrativas antigênero no YouTube*. Radar Antigênero, 2025. Disponível em: <https://radar.org.br/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

GILDERSLEEVE, Kelly; HASELTON, Martie G.; FALES, Melissa R. Do women's mate preferences change across the ovulatory cycle? A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, v. 140, n. 5, p. 1205–1259, 2014.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 638–657, 2017. DOI: [10.1177/1097184X17706401](https://doi.org/10.1177/1097184X17706401).

_____. (Org.). *Gender Hate Online: Understanding the New Anti-Feminism*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019. Disponível em: <https://www.gale.com/ebooks/9783319962269>. Acesso em: 27 maio 2025.

_____.; SIAPERA, Eugenia. Special issue on online misogyny: Introduction. *Feminist Media Studies*, v. 18, n. 4, p. 515–524, 2018. DOI: [10.1080/14680777.2018.1447345](https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1447345).

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

GOLDMAN, Emma. O drama das mulheres solteiras. In: _____. *Anarquismo e outros ensaios*. New York: Mother Earth Publishing Association, 1906.

GONÇALVES, Eliane. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a 'solidão' das 'solteiras' na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, p. 189-216, 2009. DOI: [10.1590/S0104-71832009000200009](https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200009).

GREGORI, Maria Filomena. Género, erotismo y violencia: backlash e intolerancias en la actualidad de Brasil. *MORA (Buenos Aires)*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 29, n. 1, p. 53–67, jun. 2023. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X20230001. Acesso em: 26 jul. 2025.

_____. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GUIMARÃES, Maisa Campos; ZANELLO, Valeska. Ciúmes e anseios de (im)potência masculina: leitura psicodinâmica sob uma ótica de gênero. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 40, e40405, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e40405.pt>. Acesso em: 15 mar. 2026.

GUTMANN, Matthew. O fetiche totêmico da sexualidade masculina: oito erros comuns. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 69, fev. 2009.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

HIGÍDIO, M. O impacto da redpill na cultura digital brasileira. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.

_____. *Virtual methods*. Oxford: Berg, 2005.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2003.

_____. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, Maria Claudia (org.). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 169–209.

HOOKS, bell. *All about love: new visions*. New York: William Morrow, 2000.

_____. *The will to change: men, masculinity, and love*. New York: Atria Books, 2004.

HORTELAN, Luiza Vitória Terassi. “Na contramão do mundo”: gênero, amor e sexualidade no movimento evangélico *Eu Escolhi Esperar*. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2020.

ILLOUZ, Eva. *Cold intimacies: the making of emotional capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2007.

_____. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1997.

_____. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. *Why love hurts: a sociological explanation*. Cambridge: Polity Press, 2012.

INCEL GLOSSARY. IncelWiki, 2023. Disponível em: https://incelwiki.com/Incel_Glossary.

Acesso em: 11 jan. 2025.

JÚNIOR MASTERS. Perfil oficial no Instagram. Instagram: @ojuniormasters. [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/ojuniormasters/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

KATZ, Jack. 2013 [1988]. Massacre justo. In: COELHO, M. C. (org.). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Ed UERJ.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103–117, out. 1998.

_____. *Angry white men: American masculinity at the end of an era*. New York: Nation Books, 2013.

_____. *Healing from hate: how young men get into—and out of—violent extremism*. Oakland: University of California Press, 2018.

KING, Andrew Stephen. Feminism’s flip side: a cultural history of the pickup artist. *Feminist Media Studies*, v. 19, n. 1, p. 1-15, 2019. DOI: 10.1080/14680777.2019.1643797.

KLEIN, C. A produção da maternidade no Programa Bolsa-Escola. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 31–52, 2005.

KOZINETTS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012. ISBN 978-85-232-0864-6 (EDUFBA), ISBN 978-85-7460-390-2 (EDUSC).

LEOTE DE CARVALHO, Maria João; DUARTE, Vera; GOMES, Sílvia. Female crime and delinquency: a kaleidoscope of changes at the intersection of gender and age. In: WOMEN AND CRIMINAL JUSTICE, 2021.

LIMA E SILVA, Bruna Camilo de Souza; CHACHAM, Alessandra Sampaio. De “merdalheres” a “conservadias”: o discurso de ódio masculinista. In: Anais do I Simpósio Internacional de Crítica Feminista e Autoria Feminina; IV Encontro Internacional Interculturalidade e Escrita Feminina Latino-Americana; III Colóquio de Literatura e Imprensa Feminina. 2021. p. 89–102.

LINS, Beatriz Accioly. *Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21022020->

[145523/publico/2019 BeatrizAcciolyLins_VCorr.pdf](#). Acesso em: 26 maio 2025.

LOIOLA, Alessandro. *Realismo moral: o básico que você deveria saber*. [S.l.]: ManhoodBrasil Edições, 2019.

_____. *Sendo um homem: 5 bússolas para a masculinidade*. São Paulo: Fontenele Publicações, 2022.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: textos e discursos*. Tradução: Heci Regina Candiani et al. São Paulo: José Olympio, 2021.

MALINOWSKI, Bronisław. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MASTERS, Júnior. Hackeando o Mercado Sexual. [S.l.]: Kiwify, [s.d.]. Disponível em: <https://pay.kiwify.com.br/F8byL4u>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MANUAL RED PILL: OS PERIGOS DO RELACIONAMENTO (com Thiago Schutz).

MARTINS, Helena. Mães são responsáveis pela criação dos filhos até 3 anos em 89% dos casos. *Agência Brasil*, Fortaleza, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-11/maes-sao-responsaveis-pela-criacao-dos-filhos-ate-3-anos-em-89-dos-casos>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MARTINS, Isis Ribeiro. “Só há solidão porque vivemos com os outros...”: um estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade de mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2010.

_____. Ser ou estar só na metrópole? Diálogos e inspirações no processo de pesquisa. In: CASTRO, C.; CORDEIRO, G. I. (org.). *Mundos em mediação: ensaios ao encontro de Gilberto Velho*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

MARTINS, Gabriela Dal Forno; HAUCK FILHO, Nelson; FEEBURG, Natália Luz; FERNANDES, Heitor Barcellos Ferreira; NATIVIDADE, Jean Carlos; HUTZ, Claudio Simon. Psicologia evolucionista: uma perspectiva em expansão. *Temas em Psicologia*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 509–520, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2012.2-17>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MARWICK, Alice E.; LEWIS, Rebecca. *Media manipulation and disinformation online*. New York: Data & Society Research Institute, 2017. Disponível em: <https://datasociety.net/library/media-manipulation-and-disinfo-online/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MASSANARI, Adrienne. #Gamergate and The Fappening: how Reddit’s algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. *New Media & Society*, London, v. 19, n. 3, p. 329–346, 2017.

MAYBLIN, Maya. The madness of mothers: agape love and the maternal myth in Northeast Brazil. *American Anthropologist*, Washington, DC, v. 114, n. 2, p. 240–252, jun. 2012.

MESSO PODCOLAR. Perfil do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/messopodcolar/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MOHANADOSS, T. Hypergamy and its inherent contradictions. *Anthropos*, Fribourg, v. 90, n. 4–6, p. 558–563, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40463200>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 2 v. (Coleção Os Pensadores).

NAGLE, Angela. An investigation into contemporary online anti-feminist movements. 2015. Tese (Doutorado) – Dublin City University.

_____. *Kill All the Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*. Winchester: Zero Books, 2017.

NERI, Marcelo Côrtes (coord.). Novo mapa das religiões. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de potência*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, Ana Clara de Arruda; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Violência contra mulheres e religião: vivências de evangélicas (neo)pentecostais. *Revista Psicologia Política*, Florianópolis, v. 25, e25012, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2175-1390.v25e25012>. Acesso em: 15 mar. 2026.

O GLOBO. Sarah Sheeva revela 25 anos sem beijo e sexo: 'Compromisso espiritual'. *O Globo*, 1 abr. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/04/01/sarah-sheeva-explica-abstinencia-de-beijo-e-sexo-ha-mais-de-25-anos-compromisso-espiritual.ghtml>. Acesso em: 7 dez. 2025.

O HOMEM REFORMADO. Canal @ohomemreformado [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ohomemreformado>. Acesso em: 19 jun. 2025.

O'NEIL, B. Masculinidades em crise: uma resposta aos avanços feministas. 2016.

ORTNER, Sherry B. A mulher, a natureza e a cultura. In: ROSALDO, M. Z.;

LAMPHIRE, L. (org.). *Mulher, cultura e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 85–113.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In:

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 237–262.

PELÚCIO, Larissa. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 71–91.

PENNY, Laurie. Unspeakable things: sex, lies and revolution. London: Bloomsbury, 2014.

PENTON-VOAK, Ian S.; GILLESPIE, Mark; PERRETT, David. Shifts in women's mate preferences across the ovulatory cycle: a critique of Harris (2011) and Harris (2012). *Sex Roles*, v. 69, n. 9–10, p. 516–524, 2013.

PEREZ-GIL, Maria Mar. Mary and the carnal maternal genealogy: towards a Mariology of the body. *Literature and Theology*, Oxford, v. 25, n. 3, p. 297–311, set. 2011.

PERRY, Chloe; DEDEO, Simon. The Cognitive Science of Extremist Ideologies Online. *arXiv preprint*, arXiv:2110.00626, 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2110.00626>. Acesso em: 27 maio 2025.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Raiva, sonhos e insubordinação: como a extrema direita e as mídias digitais mobilizam a classe trabalhadora plataformizada. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 31, n. 73, e730601, set./dez. 2025.

PIZARRO BELEZA, Teresa. *Mulheres, direito, crime ou A perplexidade de Cassandra*. Lisboa: AAFDL Editora, 1993.

PODCOLAR. Perfil do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/podcolarpdc/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PODZÉ – CORTES. Existe Incel no mercado de trabalho? PODZÉ #51 – Silas Sousa. [vídeo]. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u6Y3GmhqJEU>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PRECIADO, Paul B. Un apartamento en Urano: Crónicas del cruce. Madrid: Editorial Anagrama, 2019.

PROJETO CONSELHO. Afroesfera: O Homem Negro e os Relacionamentos Modernos | BatePapo #03. [vídeo]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAPAN0wQgOw>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RACCOONING RACCOON 3.0. Os homens solteiros não estão perdendo nada (Raccooning Raccoon) [vídeo]. YouTube, 17 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cgFeraaM-Kc>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RACCOONING RACCOON LIFE. NÃO DOE ESPERMA. YouTube, 11 jul. 2023. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSPzsYj7lvq>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RAMOS FILHO, Augusto Ferreira; MOREIRA, Ildeberto Alves. Ensaio sobre a produção de masculinidades brasileiras. *CORDIS: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, São Paulo, n. 36, e74384, jul./dez. 2025.

RAMOS, J. de S. Frouxonauro e cornoservadores: metáforas de virilidade masculina no ativismo digital da extrema direita brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 39, p. e22309, 2023.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.

REDDY, William M. *The navigation of feeling: a framework for the history of emotions*. Durham; London: Duke University Press, 2001.

REIS, Erica Figueiredo. *Varas de família: um encontro entre psicologia e direito*. Curitiba: Juruá, 2010.

REVISTA OESTE. Papo com Thiago Schutz. YouTube, 26 dec. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dzQIA-zDoT0>. Acesso em: 26 jul. 2025.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira. Antropologia das emoções. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/product/B01696Y2L6>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631–660, 1980.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2020.

ROSEN, L. N.; DRAGIEWICZ, M.; GIBBS, J. C. Fathers' rights groups: Demographic correlates and impact on custody policy. *Violence Against Women*, v. 15, n. 5, p. 513–531, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1077801209331409>. Acesso em: 14 mar. 2026.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

RUEDIGER, Marco Aurelio; GRASSI, Amaro (Coord.). *The Red Pill Movement on YouTube: argumentative angles and algorithmic recommendations*. Rio de Janeiro: FGV ECMI, 2023.

R/RPCHRISTIANS. *Reddit*. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/RPChristians/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

R/THE RED PILL. *Reddit*. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/TheRedPill/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna R. (org.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157–210.

SALTER, Michael; BLODGETT, Bridget. Abusive infrastructures: alt-right, manosphere and the logics of online harassment. *Feminist Media Studies*, London, v. 17, n. 5, p. 741–756, 2017.

SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane L; et al. “*Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher*”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, UFRJ, dezembro de 2024.

SANTOS, Allan; SACRAMENTO, Igor. A “doutrinação homossexual” nas escolas: pânico sexual, heterossexualidade compulsória e o moralismo bolsonarista. In: BRASILIENSE, Danielle; VAZ, Paulo (org.). *Masculinidade, política e ressentimento*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 62–103.

SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 38–47, 1988.

SCABELLO, Edilaine Helena. *Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homens e mulheres*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08022007-170123/>.

SCHUTZ, Thiago. Thiago Schutz – Livro Pílulas de Realidade e Manual Red Pill. Thiago Schutz, 15 fev. 2025. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SEDUTOR AFRO (Gabriel Amorim). Sedutor Afro [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@sedutorafro2>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SEIDLER, Victor J. *Rediscovering masculinity: reason, language and sexuality*. London; New York: Routledge, 1989.

SERASA EXPERIAN. Mapa da inadimplência e negociação de dívidas no Brasil. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge, MA: MIT Press, 2014.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. *Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: http://biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasSociais_BrunaCamiloDeSouzaLimaESilva_30430_Textocompleto.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, Eudes Gomes da. *Humor e argumentação em memes virtuais veiculados por redes sociais digitais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34425>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, Joana Brito de Lima. Um baile de classe: distinção e fronteiras entre elites. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 469–524, nov. 2019/fev. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49887>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (org.). *Simmel e a modernidade*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 23–40.

SLOBODIAN, Quinn. *Anti-’68ers and the Racist-Libertarian Alliance: How a Schism among Austrian School Neoliberals Helped Spawn the Alt Right*. Cultural Politics, 2019.

SMART, Carol. *Law, crime and sexuality: essays in feminism*. London: Sage Publications, 1995.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. O homem negro viril: embates raciais e de gênero como um discurso sobre virilidade. *Revista África e Africanidades*, ano XVI, n. 46, p. 110–121, 2023. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/edicao-46/>. Acesso em: 27 maio 2025.

SOUZA JÚNIOR, Luiz Gonzaga de. *Plataformas digitais e as mudanças na sociabilidade e na cultura: uma análise do TikTok*. 2025. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. DOI: 10.11606/D.100.2025.tde02072025-171704. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-02072025-171704/>. Acesso em: 14 mar. 2026.

SPYER, Juliano. *Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social*. Londres: UCL Press, 2018.

STEINEM, Gloria. *The truth will set you free, but first it will piss you off!*. New York: Random House, 2019.

STERN, Julia; GERLACH, Tanja; PENKE, Lars. Probing ovulatory-cycle shifts in women’s preferences for men’s behaviors. *Psychological Science*, v. 31, n. 4, p. 424–436, 2020.

_____; KORDSMEYER, Tobias L.; PENKE, Lars. A longitudinal evaluation of ovulatory-cycle shifts in women’s mate attraction and preferences. *Hormones and Behavior*, v. 128, art. 104916, 2021.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 303–329, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16443>. Acesso em: 13 mar. 2026.

SUBMUNDO INTELECTUAL. Canal do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@submundointelectual>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SUBMUNDO INTELECTUAL. A geração de solteiras arrependidas!. [vídeo]. YouTube, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ALU8aHN7HjE>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SUBMUNDO INTELECTUAL. COLOCAMOS UM BETA E UMA JOVEM SENHORA PARA CONVERSAR! MASTER TALK Ep. 23. [vídeo]. YouTube, 7 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Vy7uv70Pc>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SUBMUNDO INTELECTUAL. THIAGO SCHUTZ JÁ SEPAROU: O FIM RELÂMPAGO (VAI PERDER TUDO?) [vídeo]. YouTube, 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WXpCpdLaOPc>. Acesso em: 26 jul. 2025.

THATTY PILON & ESQUELETO MGTOW. PINK & PILL #56 – THATTY PILON & ESQUELETO MGTOW. YouTube, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bs5CbCLxodc>. Acesso em: 19 jun. 2025.

TODO DIA PODCAST. Todo Dia Live com um Celibatário Involuntário ft. Silas. [vídeo]. YouTube, 17 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9MtrgbdxQTk>. Acesso em: 19 jun. 2025.

TRAISTER, Rebecca. *All the single ladies: unmarried women and the rise of an independent nation*. New York: Simon & Schuster, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

UOL. *Diretora de Matrix diz que longa é metáfora sobre aceitação e transição de gênero*. F5, 05 ago. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2020/08/diretora-de-matrix-diz-que-longa-e-metaphora-sobre-aceitacao-e-transicao-de-genero.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2025.

VALLERGA, M.; ZURBRIGGEN, E. L. Hegemonic masculinities in the ‘manosphere’: A thematic analysis of beliefs about men and women on The Red Pill and Incel. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, v. 22, n. 1, p. 602-625, 2022. DOI: 10.1111/asap.12296.

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. *Men and Masculinities*, v. 23, n. 3-4, p. 345-365, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X18816118>. Acesso em: 7 out. 2024.

VAZ, Paulo; BRASILIENSE, Danielle. Masculinidade, populismo, religião e ressentimento. In: BRASILIENSE, Danielle; VAZ, Paulo (org.). *Masculinidade, política e ressentimento*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 14-32.

VIDADEREIOFICIAL. Canal VIDADEREIOFICIAL [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@VIDADEREIOFICIAL/shorts>. Acesso em: 19 jun. 2025.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27703.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 3.

VITAL DA CUNHA, Christina; RAMOS, Jair de Souza. Retórica da perda e utopia no neoconservadorismo brasileiro: o resgate da tradição, da autoridade e da “masculinidade viril”. In: BRASILIENSE, Danielle; VAZ, Paulo (org.). **Masculinidade, Política e Ressentimento**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. [indicar páginas do capítulo]. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-188-8.

VOKS, D. J. Discursos sobre a masculinidade: o “novo homem” na revista Playboy. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 18, n. 40, p. 91–110, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/12204>.

WANDERMUREM, Marli. Corpo feminino, corpo sedutor, corpo profano: a construção teológica do corpo feminino como simbologia do mal. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 7–27, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WANDERMUREM, Isadora. Portal do governo indica que Thiago Schutz, o “coach da Campari”, pediu auxílio emergencial. *Terra*, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/portal-do-governo-indica-que-thiago-schutz-o-coach-da-campari-pediu-auxilio-emergencial,96fab6598057d5518138dc0dcb5f2af3jfm0dv9h.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Lívio Rocha Barbosa. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WEISBERG, Yanna; KIM, John. Dual-mating hypothesis. In: SHACKELFORD, Todd K.; WEEKES-SHACKELFORD, Viviana A. (ed.). *Encyclopedia of evolutionary psychological science*. Cham: Springer International Publishing, 2021. p. 2147–2151. DOI: 10.1007/978-3-319-16999-6_238-1.

WELZER-LANG, Daniel. Des hommes et du masculin. In: FILIOD, Jean Paul (Dir.). *Des hommes et du masculin*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1994. p. 7–11.
_____. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/>. Acesso em: 26 maio 2025.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.

Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/>. Acesso em: 26 maio 2025.

WIKAN, Unni. *In honor of Fadime: murder and shame*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

_____. Shame and honour: a contestable pair. *Man*, Londres, v. 19, n. 4, p. 635–652, dez. 1984.

WOOD, Wendy; CARDEN, Lucas. Elusiveness of menstrual cycle effects on mate preferences: comment on Gildersleeve, Haselton, and Fales (2014). *Psychological Bulletin*, v. 140, n. 5, p. 1265–1271, 2014.

WRIGHT, Scott; TROTT, Verity; JONES, Callum. Sluts and soyboys: MGTOW and the production of misogynistic online harassment. *New Media & Society*, v. 21, p. 1-18, 2019. DOI: 10.1177/1461444819887141.

_____. ‘The pussy ain’t worth it, bro’: assessing the discourse and structure of MGTOW. *Information, Communication & Society*, v. 23, n. 6, p. 908-925, 2020. DOI: 10.1080/1369118X.2020.1751867.

YAMAMOTO, Maria Emília; SEIDL DE MOURA, Maria Lúcia. A Psicologia Evolucionista no Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 15, n. 1, p. 13–24, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100007>. Acesso em: 15 mar. 2026.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na "casa dos homens": um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (org.). *Gênero em perspectiva*. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.

_____. *A prateleira do amor: subjetividade feminina e desigualdades de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

ZELIZER, Viviana A. *The social meaning of money*. 2. ed. Princeton: Princeton University Press, 2008.

ZILLI, Bruno Dallacort. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 481–508.

ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead white men: classics and misogyny in the digital age*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.